HISTORIA DO FUTURO.

LIVRO ANTEPRIMEIRO

PROLOGOMENO

A toda a Hiſtoria do Futuro, em que ſe declara o fim, e ſe provaõ os fundamentos della.

Materia, Verdade, e Utilidades da Hiſtoria do Futuro.

ESCRITO PELO PADRE

ANTONIO VIEIRA

da Companhia de JESUS, Prégador de Sua Mageſtade.

LISBOA:

NA OFFICINA DE DOMINGOS RODRIGUES.

MDCCLV.

Com todas as licenças neceſſarias.

A' cuſta de Luiz de Moraes e Caſtro, Contratador de Livros, morador ao Largo do Lagar do Cebo.

Censura do M. R. P. M. Fr. Joseph de Souza, Qualificador do S. Officio.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Illustrissima lî o livro intitulado: *Materia, Verdade, e Utilidades da Historia do Futuro*; e logo me quiz parecer, que no seu titulo se dava implicaçaõ; porque se a historia he huma narrativa do que ja foy, como se póde historiar o que ainda está por vir? Mas taõ agudo foy, e taõ perspicaz o entendimento do seu Author, que dentro dos espessos rebuços das mesmas profecias, pode bruxulear os futuros; e porque desta sorte intellectualmente os vio, historicamente os escreve. Descreveo o futuro em historia, porque era ja passado do seu discurso para o seu juizo, o que ainda he futuro para os nossos olhos.

A Aguia dos Evangelistas escreveo os signaes que haõ de preceder ao Juizo final, que está ainda por vir, como historia de couza, que ja na realidade passou. (1) E esta Aguia dos Escritores tambem escreveo como historia do passado, o que he ainda futuro. Aquella descreveo o que previo por divina revelaçaõ; e esta o que penetrou o seu entendimento agudo nas profecias sagradas.

He o Author deste livro o muitas vezes grande Padre Antonio Vieira da Sagrada Companhia de JESUS, taõ conhecido pelo seu

(1) Sol factus est niger tanquam saccus cilicinus: & Luna tota facta est sicut sanguis: & stellae de Coelo ceciderunt super terram, &c. *Apocal. 6. vers. 12.*

nome, como venerado pelos ſeus Eſcritos, mas antes neſte volume mais conhecido pelos ſeus Eſcritos, do que pelo ſeu nome; pois naõ eſcreveo o ſeu nome em eſte volume. Talvez formaria deſte livro o ſeu Author o meſmo conceito, que formou do dos ſeus Epigrammas Marcial, (2) que a poucas regras, que neſte livro ſe leſſem, ſe conheceria por obra do grande *Vieira*; aſſim como os primeiros Epigrammas daquelle livro deraõ a conhecer, que o ſeu Author era o inſigne Marcial.

(2) Quid titulum poſcis? Verſus duo, treſve leguntur; Clamabunt omnes, te, liber, eſſe meum.
Mart. lib. 2. Epigram. 3.

Judicioſamente diſſe Santo Ambroſio, que a penna, e a lingua daõ a conhecer o entendimento do ſeu Author. (3) A generoſa penna deſte volume na gentil clareza do mais elevado eſtylo, a conſonancia ſonora da mais pollida linguagem, bem moſtraõ, que ſaõ partos daquelle grande talento ſingularmente unico no eſtylo da lingua, e mais da penna. Sendo a lingua, e a penna inſtrumentos communs para fallar, e eſcrever, a elegancia do concerto, e formoſura do ornato, os ſingulariza em alguns, com preferencia aos mais, como Caſſiodoro advertio. (4) A lingua, e a penna deſte admiravel Heroe foraõ taõ elegantes no concerto, e taõ formoſas no ornato, que ſingularmente unicas na idea, na propoſiçaõ, no diſcurſo, ambas logràraõ inacceſſivel fortuna, huma venturoſamente equivocada, e outra glorioſamente convertida, porque a lingua quando fallava, era huma bem apparada penna que velozmente eſcrevia. (5) E a penna quando eſcrevia, ſe era de prata em a pureza do eſtylo, tocava muita liga de ouro em a fineza dos conceitos. (6)

(3) Mentem hominis calamus, & lingua pandit.
Ambr. tom. 5. Epiſt. 29.

(4) Loqui nobis communiter datum eſt: ſolus ornatus eſt, qui diſcernit indoctos.
Caſſiodor. in præfat. lib. 1. Var.

(5) Lingua mea calamus ſcribæ velociter ſcribentis.
Pſalm. 44. verſ. 2.

(6) Pennæ columbæ deargentatæ, & poſteriora dorſi ejus in pallore auri.
Pſalm. 67. verſ. 14.

He o que ſe moſtra neſtes ſeus Eſcritos, que nada invejoſos de outros quaeſquer, nelles

ſe

ſe excedeo a ſi meſmo o ſeu Author, fazendo os precioſo cofre da fina prata de ſeu ingenho, e do finiſſimo ouro do ſeu diſcurſo. Acha-ſe nelles em cada palavra huma mina, em cada regra hum theſouro: hum theſouro taõ precioſo, huma mina taõ abundante, que (como diſſe o Seneca dos Eſcritos de outro Orador tambem inſigne) (7) ficará perdidoſo de tanta riqueza, o que naõ ler cada palavra com a mayor attençaõ, cada regra com particular reflexo.

Deſcobrio o ſeu ingenho as minas, e theſouros precioſiſſimos, que no campo das profecias eſtavaõ eſcondidos havia tantos ſeculos, e ſem eſcondellos outra vez, como havia feito o homem da Parabola, (8) liberalmente no los offerece deſcobertos, antes, como Doutiſſimo Eſcritor, nos promette neſte livro, e nos manifeſtou em outros ſete o antigo das profecias, que glorioſamente enriqueceo com as ſuas novas interpretaçoens. (9)

Para o verdadeiro conhecimento dos futuros enſina o Author deſte livro, (10) que ſaõ neceſſarias duas luzes, huma como primeira, e outra como ſegunda. A primeira luz, que ſaõ as meſmas profecias, a ſegunda os Apoſtolos, os Santos Padres, os ſacros Interpretes, e Expoſitores das Eſcrituras Sagradas, a quem Chriſto chamou luzes. (11) E eu accreſcentára por terceira luz, a deſte grande Eſcritor, pois ajudada da primeira, e da ſegunda luz, claramente allumiou o que eſtava taõ eſcuro no tenebroſo châos da ſua futuriçaõ.

Terceira luz lhe chamo, tomando a ordem da conta por deſcenſo, e contando das profecias para as ſuas interpretaçoens, porque volta-

(7) Nulla pars eſt, quæ non ſua virtute conſtet: nihil, in quo auditor ſine damno aliud egerit. *Senec. in prolog. ad lib. 3. declam.*

(8) Simile eſt Regnum Cœlorum theſauro abſcondito in agro: quem, qui invenit homo, abſcondit. *Matt. 13. verſ.* 44

(9) Omnis ſcriba doctus in Regno Cælorum ſimilis eſt homini patri familias, qui profert de theſauro ſuo nova, & vetera. *Ibi verſ.* 52.

(10) §. 171.

(11) Vos eſtis lux mundi. *Matt. verſ.* 14.

voltada a ordem; e contadas as luzes por ascenso, das interpretaçoens para as profecias, vem a ser primeira esta grande luz, e com mayor razaõ para nós; pois para o conhecimento dos futuros, he a primeira, que nos illumina, e a que nos allumia de mais perto. Luz, que se até agora a avareza de alguns a escondia aos mais, agora a liberalidade do prelo ha de propagalla a todos. (12)

(12) Neque accendunt lucernam, & ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus. *Matth. ibi vers.* 15.

Largas fortunas em dilatados seculos promette a Portugal neste livro o seu Author. Suspeito se podia presumir por natural, senaõ fora taõ notorio o seu desinteresse, e taõ alheya de qualquer suborno a verdadeira lizura do seu entendimento. Alèm do que taõ promptamente desfaz antes as difficuldades, que podem occorrer depois, que nem antes, nem depois poderáõ ter lugar as duvidas; e todo parece fica livre para os creditos de taõ constantes promessas, e facilitado para as esperanças de taõ gloriosas ditas.

Aquella Aguia de que trata Ezechiel de proporcionada grandeza no corpo á da suas azas, tambem provida em as pennas, como variada em as cores, com altos voos se remontou ao Libano, e delle desentranhou a medulla do Cedro, e com as mais tenras folhas de seus ramos, a transportou á terra de Chanaan, e a poz, ou dispoz em huma Cidade mercantil. (13) Daqui se seguio, que a vinha daquella regiaõ de sorte se propagou, e cresceo, que por largos espaços se dilatou. (14) Esta Aguia Portugueza com as grandes azas de seu elevado discurso, voou ao alto Libano das Escrituras Sagradas, e dellas desentranhou a medulla, e as mais selectas folhas do Cedro das profecias, e na nossa regiaõ as transportou á famosa Lisboa, se Corte de Portugal pelo

(13) Aquila grandis magnarum alarum, longo membrorum ductu, plena plumis, & varietate, venit ad Libanum, & tulit medullam Cedri. Summitatem frondium ejus avulsit, & transportavit eam in terram Chanaan, in urbe negotiatorum posuit eam. *Ezech.* 17 *vers.* 3.

(14) Cumque germinasset, crevit in vineam latiorem. *Ibi vers.* 6.

pelo solio das suas Magestades, Emporio do Mundo pelo trato de seus commercios. O que agora se segue he esperarmos, que se propague, e creça a Monarchia até que chegue a ser o seu dominio Imperial, segundo o que nos promette neste volume o seu Author.

Tudo saõ constantes fortunas, e gloriosas prosperidades as que neste livro nos promette. Sey, que disgraças foraõ, (porque a perda da vida, e a divisaõ do seu Imperio) as que prometteo Daniel a Balthazar quando lhe interpretou a Escritura, que na parede de seu Palacio lhe appareceo; e com tudo, por premio da sua interpretaçaõ, logo foy acclamado por terceiro Ministro em aquelle Imperio. (15) Sey tambem, que ferteis abundancias, depois de muy infecundas esterilidades prometteo Joseph a Faraò, quando lhe explicou o sonho das vacas, e o das espigas. E Faraó em premio da sua interpretaçaõ, com as mais crescidas honras o fez adorar em toda a terra do Egypto por seu Vice-Rey. (16)

Este grande Interprete das nossas venturas, sem alguma liga de disgraças, pelo seu estado, pela sua modestia, e pelo seu retiro, muito de antemaõ tinha rejeitado em vida qualquer premio, com que quizessem galardoar o trabalho immenso, e cansado estudo das suas interpretaçoens. Mas o a que elle se negou por modesto, e comedido, devemos nós concederlhe agradecidos, e affectuosos. ElRey Achab aborrecia ao Profeta Micheas, porque sempre lhe predizia disgraças. (17) E hum Heroe, que tudo o que nos promette saõ venturas, quanto nos prediz saõ exaltaçoens, justo he que ande sempre nas nossas memorias para o respeito da nossa veneraçaõ, e nos nossos coraçoens para a fineza do nosso amor.

Em

(15) Prædicatum est de eo, quod haberet potestatem tertius in Regno suo. *Dan. cap.5. vers. 30.*

(16) Fecit eum ascendere super currum suum secundum, clamante præcone, ut omnes coram eo genuflecterent, & præpositum esse scirent universæ terræ Ægypti. *Genes. 41. vers. 43.*

(17) Ego odi eum, quia non prophetat mihi bonum, sed malum, Michæas filius Jemla. *Lib. 3. Reg. cap. 22. vers. 8.*

Em concluſaõ, a obra deſte livro; ainda quando incompleta, he taõ perfeita, que ſendo a ultima, que ſahe a luz, depois das muitas de ſeu Author, devia ſer a primeira; tal he a ſua excellencia, que entre todas ſobreſahe com relevancia. A arvore, quando ja na decrepita velhice, produz os ſeus frutos pecos: e ſendo gerado na velhice do Author eſte volume, ſahio mais ſazonado, e ſaboroſo, do que ſe fora filho da ſua mocidade: como a luz da candea, que entaõ reſplandece mais, quando ſe quer extinguir. Bem póde dizerſe de taõ fecundo talento, o que de Roma diſſe Caſſiodoro; (18) que ſempre ſubio, nunca baixou, nunca ſe diminuîo, ſempre creſceo: como os circulos da agua quando lhe lançaõ a pedra, mais creſcem, quanto mais ſe propagaõ, até que o ultimo vem a ſer entre os mais o mayor.

Bem ſey, que a noſſa ſede achará pequena a eſta fonte, quando quizera que foſſe mais creſcido eſte volume; mas ſe he pequeno o volume, he muito grande o livro: ſe he pequena a fonte, ſaõ taõ puras, e cryſtallinas as ſuas aguas, que mataõ mais a ſede eſtas poucas, do que outras muitas; pois juntando nella, como na de Apollo, a formoſura de Venus com a ſabedoria de Minerva, ſegundo ja do Seneca eſcreveo Lipſio, (19) tanto deleitaõ pelo ſabio, como recreaõ pelo cryſtallino; tanto elevaõ por eloquentes, como ſuſpendem por diſcretas.

Naõ ha que notar a brevidade deſte livro; (a quem a negligente incuria o fez pequeno, quando o cuidadoſo eſtudo de ſeu Author o havia feito grande) mas antes neſta pequenhez, perplexo o diſcurſo em equilibrio, naõ ſabe diſcernir, qual nelle he mais para admirar,

(18) Tot annis continuis ſimul ſplendet claritate virtutis, & quanvis rara ſit gloria, non agnoſcitur in tam longo flegmate variata, ſæculis ſuis producit nobilis vena primarios, neſcit inde aliquid naſci mediocre. *Caſſiod. lib.* 7. *Epiſt.* 7.

(19) In ipſa brevitate, & ſtricto dicendi genere, apparet beata quædam copia, fundit verba, & ſi non effundit, fluit: non rapitur amni ſimilis, torrenti diſſimilis, cum impetu, ſed ſine perturbatione ſe ferens: ut felices arbores, quarum præcipua dos eſt fructum ferre, flores, & folia tamen habentes; ſic iſte, quem fructus cauſa legimus, & colimus, oblectationem adfert pariter, & Venerem cum Minerva jungit. *Lipſ. in Manuduct. lib.* 1. *cap.* 8.

rar, se a brevidade das regras, em que se claufûla, se a grandeza dos conceitos, em que se dilata; como ja dos doze Profetas disse São Jeronymo. (20)

E se (justamente) insistir o nosso desejo em querer mais obras deste grande Author, para ter mais que aprender, e que admirar; sete volumes nos deixou escritos, que saõ os que neste nos promette, em que largamente poderáõ satisfazerse os nossos desejos, e accenderse as nossas esperanças. Todos espero eu, os faça sahir a luz o mesmo nobilissimo zelo; que dá luz a este, como ja a deo a outros mais. Se com a impressaõ deste faz divulgar a promessa, que elle contém, de se abrirem nos outros ás nossas esperanças as portas das profecias, que estaõ ha tantos seculos fechadas; ja se obriga a entregarnos em aquelles livros a chave dos Profetas, para abrirmos as portas de nossas fortunas. Quando naõ houvera outro motivo para operaçaõ taõ conveniente, sobra o de que naõ padeça Portugal o lamentavel opprobrio de Jerusalem, (21) vendo que outrem logre a pertença, que só a elle toca por herança, e sejaõ essas obras de taõ heroico sujeito, as que estampadas, gloriosamente por todo o mundo nos acreditem, (22) e as que façaõ crescer a fama immortal de taõ soberano Author. (23)

Finalmente nada se acha neste livro que encontre a nossa Fé, e bons costumes, e assim he muitas vezes digno de imprimirse. Este he o meu parecer, *salvo semper meliori, &c.* Convento de N. Senhora do Carmo, 29. de Julho de 1709.

Frey Joseph de Sousa.

(20) Si brevitas habetur contemptui, contemnatur Abdias, Sophonias, & alij duodecim Prophetæ, in quibus tam mira, & tam grandia sunt, quæ feruntur, ut nescias, utrum brevitatem sermonum in illis admirari debeat, an magnitudinem sensuum. *D. Hier. tom. 9. Proœm. in Epist. Pauli ad Philemonem.*

(21) Hæreditas nostra versa est ad alienos. *Theren. 5. vers. 2.*

(22) Parte tamen meliore mei super alta perennis Alta ferar, nomenque erit indelebile nostrum. *Ovid. lib. 5, Metam. in fin.*

(23) Non solet ingenijs summa nocere dies Famaque post cineres maior venit. *Sulmonens. l. 4. de Ponto, Eleg. 16.*

§§ *Censu-*

Censura do M. R. Padre Mestre Fr. Antonio de Santo Elias, Qualificador do Santo Officio.

MAndame V. Illustrissima, que veja este livro intitulado, *Materia, Verdade, e Utilidades da Historia do Futuro*, e que informe com o meu parecer. E se em alguma occasiaõ foy licito a hum Subdito desattender aos imperios de seu Prelado, e faltar aos preceitos de hum Tribunal taõ Santo, a quem he devida toda a obediencia, e com juramento estabelecida, e firmada; parece que só agora o fora, e sem a minima controversia; porque, que hey de ver, ou rever, que hey de dizer, ou informar, sendo o livro do Padre Vieira, e por seu a todas as luzes superiormente elevado? Que hey de ver, ou rever, que hey de dizer, ou informar, se tudo, quanto contém, saõ admiraçoens, e assombros, suspensoens, e pasmos, e aonde todo o discurso he curto, e todo o parecer limitado? Que hey de ver, e rever, dizer, e informar, sendo as obras do Padre Vieira taõ singulares em tudo, que naõ ha nellas palavra, que naõ seja genuina, explicativa, e propria; e ainda naõ sendo usada, basta o valerse della para ser tida por norma aquella palavra?

Que hey de ver, e rever, ou que hey de dizer, e informar, achando-se nesta, como em as suas obras, todas as figuras da Rhetorica taõ proprias, que parecem naturaes as taes figuras, occultando-as com ingenho em fórma, que naõ parecem filhas da arte, que elegantemente pratica, e com superior relevancia? Que hey de ver, e rever, dizer, ou informar, lendo neste livro as profecias mais agudas, as Theologias mais fundas, as Mathematicas mais certas, e as mais sciencias, em que toca, taõ doutamente ponderadas, que parece professor de todas? E o que mais he, que fallando em qualquer arte liberal, ou servil, de tal sorte, e com tal propriedade falla, como se a exercêra, e com tal brevidade, e clareza, que o percebe o douto, e entendido; o ignorante, e o menos discreto. Que hey de ver, e rever, ou que hey de dizer, e informar, sendo o Author deste Livro o

Oracu-

Oraculo dos Prégadores do mundo todo; como o appellida a sua Religiaõ Sagrada, entre outros honrosos titulos, com que para alivio da nossa saudade nos fez patente a effigie deste Varáõ esclarecido? E finalmente, que hey de ver, e rever, dizer, ou informar, sendo as obras do Padre Vieira vistas, e approvadas pelos mayores talentos do Reyno? E basta serem suas, para virem qualificadas: e confessando todos he este dignissimo Author entre os mais taõ singular, e unico, como a Aguia entre as aves, como o Sol entre os planetas, como o Ouro entre os metaes; como a Rosa entre as flores, como a Palma entre as arvores, e como o Balsamo entre os arômas.

Como Aguia entre as aves, porque se esta com os seus vôos se aligeira a todas ellas, deixando-as vizinhas da terra, ao mesmo passo que se approxîma ao Ceo; o Padre Vieira escrevendo como todos, escrevêo como nenhum; porque de tal sorte se sublimou nos seus discursos, que deixou muito rasteiros todos os discursos dos outros. Elias Cretense citado por Lorino, diz, ha huns homens, que parece o naõ foraõ pelo modo com que andavaõ entre os mais: *Dii appellantur homines, qui non humano modo ambulaverunt.* O Padre Vieira parece naõ escrevêo como homem, e agora muito mais em materias do Futuro, sendo algũas dellas só reservadas à superior intelligencia. Taõ alto, e taõ fundo era o seu entendimento, que ruminou os segredos mais occultos, e impenetraveis aos nossos juizos. In Psal. 81. vers. 1.

Como Sol entre os planetas, porque se he Sol, porque he só, e unico: o Padre Vieira he taõ singular, e unico, que atégora naõ sabemos haja outro, que o iguale nas prendas, e virtudes. Pode-lo-ha haver, (que a Deos nada he impossivel) mas ainda nos naõ consta, que esteja entre causas produzido. O Sol entra em muitas casas, e signos; e em mais tem ja entrado o Padre Vieira; porque ja saõ mais os seus Escritos; e agora neste nos promette mais sete livros, Apoc. 1. e parece estou vendo na sua maõ aquellas sete estrellas, que em outra divisou o Evangelista Aguia no Livro das suas profecias: *Et habebat in manu sua stellas septem.* Porque se pelas mesmas se entendem os Doutores, tambem Silveir. hic num. 521.

§§ 2 os

os sete Livros saõ luzidissimas Estrellas deste animado Ceo.

Como o Ouro, porque se este he o mais estimado entre todos os metaes, que géra, e cria o Sol; a sabedoria do Padre Vieira clama, brada, e dá vozes em toda a terra: *Numquid non sapientia clamat, & dat voces*: dizendo he este livro, o fruto dos seus estudos, o Ouro mais subido, a pedra mais preciosa, e a Prata mais alva, e fina: *Melior est fructus meus Auro, & lapide pretioso, & Argento electo.* E se a substancia do homem he o preço do Ouro: *Substantia hominis Auri pretium*, que homem de mayor substancia, nem mais apracivel, que o Padre Vieira? E agora esta sua obra de Ouro macisso toda, e ornada com a mais preciosa pedraria, qual he a sua eloquencia, e singular contextura: *Auri solidum, ornatum omni lapide pretioso.*

Prov. cap. 7. vers. 1.
Vers. 18.
Cap. 12. vers. 22.

Como a Rosa entre as flores; porque se a esta deo a natureza a coroa, sceptro, e purpura: ao Padre Antonio Vieira deraõ, e daõ todos a primazia; e ja parece a tinha, quando no baptismo lhe impuzeraõ o nome de Antonio na Sé de Lisboa; porque este soberano nome he o mesmo que *Altisonans*, o qual de alto soa, ou o que vive, e mora em cima, *sursum tenens*; e o Padre Antonio Vieira no fallar, no dividir, no ornar, e discorrer, naõ parece que viveo comnosco, ao mesmo passo que o viamos todos; porque escrevendo entre nós mesmos, sôa muito lá do alto nos seus Escritos, *altisonans*; e fallando na nossa propria lingua, parece he lá de cima esta sua historia, *sursum tenens.*

Como Palma entre as arvores, naõ só exaltada em Cadés, Portugal, Roma, Italia, Castella, e França; mas em toda a Orbicular rodondeza, lendo-se em toda a parte as suas obras com aquella veneraçaõ, e respeito devido ao seu singular talento; e confessando uniformemente todos, leva, e levou a palma a todos os Prégadores do Universo. Como a Palma queria Job multiplicar os seus dias: *Sicut Palma multiplicabo dies meos*; e á similhança de Palma eternizará nos bronzes da immortalidade o seu nome o grande Padre Vieira sempre crescido, e agora por esta obra superiormente exaltado.

Eccles. 14. vers. 18.
Job. 29. vers. 18.

Co-

Como Balsamo entre os aromas, porque se o perfeitissimo he mais ponderavel, e fragrante, como diz Bercorio: *Optimum quod grave est pondere, & fragrans odore*: que sujeito de mayor ponderação que o Padre Vieira, naõ só para os nossos invictissimos Monarchas mandando-o a differentes partes da Europa a tratar os negocios mais arduos, e importantes a esta Coroa; mas pertendendo a sua companhia com persuasoens, e rogos todos aquelles Principes, que tiveraõ a fortuna de o ver, de o ouvir, e de o tratar? O Balsamo purifica os corpos, e os conserva incorruptos ainda depois de fallecidos, e defuntos; e o Padre Vieira livrou da corrupçaõ as almas de muitos; e ainda estaõ fazendo os seus Escritos os mesmos effeitos pelo abrazado, e fervoroso espirito com que falla em todos. Ha huma especie de Balsamo, confórme Dioscorides, junto a Babylonia em o lugar onde se vem, e estaõ sete fontes; e somos nós taõ venturosos, que sem andar taõ dilatado caminho nos offerece agora o Author sete perennes fontes, em sete preciosos livros, com que especialmente se ha de fertilizar Portugal, de quem vaticina este quinto, e novo Emporio, e Imperio do mundo. Verbo Balsamum.

Se pois (Illustrissimo Senhor) he o Padre Vieira entre os mais Escritores, como a Aguia entre as aves; como o Sol entre os astros; como o Ouro entre os metaes; como a Rosa entre as flores; como a Palma entre as arvores; e como o Balsamo entre os aromas; que hey de ver, e rever; ou que hey de dizer, e informar? E ainda sendo estas razoens taõ ponderaveis, tenho outra mais superior, e crescida, e he o sahir este livro da sepultura do esquecimento pelo incansavel trabalho de hum sujeito em toda a sciencia peregrino, e bastava sahir das suas mãos, para vir mais que qualificado o livro. Assim o dirá, e confessará V. Illustrissima, e toda a Monarchia Portugueza, e com mais elegancia, do que o escreve, e descreve o tosco da minha penna; que por isso sendo a similhança causa do amor, ama este talento no Padre Vieira huma sua similhança.

Mas

Mas áinda que por tantos, e taõ grandes fundamentos era agora desculpavel a minha desobediencia, e a hum Prelado de tanto respeito ·, direy, mas pouco, e o que me permittem as anguſtias do tempo, porque faço escrupulo em deter na minha maõ os papeis do Santo Officio; pelo prejuizo que causo, e posso causar em naõ deixar gozar aos meus naturaes as riquezas deſte thesouro, e as suavidades, e delicias deſte paraiso. Digo pois, que sendo o Padre Vieira singular, só, e unico Oraculo dos Prégadores do mundo todo, assombro do Universo pela valentia dos seus Escritos ·, que tudo agora fica sendo menos, e que he muito mais o presente livro Anteprimeiro, e os que nos promette a sua generosidade, com que ha de corresponder ao nosso desejo ·, porque até agora escreveo o que era, e o que tinha sido ·, mas agora o que ha de ser. Até agora disse o que era publico, e manifeſto ·, agora o occulto, e escondido, e por essa razaõ se até agora grande, agora mayor ·, se até agora sabio, agora sapientissimo ·, porque por eſta obra se eleva, se aventaja, e se sublima a si proprio o Padre Vieira.

Falla Deos com Salomaõ, e lhe diz as seguintes palavras quando com elle falla: *Dedi cor tibi sapiens, & in-*
3. Reg. 3. vers. 12. *telligens, in tantum ut nullus ante te similis, nec poſt te surrecturus sit.* Fiz te sabio, e de tal sorte sciente, que antes de ti naõ houve outro similhante nem o ha de haver depois de ti. Com tudo leyo no mesmo livro, que vindo a Rainha Sabbá ver a Salomaõ, e eſtudando muitas, e muitas vezes por aquelle Livro animado, achára muito mais do que tinha ouvido: *Veni, vidi, & probavi, quòd media pars mihi nuntiata non fuit.* Porque rompeo dizendo: He mayor a tua sabedoria, saõ mayores as tuas obras, que o rumor que corria das tuas resoluçoens, e sentenças: *Ma-*
Ibid. c. 10. *ior eſt sapientia tua, & opera tua, quam rumor, quem audivi.* Se Deos tinha dito que Salomaõ era o mayor Sabio que havia, e o mayor Sabio que havia de haver; que podia encontrar a Rainha Sabbá que diminuisse aquelle Oraculo soberano, para nos persuadir que tudo o de antes he menos, e o de agora mais? Accaso podia crescer Salo-
maõ

maõ nos olhos dos homens, em que todos perdem, do que nos olhos de Deos, em que lucraõ todos? Parece que naõ, e parece que sim. Parece que naõ porque os olhos de Deos saõ muito poderosos, e por isso bastou hum levantar de olhos para remediar as turbas: *Cum sublevasset JESUS oculos, & vidisset, dixit ad Philippum: Unde ememus panes, ut manducent hi?* E huma só vista de olhos para remediar a Pedro: *Respexit Dominus Petrum. Respicere namque est misereri*, disse Beda. Parece que sim pelas circumstancias que concorrem, e podem concorrer, como as que experimentou esta Rainha; porque lhe disse Salomaõ quanto quiz saber, e quanto quiz perguntar: *Docuit eam Salomon omnia verba, quæ proposuerat*, o presente, o passado, e o futuro, sem haver couza que lhe naõ dissesse; por naõ haver couza excogitavel, que se escondesse a Salomaõ: *Non fuit sermo, qui Regem latere posset.* Disse-lhe verdades, mas verdades occultas, escondidas, e encerradas ainda no abysmo do naõ ser, e no estado da futuriçaõ metidas: *Declaravit ei veritates occultas illarum quæstionum, quæ proposuerat*, disse o Abulense. E se Salomaõ revelou materias occultas, e escondidas, até entaõ naõ sabidas, nem penetradas: por isso naõ podendo crescer a sua sabedoria mais nos olhos do mundo, do que tinha avultado nos olhos de Deos, affirma esta Rainha, he mayor, e as suas obras, que tudo o que até aquelle tempo tinha ouvido, e o rumor que andava espalhado: *Maior est sapientia tua, & opera tua, quàm rumor, quem audivi.*

Joan. c. 6.

Luc. c. 22. vers. 21.

Abul. hic.

E se o Author desta obra nella, e nos sete livros, de que este he exordio, e anteprimeiro, nos diz verdades, mas verdades occultas, e escondidas; verdades naõ sabidas, nem penetradas; verdades futuras, e naõ existentes; nem passadas; que hey de dizer, senaõ que sendo muito grande, e como outro Salamaõ dos nossos tempos, o mais sabio de todos os homens, *Sapientior cunctis hominibus*, agora naõ só he sabio, mas sapientissimo; agora naõ só he sciente, mas scientissimo; porque agora he mayor a sua sabedoria, do que o rumor que anda pelo mundo todo della? *Maior est sapientia tua,*

Ibid. c. 4.

tua, & opera tua, quàm rumor; quem audivi.

Na materia deste livro nos diz o Author que veremos na Historia do Futuro, e do novo, e quinto Imperio, leys novas, governos novos, costumes novos, gentes novas, conselhos, e resoluçoens novas, tempos novos, e estados novos, emprezas, e façanhas novas, conquistas, victorias, paz, triunfos, e felicidades novas; e naõ só novas, porque saõ futuras, mas porque naõ teraõ similhança com ellas nenhumas das passadas: mas naõ me admiro, que sendo os tempos novos a quem faz o Ceo, e os seus planetas, e a cuja disposiçaõ se compoem, e attemperaõ, que tudo mais seja novo; porque ja lá disse o Evangelista Profeta, que quem estava sentado no trono, fazia tudo de novo: *Et dixit qui sedebat in throno*:
Apoc. 21. *Ecce nova facio omnia.* Mas se tinha visto novo Ceo, e nova terra: *Et vidi Cælum novum, & terram novam*; consequentemente parece havia de ser tudo novo, leys novas, costumes novos, e tudo o mais novo, e novissimo; porque sendo novo o Ceo, *Cælum novum*, e sendo nova a terra, *terram novam*, parece he consequencia a de ser tudo novo: *Ecce nova facio omnia*; que aquella palavra, *omnia*, tudo comprehende, e abraça, sem deixar de fóra cousa alguma que naõ seja nova, e novissima em esta profecia do Evangelista Aguia.

Muitas saõ as utilidades, que o Author nos aponta neste Livro, e muitas mais encontrará o Leitor na sua liçaõ: Taõ singular, e taõ maravilhosa he esta obra, em tudo filha do Padre Vieira, que tendo-a eu na maõ mais de vinte e quatro horas, nenhumas permittî ao somno, por me entretêr, e aproveitar dellas. Naõ tem o Livro cousa alguma que encontre nossa fé, e bons costumes, antes he merecedor, e digno de que com a brevidade possivel saya a publico, para que todos se aproveitem das grandes utilidades de que està cheyo, fertîl, abundante, e rico. Carmo de Lisboa, 2. de Agosto de 1709.

Frey Antonio de Santo Elias.

LICEN-

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

VIstas as informaçoens, pode-se imprimir o livro, de que faz mençaõ esta petiçaõ, e impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, e sem ella naõ correrá. Lisboa 6. de Agosto de 1709.

Hasse. Monteiro. Ribeiro. Rocha. Fr. Incarnaçaõ. Barreto.

Do Ordinario.

POde-se imprimir o livro, de que faz mençaõ esta petiçaõ, e depois de impresso torne para se conferir, e sem isso naõ correrá. Lisboa 19. de Agosto de 1709.

M. Bispo de Tagaste.

Do Paço.

Censura do M. R. P. D. Joseph Pereira de la Cerda, Prior mór da Ordem de Santiago, do Convento de Palméla.

SENHOR

MAnda-me V. Magestade, que veja este Livro do P. Antonio Vieira da esclarecida Companhia de JESUS, que intitulou *Historia do Futuro*; e pudéra affirmar a V. Magestade sem receyo, que para o futuro naõ verá o mundo similhante Historia; as Obras deste insigne Heróe levaõ no seu nome a mais segura approvaçaõ; e procu-

§§§ ra;

rar darlhe outra, ou ſeria temeridade, ou ignorancia; o que neceſſita de approvaçaõ póde conter erro, e ſuppôr erros; neſte Varáõ illuſtre, ſe os naõ arguir a ignorancia, ſó o pode fazer a temeridade. De Julio Ceſar diſſe profundamente Suetonio, que para triunfar baſtava apparecer, porque a noticia do ſeu nome na Campanha era a primeira voz, que rompia nos vivas da victoria: e quem poderá duvidar, que os Eſcritos do Padre Antonio Vieira baſta ſó ſahirem a publico com o ſeu nome, para que cada folha ſeja huma bandeira, que arvóre a fama em beneficio do ſeu applauſo, ou hum eſtandarte que tremóle a inveja em obſequio do ſeu triunfo?

Muitos Hiſtoriadores tem viſto o mundo; mas nenhum ſem falta na empreza da ſua hiſtoria: eſcreveo Heródoto a dos Egypcios, Thimeo Siculo a dos Gregos, Micheo a dos Tartaros, Cardiano a dos Macedonios, Livio a dos Romanos, e Voluſio a de diverſos Imperios, mas naõ com tanta fortuna, que faltaſſe quem diſſeſſe, que Voluſio na confuſáõ com que ſe explicára, corrompêra a natureza da hiſtoria; que Livio na ſuperfluidade das palavras deſprezára os preceitos da Oraçaõ; que Cardiano na propenſaõ para a liſonja diminuira a eſtimaçaõ á obra; que Micheo na ligeireza com que eſcrevêra, deixára a curioſidade ſem noticia; que Thimeo Siculo na affectaçaõ da fraze adulterára a pureza da narraçaõ; e que Heródoto na incoherencia dos ſucceſſos fizera duvidoſa a fè dos ſeus Eſcritos. Porém no grande Padre Antonio Vieira he tal a felicidade, que aſſim neſſe, como nos mais papeis ſeus, ſe acha ſempre proporçaó ſem repugnancia, que naõ teve Herodoto; fraze ſem affectaçaõ, que naõ teve Thimeo Siculo; inteireza ſem falta, que naõ teve Micheo; liberdade ſem liſonja, que naõ teve Cardiano, abundancia ſem ſuperfluidade, que naõ teve Livio; facilidade ſem confuſáõ, que naõ teve Voluſio; e diſcriçaõ com gravidade, que elle ſó teve.

Eſcrever o paſſado póde-o fazer o eſtudo, narrar o preſente facilita-ſe com o trabalho, mas dar noticia do Futuro, ſem illuſtraçaõ Superior, naõ cabe na esfèra do entendimento

dimento humano; bem moſtra a elevaçaõ deſta obra, que ao Author della quiz fazer eſta graça, quem o he de todas, pois aqui ſe lem ao meſmo tempo os melhores dictames para o exercicio das virtudes, e as mais ſeguras regras para a conſervaçaõ, e augmento das Monarchias; aqui ſe enſina a confiar a eſperança ſem incredulidade, e ſoffrer a paciencia ſem deſconfiança, e a deſprezar a conſtancia os golpes das adverſidades, moſtrando-ſe, que o temor das adverſidades balda o merecimento da conſtancia, e que a cobardia da deſconfiança eſteriliza os frutos da paciencia, e que a cegueira da incredulidade embarga os logros da eſperança; aqui ſe moſtra, que a fè nas eſcrituras he o melhor exercito para a conquiſta das emprezas, que a confiança nas divinas promeſſas, he que extende as balizas das Monarchias, e que com a reſignaçaõ na vontade de Deos, aſſim como naõ ha mundo, que ſe naõ deſpreze, tambem naõ ha Imperio, que ſe naõ conquiſte. Portugal, Senhor, he o mais intereſſado, em que ſaya á luz a Hiſtoria deſte Livro, pois nas futuras felicidades, que ſem eſcandalo da fé, lhe profetiza a razaõ, começaráõ ja deſde agora a enſayar-ſe os coraçoens Portuguezes, para moſtrarem depois nas emprezas do valor os effeitos da fidelidade: e aſſim me parece digniſſima eſta obra, de que V. Mageſtade permitta licença, que ſe dê á eſtampa, tanto pelas referidas razões, e naõ conter couza contraria ao Real ſerviço de V. Mageſtade, como tambem, porque teſtemunhem as Naçoens Extrangeiras, á cuſta da ſua racional inveja, a noſſa juſta vaidade. Eſte he o meu parecer. Convento de Palmela 29. de Abril de 1710.

D. Joſeph Pereira de la Cerda,
Prior mór da Ordem de Santiago.

QUe poſſa imprimirſe viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo torne á Meſa para ſe conferir, e taxar, e ſem iſſo naõ correrá. Lisboa Occidental 14. de Outubro de 1717.

Duque P. Andrade. Oliveira. Noronha. D. Guedes.

HISTORIA DO FUTURO

CAPITULO I.

Declara-se a primeira Parte do titulo desta historia e quam propria he da curiosidade humana a sua materia.

1 NEnhuma cousa se póde prometter á natureza humana mais conforme ao seu mayor appetite, nem mais superior a toda a sua capacidade, que a noticia dos tempos, e successos futuros; e isto he o que offerece a Portugal, á Europa, e ao mundo esta nova, e nunca ouvida historia. As outras historias contaõ as cousas passadas; esta promette dizer as que estaõ por vir: as outras trazem á memoria aquelles successos publicos, que vio o mundo; esta intenta manifestar ao mundo aquelles segredos occultos, e escurissimos, que naõ chega a penetrar o entendimento. Levanta-se este assumpto sobre toda a esfera da capacidade humana, porque Deos, que he a fonte de toda a sabedoria, posto que repartio os thesouros della taõ li-

beralmente com os homens, e muito mais com o primeiro, ſempre reſervou para ſi a ſciencia dos futuros, como regalia propria da Divindade. Como Deos por natureza ſeja eterno, he excellencia glorioſa naõ tanto de ſua ſabedoria, quando de ſua eternidade, que todos os futuros lhe ſejaõ preſentes: o homem filho do tempo reparte com o meſmo a ſua ſciencia, ou a ſua ignorancia: do preſente ſabe pouco, do paſſado menos, e do futuro nada.

2 A ſciencia dos futuros, diſſe Plataõ, he a que diſtingue os Deoſes dos homens, e daqui lhes veyo ſem duvida aquelle antiquiſſimo appetite de ſerem como Deoſes: aos primeiros homens, a quem Deos tinha infundido todas as ſciencias, nenhuma lhes faltava ſenaõ a dos futuros, e eſta lhes prometteo o demonio com a divindade quando lhes diſſe: *Eritis ſicut Dij ſcientes bonum, & malum.* Mas ainda que experimentaraõ o engano, naõ perderaõ o appetite: eſta foy a herança, que nos ficou do Paraiſo, eſte o fruto daquella arvore fatal bem vedado, e mal appetecido, mas por iſſo mais appetecido, porque vedado. Como he inclinaçaõ natural no homem appetecer o prohibido, e anhelar ao negado, ſempre o appetite, e curioſidade humana eſtà batendo ás portas deſte ſegredo, ignorando ſem moleſtia muitas couſas das que ſaõ, e affectando impaciente a ſciencia das que haõ de ſer. Por eſte meyo veyo o demonio a conſeguir que o homem lhe deſſe falſamente a Divindade, que o meſmo demonio com igual falſidade lhe tinha promettido; e ſenaõ pergunto: Quem foy o que introduzio no mundo ſem algum medo, mas antes com applauſo, a adoraçaõ do demonio? Quem fez que foſſe taõ frequentado, e conſultado o Idolo de Apollo em Delphos? o de Jupiter em Babylonia? o de Juno em Carthago? o de Venus no Egypto? o de Daphne em Antiochîa? o de Orpheo em Lesbo? o de Fauno em Italia? o de Hercules em Heſpanha?

Geneſ. cap. 3. verſ. 3.

panha?

panha? e infinitos outros em muitas partes? Naõ ha duvida que o desejo insaciavel que os homens sempre tiveraõ de saber os futuros, e a falsa opiniaõ dos Oraculos; com que o demonio respondia naquellas estatuas, foraõ os que todo este culto lhe grangearaõ: sendo certo que se Deos vindo ao mundo naõ emmudecera (como emmudeceo) os Oraculos da gentilidade, grande parte do que hoje he fé, fora ainda idolatria. Taõ mal soffreraõ os homens, que Deos reservasse para si a sciencia dos futuros, que chegaraõ a dar ás pedras a Divindade propria de Deos, só porque Deos fizera propria da Divindade esta sciencia: antes queriaõ huma estatua que lhes dissesse os futuros, que hum Deos, que lhos encobria.

3 Mas que direy das sciencias, ou ignorancias das artes, ou superstiçoens que os homens inventaraõ desde a terra atè o Ceo levados deste appetite? Sobre os quatro Elementos assentaraõ quatro artes de advinhiar os futuros, que tomaraõ os nomes dos seus proprios sujeitos. A gromancia que ensina a adivinhar pelas cousas da terra; a Hidromancia pelas da agua, a Arcomancia pelas do ar; e a Piromancia pelas do fogo. Taõ cegos seus Authores no appetite vaõ daquella curiosidade, que tendo-se perdido na terra os vestigios de tantas cousas passadas, cuidaraõ que na agua, no ar, e no fogo os podiaõ achar das futuras. No mesmo homem descobriraõ os homens dous livros sempre abertos, e patentes, em que lessem, ou soletrassem esta sciencia. A Phisonomia nas feiçoens do rostro, a Chiromancia nas rayas da maõ: em hum mappa taõ pequeno, taõ plano, e taõ liso como a palma da maõ de hum homem, inventaraõ os Chiromantes naõ sò linhas, e caractères distinctos, senaõ montes levantados, e divididos e alli descripta a ordem, e successaõ da vida, e casos della; os annos, as doenças, e os perigos, os casamentos, as guerras; as dignidades, e todos os outros futuros prosperos, ou adversos; arte certamente merecedora de ser verdadeira, pois punha a nossa fortuna nas nossas mãos. Deixo a Astrologia judiciaria

 taõ

taõ celebrada no naſcimento dos Principes, em que os Genethliacos ſobre o fundamento de huma ſó hora, ou inſtante da vida levantaõ ou figura, ou teſtimunhos a todos os ſucceſſos della. Nem quero fallar na triſte, e funeſta Nicromancia, que frequentando os cemeterios, e ſepulturas no mais eſcuro, e ſecreto da noite invoca com deprecaçoens, e conjuros as almas dos mortos, para ſaber os futuros dos vivos.

4 A eſte fim excogitáraõ tantos generos de ſortilegios, como ſe na contingencia da ſorte ſe houveſſe de achar a certeza, a eſte fim obſerváraõ os ſonhos, como ſe ſoubeſſe mais hum homem dormindo, do que ſabia acordado: a eſte ſentido conſultavaõ as entranhas palpitantes dos animaes, como ſe hum bruto morto podeſſe enſinar a tantos homens vivos: com o meſmo appetite pediaõ repoſta ás fontes, aos rios, aos boſques, e ás penhas: com o meſmo inquiriaõ os cantos, e voos das aves, os mugidos dos animaes, as folhas, e movimentos das arvores: com o meſmo interpretáraõ os numeros, os nomes, e as letras, os dias, e os fumos, as ſombras, e as cores, e naõ havia couſa taõ baixa, e taõ miuda por onde os homens naõ imaginaſſem, que podiaõ alcançar aquelle ſegredo, que Deos naõ quiz que elles ſoubeſſem. O ranger da porta, o eſtalar do vidro, o ſcintillar da candea, o topar do pé, o ſacudir dos ſapatos, tudo notavaõ como aviſos da Providencia, e temiaõ como preſagios do futuro. Fallo da cegueira, e deſatino dos tempos paſſados, por naõ envergonhar a nobreza da noſſa Fé com a ſuperſtiçaõ dos preſentes.

5 Finalmente a inveſtigaçaõ deſte taõ appetecido ſegredo foy o eſtudo, e diſputa dos mayores, e mais ſinalados Philoſophos, de Socrates, de Pythagoras, de Plataõ, de Ariſtoteles, e do eloquente Tullio nos livros mais ſublimes, e doutos de todas ſuas obras. Eſta era a Theologia famoſa dos Caldêos; eſte o grande myſterio dos Egypcios; eſta em Roma a Religiaõ dos Augures; eſta em Judéa a ſeita dos Pithoens, e Ariolos; eſta em

Perſia

Persia a sciencia, e profissaõ dos Magos; esta em fim do Ceo até o Inferno o mayor desvelo dos sabios, e mayor ancia, e tropeço dos ignorantes: huns injuriando o Ceo, e dando tratos ás Estrellas, para que digaõ o que naõ pódem; outros inquietando o Inferno, (como dizia Samuel) e tentando os mesmos demonios, para que revelem o que naõ sabem. Tanto foy em todas as idades do mundo, e tanto he hoje na curiosidade humana o appetite de conhecer o futuro.

6 Mas o que mais que tudo encarece a tenacidade deste desejo, he considerar que enganados taõ porfiadamente os homens pela falsidade, e mentira de todas estas artes, e seus ministros, naõ tenha bastado nenhuma experiencia, nem haja de bastar ja para mais os desenganar, e apartar delle. *Genus hominum potentibus infidum, sperantibus fallax, quod in civitate nostra & vetabitur semper & retinebitur*: Disse Tacito. O mesmo Saúl, que desterrou a Pithonisa, a foy buscar, e se servio de sua má arte: e os mesmos que mais severamente negaõ o credito ás cousas prognosticadas, folgaõ de ouvir, e saber que se prognosticaõ; signal certo que naõ buscaõ os homens os futuros, porque os achaõ, senaõ que vaõ sempre apoz elles, porque os amaõ.

Tacit. lib. 1. histor. 1 Reg. c. 2. 8. vers. 9. & 11.

7 Para satisfazer pois á mayor ancia deste appetite, e para correr a cortina aos mayores, e mais occultos segredos deste mysterio, pomos hoje no theatro do mundo esta nossa historia, por isso chamada do futuro. Naõ escrevemos com Beroso as antiguidades dos Assyrios, nem com Xenofonte as dos Persas, nem com Heródoto as dos Egypcios, nem com Josepho a dos Hebrêos, nem com Curcio as dos Macedonios, nem com Tucidides as dos Gregos, nem com Livio as dos Romanos, nem com os Escritores Portuguezes as nossas: mas escrevemos sem Author o que nenhum delles escreveo, nem póde escrever: elles escrevéraõ historias do passado para os futuros, nós escrevemos a do futuro para os presentes. Impossivel pintura parece antes dos originaes retratar as

copias,

copias; mas iſto he o que fará o pincel da noſſa hiſtoria.

8 Aſſim foraõ retratos de Chriſto Abel, Iſac, Joſeph, David antes do Verbo ſer homem. O que ignorou o mundo antigo, o que naõ conheceo o moderno, e o que naõ alcança o preſente, he o que ſe verá com admiraçaõ neſte prodigioſo Mappa deſcripto; couſas, e caſos, que ainda lhes falta muito para terem ſer, quanto mais antiguidade.

9 A hiſtoria mais antiga começa no principio do mundo; a mais extendida, e continuada acaba nos tempos em que foy eſcrita. Eſta noſſa começa no tempo em que ſe eſcreve, continûa por toda a duraçaõ do mundo, e acaba com o fim delle: mede os tempos vindouros antes de virem, conta os ſucceſſos futuros antes de ſuccederem, e deſcreve feitos heroicos, e famoſos antes da fama os publicar, e de ſerem feitos.

10 O tempo como o mundo tem dous Emisferios; hum ſuperior, e viſivel, que he o paſſado, outro inferior, e inviſivel, que he o futuro; no meyo de hum, e outro Emisferio ficaõ os Horizontes do tempo, que ſaõ eſtes inſtantes do preſente em que imos vivendo, onde o paſſado ſe termina, e o futuro começa; deſde eſte ponto toma ſeu principio a noſſa hiſtoria, a qual nos irá deſcobrindo as novas Regioens, e os novos habitadores deſte ſegundo Emisferio do tempo, que ſaõ os Antipodas do paſſado: Oh que de couſas grandes, e raras haverá que ver neſte novo deſcobrimento!

11 Aquelles Hiſtoriadores que nomeámos, e foraõ os mais celebres do mundo, eſcreveraõ os Imperios, as Reſpublicas, as Leys, os conſelhos, as reſoluçoens, as conquiſtas, as batalhas, as victorias, a grandeza, a opulencia, e felicidade, a mudança, a declinaçaõ, a ruina ou daquellas meſmas naçoens, ou de outras igualmente poderoſas, que com ellas contendiaõ. Nós tambem havemos de fallar de Reinos, e de Imperios, de exercitos, e de victorias, de ruinas de humas naçoens, e exaltaçoens de outras; mas de Imperios naõ ja fundados,

ſenaõ que ſe haõ de fundar; de victorias naõ ja vencidas, mas que ſe haõ de vencer; de naçoens naõ ja domadas, e rendidas, ſenaõ que ſe haõ de render, e domar.

12 Haõ ſe de ler neſta hiſtoria para exaltaçaõ da Fé, para triunfo da Igreja, para gloria de Chriſto; para felicidade, e paz univerſal do mundo altos conſelhos, animoſas reſoluçoens, religioſas emprezas, heroicas façanhas, maravilhoſas victorias, portentoſas conquiſtas, eſtranhas, e eſpantoſas mudanças de eſtados, de tempos, de gentes, de coſtumes, de governos, de Leys; mas Leys novas, governos novos, coſtumes novos, gentes novas, tempos novos, eſtados novos, conſelhos, e reſoluçoens novas, emprezas, e façanhas novas, conquiſtas, victorias, paz, triunfos, e felicidades novas; e naõ ſó novas, porque ſaõ futuras, mas porque naõ teráõ ſimilhança com ellas nenhumas das paſſadas. Ouvirá o mundo o que nunca vio, lerá o que nunca ouvio, admirarà o que nunca leo, e paſmará aſſombrado do que nunca imaginou: e ſe as hiſtorias daquelles Eſcritores, ſendo de couſas menores antigas, e paſſadas, ſe leraõ ſempre com goſto, e depois de ſabidas ſe tornaraõ a ler ſem faſtio, confiança nos fica para eſperar que naõ ſerá ingrato aos Leitores eſte noſſo trabalho, e que ſerá taõ deleitoſa ao goſto, e ao juizo a hiſtoria do futuro, quanto he eſtranho ao papel o aſſumpto, e nome della.

13 Mas porque naõ cuide alguma curioſidade critica que o nome do futuro naõ concorda, nem ſe ajuſta bem com o titulo de hiſtoria, ſaiba que nos pareceo chamar aſſim a eſta noſſa eſcritura, porque ſendo novo, e inaudito o argumento della, tambem lhe era devido nome novo, e naõ ouvido.

14 Eſcreveo Moiſés a hiſtoria do principio, e creaçaõ do mundo ignorada até aquelle tempo de quaſi todos os homens. E com que eſpirito a eſcreveo? Reſpondem todos os Padres, e Doutores que com eſpirito de Profecia. Se ja no mundo houve hum Profeta do paſſado, porque naõ haverá hum hiſtoriador do futuro? Os Profetas

A Lapid. in cōmit. Iac. Scripturæ cōment. in Pentath. 5. vol. 2.

naõ

naõ chamaraõ historia ás suas profecias; porque naõ guardaõ nellas estylo, nem leys de historias: naõ distinguem os tempos, naõ asinalaõ os lugares, naõ individuaõ as pessoas, naõ seguem a ordem dos casos, e dos successos, e quando tudo isto viraõ, e tudo disseraõ, he envolto em Metaforas, disfarçado em figuras, escurecido com Enigmas, e contado, ou cantado em frases proprias do espirito, e estylo profetico, mais accommodadas á magestade, e admiraçaõ dos mysterios, que á noticia, e intelligencia delles.

Apud P. A Lapid. in arg. Isaiæ 5. cap. paresf. 2. Ibi: Ut qui Isaiam segunt, versari se putent. in Evangelijs.

15 Do Profeta Isaías, que fallou com mayor ordem, e mayor clareza, disseraõ S. Hieronymo, e Santo Agostinho, que mais escrevéra historia, que Profecia. A sua Profecia he o Evangelho fechado; o Evangelho he a sua Profecia aberta. E porque nós em tudo o que escrevemos, determinamos observar religiosa, e pontualmente todas as leys da historia, seguindo, em estylo claro, e que todos possaõ perceber, a ordem, e successaõ das cousas, naõ nûa, e secamente, senaõ vestidas, e acompanhadas das suas circunstancias: e porque havemos de distinguir tempos, e annos, sinalar Provincias, e Cidades, nomear naçoens, e ainda pessoas, (quanto o soffrer a materia) por isso sem ambiçaõ, nem injuria de ambos os nomes chamamos a esta narraçaõ historia, e historia do futuro.

16 Sós, e solitariamente entramos nella (mais ainda que Noé no meyo do diluvio) sem companheiro, nem guia, sem Estrella, nem farol, sem exemplar, nem exemplo: o mar he immenso, as ondas confusas, as nuvens espessas, a noite escurissima: mas esperamos no Pay dos lumes, (a cuja gloria, e de seu Filho servimos) tirará a salvamento a fragil barquilha: ella com mayor ventura, que Argos, e nós com mayor ousadia, que Tiphys. Antes de abrir as vélas ao vento, (oh faça Deos, que naõ seja tempestade!) em lugar da benevolencia, que se costuma pedir aos Leitores, só lhes quero pedir justiça. He de direito natural, que ninguem seja condé-

nado,

nado, sem ser ouvido; isto só deseja, e pede a todos a nova historia do futuro com palavras naõ suas, mas de S. Hieronymo: *Legant prius, & postea despiciant.* Lêaõ primeiro, e depois condenem. Assim dizia aquelle grande Mestre da Igreja defendendo a sua versaõ dos sagrados livros entaõ perseguida, e impugnada, hoje adorada, e de fé.

CAPITULO II.

Segunda Parte do titulo desta historia; convidaõ se os Portuguezes à liçaõ della.

17 NO Capitulo passado fallámos com todo o mundo; neste só com Portugal: naquelle promettemos grandes futuros ao desejo; neste asseguramos breves deseios ao futuro: nem todos os futuros saõ para desejar, porque ha muitos futuros para temer. A' manhaã serás comigo, disse Samuel a Saúl, o Profeta ao Rey, o morto ao vivo. Oh que temeroso futuro! Cahio Saúl desmayado, e fora melhor cahir em si, que aos pés do Profeta: mas era ja a vespera do dia da morte, e quem busca o desengano tarde, naõ se desengana. Outros Reys houve, que por naõ temer os futuros, quizeraõ antes ignorallos. 1. Reg. c. 27. vers. 19.

.... Cessant Oracula Delphis,
Sed siluit postquam Reges timuere futura,
Et superos vetuere loqui. ....

Disse sem murmuraçaõ o Satyrico, que tapáraõ os Reys a boca aos Deoses, e naõ queriaõ consultar os Oraculos, por naõ temer os futuros prosperos, e adversos, os felices, e os infelices: todos fora felicidade antever, os felices para a esperança, e os infelices para a cautella.

18 O mayor serviço que póde fazer hum Vassallo ao Rey, he revelarlhe os futuros; e se naõ ha entre nós os vivos quem faça estas revelaçoens, busque-se entre os sepultados, e acharse-ha: Saúl achou a Samuel morto, 1. Reg. 28.

 e Bal- 11.

Daniel. 5. e Balthazar a Daniel vivo, porque hum matava os Pro-
16. fetas, outro premiava as profecias. Declarou Daniel a Balthazar a escritura fatal da parede, annunciou-lhe intrepidamente, que naquella mesma noite havia de perder a vida, e o Imperio: e que lhe importou a Daniel esta taõ triste interpretaçaõ? No mesmo ponto, diz o
Ibidem Texto, mandou Balthazar, que o vestissem de purpura,
vers. 29. e que lhe dessem o annel Real, e que fosse reconhecido por Tetrarcha de todo o Imperio dos Assyrios, que era fazello hum dos quatro supremos Ministros, ou Governadores da Monarchia. Só isto fez Balthazar nos instantes, que lhe restáraõ de vida; e premiado assim o Profeta, cumprio-se a profecia, e foy morto o Rey, digno só por esta acçaõ (se naõ foraõ as suas culpas sacrilegios) de que Deos lhe perdoára a vida. Se tanto val o conhecimento de hum futuro ainda que taõ infelice, se tanto premio se dá a huma profecia mortal, e que tira Imperios; que seria se os promettéra? Naõ faltou a este merecimento Dario Hidaspes Rey dos Persas, e dos Médos: succedeo victorioso este Principe na coroa de Balthazar, e confirmou sempre a Daniel na mercê, e lugar em que elle o tinha posto; porque assim como profetizou que havia de perder o Imperio o Rey dos Assyrios, ajuntou tambem que o havia de ganhar o dos Persas, e Médos:
Daniel. 5. *Divisum est Regnum á te, & dabitur Médis, & Persis.*
28. Eu, Portugal, (com quem só fallo agora) nem espero o teu agradecimento, nem temo a tua ingratidaõ: porque se me naõ contas com Daniel entre os vivos, eu me conto com Samuel entre os mortos; se nas letras que interpreto achára desgraças, (bem poderá ser que as tenhas) eu te dissera a má fortuna sem receyo, assim como te digo a boa sem lisonja: mas he tal a tua estrella (benignidade de Deos comtigo deverá ser) que tudo o que leyo de ti, saõ grandezas, tudo o que descubro, melhoras, tudo o que alcanço felicidades. Isto he o que deves esperar, e isto o que te espera; por isso em nome segundo, e mais declarado chamo a esta mesma escritura Esperanças

de

de Portugal, e efte he o commento breve de toda a Hiftoria do Futuro.

19 Mas vejo, que o mefmo nome de Efperanças de Portugal lhe poderá com razaõ fufpender o gofto, affuftar o defejo, e embaraçar os mefmos alvoroços, em que o tenho metido com eftas efperanças: *Spes, quæ differtur, affligit animam.* Diffe a verdade Divina, e o fabe, e fente bem a experiencia, e paciencia humana, ainda que feja muito fegura, muito firme, e muito bem fundada a efperança, he hum tormento defefperado o efperar. Proverb. 13. 12.

20 Muito feguras eraõ, e taõ feguras como a mefma palavra de Deos (que naõ póde mentir, nem faltar) as promeffas dos antigos Profetas: mas canfava-fe tanto o defejo na paciencia de efperar por ellas, que vinhaõ a fer fabula do vulgo em Jerufalem as efperanças das profecias. affim conta efta queixa Ifaías no capitulo 28., que pelas ruas, e praças da Corte fe andavaõ cantando por rifo as fuas efperanças; e que a volta, ou eftribilho da cantiga, era: Ifaias. 28. 13.

Expecta, reexpecta.
Expecta, reexpecta.
Modicum ibi.
Modicum ibi.

Efperavaõ, reefperavaõ, e defefperavaõ aquelles homens; porque em muitas coufas das que lhe promettiaõ as profecias, primeiro fe acabava a vida, do que chegaffe a efperança. Deixáraõ os pays em teftamento as efperanças aos filhos, os filhos aos netos, e nem eftes, fendo entaõ as vidas mais compridas, chegavaõ a ver o cumprimento do que taõ longamente tinhaõ efperado. as efperanças da terra de Promiffaõ deixou-as Abraham a Ifac, Ifac a Jacob, e Jacob aos doze Patriarchas, mas todos elles morréraõ, e foraõ fepultados no Egypto. a quem ha de cobrir a terra do Egypto, que lhe importaõ as efperanças da terra de Promiffaõ? No cativeiro de Babylonia prégavaõ, e promettiaõ os Profetas, que Deos havia de levantar maõ do caftigo, e reftituir o povo á fua antiga li-

Jerem. 23. 10. berdade ·, e se lhe perguntavaõ quando, respondiaõ, e affirmavaõ constantemente, que dalli a sete annos. Boa esperança para hum cativo, ainda que naõ fosse muito velho. De que me serve a esperança da liberdade, se primeiro se ha de acabar a vida? O mesmo pódem arguir os que hoje vivem com estas esperanças, que eu lhas prometto ·. grandes saõ essas esperanças de Portugal, mas quando ha de ver Portugal essas esperanças?

21 Ponto he este, que depois se ha de tratar muito de proposito, e em que a nossa historia ha de empregar todo o quinto livro ·, por agora só digo, que me naõ atrevêra eu a prometter esperanças, se naõ foraõ esperanças breves. Deos na Ley Escrita, como notáraõ graves Authores, nunca prometteo o Ceo expressamente, porque o que se naõ póde dar logo, naõ se ha de prometter ·. prometter o Ceo para ir esperar por elle ao Limbo, saõ promessas, em que por entaõ se dá o contrario do que se promette ·. taes saõ as esperanças dilatadas: se nellas se promette a vida, saõ morte ·, se nellas se promette o gosto, saõ tormento ·, se nellas se promette o Paraiso, saõ Inferno.

Communiter PP. & DD.

22 O Limbo chama-se Inferno, e porque? Porque era hum lugar, onde se esperava tantos annos pelo Paraiso ·. naõ me tenha a minha Patria por taõ cruel, que lhe houvesse de prometter martyrios com nome de esperanças. Para se avaliar a esperança, ha-se de medir o futuro, e naõ he este o futuro da minha historia.

Rom. 8. 38. 23 S. Paulo, aquelle Philosopho do terceiro Ceo, desafiando todas as creaturas, e entre ellas os tempos dividio os futuros em dous futuros. *Neque instantia, neque futura* Hum futuro, que está longe, e outro futuro, que está perto ·, hum futuro, que ha de vir, e outro futuro, que ja vem ·. hum futuro, que muito tempo ha de ser futuro ·. *Neque futura* ·, e outro futuro, que brevemente ha de ser presente ·. *Neque instantia.* Este segundo futuro he o da minha historia, e estas as breves, e deleitosas esperanças, que a Portugal offereço. Esperanças que

haõ

haõ de ver os que vivem, ainda que naõ vivaõ muitos annos, mas viviráõ muitos annos os que as virem ⁖ *Lignum vitæ, desiderium veniens.* Disse no mesmo lugar allegado a mesma Verdade Divina ⁖ assim como ha esperanças, que tardaõ, ha esperanças, que vem ⁖ as esperanças, que vem, saõ o pomo da arvore da vida: *Lignum vitæ, desiderium veniens.* A virtude maravilhosa daquelle pomo, era reparar, e accrescentar a vida, e remoçar aos que o comiaõ. As esperanças, que tardaõ, tiraõ a vida, as esperanças, que vem, naõ só naõ tiraõ a vida; mas accrescentaõ os dias, e os alentos della: *Spes, quæ differtur, affligit animam. Lignum vitæ, desiderium veniens.* Que vida haverá em Portugal taõ cansada, que idade taõ decrepita, que á vista do cumprimento destas esperanças naõ torne atraz os annos para lograr tanto bem? Vivey, vivey, Portuguezes, vós os que mereceis viver neste venturoso seculo, esperay no Author de taõ estranhas promessas, que quem vos deu as esperanças, vos mostrará o cumprimento dellas.

Proverb. 13. 12.

Ibidem 13.

24 Naõ he privilegio este de qualquer profecia, mas daquellas profecias de que se compoem esta historia: sim; porque saõ mais que profecias. Hum Profeta houve no mundo mais que Profeta, que foy o grande Precursor de Christo; e porque razaõ mereceo a singularidade deste nome, S. Joaõ, entre todos os Profetas deste mundo? Porque os outros Profetas prometteraõ a Christo futuro, mas naõ o viraõ, nem o mostráraõ presente ⁖ o Baptista prometteo'o futuro com a voz, e mostrou o presente com o dedo: *Cecinit adfuturum, & adesse monstravit.* Se houve hum Profeta, que foy mais que Profeta, porque naõ haverá tambem algumas profecias, que sejaõ mais que profecias? Assim espero eu, que o sejaõ aquellas, em que se fundaõ as minhas esperanças, e que se nos promettem as felicidades futuras, tambem as haõ de mostrar presentes ⁖ agora as promettem com a voz, depois as mostraráõ com o dedo. Mas este grande assumpto fique para seu lugar. Só digo, que quando assim succeder, perderá

Matth. 11. 9.

esta

esta nossa historia gloriosamente o nome; e que deixará de ser historia do futuro, porque o será do presente.

25 Mas perguntarme-ha por ventura alguma emulaçaõ extrangeira, (que às naturaes naõ respondo) se o Imperio esperado, como se diz no mesmo titulo, he do mundo; as esperanças, porque naõ seráõ tambem do mundo, senaõ só de Portugal? A razaõ (perdoe o mesmo mundo) he esta. Porque a melhor parte dos venturosos futuros, que se esperaõ, e a mais gloriosa delles será naõ só propria da naçaõ Portugueza, senaõ unica, e singularmente sua. Portugal será o assumpto, Portugal o centro, Portugal o theatro, Portugal o principio, e fim destas maravilhas, e os instrumentos prodigiosos dellas os Portuguezes.

26 Vè agora, ó Patria minha; quam agradavel te deve ser, e com quanto gosto deves acceitar a offerta, que te faço desta nova historia: e com que alvoroço, e alegria pede a razaõ, e amor natural, que leas, e consideres nella os seus, e os teus futuros. O Grego lê com mayor gosto as historias de Grecia, o Romano as de Roma, e o Barbaro as da sua naçaõ; porque saõ feitos seus, e de seus antepassados. E Portugal, que com novidade inaudita lerá nesta historia os seus, e os dos seus vindouros, com quanto mayor gosto, e contentamento, com quanto mayor applauso, e alvoroço será razaõ que o faça? Portentosas foraõ antigamente aquellas façanhas, ó Portuguezes, com que descobristes novos mares, e novas terras, e déstes a conhecer o mundo ao mesmo mundo: assim como lieis entaõ aquellas vossas historias, lede agora esta minha, que tambem he toda vossa. Vós descobristes ao mundo o que elle era, e eu vos descubro a vós o que haveis de ser. Em nada he segundo, e menor este meu descobrimento, senaõ mayor em tudo: mayor cabo, mayor esperança, mayor Imperio. Naquelles ditosos tempos (mas menos ditosos, que os futuros) nenhuma cousa se lia no mundo senaõ as navegaçoens, e conquistas de Portuguezes: esta historia era o silencio de

todas

todas as hiſtorias. Os inimigos liaõ nella ſuas ruinas, os emulos ſuas invejas, e ſó Portugal ſuas glorias. Tal he a hiſtoria, Portuguezes, que vos preſento, e por iſſo na lingua voſſa: ſe ſe ha de reſtituir o mundo á ſua primitiva inteireza, e natural formoſura, naõ ſe poderá concertar hum corpo taõ grande, ſem dor, nem ſentimento dos membros, que eſtaõ fòra de ſeu lugar: alguns gemidos ſe haõ de ouvir entre voſſos applauſos, mas tambem eſtes fazem harmonia. Se ſaõ dos inimigos, para os inimigos ſerá a dor, para os emulos a inveja, para os amigos, e companheiros o goſto, e para vós entaõ a gloria, e entre tanto as eſperanças.

CAPITULO III.

Terceira Parte do titulo, e diviſaõ de toda a hiſtoria.

27 O Que encerra a terceira parte do titulo deſta hiſtoria ſó ſe póde declarar inteiramente com o diſcurſo de toda ella; porque toda ſe emprega em provar a eſperança de hum novo Imperio, ao qual, pelas razoens, que ſe veráõ a ſeu tempo, chamamos quinto. Entre tanto para que a materia de huma vez ſe comprehenda, e ſaiba o Leytor em ſumma o que lhe promettemos, porey brevemente aqui ſua diviſàõ. Divide-ſe a hiſtoria do futuro em ſete partes, ou livros. No primeiro ſe moſtra, que ha de haver no mundo hum novo Imperio.: no ſegundo, que Imperio ha de ſer.: no terceiro ſuas grandezas, e felicidades.: no quarto os meyos, porque ſe ha de introduzir.: no quinto em que terra.: no ſexto, em que tempo.: no ſetimo, em que peſſoa. Eſtas ſete couſas ſaõ as que ha de examinar, reſolver, e provar a nova hiſtoria, que eſcrevemos, do quinto Imperio do mundo.

28 Mas porque eſta palavra mundo, nos ambicioſos titulos dos Imperios, e Imperadores coſtuma ter mayor eſtrondo na voz, que verdade na ſignificaçaõ, ſe-

rà

rà bem que digamos neste lugar, o que o titulo da nossa historia entende por mundo. Os Faraòs do Egypto, e tambem os Ptolemeos, que lhe succedéraõ, de tal maneira mediaõ a estreiteza de suas terras pela arrogancia, e inchaçaõ de seus vastos pensamentos, que dominando sómente aquella parte naõ grande da extrema Africa, que jàz entre os desertos de Numidia, e os do mar Vermelho, naõ duvidavaõ intitularse Izés do mundo. Esta foy a desigualdade do nome que puzeraõ os Egypcios ao seu restaurador Joseph: *Vocaverunt eum lingua Ægyptiaca Salvatorem mundi.* Naõ lhe chamáraõ Salvador do Egypto, senaõ do mundo, como se naõ houvera mais mundo, que o Egypto. Imitavaõ a soberba de seu soberbo Nilo, que quando sahe ao mar, se espraya em sete bocas, como se foraõ sete rios, sendo hum só rio: assim era aquelle Imperio, e os demais chamados do mundo, mayores sempre nas vozes, que no corpo, e grandeza.

Genes. 41. 45.

29 Do Imperio dos Assyrios temos nas Divinas letras huma provisaõ lançada aos trez Capitulos do Profeta Daniel, e mandada expedir pelo grande Nabucodonosor; cujo exordio he este: *Nabuchodonosor Rex omnibus populis, gentibus, & linguis, qui habitant in universa terra.* Nabucodonosor Rey a todos os povos, gentes, e linguas, que habitaõ em todo o mundo. E o mesmo Daniel (que he mais) fallando a este Rey, e accommodandose aos estylos da sua Corte, e aos titulos magnificos de sua grandeza, lhe diz assim no mesmo Capitulo: *Tu Rex magnificatus es, & invaluisti, & magnitudo tua pervenit usque ad Cælum, & potestas tua usque ad terminos universæ terræ.* Com tudo se lançarmos os compassos ás terras que obedeciaõ a Nabucodonosor, acharemos que da Asia entaõ conhecida tinha huma boa parte, da Africa pouco, da Europa menos, e do resto do mundo nada: mas bastavaõ estes trez retalhos da terra para a soberba de Nabucodonosor revestir os titulos de seu Imperio com o nome estrondoso de todo o mundo: taõ grande era a significaçaõ dos nomes, e tanto menos o que significavaõ.

Daniel. 3

Do Im-

30 Do Imperio de Assuero (que era o dos Persas) diz o Texto sagrado no primeiro Capitulo da historia de Esther, que se estendia da India até a Ethyopia, obedecendo áquella Coroa 127. Provincias; esta era a demarcaçaõ das terras, e estes os limites do Imperio, mas os titulos naõ tinhaõ limite; assim nos consta por hum Decreto de Dario, que se refere no sexto Capitulo de Daniel por estas pomposas palavras similhantes em tudo ás de Nabuco: *Darius Rex omnibus populis, & gentibus, & linguis, qui habitant in universâ terrâ, vobis multiplicetur.* E o mesmo Assuero por outro Decreto no Capitulo 13 de Esther naõ duvidou firmar por sua propria maõ, que tinha sujeito ao seu dominio o Orbe universo: *Cum universum Orbem meæ ditioni subjugâssem.* De maneira que os Reys Persas, por serem Senhores de cento vinte e sete Provincias, passáraõ Provisoens, e Decretos a todo o mundo: mas quem desenrolasse o Mappa do mundo, e puzesse sobre elle os pergaminhos destas Provisoens, veria facilmente, que o mundo sem demasiado encarecimento he cento e vinte e sete vezes mayor que o Imperio Persiano: taõ pouco se proporcionava a Geografia dos titulos com as medidas dos Imperios.

Daniel. 6. 25.

Idem. 13.

31 Que direy do Imperio dos Romanos? Os termos, que lhe sinalaõ seus Escritores, saõ as rayas do mundo:

Orbem jam totum Victor Romanus habebat,
Quà mare, quà terra, quà sidus currit utrumque.

Disse Petronio: e Cicero, que professava mais verdade, que os Poetas: *Nulla gens est, quæ non aut ita subacta sit ut vi extet; aut ita domata ut quiescat, aut ita pacata ut victoriâ nostrâ, Imperioque lætetur.* Tal era a opiniaõ, que Roma tinha de sua grandeza, e tal o estylo, que guardava em seus Edictos: *Exiit Edictum à Cæsare Augusto* (diz S. Lucas) *ut describeretur universus Orbis.* Mandou Augusto Cesar matricular, e alistar seu Imperio, e dizia o Edicto: Aliste-se o mundo. mas se examinarmos este mundo Romano até onde se estendia, acharemos que pelo Oriente se fechava com o rio Tigre, pelo Occidente

Petron. Cicer.

Luc. 2. 1.

cidente

cidente com o mar de Cadis, pelo Meyo dia com o Nilo, e pelo Septentriaõ com o Danubio, e Rheno. Eſtes limítes lhe preſcreveo Claudiano, ainda que lhe deu por margens os Orientes.

Cladian. *Subdidit Oceanum ſuperis, & margine Cœli*
Claudit opes, quantum diſtant à Tigride Gades,
Inter ſe Tanais quantum, Niluſque relinquunt.

Deixo o Mogôr, o China, o Tartaro, e outros Dominios barbaros do noſſo tempo, que com a meſma mageſtade de titulos ſe chamaõ Imperadores do mundo, ſeguindo a antiquiſſima arrogancia da Aſia, em que o mundo andou ſempre atado aos titulos da Monarquia.

32 O mundo do noſſo promettido Imperio, naõ he mundo neſte ſentido: naõ prometto mundos, nem Imperios titulares, nomes taõ alheyos da modeſtia, como da verdade. Bem ſey que o Imperio de Alemanha (envelhecidas reliquias, e quaſi acabadas do Romano) em muitos textos de hum, e outro Direito, ſe chama Imperio do mundo; mas tambem ſe ſabe que os textos podem dar titulos, mas naõ Imperios. No livro ſetimo examinaremos os fundamentos deſte Direito; entre tanto ainda que liberalmente lho concedamos, he certo, que os Imperios, e os Reinos naõ os dá, nem os defende a eſpada da juſtiça, ſenaõ a juſtiça da eſpada. A Abraham prometteo Deos as terras da Paleſtina, mas conquiſtou-as a eſpada de Joſué, e defendeo-as a de ſeus ſucceſſores. Eſtes ſaõ os inſtrumentos humanos, de que ſe ſerve (ainda quando obra divinamente) a Providencia daquelle Supremo Senhor, que o he do mundo, e dos exercitos. Os que querem o ruido, e encher de algum modo o vaſio deſtes grandes titulos, dizem que ſe entendem por Hyperbole, ou exageraçaõ, e por aquella figura que os Rhetoricos chamaõ Synédoche, em que ſe toma a parte pelo todo. O titulo deſta hiſtoria naõ falla por Hypérboles, nem Synédoches, naõ chama a hum Pigmeo Gigante, nem a hum braço homem. O mundo de que fallo he o mundo, aquelle mundo, e naquelle ſentido em que

diſſe

disse S. Joaõ: *Mundus per ipsum factus est, & mundus eum non cognovit.* O mundo que Deos creou, o mundo que o naõ conheceo, e o mundo que o ha de conhecer; quando o naõ conheceo, negou-lhe o dominio; quando o conhecer; darlhe ha a posse: *Universum terrarum Orbem* (diz Ortelio) *Veteres in tres partes divisere, Africam, Europam, & Asiam, sed in inventa America, eam pro quartâ parte nostra ætas adjecit quintam, quæ espectat sub meridionali cardine jacentem.* O mundo que conheceraõ os antigos se dividia em trez partes, Africa, Europa, Asia: depois que se descobrio a America, accrescentou-lhe a nossa idade esta quarta parte, espera-se agora a quinta, que he aquella terra incognita, mas ja reconhecida, que chamamos Austral. Este foy o mundo passado, e este he o mundo presente, e este será o mundo futuro: e destes trez mundos unidos se formará (que assim o formou Deos) hum mundo inteiro. Este he o sujeito da nossa historia, e este o Imperio que promettemos do mundo. Tudo o que abraça o mar, tudo o que alumia o Sol, tudo o que cobre, e rodea o Sol, será sujeito a este quinto Imperio; naõ por nome, ou titulo fantastico, como todos os que atégora se chamáraõ Imperios do mundo, senaõ por dominio, e sujeiçaõ verdadeira. Todos os Reinos se unirão em hum Sceptro, todas as Cabeças obedeceráõ a huma Suprema Cabeça, todas as Coroas se remataráõ em huma só Diadema, e esta será a peanha da Cruz de Christo.

Joann. 1. 10.

Ortel.

33 Resolveo Augusto com o Senado pôr limítes á grandeza do Imperio Romano: duvîda Tacito, se foy filha esta resoluçaõ do receyo, ou da inveja: *Incertum metu, an per invidiam.* Temeo Cesar (se foy receyo) que hum corpo taõ enormemente grande se pudesse animar com hum só espirito, naõ se pudesse governar com huma só cabeça, naõ se pudesse defender com hum só braço; ou naõ quiz (se foy inveja) que viesse depois outro Imperador mais venturoso, que trespassasse as balisas do que elle até entaõ conquistára, e fosse, ou se chamasse

Tacit.

masse mayor que Augusto. Tal foy, dizem, o pensamento de Alexandre, o qual visinho á morte repartio em differentes Successores o seu Imperio, para que nenhum lhe pudesse herdar o nome de Magno. Naõ he, nem poderá ser assim no Imperio do mundo, que promettemos, a paz lhe tirarà o receyo, a uniaõ lhe desfarà a inveja, e Deos (que he Fortuna sem inconstancia) lhe conservará a grandeza.

34 Aqui acaba o titulo desta historia, e mais claramente do que o dissemos agora, o provaremos depois: entretanto se aos doutos occorrem instancias, e aos escrupolosos duvidas, damos por soluçaõ de todas a Maõ
Isai 41. 20. omnipotente ·. *Sciant, & recogitent, & intelligant, quia manus Domini fecit hoc.*

CAPITULO IV.

Utilidades da historia do Futuro.

§ I.

35 SE o fim desta escritura fora só a satisfaçaõ da curiosidade humana, e gosto, ou lisonja daquelle appetite, com que a impaciencia do nosso desejo se adianta em querer saber as cousas futuras ·. e se as esperanças, que temos promettido, foraõ só flores sem outro fruto mais que o alvoroço, e alegria com que as felicidades grandes, e proprias se costumaõ esperar, certamente eu suspendèra logo a penna, e a lançàra da maõ, tendo este meu trabalho por inutil, impertinente, e ocioso, e por indigno naõ só de o communicar ao mundo, mas de gastar nelle o tempo, e o cuidado.

36 Mas se a historia das cousas passadas (a que os sabios chamáraõ mostra da vida) tem esta, e tantas outras utilidades necessarias ao governo, e bem commum do genero humano, e ao particular de todos os homens; e se como tal empregáraõ nella sua industria tantos sujeitos

em

em sciencia, ingenho, e juizo eminentes; como foraõ os que em todos os tempos immortalizáraõ a memoria delles com seus escritos; porque naõ serà igualmente util, e proveitosa, e ainda com ventagem esta nossa historia do Futuro, quanto he mais poderosa, e efficaz para mover os animos dos homens á esperança das cousas proprias, que á memoria das alheyas.

37 Se em todos os livros Sagrados contarmos os Escritores de cousas passadas (como foraõ na Ley da Graça os quatro Evangelistas, e na Escrita Moysés, Josué, Samuel, Esdras, e alguns outros, cujos nomes se naõ sabem com taõ averiguada certeza) acharemos que saõ em muito mayor numero os que escrevèraõ das futuras: differença que de nenhum modo fizera Deos, que he o verdadeiro Author de todas as escrituras, (sendo todas ellas, como diz S. Paulo, escritas para nossa doutrina) se naõ fora igual, e ainda mayor a utilidade, que podemos, e devemos tirar do conhecimento das cousas futuras, que da noticia das passadas. E verdadeiramente que se os bens da sciencia se colhem, e conhecem melhor pelos males da ignorancia, achará facilmente quem discorrer pelos successos do mundo desde seu principio atè hoje, que foraõ muito menos os damnos, em que cahiraõ os homens por lhes faltar a noticia do passado, que aquelles que cegamente se precipitaraõ pela ignorancia do futuro.

38 Em consequencia desta verdade, e em consideraçaõ das cousas, que tenho disposto escrever, digo (Leitor Christaõ) que todos aquelles fins, que sabemos teve a Providencia Divina em diversos tempos, lugares, e naçoens para lhes revelar antecedentemente o successo das cousas que estavaõ por vir, concorre com particular influxo nesta nossa historia, e se achaõ juntos nella. Esta he, naõ só a principal razaõ, mas a unica, e total, porque nos sujeitamos ao trabalho de taõ molesto genero de escritura, esperando, que será grato, e aceito a Deos, a quem só pertendemos servir, e entendendo que foraõ vontade, inspiraçaõ, e ainda força suave da mesma Pro-

providencia,

videncia; os impulsos, que a isto (naõ sem alguma violencia) nos leváraõ, para que estes secretos de seu occulto juizo, e conselho se descobrissem, e publicassem ao mundo, e em todo elle produzissem proporcionadamente os effeitos de mudança, melhoria, e reformaçaõ a que saõ encaminhados, e dirigidos. A' mesma Magestade Divina humildemente prostrados diante de seu infinito acatamento, pedimos com todo o affecto de coraçaõ, agora que entramos na mayor importancia desta materia, se sirva de nos communicar aquella luz, graça, e espirito, que para negocio taõ arduo nos he necessario, conhecendo, e confessando que sem assistencia deste soberano auxilio, nem nós saberemos explicar a outros o pouco, que por mercê do Ceo temos alcançado, e conhecido, nem menos poderemos descobrir, e alcançar ao diante o muito, que nos resta por conhecer.

§ II.

Primeira utilidade.

39 O Primeiro motivo, e muy principal, porque Deos costuma revelar as cousas futuras (ou sejaõ beneficios, ou castigos) muito tempo antes de succederem, he para que conheçaõ clara, e firmemente os homens, que todas vem dispensadas por sua maõ. Armase assim a Sabedoria eterna contra a natureza humana sempre soberba, rebelde, e ingrata, ou porque se naõ levante a mayores com os beneficios Divinos, e se beije as mãos a si mesma, como dizia Job; ou porque naõ attribua a cousas naturaes (e muito menos ao caso) os effeitos, que vem sentenciados como castigos por sua justiça,
Genes. 41. *vers.* 1. 2. 3. 4. ou ordenados para mais altos, e occultos fins por sua Providencia. Foraõ mostradas a Faraó em sonhos as sete espigas gradas, e as sete fallidas: as sete vacas fracas, e as
Ib. v. 12. sete robustas: e logo ordenou a Providencia Divina, que estivesse em Egypto hum Joseph, (posto que vendido, e des-

e desterrado) que lhe declarasse o mysterio dos sete annos da fartura, e sete de fome; para que conhecesse o barbaro, que Deos, e naõ o seu adorado Nilo, era o Author da abundancia, e da esterilidade, e que a elle havia de agradecer, no beneficio dos sete annos, o remedio dos quatorze: como na terra do Egypto naõ chove ja mais, e se regaõ, e fertilisaõ os campos com as inundaçoens do rio Nilo, disse discretamente Plinio, que só os Egypcios naõ olhavaõ para o Ceo, porque naõ esperavaõ de lá o sustento, como as outras naçoens.

40 Oh quantos Christãos ha Egypcios, que nem esperando, nem temendo, levantaõ os olhos ao Ceo, e em lugar de reverenciarem em todos os successos a primeira causa, só adoraõ as segundas! Por isso mostra Deos a Faraó tantos annos antes, quaes haõ de ser os da fome, e quaes os da fartura; para que conheça a ignorante sabedoria do Egypto, que os meyos da conservaçaõ, ou ruina dos Reinos a maõ Omnipotente de Deos he, a que os distribue quando saõ, pois só elle os póde determinar antes que sejaõ.

41 Quiz a mesma Providencia, como acima diziamos, tirar o Imperio a Balthazar, e dallo a Darîo, mas appareceo primeiro a sentença escrita no Paço de Babylonia, e houve logo hum Daniel (tambem cativo, e desterrado) que interpretasse ao Rey os mysterios della, para que Balthazar, que perdia o Reino, conhecesse que o perdia, porque Deos lho tirava; e para que Darîo, que o havia de receber, entendesse, que o recebia, porque Deos lho dava. Deos he o que dá, e tira os Reinos, e os Imperios quando, e a quem he servido. E naõ bastaõ, se Deos dispoem outra cousa, nem as armas de Darîo para os adquirir, nem o direito, e herança de Balthazar para os conservar; por isso quer a mesma Providencia Divina, que as sentenças estejaõ escritas antes da execuçaõ, e que haja quem as interprete antes do successo.

Daniel. 5. 5. & 55.

42 Os futuros portentosos do mundo, e Portugal, de que ha de tratar a nossa historia, muitos annos ha que

estaõ

eſtaõ ſonhados; como os de Faraó, e eſcritos como os de Balthazar; mas naõ houve atégora nem Joſeph que interpretaſſe os ſonhos, nem Daniel, que conſtruiſſe as eſcrituras; e iſto he o que eu começo a fazer, (com a graça daquelle Senhor, que ſempre ſe ſerve de inſtrumentos pequenos em couſas grandes) para que conheça o mundo, e Portugal com os olhos ſempre no Ceo, e em Deos, que tudo ſaõ effeitos de ſeu poder, e conſelhos da ſua Providencia: e para que naõ haja ignorancia taõ cega, nem ambiçaõ taõ preſumida, que tire a Deos o que he de Deos, por dar a Ceſar, o que naõ he de Ceſar, attribuindo á fortuna, ou induſtria humana, o que ſe deve ſó á diſpoſiçaõ Divina.

43 Eſtylo foy eſte que ſempre Deos uſou com Portugal, receoſo por ventura de que huma naçaõ taõ amiga da honra, e da gloria lhe quizeſſe roubar a ſua. Quem conſiderar o Reino de Portugal no tempo paſſado, no preſente e no futuro: no paſſado o verá vencido, no preſente, reſuſcitado, e no futuro glorioſo: e em todas eſtas trez differenças de tempos, e eſtylos lhe revelou, e mandou primeiro interpretar os favores, e as mercês taõ notaveis, com que o determinava ennobrecer; na primeira fazendo'o, na ſegunda reſtituindo'o, na terceira ſublimando'o. Antes do naſcimento de Portugal appareceo o meſmo Chriſto a ElRey (que ainda o naõ era) Dom Affonſo Henriques, e lhe revelou como era ſervido de o fazer Rey, e a Portugal Reino; a victoria que lhe havia de dar em batalha taõ duvidoſa; e as armas de tanta gloria com que o queria ſingularizar entre todos os Reinos do mundo. E o Embaixador, e interprete deſte, e de outros futuros, que depois ſe viraõ cumpridos, foy aquelle velho deſconhecido, e retirado do mundo, o Eremitaõ do campo de Ourique; para que conheceſſe, e naõ pudeſſe negar Portugal, que devia a Deos a victoria, e a Coroa, e que era todo ſeu deſde ſeu naſcimento. Antes da ſua reſurreiçaõ, que todos vimos tambem, foy revelado o ſucceſſo della com todas ſuas circumſtancias, naõ

haven-

havendo quem ignoraſſe, ou quem naõ tiveſſe lido, que no anno de quarenta ſe havia de levantar em Portugal hum Rey novo, e que ſe havia de chamar Joaõ. E o interprete deſte futuro, que parecia taõ impoſſivel, e de tantos outros, que logo ſe cumprírað, e vaõ cumprindo, foy a noſſa experiencia; para que conheceſſe outra vez Portugal, que a Deos, e naõ a outrem, devia a reſtituiçaõ da Coroa, que havia ſeſſenta annos lhe cahira da cabeça, ou lhe fora arrancada della. Antes das glorias de Portugal, que he o tempo futuro, e muitos centos, e ainda milhares de annos antes, (como depois moſtraremos) tambem eſtá promettido eſte terceiro, e mais felice eſtado do noſſo Reino, e promettidos juntamente os meyos, e inſtrumentos prodigioſos, por onde ha de ſubir, e ſer levantado ao cume mais alto, e ſublime de toda a felicidade humana: e o interprete deſte ultimo, e glorioſo eſtado de Portugal ja tenho dito quem he, e quam indigno de o ſer, e por iſſo muy proporcionado (ſegundo o eſtylo de Deos) para taõ grande, e difficultoſa empreza; para que até por eſta circunſtancia conheçaõ os Portuguezes, que a meſma maõ Omnipotente, que ha vinte e quatro annos conſerva, e defende taõ conſtante, e victorioſamente o Reino de Portugal, he a que o ha de levantar, e ſublimar ao eſtado feliciſſimo, e glorioſo, que lhe eſtá promettido.

44 Conſiderem agora os Portuguezes, e lêaõ tudo o que daqui por diante formos eſcrevendo, com eſte preſuppoſto, e importantiſſima advertencia, que ſe alguma couſa lhe poderia retardar o cumprimento deſtas promeſſas, ſeria ſó o eſquecimento, ou deſconhecimento do Soberano Author dellas, quando por noſſa deſgraça foſſemos taõ injurioſamente ingratos a Deos, que ou referiſſemos os beneficios paſſados, ou eſperaſſemos os futuros de outra maõ, que a ſua.

45 Prometteo Deos de livrar os filhos de Iſrael do cativeiro do Egypto, como tinha jurado aos ſeus mayores, e de os levar, e meter de poſſe da terra de Promiſ-

 ſaõ;

ſaõ ; e poſto que todos viraõ o cumprimento da primeira promeſſa conſeguindo milagroſamente a liberdade ; e ſacudiraõ ſem ſangue, nem golpe de eſpada a ſujeiçaõ de taõ poderoſo dominio, ſendo com tudo mais de ſeiſcentos mil homens os que triunfáraõ de Faraó, e paſſáraõ da outra parte do mar vermelho ; de todos elles naõ entráraõ na terra de Promiſſaõ, nem chegáraõ a lograr a felicidade, e deſcanço da ſegunda promeſſa, mais que Joſué, e Calef, dous daquelles aventureiros, que eſcolhidos pelos doze Tribus foraõ diante a explorar a terra. Raro exemplo de ſeveridade na miſericordia de Deos, mas bem merecido caſtigo ; porque ſe buſcarmos no Texto Sagrado as cauſas deſtẽ deſvio, e dilaçaõ (a qual durou quarenta annos inteiros, ſendo a diſtancia do caminho breve, e que ſe podia vencer em poucos dias) acharemos que foraõ tres : agora nos ſervem as duas, depois diremos a terceira. A primeira cauſa foy attribuirem a liberdade do cativeiro a Moyſés : aſſim o diſſeraõ no capitulo 32 do
Exod. 32. Exodo : *Moyſi enim huic viro, qui nos eduxit de terra Ægypti, ignoramus quid acciderit.* A ſegunda, e ainda mais ignorante (ſobre impia, e blasfema) foy attribuirem a meſma liberdade ao Idolo, que de ſeu ouro tinhaõ fundido no deſerto : aſſim o diſſeraõ tambem no meſmo
Exod. ib. capitulo, e o apregoáraõ impiamente a altas vozes : *Hi*
verſ. 4. *ſunt Dii tui Iſrael, qui te eduxerunt de terra Ægypti.* Baſta, povo deſcortez, ingrato, e blasfemo, que Moyſés, e o voſſo Idolo foraõ os que vos livráraõ do cativeiro do Egypto ? Por certo que o naõ diſſe aſſim Deos ao meſmo Moyſés, quando lhe deu o officio, e a vara ; e o fez com tanta repugnancia ſua inſtrumento de ſeus poderes :
Ib. cap. 4. *Vidi afflictionem populi mei in Ægypto, & clamorem*
verſ. 7. 8 *ejus audivi, & ſciens laborem ejus deſcendi ut liberem eum de manibus Ægyptiorum, & deducam de terra illa in terram bonam, & ſpatioſam, in terram, quæ fluit lacte, & melle.* Vi, diz Deos, a afflicçaõ do meu povo, e ouvi os ſeus clamores, e porque ſey com quam juſta razaõ ſe queixaõ, deſci em peſſoa a livrallos das mãos dos

Egyp-

Egypcios; e tirallos daquella terra para outra; que lhe hey de dar boa, espaçosa, abundante, e chea de todos os regallos, e delicias. De maneira que quem tirou os filhos de Israel do Egypto foy Deos, e quem fez os portentos, e maravilhas foy Deos, e quem abrio o mar Vermelho, e afogou nelle Faraó, e seus exercitos foy Deos: e os que attribuem as obras de Deos, e os beneficios (de que só a elle se devem as graças) a Moysés, e ao Idolo, naõ merecem ter vida, nem olhos para chegar a ver a terra de Promissaõ; sendo muito justo, e muito justificado castigo, que morraõ, e acabem todos antes de chegar o praso das felicidades; e que pois taõ ingrata, e impiamente interpretáraõ o beneficio da primeira promessa, sejaõ privados de gosar a segunda. Eu naõ nego, que em bom sentido se podia chamar Moyses libertador do cativeiro, como tambem Deos, pelo honrar, lhe dava esse nome: mas nos homens, que deviaõ dar a Deos toda a gloria, (pois toda era sua) referirem-na a Moysés, era descortezia; attribuirem-na ao Idolo, era blasfemia; e naõ a darem a Deos toda, era ingratidaõ summa.

46 Ja Deos, Portuguezes, nos livrou do cativeiro; ja por mercê de Deos triunfamos de Faraó, e do poder de seus exercitos, ja os vimos, naõ huma, mas muitas vezes afogados no mar vermelho de seu proprio sangue: himos caminhando pelo deserto para a terra de Promissaõ, e póde ser que estejamos ja muito perto della, e do ultimo cumprimento das promettidas felicidades. Se ha algum taõ invejoso dos bens da patria, e taõ inimigo de si mesmo, que queira retardar o curso de taõ prospera, e felice jornada, e acabar infelicemente ainda antes de ver o fim desejado della, negue a Deos o que he de Deos, e attribua a liberdade, as victorias, e o cumprimento das primeiras promessas que temos visto, ou a Moysés, ou ao Idolo: quem refere a gloria dos bons successos ao seu valor, à sua sciencia militar, ao seu braço, ao seu talento, dá a gloria de Deos ao Idolo: por isso se vos escrevem aqui essa mesma liberdade, essas mesmas

victorias, e eſſes meſmos ſucceſſos; aſſim os que ja ſe viraõ, como os que reſtaõ para ſe ver tantos annos antes revelados por Deos; para que conheça por noſſa confiſſaõ todo o mundo, que ſaõ miſericordias ſuas, e naõ obras do noſſo poder; e para que nós como effeitos da Providencia, da Bondade, e Omnipotencia Divina, a Deos ſó as refiramos todas, e a Deos ſó louvemos, e demos as graças. Os inimigos que mais temo a Portugal, ſaõ ſoberba, e ingratidaõ, vicios taõ naturaes da proſpera fortuna, que como filhos da vibora juntamente naſcem della, e a corrompem. A humildade, e agradecimento, a deſconfiança de nòs, a confiança em Deos, e o zelo, e deſejo puriſſimo de ſua gloria dando-lha em tudo, e por tudo, ſempre ſaõ os meyos ſeguros, que nos haõ de ſuſtentar, levar, e meter de poſſe daquellas ſegundas promeſſas. E eſte conhecimento taõ grato a Deos, que aprendemos nas noticias de ſeus futuros, he o primeiro fruto, e utilidade que da liçaõ deſta noſſa hiſtoria ſe póde tirar; taõ importantemente para a vida, como para a viſta.

Breve advertencia aos incredulos.

47 MAs antes que paſſemos ás outras Utilidades, que ficaráõ para os Capitulos ſeguintes; juſto ſerá que fechemos eſte com a terceira cauſa do caſtigo, que ponderavamos, a qual refere o Texto ſagrado no Capitulo quatorze dos Numeros, e póde ſer de grande exemplo para outra caſta de gente, que ſaõ os que a Eſcritura chama filhos da deſconfiança. Chegados os doze exploradores da terra de Promiſſaõ, concordáraõ todos na largueza, bondade, e fertilidade da terra, mas excepto Joſué, e Calef, que facilitáraõ a conquiſta, e animavaõ o povo a ella: os outros conformemente inſtavaõ que era impoſſivel aſſim pela fortaleza, e ſitio das Cidades, como pela valentia, forças, e corpulencias dos homens, que comparados com os Hebrêos (diziaõ elles) pareciaõ Gigantes. Em fim prevaleceo o numero

con-

contra a razaõ, (como as mais vezes ſuccede) deliberou o povo eleger Capitaõ, e voltarſe com elle ao cativeiro do Egypto; naõ baſtando a experiencia de tantas victorias paſſadas, e de tantos ſucceſſos, e prodigios inauditos, e ſobre tudo as promeſſas Divinas taõ repetidamente inculcadas, de que Deos os havia de meter de poſſe daquella terra, para crerem, e confiarem, que aſſim havia de ſer. Eſta taõ covarde incredulidade foy a ultima, ou a ultima da ſem razaõ, com que acabou de ſe apurar a paciencia Divina. E reſoluto Deos a naõ ſoffrer mais tal gente, nem os perdoar, ou diſſimular, como até alli tinha feito, reſolveo que foſſe executada nelles a ſentença de ſua propria incredulidade; e pois criaõ, que Deos os naõ havia de meter de poſſe da terra de Promiſſaõ, que nenhum delles entraſſe nella, nem a viſſe, e que todos morreſſem primeiro, e foſſem ſepultados naquelle deſerto: aſſim o diſſe, e aſſim ſe executou. As palavras da queixa de Deos, e da ſentença foraõ eſtas: *Uſquequò detrahet mihi populus iſte? Quouſque non credent mihi in omnibus ſignis, quæ feci coram eis? Vivo ego, ait Dominus: ſicut locuti eſtis audiente me, ſic faciam vobis. In ſolitudine hac jacebunt cadavera veſtra: non intrabitis terram, ſuper quam levavi manum meam, ut habitare vos facerem.* *Num. cap. 14. verſ 11. 28. 29. 30.*

48 Lêaõ, e pezem bem eſtas palavras de Deos os incredulos, e deſanimados (vicios ambos, naõ ſey ſe de pouco, ſe de máo coraçaõ) e vejaõ o perigo, em que os póde meter, ou tem metido a ſua incredulidade: *Sicut locuti eſtis, ſic faciam vobis.* Os que pela experiencia do que tem viſto crem o que eſtá promettido, velo-haõ; porque ſaõ dignos de o verem: os que naõ crem, ou naõ querem crer, a ſua meſma incredulidade ſerá a ſua ſentença; ja que o naõ creraõ, naõ o veraõ: diz Santo Agoſtinho (cujas excellentes palavras adiante citaremos) que depois de cumprida huma parte das promeſſas, naõ crer que ſe haõ de cumprir as outras, he naõ ſó pertinacia de incredulidade racional, ſenaõ crime de ingratidaõ

gran-

grande contra o Divino Author dos mesmos beneficios: e a estes incredulos, e ingratos castiga justissimamente sua Providencia, com que naõ cheguem a ver, nem gozar o que naõ querem crer de sua bondade: *Quousque non credent mihi in omnibus signis, quæ feci coram eis?*

49 Antes da experiencia das primeiras maravilhas; alguma desculpa parece que podia ter a incredulidade na fraqueza do receyo, e desconfiança humana: mas depois de cumpridas, e vistas com os olhos tantas cousas, taõ grandes, taõ maravilhosas, e taõ raras, naõ crer ainda as que estaõ por vir, he rebeldia de ingratidaõ, e dureza da incredulidade, merecedoras ambas de que Deos as castigue com se conformar com ellas: *Sicut locuti estis, sic faciam vobis.* Quem quizer saber (segundo o estylo ordinario da Justiça, e Providencia Divina) se ha de chegar a ver as felicidades, que debaixo de sua palavra aqui lhe promettemos, examine o seu coraçaõ, e consulte a sua fé: do nosso proprio coraçaõ nos corta Deos a sentença, e de nossas proprias palavras a fórma: *Ex ore tuo*
Luc 19 22. *te judico.* Aos que crem, como ao Centuriaõ diz Christo: *Sicut credidisti, fiat tibi.* E aos que naõ crem como
Matth. 9. 13. os Israelitas do deserto, diz Deos: *Sicut locuti estis, sic faciam vobis.* Quem cre que se haõ de cumprir aquellas taõ felices promessas, para elle será o vêllas, e gozallas: *Sicut credidisti, fiat tibi.* E quem naõ cre que se haõ de cumprir, será tambem para elle naõ gozallas, nem vêllas. He ley da liberalidade de Deos pagar a fé com a vista; por isso havemos de ver no Ceo os mysterios, que naõ vemos na terra. E este estylo, que Deos costuma guardar na gloria da outra vida, guarda tambem ordinariamente nas felicidades desta, quando as tem promettido: os que as crem teraõ vida para as verem; os que as naõ crerem morreráõ para que as naõ vejaõ: assim o sentenciou o mesmo Deos outra vez em similhante caso por
Habac. cap. 2. vers. 4. boca do Profeta Habacuc: *Ecce qui incredulus est, non erit recta anima ejus in semetipso, justus autem in fide sua vivet.* O incredulo (diz Deos) nem terá a vida segura;

ra; e ao que crê, a ſua meſma fé lhe conſervará a vida. Aſſim ſuccedeo, porque na guerra, que Nabucodonoſôr fez a Jeruſalem, os que creraõ aos Profetas, com ElRey Iconias viveraõ; e os que naõ quizeraõ crer, com ElRey Sedecias parecèraõ; quem naõ cre, deſmereçe a viſta, e para que naõ chegue a ver, tira-lhe Deos a vida. Olhem por ſi os incredulos, e ſe naõ crem que havemos de ver, creaõ que naõ haõ de viver: *Si non credideritis, non permanebitis*: diz o Profeta Iſaías.

CAPITULO V.

Segunda Utilidade.

50 A Segunda Utilidade deſta hiſtoria, e mais neceſſaria aos tempos proximos, e preſentes, he a paciencia, conſtancia, e conſolaçaõ nos trabalhos, perigos, e calamidades, com que ha de ſer affliɛto, e purificado o mundo, antes que chegue a eſperada felicidade. Quando o lavrador quer plantar de novo em mata brava, mete primeiro o machado, corta, derruba, queima, arranca, alimpa, cava, e depois planta, e ſemêa. Quando o architeɛto quer fabricar de novo ſobre edificio velho, e arruinado, tambem começa derrubando, desfazendo, arrazando, e arrancando até os fundamentos, e depois ſobre o novo alicerſe levanta nova traça, e novo edificio; aſſim o faz, e fez ſempre o Supremo Creador, e Artifice do mundo, quando quiz plantar, e edificar de novo. Aſſim o diſſe, e mandou notificar a todo o mundo pelo Profeta Jeremias no Capitulo 10. *Ecce conſtitui te hodie ſuper gentes, & ſuper regna, ut evellas, & deſtruas, & diſperdas, & diſſipes, & ædifices, & plantes.* Jerem. cap. 1. num. 1. O' gentes, ó Reys, ó Reinos, quanto arrancar, quanto deſtruir, quanto perder, quanto diſſipar ſe verá em voſſas terras, campos, e Cidades, antes que a Deos vos replante, e redeedifique, e ſe veja reſtaurado o Univerſo? Maravilha he, que ha muitos annos eſtá promettida

tida para esta ultima idade do mundo por aquelle Supremo Monarcha, que tem por assento o throno de todo elle:
Apoc. 2. 5. *Et dixit, qui sedebat in throno, ecce nova facio omnia.* E porque ninguem o duvidasse, como cousa taõ nova, e desusada, accrescenta logo o Evangelista Profeta: *Hæc verba fidelissima sunt, & vera.* Se deste trabalho, e castigo póde tambem caber alguma parte a Portugal, e se he elle hum dos Reinos da Christandade, que merece ser muy renovado, e reformado, o mesmo Portugal o examine, e elle mesmo, se se conhece, o julgue, lembrando-lhe que está escrito, que o juizo, e exemplo de Deos ha de começar por sua casa: *Judicium incipiet à domo Dei.* Mas ou sejaõ para Portugal, ou para o resto do mundo, ou para todos, (como he mais certo) nenhuma cousa poderáõ ter os homens de mayor consolaçaõ, alivio, nem remedio para o soffrimento, e constante firmeza de taõ fortes calamidades, do que a liçaõ, e condiçaõ desta Historia do Futuro, naõ pelo que ella tem de nossa; mas pelas Escrituras originaes, de que foy tirada. Este he o fim, diz S. Paulo, e o fruto muito principal para que ellas se escrevéraõ: *Quæcumque scripta sunt, ad nostram*
Rom. 15. 4. *doctrinam scripta sunt, ut per patientiam, & consolationem Scripturarum spem habeamus.* A liçaõ das Escrituras, do conhecimento, e fé das cousas futuras, he a que, mais que tudo, nos póde consolar nos trabalhos, porque a paciencia tem a sua consolaçaõ na esperança, a esperança tem o seu fundamento na fé, e a fé nas Escrituras.

51 Que mayor trabalho, ou perigo póde sobrevir a huma Republica, que vêrse cercada, e combatida por todas as partes de poderosissimos inimigos, só, e desamparada, e sem amigo, nem aliado, que a soccorra? Neste estado se viraõ muitas vezes no tempo de seu governo os Machabêos, de que Deos sempre os livrou com maravilhosas victorias, e assistencias do Ceo, pelas quaes lhes naõ foy necessario valerem-se da confederaçaõ que naquelle tempo tinhaõ com os Romanos, e Esparciatas: e dando conta disto aos mesmos Esparciatas Jona-

thas;

thas, que entaõ governava o povo, diz assim em huma Epistola: *Nos cum nullo horum indigeremus, habentes solatio sanctos libros, qui sunt in manibus nostris, maluimus mittere ad vos renovare fraternitatem, & amicitiam.* Mandamos renovar por este nosso Embaixador (diz Jónathas) a antiga amizade, è confederaçaõ, que comvosco fizeraõ nossos Mayores, naõ porque tenhamos necessidade della, e dos vossos soccorros, posto que naõ nos faltaõ inimigos, guerras, oppressoens, e trabalhos; mas temos sempre em nossas mãos os livros santos, em que lemos as promessas Divinas, e com elles, e com ellas nos consolamos, e animamos a resistir, pelejar, e vencer, como temos vencido, e vencemos a todos nossos inimigos. No Capitulo oitavo se verá que sem atrevimento, ou demasiada confiança podemos chamar a esta nossa Historia do Futuro, Livro santo, se houver (como ha de haver primeiro) trabalhos, perigos, oppressoens, tribulaçoens, assolaçoens, e todo o genero de calamidades, miserias, e açoutes, com que Deos costuma castigar, emendar, e domar a rebeldia dos coraçoens humanos. 1. Machab. 12. 9.

52 Para esta occasiaõ, e taõ apertada, sahe a luz, e se offerece ao mundo este livro santo, no qual acharáõ os afflictos alivio, os tristes consolaçaõ, os atribulados remedio, os combatidos soccorro, os desconfiados esperança, paciencia, constancia, e fortaleza, tudo por meyo da liçaõ, e fé das Divinas promessas, e consolaçaõ dos felicissimos fins, a que todos estes trabalhos, e tribulaçoens pela Providencia do Altissimo saõ ordenadas.

53 He cousa muito digna de notar, que nunca no povo de Israel concorreraõ tantos Profetas juntos, como antes do cativeiro de Babylonia, e no mesmo cativeiro. Antes do cativeiro profetizaraõ por sua ordem Oséas, Isaías, Joél, e Amós: no cativeiro profetizou Michéas, Habacûc, Jeremias, Ezechiel, Daniel, e Sophonias. De maneira, que sendo só doze os Profetas Canonicos, os dez delles tivéraõ por assumpto, e materia muito prin-

cipal de todas ſuas profecias o cativeiro de Babyloniá. Os quatro primeiros, que eſcrevèraõ mais de ſeis annos antes daquelle tempo, profetizàraõ que o povo por ſeus peccados havia de ir cativo, mas que por miſericordia de Deos ſeria depois reſtituido á ſua patria. Os outros ſeis, que profetizáraõ no tempo do cativeiro, inſiſtiraõ conſtantemente em que elle havia de ter fim, determinando ſinaladamente o anno da liberdade. A razaõ deſte concurſo taõ extraordinario de Profetas, e profecias (nunca antes, nem depois viſto) foy, porque nunca o povo, e Reino de Judá padeceo taõ grande trabalho, e calamidade como o cativeiro, ou tranſmigraçaõ de Babylonia; ſendo cativos, prezos, e deſpojados de ſeus bens, arrancados da patria, e levados a terras de barbaros, e lá opprimidos, e tratados como eſcravos, em duriſſima ſervidaõ. Ordenou pois a Providencia, e Miſericordia Divina que naquelle tempo, e eſtado taõ calamitoſo, houveſſe muitos Profetas, e muitas profecias; huns, que as tiveſſem eſcrito no tempo paſſado, e outros, que as prégaſſem no preſente, para que o povo naõ deſmayaſſe com o pezo da afflicçaõ, e animado com a eſperança da liberdade pudeſſe com o trabalho do cativeiro. O cativeiro, e o tyranno os opprimiaõ: os Profetas, e as profecias os alentavaõ. Cantavaõ-ſe as profecias ao ſom das cadêas, e com a brandura deſte ſom os ferros ſe tornavaõ menos duros, e os coraçoens mais fortes.

54 Foy muy particular neſte caſo entre todos os outros Profetas o zelo, e diligencia de Jeremias, porque tendo ficado em Jeruſalem, onde padeceo grandes trabalhos, prizoens, e perigos da vida por prégar, e profetizar a verdade, (pela qual finalmente morreo apedrejado) no meyo deſtas oppreſſoens, e perigos proprios, naõ eſquecido dos alheyos, antes muy lembrado do que padeciaõ os deſterrados de Babylonia, eſcreveo hum livro das ſuas profecias, em que por termos muito claros, e palavras de grande conſolaçaõ, lhes annunciava a liberdade, e o tempo della, como ſe póde ver no Capitulo 29 do

do mesmo Profeta. Levou este livro a Babylonia o Profeta Barûch, companheiro de Jeremias; leo-se em presença delRey Iconias, e publicamente de todo o povo; que com elle vivia no cativeiro; e nota o mesmo Barûch que todos com grande alvoroço corriaõ ao livro: assim o diz no primeiro Capitulo da Relaçaõ, que fez desta jornada, e anda no Texto Sagrado junta com as obras de Jeremias: *Et legit Baruch verba libri hujus ad aures Jechoniæ filii Joachim Regis Judá, & ad aures universi populi venientis ad librum.* *Baruch. c. 1. vers. 3.*

55 Naõ sey se terá a mesma fortuna, e se será recebido, e lido com o mesmo animo, e affecto este nosso livro da Historia do Futuro: mas sey, que nos trabalhos, calamidades, e afflicçoens, que ha de padecer o mundo, e póde ser cheguem tambem a Portugal, nem Portugal, nem o mundo poderá ter outro alivio, nem outra consolaçaõ mayor, que a frequente liçaõ, e consideraçaõ deste livro, e das profecias, e promessas do futuro, q̃ nelle se veraõ escritas: ao menos naõ negarà Portugal, que no tempo da sua Babylonia, e do cativeiro, e oppressoens, com que tantas vezes se vio taõ mal tratado, e apertado, nenhuma outra appellaçaõ tinha a sua dor, nem outro alivio, ou consolaçaõ a sua miseria, mais que a liçaõ, e interpretaçaõ das profecias, e a esperança da liberdade, e do anno della, e do termo, e fim do cativeiro, que nellas se lia. Lia-se na carta, e tradiçaõ de S. Bernardo, que quando Deos alguma hora permittisse que o Reino viesse a mãos, e poder de Rey estranho, naõ seria por espaço mais que de sessenta annos. Lia-se no juramento del-Rey D. Affonso Henriques, e na promessa do Santo Eremitaõ, que na decima sexta geraçaõ attenuada, poria Deos os olhos de sua misericordia no Reino. Lia-se nas celebres tradiçoens de Gregorio de Almeida no seu Portugal Restaurado, que o tempo desejado havia de chegar, e as esperanças delle se haviaõ de cumprir no anno final do de quarenta: e no concurso de todas estas profecias se consolava, e animava Portugal a ir viven-

do, ou durando até ver o cumprimento dellas.

56 Fallando no meſmo cativeiro de Babylonia o meſmo Profeta Iſaías, e do alivio, e conſolaçaõ, que com ſuas profecias haviaõ de ter em ſeus trabalhos aquelles cativos, diz com igual brandura, e eloquencia eſtas no-
Iſai. 61. 7. taveis palavras: *Spiritus Domini ſuper me, ut mederer*
34; *contritis corde & prædicarem captivis indulgentiam, & annum placabilem Domino, ut conſolarer omnes lugentes, & darem eis coronam pro cinere, oleum gaudij pro luctu.* Deſceo ſobre mim o Senhor, e ungio-me com ſeu eſpirito, diz Iſaías, para que como Medico dos afflictos cativos de Babylonia, curaſſe com o alento de minhas promeſſas, e profecias a triſteza, e deſmayo de ſeus coraçoens: e declarando mais em particular os remedios cordeaes que lhes applicava, aponta nomeadamente dous, que mais parecem receitados para o noſſo cativeiro, que para o de Babylonia. O primeiro era hum anno de indulgencia, e redempçaõ, em que o cativeiro ſe havia de acabar: *Et prædicarem captivis indulgentiam, annum placabilem Domino.* O ſegundo era huma coroa trocada pelas antigas cinzas, com que os luctos, e triſtezas paſſadas ſe converteſſem em feſtas, e alegrias: *Et darem eis coronam pro cinere, oleum gaudij pro luctu.* Aſſim o liaõ os cativos de Babylonia nas ſuas profecias; e aſſim o liamos nós tambem nas noſſas; e aſſim como elles naõ tinhaõ outro remedio na ſua dor ſenaõ a eſperança daquelle deſejado anno, e a mudança daquella promettida coroa; aſſim nós com os olhos longos no ſuſpirado anno de quarenta, e na eſperada Coroa do novo Rey Portuguez aliviámos o pezo de noſſo jugo, e conſolavamos a pena do noſſo cativeiro: e pois eſte remedio das profecias foy taõ preſente, e efficaz para os trabalhos paſſados, razaõ tenho eu (e razaõ ſobre a experiencia) para eſperar, e confiar que o ſerá tambem para os futuros. Eu naõ prometto, nem eſpero infortunios a Portugal, mas, ou ſejaõ de Portugal, ou da Chriſtandade, ou do mundo, os que póde cauſar nelle a neceſſidade, ou a adverſidade

dos

dos tempos, para todos lhes prometto este remedio: melhor he que sobejem os remedios á cautella, do que faltem á Providencia.

57 E porque naõ pareça que argumento só de casos, e profecias de tempos antigos, sejaõ os casos, e profecias proprias dos nossos tempos, e escritas só para elles.

58 Ninguem ignora que as profecias do Apocalypse, (e mais ainda as que estaõ por cumprir) saõ proprias dos tempos, que hoje correm, e haõ de parar no fim do mundo: assim o dizem Padres, e Expositores, e nós o mostraremos em seu proprio lugar. Mas a que fim, pergunto, ordenou a Providencia Divina, que S. Joaõ tivesse aquellas revelaçoens, e escrevesse aquellas profecias? He pergunta esta, de que foy respondida Santa Brizida, como se lé no livro sexto de suas Revelaçoens. Querendo Christo, por particular favor, que a Santa ouvisse a reposta da boca do mesmo Profeta, appareceo alli S. Joaõ, e disse desta maneira: *Tu, Domine, inspirasti mihi mysteria ejus, & ego scripsi ad consolationem futurorum, ne fideles tui propter futuros casus everterentur.* Vós, Senhor, me revelastes aquelles mysterios, e eu escrevi as profecias delles para consolaçaõ dos vindouros, e para que os vossos fieis com os casos futuros se naõ perturbem, antes confirmados com as mesmas profecias, estejaõ nelles constantes. *Revelat. S. Birgit. l. 6.*

59 Este he o fim (posto que naõ só este) porque Deos revela as cousas futuras, e porque os Profetas antigos, e o ultimo de todos, que foy S. Joaõ, as escrevèraõ; para que se veja quam justa, e quam util he, e quam confórme com a vontade, e intento de Deos a diligencia, com que eu me disponho, e o trabalho de escolher entre todas as profecias, que pertencem a nossos tempos, e de as ajuntar, ordenar, e tirar a luz para o beneficio publico. E porque o fruto deste beneficio se póde colher nas novidades, que promette este mesmo anno em que somos entrados, applicando o remedio á ferida, ou aos ameaços della, digo assim com o Profeta

Amòs;

Amós *vers.* 3. 8. Amós: *Leo rugiet; quis non timebit? Dominus Deus locutus est, quis non prophetabit?* Está o Leaõ bramindo? Sim está; pois agora he o tempo de se ouvirem as profecias, e de se saber, e publicar o que Deos tem dito: *Dominus Deus locutus est, quis non prophetabit?* Fallem todos nas profecias, e entendaõ nas todos, pratiquem'nas todos, que agora he o tempo. Quando os bramidos do Leaõ se ouvirem em suas caixas, e trombetas, soe tambem em nossos ouvidos por cima de todas ellas, o trováõ de nossas profecias: assim lhe chamey, porque saõ voz do Ceo. *Leo rugiet, quis non timebit?* Quando bramir o Leaõ, quem naõ tremerà? Responderáõ com razaõ os nossos soldados, que naõ temeráõ aquelles que tantas vezes o tem vencido: que naõ temerá Portugal, que he o Sansaõ, que tantas vezes o tem desqueixado: que naõ temerá Portugal; que he o Hercules, que tantas vezes se tem vestido de seus despojos: que naõ temerá Portugal, que he o David, que tantas vezes lhe tem tirado das garras os seus cordeiros: esta he a reposta do valor, e esta póde ser tambem a da arrogancia, de que Deos se naõ agrada. Naõ confie Portugal em si, porque se naõ offenda Deos; confie sò no mesmo Deos, e em suas promessas, e pelejará seguro. Oh! que bem armados esperaráõ o Leaõ na campanha os nossos soldados, se tiverem nas mãos as armas, e no coraçaõ as profecias! *Leo rugiet, quis non prophetabit?* Estas saõ as trombetas do Ceo, de cujo som tremem os muros de Jericó, e a cuja bateria nenhuma fortaleza resiste.

60 Mas se acaso (que póde ser) houver algum successo adverso, (que tambem depois do milagre de Jericó houve nos campos de Hay) naõ perca Josué, nem seus soldados o animo; recorraõ a Deos, e a suas promessas, que por isso nos tem prevenido com ellas. Costuma a Providencia Divina começar suas maravilhas por effeitos contrarios, ou para provar nossa fé, ou para mais exaltar sua Omnipotencia: elle póde mais que todos os poderes huma-

humanos, e só huma cousa naõ póde, que he faltar ao que tem promettido. Deixou Christo aos Discipulos lutar com a tempestade na primeira vigia, na segunda naõ lhes acodio, nem na terceira, e quando na quarta, depois de os atemorisar com fantasmas, os soccorreo com sua presença, ainda entaõ os reprehendeo de pouca confiança. Escureça-se a noite, brame o mar, rompa-se o Ceo, enfureçaõ-se os ventos, que Deos ha de acodir por sua palavra, seguro está o Reino, em que elle, e a palavra de Deos correm o mesmo perigo. *Matt, 14. 25.*

CAPITULO VI.

Terceira Utilidade

61 FInalmente (e he a terceira, e naõ menor Utilidade desta historia) lendo os Principes da Christandade, e mais particularmente aquelles, que forem, ou estaõ ja escolhidos por Deos para instrumentos gloriosos de taõ singulares maravilhas, e maravilhosas felicidades: lendo, digo, no discurso da Historia do Futuro as victorias, os triunfos, as conquistas, os Reinos, as Coroas, e o dominio, e sujeiçaõ de naçoens tantas, e taõ dilatadas, que lhe estaõ promettidas, na fé, e confiança das mesmas promessas se atreveráõ animosamente a emprendellas, sendo certo, que medidas só as forças da potencia humana, sem ter por fiador a palavra Divina, nenhuma razaõ haveria no mundo, que se atrevesse a aconselhar, nem ainda temeridade, que se arrojasse a emprender a desigualdade de tamanhas guerras, e a desproporçaõ de taõ immensas conquistas. Mas as promessas, e as disposiçoens Divinas, antecedentemente conhecidas na previsaõ do futuro, tudo facilitaõ, e a tudo animaõ.

62 Para testimunho desta taõ importante verdade, e alento dos que a lerem, porey aqui hum só exemplo de guerras, outro de conquistas, mas hum, e outro os mayores, que até hoje se víraõ no mundo.

63 Tinhaõ vindo ſobre o povo de Iſrael os exercitos dos Filiſteos com trinta mil carros de guerra, e tanta multidaõ de ſoldados, que naõ ſó compára a Eſcritura Sagrada o numero delles com o da arêa do mar, ſenaõ com a arêa muita: *Sicut arena, quæ eſt in littore maris, plurima.* Os Iſraelitas reconhecendo ſua deſigualdade para reſiſtir a taõ ſuperior, e exceſſivo poder, diz o meſmo Texto, que ſe tinhaõ eſcondido pelas brenhas, pelas montanhas, pelas covas, pelas grûtas, pelas ciſternas, e por todos os outros lugares mais occultos, e ſecretos, que ſabe inventar o medo, e a neceſſidade.

1.Reg.13.5

64 Neſte eſtado de horror, e miſeria ſahe de noite o Principe Jónathas, filho de ElRey Saul, traſa de conſultar a Deos por hum modo de Oraculo, ou ſórte, a que os Hebrêos chamavaõ Phurim; pela qual a Providencia Divina naquelle tempo coſtumava reſponder, e ſignificar os ſucceſſos futuros, e encaminhando para os alojamentos do inimigo, diſſe aſſim ao ſeu pagem da lança, que ſó o acompanhava: Se quando formos ſentidos do exercito dos Filiſteos, diſſerem as ſentinellas, (Eſperay por nós) he ſignal, que reſponde Deos, que paremos, e que naõ convem accommetter; mas ſe as ſentinellas diſſerem (Vinde para cá) he ſignal, que reſponde Deos, que accommettamos, porque os tem entregues em noſſas mãos, e que havemos de prevalecer contra elles: ajuſtados os ſignaes neſta fórma, proſeguíraõ ſeu caminho, chegáraõ perto, e foraõ ſentidos: as ſentinellas que deraõ fé dos dous vultos, falláraõ entre ſi concordando em que eraõ Hebrêos dos que eſtavaõ metidos pelas covas, levantáraõ a voz, e diſſeraõ para elles: Vinde cá, que temos certa couſa que vos dizer. Naõ foy neceſſario mais, para que Jónathas entendeſſe a repoſta do Divino Oraculo interpretando-a (como verdadeiramente era) confórme o ſignal, que tinha pôſto; e na fé, e confiança deſta profecia, tendo por ſem duvida que havia de vencer, avança animoſamente as terras dos Filiſteos, começa elle, e o companheiro a matar nos inimigos, toca-ſe arma, creſ-

ce a confusaõ, perturbaõ-se os arrayaes; trava-se huma brava peleja dos mesmos Filisteos, huns contra os outros, cuidando que eraõ os soldados de Saúl, fogem, atropellaõ-se, mataõ se: sahem das covas os Israelitas, seguem os Filisteos fugitivos, e voltaõ carregados de despojos: conhecem-se em fim com immortal gloria de Jónathas os Authores de taõ estupenda façanha, bastando só dous homens armados da confiança de huma profecia, para porem em fugida o mais poderoso exercito, e alcançarem a mais desigual, e prodigioza victoria.

65 A mayor, e mais nobre conquista, que até hoje se intentou, e conseguio no mundo, foy a famoza de Alexandre Magno: o homem, que a emprendeo, era o mayor Capitaõ que creou a natureza, formou o valor, aperfeiçoou a arte, e acompanhou a fortuna; mas se naõ fora ajudado da profecia, nem elle se atrevèra ao que se atreveo, nem obrára, e levára ao cabo o que obrou. Bem sey que no dia em que nasceo Alexandre, ardeo o famosissimo Templo de Diana Ephesina, onde prognosticáraõ os Magos, que naquelle dia entrara no mundo quem havia de ser o incendio de toda Asia. *A Lapid. in Daniel 2. 29. §. 12. 5.*

66 Tambem sey, que a quem desatasse o nò Gordiano, que Alexandre cortou com a espada, estava promettido pelos Oraculos de Apollo Delphico o Imperio de todo o Oriente; mas naõ chamo eu a isto profecias, nem assento consideraçoens, e verdades taõ serias sobre fundamentos de taõ pouca subsistencia, como saõ os vaticinios da gentilidade.

67 Conta Josepho no livro 11. de suas Antiguidades, que entrando Alexandre em Jerusalem, sahio ao receber fóra do Templo o Summo Sacerdote Jaddo, revestido nos ornamentos Pontificaes, e que Alexandre vendo-o se lançara a seus pés, e o adorára; e perguntado pela causa de taõ desusada reverencia, taõ alheya de sua grandeza, e Magestade, respondeo, que elle naõ adorára aquelle homem, senaõ nelle a Deos, porque reconhecera que aquelle era o habito, o ornato, e a re- *Joseph. antiquit. 11. c. 8.*

preſentaçaõ, em que Deos lhe tinha apparecido em Dio; Cidade de Macedonia, e exhortando-o a que emprendeſſe a conquiſta da Perſia, que naquelle tempo meditava, lhe ſegurára a victoria.

68 As palavras de Alexandre (que he bem ſe veja a ſua formalidade) ſaõ as ſeguintes: *Non hunc adoravi, ſed Deum, cujus Principatus Sacerdotij functus eſt, nam per ſomnium in hujuſmodi eum habitu conſpexi adhuc in Dio Civitate Macedoniæ conſtitutus: dumque mecum cogitaſſem poſſe Aſiam vincere, incitavit me, ut nequaquam negligerem, ſed confidenter tranſirem: nam ſuperducturum meum exercitum dicebat, & Perſarum traditurum potentiam: ideoque neminem alium in tali ſtola videns cum hunc advertiſſem, habens viſionis, & probationis nocturnæ memoriam ſalutari, exinde arbitror Divino vivamine me directum. Dariumque vixiſſe, virtutemque ſolviſſe Perſarum: propterea & ea, quæ meo corde ſperantur, proventura confido.*

a Lapid. in argument. libri Sapientiæ. §. Jam. ut proximus

69 No meſmo Templo de Jeruſalem refere tambem Joſepho que foraõ moſtradas a Alexandre as profecias de Daniel, particularmente aquella do Capitulo oitavo. Conta alli o Profeta, que vio dous animaes do campo; hum o mayoral das ovelhas, com dous cornos muito fortes; outro o mayoral das cabras com hum ſó corno entre os olhos, (o qual depois de quebrado ſe dividio em quatro) e que eſte ſegundo animal correndo da parte do Occidente contra o primeiro, ſem pôr os pés na terra o inveſtira, e derrubara, e metèra debaixo dos pés. Neſtas duas figuras he certo que eſtava profetizado, na primeira o Imperio dos Perſas, e Médos, (como explicou o Anjo a Daniel) por iſſo tinha a teſta dividida em dous cornos. Na ſegunda o Imperio dos Gregos, que no principio eſteve unido em huma ſó peſſoa, que foy Alexandre, e depois de ſua morte ſe dividio em quatro, que foraõ os quatro Reinos, em que elle o repartio entre ſeus Capitaens. Sahio pois Alexandre da parte Occidental, que he a Macedonia, e ſem pôr os pés na terra pela velocidade;

Daniel. 8.

locidade, com que vencia, e sujeitava tudo, investio, derrubou, e meteo debaixo dos pés o Imperio dos Persas, e Médos, acabando de se cumprir a profecia na ultima batalha do Tigranes, em que venceo, e desbaratou de todo os exercitos de Dario, e tomou, ou se deixou saudar com o nome de Imperador da Asia.

70 Naõ parou aqui Alexandre; porque naõ pararáõ aqui as profecias de Daniel na visaõ dos quatro animaes referida no Capitulo setimo. O terceiro era Alexandre significado no Leopardo com quatro azas. Na visaõ da estatua de Nabuco referida no Capitulo segundo. O terceiro dos metaes, que era o bronze significava tambem o Imperio de Alexandre, e diz alli o Profeta que reinaria, e se faria obedecer de todo o mundo: *Et Regnum tertium aliud æreum, quod imperabit universæ terræ.* Em seguimento, e confiança destas profecias partio Alexandre victorioso para a conquista, que lhe restava do mundo Oriental, o qual sujeitou, e unio todo a seu Imperio passando o Tauro, e o Caucaso, e chegando até os fins do Ganges, e prayas do mar Indico, que eraõ entaõ as ultimas da terra, onde Hercules, e o Padre Libero as tinhaõ collocado.

Daniel. 7. A Lapid. hìc ad vers. 16 §. Et ecce Daniel. 2. 39. §. Et Regnum tertium.

71 Mas foraõ ainda mais em numero, e grandeza as naçoens, que venceo, e sujeitou Alexandre com a fama; mais que com a espada, porque entrando da volta desta jornada em Babylonia, achou nella os Embaixadores de Africa, de Carthago, Hespanha, Gallia, Italia, Sicilia, Sardenha, as quaes Provincias em obsequio, e reconhecimento de sua potencia se lhe mandáraõ sujeitar, e entregar espontaneamente, e entre ellas os mesmos Romanos, (nome ja naquelle tempo famoso no mundo) como he Author Clitarcho referido, e louvado por Plinio no livro terceiro da historia natural. Tudo certifica ainda com palavras mayores o mesmo Texto Sagrado no exordio do primeiro livro dos Machabêos, dizendo: *Alexander, qui primus regnavit in Græcia, percussit Darium Regem Persarum, & Medorum, constituit & prælia mul-*

1. Machab. cap. 1 vers. 1. 2. 3.

ta, obtinuit omnium munitiones, interfecit Reges terræ, pertransiit usque ad fines terræ, accepit spolia multitudinis gentium, & siluit terra in conspectu ejus.

72 Porém o que mais admira nas conquistas, e victorias de Alexandre, he a desigualdade do poder, e o limitado apparato de guerra, com que entrou em taõ immensa empreza; porque, como refere Plutarcho, e o prova com graves Authores, sahio de Macedonia com menos de quarenta mil homens, bastimentos só para trinta dias, e com setenta talentos para estipendios, que fazem na nossa moeda quarenta e dous mil cruzados.

73 Mas como Alexandre antes de obrar todas estas maravilhas, com que mereceo o nome, e se fez verdadeiramente Magno, se se tivesse visto a si mesmo melhor retratado nas profecias de Daniel, do que depois se vio nas estatuas de Lysippo, nem nas pinturas de Apelles, naõ he muito que animado, e soprado do espirito das mesmas profecias, e cheyo da Magestade dellas, se atrevesse a taõ arduas, e difficultosas emprezas, das quaes justamente se duvida (como poz em questaõ Justino) se foy mayor façanha, o intentallas, ou vencellas.

74 E daqui se póde desculpar (cousa que naõ soube, nem pôde advertir nenhum dos Historiadores de Alexandre, sendo tantos, e taõ excellentes) daqui digo se póde desculpar aquella mais temeridade, que audacia, (qualidade, posto que honrosa, indigna de hum General prudente, e muito mais de hum Rey, quando conquista o alheyo, e naõ defende o proprio) com que Alexandre empenhava sua pessoa, e vida, e se precipitava muitas vezes aos perigos por cousas leves, sendo a confiança, ou o seguro de todos estes arrojamentos, naõ o dominio, que elle tivesse sobre a fortuna: *Quam solus omnium mortalium sub potestate habuit*; como com discriçaõ gentilica disse delle Curcio livro 10.; mas a previsaõ, e presciencia de suas futuras victorias, e do Imperio, que lhe estava promettido e havia necessariamente de conquistar, conforme as profecias de Daniel: e como tinha a vida,

Vide A Lapid. ubi supra.

vida, e as emprezas firmadas por huma Efcritura de Deos, ou por tres Efcrituras, e ao mefmo Deos por fiador de fua palavra, e promeffas, fé era, e naõ audacia, confiança, e naõ temeridade, empenharfe Alexandre nos perigos para confeguir as emprezas, e dar exemplo de defprezo da vida a feus foldados, para os animar ás victorias: tanta parte teve a profecia nas acçoens defte grande Capitaõ, e no Imperio defte grande Monarcha, o qual fe deve a Filippe o fer Alexandre, deve a Daniel o fer Magno.

75 Os exemplos que temos domefticos defta mefma utilidade, naõ faõ menos admiraveis, que os eftranhos; affim nas batalhas, como nas conquiftas. Era taõ innumeravel a multidaõ de Sarracenos, que debaixo das Luas de Ifmaél, e dos outros quatro Reys Mouros inundáraõ os campos de Guadiana com intento de tomar Portugal naquelle dia fataliffimo, o primeiro de noffa mayor fortuna, que juftamente eftavaõ temerofos os poucos Portuguezes, e feu valerofo Principe duvidofo, fe acceitaria, ou naõ a batalha; más como o velho Eremitaõ, Interprete da Divina Providencia, vifto primeiro em fonhos, e depois realmente ouvido, e conhecido, lhe affegurou da parte de Deos a victoria com aquellas taõ expreffas, e animofas palavras: *Vinces Alphonfe, & non vinceris*; foccorrido o animofo Capitaõ, e fortalecido o pequeno exercito com efta promeffa do Ceo, fem reparar em que era taõ defigual o partido, que para cada lança Chriftãa havia no campo cem Mouros, refolveo intrepidamente dar a batalha.

76 Na manhãa pois da mefma noite, em que tinha recebido a profecia, accommette de fronte a fronte ao inimigo, fuftenta quatro vezes o pezo immenfo de todo feu poder, rompe os efquadroens, desbarata o exercito, mata, cativa, rende, defpoja, triunfa; e alcançada na mefma hora a victoria, e libertada a patria, piza gloriofo as cinco Coroas Mauritanas, e poem na cabeça (ja Rey) a Portugueza.

Ifto

77 Isto obrárão as profecias daquella noite na guerra; mas ainda mostrárão mais os poderes de sua influencia na conquista. Quem duvida que forão mais estendidas, e gloriosas as conquistas dos Portuguezes, que as de Alexandre Magno na mesma India? Desta conquista de Alexandre disse o seu grande Historiador: *Oriente perdomito, aditoque Oceano, quidquid mortalitas cupiebat, implevit.* Domado o Oriente, e navegado o Oceano, cumprio, e encheo Alexandre tudo o que cabia na mortalidade. Que dissera, se vira as navegaçoens dos Portuguezes no mesmo Oceano, e suas conquistas no mesmo Oriente? Obrigação tinha em boa consequencia de lhes chamar immortaes. Não chegárão os Portuguezes só ás ribeiras do Ganges, como Alexandre, mas passárão, e penetrárão adiante muito mayor comprimento, e terras, do que ha do mesmo Ganges a Macedonia, donde Alexandre tinha sahido.

78 Não vencêrão só a Póro, Rey da India, e seus exercitos, mas sujeitárão, e fizerão tributarias mais Coroas, e mais Reinos, do que Póro tinha Cidades. Não navegárão só o mar Indico, ou Eritréo, que he hum seyo, ou braço do Oceano na sua mayor largueza, e profundidade, onde elle he mais bravo, e mais pujante, mais poderoso, e mais indomito; o Atlantico, o Ethiopio, o Persico, o Malabárico, e sobre todos o Sinico tão temeroso por seus tufoens, e tão infame por seus naufragios. Que perigos não desprezárão? Que difficuldades não vencérão? Que terras, que Ceos, que mares, que climas, que ventos, que tormentas, que promontorios não contrastarão? Que gentes feras, e bellicosas não domarão? Que Cidades, e Castellos fortes na terra? Que armadas poderosissimas no mar não renderão? Que trabalhos, que vigias, que fomes, que sedes, que frios, que calores, que doenças, que mortes não soffrerão, e supportarão, sem ceder, sem parar, sem tornar a traz, insistindo sempre, e indo ávante mais com pertinacia, que com constancia?

79 Mas naõ obraráõ todas eſtas proezas aquelles Portuguezes famoſos por beneficio ſó de ſeu valor, ſenaõ pela confiança, e ſeguro de ſuas profecias. Sabiaõ que tinha Chriſto promettido a ſeu primeiro Rey, que os eſcolhera para Argonautas Apoſtolicos de ſeu Evangelho, e para levarem ſeu nome, e fundarem ſeu Imperio entre gentes remotas, e naõ conhecidas, e eſta fé os animava nos trabalhos; eſta confiança os ſuſtentava nos perigos; eſta luz do futuro era o Norte que os guiava; e eſta eſperança anchora, e amarra firme, que nas mais desfeitas tempeſtades os tinha ſeguros. *Juramento delRey. D. Affonſo apud P. Vaſconcellos.*

80 Mayores contraſtes tiveraõ ainda as Conquiſtas de Portugal na noſſa terra, que nas eſtranhas, e mais forte guerra experimentaraõ nos naturaes, que reſiſtencia nos inimigos. Quem quizer ver com admiraçaõ a tormenta de contradiçoens populares, e de todo o Reino, que por eſpaço de dez annos padeceraõ os primeiros deſcobrimentos das Conquiſtas, lêa o grande Chroniſta da Aſia no 4. capitulo do 1. livro, e conhecerá quantas obrigaçoens deve Portugal, e o mundo ao ſoffrimento, valor, e conſtancia do Infante D. Henrique, filho d'ElRey Dom Joaõ I. Author deſta heroyca empreza, o qual como Religioſiſſimo Principe que era, e nella principalmente pertendia a gloria de Deos, dilataçaõ da Fè, e converſáõ da gentilidade, mereceo que o meſmo Deos com huma voz do Ceo o exhortaſſe a levar por diante o começado; com promeſſa de ſeu favor, e luz dos glorioſiſſimos fins, que por meyo de taõ dura porfia ſe haviaõ de alcançar.

81 Aſſim ſe conta, e eſcreve por fama, e tradiçaõ daquelle tempo: com eſte Oraculo Divino mais fortalecido o eſpirito do Infante, naõ ſó pôde romper, e abrir as portas taõ ſcerradas do Oceano, e deixallas francas, e patentes aos que depois vieraõ, vencidas as primeiras, e mayores difficuldades, mas dar animo, valor, guia, e eſperança aos que ſeguindo ſeu exemplo, e empreza a levaraõ ao cabo. Deſta maneira o Infante D. Henrique, que ſerá ſempre de felice memoria, nos ganhou com ſua

conſtan-

constancia as Conquistas, conquistando-as primeiro em Portugal, do que fossem conquistadas na Africa, Asia, America; e contrastando com igual fortaleza o indomito furor do segundo, e quinto elemento, (que saõ o mar, e o fogo) que naõ pudera conseguir sem o soccorro da luz do Ceo, animado nas contradicçoens, e contrariedades presentes com o conhecimento, e certeza dos successos futuros, para que até nesta parte deva Portugal as suas Conquistas aos lumes, e alentos da profecia.

82 Finalmente esta ultima resoluçaõ, que no anno de quarenta assombrou o mundo, posto que muito a devamos á ousadía do nosso valor, muito mais a deve o nosso valor á confiança de nossos vaticinios. Que valor sisudo, prudente, e bem aconselhado se havia de atrever a huma empreza taõ cercada de difficuldades, como levantarse contra o mais poderoso Monarca do mundo, e restituirse á sua liberdade, e acclamar novo Rey, naõ longe, senaõ dentro de Hespanha, hum Reino de grandeza taõ desigual sobre sessenta annos de cativo, e despojado, sem armas, sem soldados, sem amigos, sem aliados, sem assistencias, sem soccorros, só, e até de si mesmo dividido em taõ distantes partes do mundo? Mas como havia outros tantos annos, que a profecia estava dando brados aos coraçoens; em que nunca se apagou o amor da patria, e a saudade do Rey, e o zelo da liberdade, dizendo, e publicando a todos, que o desejado tempo della havia de chegar no anno feliciffimo de quarenta, em que o novo Rey seria levantado.

83 A promessa, que sempre a conservou nos coraçoens, o levantou a seu tempo nas vozes, e ella foy a que deu o Rey ao Reino, o Reino á patria, a patria aos Portuguezes, e Portugal a si mesmo: e este seja entre todos o mayor exemplo assim das nossas guerras, como das nossas Conquistas, pois tudo o que tinhamos vencido, e conquistado em quinhentos annos alentados das promessas do Ceo, o podémos restaurar em hum dia.

84 E se tanto tem valído, e importado a Portugal o conhe-

conhecimento de ſeus futuros, em todos os caſos mayores, que pòdem acontecer a hum Reino, ſe debaixo deſta fé naſceo, quando recebeo a Coroa; ſe debaixo deſta fé creſceo, quando lhe accreſcentou as Conquiſtas; ſe debaixo deſta fé ſe reſtaurou, quando as reſtituhio a ellas, e ſe reſtituhio a ſi meſmo: oh quanto mais neceſſario lhe ſerá a Portugal, e quanto mais util, e importante eſta meſma fé, e conhecimento de ſeus futuros ſucceſſos para aquellas emprezas novas, e muito mayores, que nos tempos, em que haõ de vir, (ou que ja vem) o eſperaõ? Naõ ſe poderá comprehender a grandeza, e capacidade deſta importancia, ſenaõ depois de lida toda a Hiſtoria do Futuro, na qual ſó ſe medirá bem a immenſidade do objecto com a deſigualdade do inſtrumento.

85 Mas quem quizer deſde logo fazer de algum modo a conjectura deſta deſproporçaõ tome os compaſſos a Portugal, e ao mundo; e pergunte-ſe a ſi meſmo, ſe ſe atreve a igualar eſtes parallelos. He porem taõ poderoſo contra todos os impoſſiveis o conhecimento, e fé do que ha de ſer, repreſentado no eſpelho das profecias, que nenhuma empreza pode haver taõ deſigual, nenhuma taõ armada de perigos, nenhuma taõ defendida de difficuldades, que debaixo do eſcudo deſta confiança ſe naõ intente, ſe naõ avance, ſe naõ profiga, ſe naõ vença. Da Conquiſta eſpiritual do mundo ſe pode fazer bom argumento para a temporal, pois he mais forte guerra, e mais dura reſiſtencia a dos entendimentos, que a dos braços. Quiz Deos que a Igreja, que he o ſeu Reino, fundada pelos Apoſtolos ſe extendeſſe por ſeus ſucceſſores em todo o mundo; e quaes foraõ as armas, com que Deos os fortaleceo para que naõ temeſſem, ou duvidaſſem a empreza, e ſe diſpuzeſſem animoſamente a taõ eſtranha Conquiſta? Advertio com profundo juizo Primaſio que fora o Apocalypſe de S. Joaõ, porque lendo os ſoldados Evangelicos naquellas profecias, quam largamente ſe havia de propagar a meſma Igreja, e quam prodigioſas victorias havia de alcançar a fé contra todos

os inimigos; este mesmo conhecimento os animava a quererem ser (como foraõ) os instrumentos gloriosos dellas. Segurou-lhes Deos as victorias, para que naõ duvidassem commeter as batalhas: *Post exortum autem Ecclesiæ, quæ jam fuerat Apostolorum prædicatione fundata, revelari oportuit* (diz Primasio) *qualiter esset latius propaganda, vel quali etiam fine contenta, ut Prædicatores veritates hujus cognitionis fiducia præditi indubitanter aggrederentur pauci multos, inermes armatos, humiles superbos, obscuri nobiles, infirmi potentes.* Naõ se pode dizer nem mais certa, nem mais elegantemente, se exceptuarmos a desproporçaõ de poucos a muitos, *pauci multos*: em todas as outras consideraçoens foy mais desigual esta empreza, que as que eu prometto, ou hey de prometter; e se a esta se atreveraõ poucos homens sem armas, sem estimaçaõ, sem nobreza, sem poder, contra tantos armados, arrogantes, nobres, e poderosos, só porque no conhecimento das profecias tinhaõ segura a felicidade, e fim da empreza; porque se naõ atreveráõ á mesma empreza, e na confiança das mesmas profecias aquelles, em quem o poder se iguala com as armas, as armas se illustraõ com a nobreza, e a nobreza compete com a estimaçaõ, e com a fama, ainda que sejaõ poucos contra muitos? E digo na confiança das mesmas profecias; porque huma boa parte da nossa historia (como veremos em seu lugar) saõ as do mesmo Apocalypse. Leráõ os Portuguezes, e todos os que lhes quizerem ser companheiros, este prodigioso Livro do Futuro, e com elle embraçado em huma maõ, e a espada na outra, posta toda a confiança em Deos, e em sua palavra, que Conquista haverá que naõ emprendaõ, que difficuldades que naõ desprezem, que perigos que naõ pizem, que impossiveis que naõ vençaõ? Ao conhecimento antecedente dos futuros chamou discretamente S. Gregorio escudo fortissimo da presciencia, em que todas as adversidades, e golpes do mundo se sustentaõ, se reparaõ, e se rebatem: *Et nos tolerabilius mundi mala*

Primas. in Apocalyps.

D. Greg. homil. 35. in Evang.

suf-

ſuſcipimus, *ſi contra hæc per præſcientiæ clypeum munîmur.* Que vem a ſer eſta noſſa Hiſtoria do Futuro, ſenaõ eſcudo da preſciencia, *præſcientiæ clypeum*? Armados com eſte eſcudo, que trabalhos, que perigos nos póde offerecer o mar, a terra, e o mundo, e que golpes nos póde atirar com todas as forças de ſeu poder, que naõ ſuſtentemos nelle com animoſa conſtancia? Quem haverá que debaixo deſte eſcudo naõ emprenda as mais difficultoſas Conquiſtas, nem aceite as mais arriſcadas batalhas, e naõ vença, e triunfe dos mais poderoſos inimigos, ſe as emprezas no meſmo eſcudo vaõ ja reſolutas, as batalhas vaõ ja vencidas, e os inimigos ja triunfados?

86 Fingio o Principe dos Poetas Latinos, que pedio Venus mãy de Enéas ao Deos Vulcano lhe fabricaſſe humas armas Divinas, com que entraſſe armado na difficultoſiſſima Conquiſta de Italia, com que venceſſe os Reys, e ſujeitaſſe as naçoens bellicoſiſſimas que a dominavaõ; com que victorioſo fundaſſe naquellas terras o famoſiſſimo Imperio Romano, que pelos fados lhe eſtava promettido. Forjou Vulcano as armas, e no eſcudo, que era a mayor, e principal peça dellas, diz, que abrio de ſubtiliſſima eſculptura as hiſtorias futuras das guerras, e triunfos Romános, compondo, e copiando os ſucceſſos pelos Oraculos, e vaticinios dos Profetas, e pelas noticias proprias que tinha, como hum dos Deoſes, que era participante dos ſegredos do ſupremo Jupiter:

...... Clypei non enarrabile textum:
Illic res Italas, Romanorumque triumphos,
Haud vatum ignarus, venturique inſcius ævi;
Fecerat Ignipotens: illic genus omne futuræ
Stirpis ab Aſcanio, pugnataque ordine bella.

O officio, e obrigaçaõ dos Poetas naõ he dizerem as couſas como foraõ, mas pintarem-as como haviaõ de ſer, ou como era bem que foſſem: e achou o mais levantado, e judicioſo eſpirito de quantos eſcrevèraõ em eſtylo poetico, que para vencer as mais difficultoſas emprezas,

para conquiſtar as mais bellicoſas naçoens, e para fundar o mais poderoſo, e dilatado Imperio, nenhuma arma poderia haver mais forte, nem mais impenetravel, nem que mais encheſſe de animo, confiança, e valor o peito, que foſſe cuberto, e defendido com ella, que hum eſcudo formado por arte, e ſabedoria Divina, no qual eſtiveſſem entalhados, e deſcriptos os meſmos ſucceſſos futuros, que ſe haviaõ de obrar naquella empreza: aſſim armou o grande Poeta ao ſeu Enéas, e eſte meſmo eſcudo, naõ fabuloſo, ſenaõ verdadeiro, e naõ fingido depois de experimentados os ſucceſſos, ſenaõ eſcritos antes de ſuccederem, he propriamente, e ſem ficçaõ o que neſta Hiſtoria do Futuro offereço, Portuguezes, ao noſſo Rey. Dobrado de ſete laminas, dizem, que era aquelle eſcudo; e tambem o da noſſa hiſtoria, para que em tudo lhe ſeja ſimilhante, he duplicado em ſete livros. Nelle veráõ os Capitaens de Portugal ſem conſelho, o que haõ de reſolver; ſem batalha, o que haõ de vencer; e ſem reſiſtencia, o que haõ de conquiſtar. Sobre tudo ſe veráõ nelle a ſi meſmos, e ſuas valeroſas acçoens como em eſpelho, para que com eſtas copias de mortecôr diante dos olhos, retratem por ellas vivamente os originaes, antevendo o que haõ de obrar, para que o obrem, e o que haõ de ſer, para que o ſejaõ.

CAPITULO VII.

Ultima Utilidade

87 ENtre as Utilidades proprias, e dos amigos naõ quero deixar de advertir por fim dellas, que tambem a liçaõ deſta hiſtoria póde ſer igualmente util, e proveitoſa aos inimigos, ſe deixada a diſſonancia, e eſcandalo deſte nome, quizerem antes ſer companheiros de noſſas felicidades, que padecellas dobradamente na dor, e inveja dos emulos. Leráõ aqui noſſos viſinhos, e confinantes (que muito a pezar meu ſou forçado alguma

guma vez a lhes chamar inimigos, havendo tantas razões, ainda da mesma natureza, para o naõ serem) leraõ aqui com boa conjectura as promessas, e Decretos Divinos, provada a verdade dos futuros com a experiencia dos passados: e veraõ, se quizerem abrir os olhos, hum manifesto desengano de sua profecia, conhecendo que na guerra que continuaõ contra Portugal, pelejaõ contra as disposiçoens do supremo poder, e combatem contra a firmeza de sua palavra. Oh quantos damnos, quantas despezas, quantos trabalhos, quanto sangue, e perda de vidas, quantas lagrimas, e oppressaõ de Naturaes, e Extrangeiros podia excusar Hespanha, se com os olhos limpos de toda a paixaõ, e affecto quizesse ler esta Historia do Fututo, e com tanto zelo, e desejo de acertar com os caminhos de seu mayor bem, como he o animo, com que elle se escreve!

88 Naõ entre só nos Conselhos de Estado a conveniencia, e reputaçaõ, o appetite, e o odio, a vingança, o discurso militar, e politico; tenha tambem algum dia lugar nelles a fé; supponha-se que Deos he o que dá, e tira os Reinos como, e quando he servido, conheça-se, e examine-se a sua vontade pelos meyos, com que ella se costuma declarar; e depois de averiguada, e conhecida, ceda-se, e obedeça-se à Deos por conveniencia, pois se lhe naõ póde resistir com força.

89 Bem pudéra conhecer Hespanha, voltando os olhos ao passado pela experiencia, que Deos he o que desunio de sua sujeiçaõ a Portugal, e Deos o que o sustenta desunido, e o conserva victorioso. Quando se soube em Madrid do Rey que tinhaõ acclamado os Portuguezes no primeiro de Dezembro do anno de seiscentos e quarenta, chamaraõ-lhe por zombaria Rey de hum Inverno, parecendo lhes aos Senhores Castelhanos, que naõ duraria a fantasia do nome mais, que até a primeira Primavera, em que a fama só de suas armas nos conquistasse: mas saõ ja passados vinte e cinco Invernos, em que as inundaçoens do Betis, e Guadiana naõ afogáraõ a Portugal; e vinte

e qua-

e quatro Primaveras; em que ſabem muito bem os campos de huma, e outra parte o ſangue, de que mais vezes ficáraõ matizados.

90 Imaginou Heſpanha, que na prizaõ do Infante D. Duarte atava as mãos a Portugal, e lhe tirava a cabeça, com que haviaõ de ſer governados na guerra, e que com os muros de Milaõ tinha ſitiado a Portugal. Morreo em fim (ou foy morto) aquelle Principe, e nem por iſſo deſmayou o Reino, antes ſe armou de novo a juſtiça de ſua cauſa com a ſentença daquella innocencia, e ſe induracéraõ, e fortificáraõ mais os peitos com o horror, e fealdade daquelle exemplo.

91 Voltou'ſe todo o pezo da guerra contra Saûl: maquinou'ſe contra a vida de ElRey D. Joaõ por tantos meyos, e inſtrumentos: (e algum delles ſobre indecente ſacrilegio) parecia lhe a Caſtella que faltando a Portugal aquella grande Alma, ſeria facil a ſuas Aguias empolgarem no cadaver do Reino. Faltou ElRey D. Joaõ ao Reino, ſobre ter faltado de antes ſeu primogenito Theodoſio, Principe de tantas virtudes, opiniaõ, e eſperanças; mas vio o mundo, poſto que o naõ quiz ver Caſtella, que era o Braço immortal o que o defendia, e conſervava aos Portuguezes. Succedeo na menoridade do Rey com tanta prudencia, e valor a regencia da Rainha Mãy, e á regencia da Rainha o governo feliciſſimo d'El-Rey D. Affonſo, que Deos guarde, Monarcha de taõ conhecida fortuna, que parece a traz a ſoldo nos Exercitos. Fez Caſtella neſte tempo os mayores esforços de ſeu poder, e para os poder fazer mayores, aſſim como por eſta cauſa tinha ja concluido, ou comprado, a preço da propria reputaçaõ, a paz de Holanda, ajuſtou tambem a de França. Deſembaraçadas em toda a parte as ſuas armas, chamou os eſpiritos de todo o corpo da Monarchia aos dous braços, com que Caſtella cerca a Portugal: viraõ'ſe juntas contra elle em hum exercito, Heſpanha, Alemanha, Italia, Flandres com toda a flor militar, ſciencia, e valor daquellas bellicoſas naçoens. Mas que reſultas

foraõ

foraõ as desta taõ estrondosa potencia; e dos progressos, que com ella se tinhaõ ameaçado a nós, e promettido a Europa?

92 Entrou a guerra dividida no anno de 62 por todas nossas Provincias; em todas achou opposiçaõ igual, e effeito superior: unio-se no anno seguinte com novo conselho o poder; accrescentou-se de gente, de cavallos, de Cabos, de apparatos bellicos: escolheo-se para theatro daquella formidavel campanha a Provincia de Alem-Tejo: começou a tragedia com prosperos, e alegres passos, triunfando dos que naõ podiaõ resistir ás armas Castelhanas: mas o fim foy taõ adverso, taõ lastimoso, e verdadeiramente tragico, como vio com admiraçaõ o mundo, e chorará eternamente Castella: perdeo a batalha, o exercito, e a reputaçaõ, deixou a Portugal a victoria, a fama, os despojos, e só levou (como sempre) o desengano.

93 Estes tem sido em vinte e cinco annos os effeitos do poder; passemos aos da industria. Entendeo Castella, que naõ podia conquistar a Portugal sem Portugal: tratou de inclinar á sua devoçaõ os grandes, e os menores: na constancia houve differença, mas nos effeitos nenhuma: o povo, cuja fortuna he inalteravel, naõ padeceo alteraçaõ: sendo taõ livre, e aberto em Portugal o mar, como a terra, se naõ vio em tantos annos nenhum pastor, que se passasse a Castella com duas ovelhas, nenhum pescador menos venturoso, que aos seus portos derrotasse huma barca.

94 Basta por exemplo, ou desengano a famosa resoluçaõ do povo de Olivença, que com partido de poder ficar inteiro com casas, e fazendas, se naõ achou em todo elle hum só homem de espirito taõ humilde, que aceitasse a sujeiçaõ. Perderaõ todos a patria pela lealdade; triunfou Castella das paredes, e Portugal dos coraçoens. Naõ vio Roma similhante exemplo, e assim o celebrou hum Jeronymo Petruccho Poeta Romano, com este epitafio.

Victor

Hieron. Petracc. *Victor uterque manet, victoria dividit orbem:*
Alphonsus cives, saxa Philippus habet.

95 Ainda deu muito a Castella em partir a victoria pelo meyo: o vencedor conquistou pedras, o vencido vassallos: de industria se pudera perder a praça, só por lograr a fineza, e de industria se pudera tambem naõ ganhar, só por naõ experimentar o desengano: isto vence Castella, quando vence; e assim se rende o povo de Portugal, quando se rende.

96 A nobreza, em que tem mayores poderes o receyo, ou a esperança, como mais escrava da fortuna, naõ foy toda constante: alguns grandes houve entre os grandes, huns que se passáraõ ao serviço d'ElRey Dom Filippe; outros, que com mayor ouzadia o quizeraõ servir em Portugal; a huns, e outros castigou o mesmo braço da Providencia, a estes com a vida, àquelles com o desterro; atégora naõ tiveraõ outro premio, nem mereciaõ outro, porque Castella nem pode resuscitar os primeiros, nem quiz pagar aos segundos.

97 He fama, que foy respondido à sua queixa, que tinhaõ feito o que deviaõ, mas ainda devem o que fizeraõ: cá perderaõ o que tinhaõ, lá naõ ganháraõ o que esperavaõ: entre os Portuguezes Reos, entre os Castelhanos Portuguezes, que tambem he culpa.

98 Isto he o que foraõ buscar a Castella todos os que lá se passaraõ, o desengano de seu discurso, o discredito de sua resoluçaõ, e o castigo de sua incredulidade: e ainda de lá nos mandaõ o exemplo de seu arrependimento. Levaraõ o que nos naõ faz falta, porque se leváraõ; e deixaraõ o que nos ajuda a defender, porque nos deixaraõ as suas rendas. A Portugal deixaraõ os despojos de suas casas, aos vindouros a memoria de sua infidelidade, e ao mundo o pregáõ de sua covardia. Tal foy o merecimento, tal o premio: julgue agora Castella se terá este interesse cubiçosos, e este empenho imitadores.

99 Dizia hum dos primeiros Embaixadores de Portugal em França, (quando ainda havia quem impugnasse a espe-

eſperança da noſſa conſervaçaõ) que no caſo em que a deſgraça foſſe tanta, antes ſe havia de entregar ao Turco, que a Caſtella. Era o Embaixador Miniſtro de letras; e como hum grande Senhor Francez lhe pediſſe a razaõ deſte ſeu dito, ſendo Catholico, e letrado, reſpondeo aſſim: Porque eu em Turquia ſe defender a Fé, ſerey Martyr; ſe renegar, farme haõ Baxá: e em Caſtella, Monſieur, nem Baxá, nem Martyr.

100 Foy muy celebrada a diſcriçaõ da repoſta, a que accreſcentava galantaria a meſma peſſoa do Embaixador; porque era muy avultado de preſença, e tambem lhe podia eſtar na cabeça o Turbante, como na maõ a palma. Nada mais venturoſamente lhe ſuccederaõ a Caſtella as induſtrias extrangeiras, que as domeſticas; todas deſarmou em armas contra ſi meſma. Em Roma impedio o provimento das Mitras, mas os Bagos ſe convertèraõ em lanças, e o que haviaõ de comer os Paſtores das ovelhas, comem os que as defendem dos lobos. Em Holanda comprou os eſtorvos da paz, mas eſta ſe retardou ſómente quando foy neceſſario para ſe recuperarem as Conquiſtas. Caſo grande, e de providencia admiravel! Em Inglaterra ſe empenhou por divertir o parenteſco; em França capitulou, que naõ podeſſemos ſer ſoccorridos; mas teve huma, e outra diligencia taõ contrarios effeitos, que ſe vem hoje em Portugal as ſuas Quinas taõ acompanhadas das Cruzes de Inglaterra, como aſſiſtidas dos Lizes de França. Unidas, e complicadas eſtas trez bandeiras fazem hum ſyllogiſmo politico, de taõ ſegura, como terrivel conſequencia. Se ſó Portugal pôde reſiſtir a Caſtella tantos annos; ajudado dos dous Reinos mais poderoſos da Europa, no mar, e na terra, como naõ reſiſtirá? O mayor contrario, que tem Heſpanha, he o ſeu proprio poder. Quando ſe quiz levantar ſobre todos, ſe ſujeitou á emulaçaõ de todos: eſtes teraõ por ſi Portugal, em quanto ella for poderoſa; ſe o naõ for, naõ os ha miſter.

101 Os diſcurſos da eſperança (que he a ultima ap-

 pellaçaõ

pellaçaõ de Caſtella) ſaõ os que mais lhe mentiraõ ; porque os homens (quando aſſim lho concedamos) diſcorrem com a razaõ, e Deos obra ſobre ella. Todos os que nas materias de Portugal ſe governáraõ pelo diſcurſo, erráraõ, e ſe perderaõ : e por aqui ſe perderaõ (ainda entre nós) os que na opiniaõ dos homens eraõ de mayor juizo: ſaõ obras, e myſterios de Deos, quer elle que ſe venerem com a fé, e naõ ſe profanem com o diſcurſo: por iſſo todas as eſperanças, que ſe aſſentáraõ ſobre eſta fé, foraõ certas, e todas, as que ſe fundaraõ ſobre o diſcurſo, erradas.

102 He natureza iſto, e naõ milagre da palavra, e
Pſal. 118. promeſſas Divinas. *In verba tua ſuperſperavi*: dizia
v. 147. aquelle grande Politico de Deos, que naõ ſó eſperava, mas ſobreeſperava nas promeſſas de ſua palavra Divina; porque ſe ha de eſperar nas promeſſas da palavra Divina ſobre tudo, o que promette a eſperança do diſcurſo humano: aſſim o temos ſempre viſto em Portugal com admiravel credito da fé, e igual confuſaõ da incredulidade.

103 No tempo em que Portugal eſtava ſujeito a Caſtella, nunca as forças juntas de ambas as Coroas puderaõ reſiſtir a Holanda; e daqui inferia, e eſperava o diſcurſo, que muito menos poderia prevalecer ſó Portugal contra Holanda, e contra Caſtella; mas enganou-ſe o diſcurſo. De Caſtella defendeo Portugal o Reino, e de Holanda recuperou as Conquiſtas. Aquelle fatal Parnambuco, ſobre que tantas armadas ſe perderaõ, e ſe perdèraõ tantos Generaes, por naõ quererem aceitar a empreza ſem competente exercito, que diſcurſo podia imaginar, que ſem exercito, e ſem armada ſe reſtauraſſe? E ſó com a viſta fantaſtica de huma frota mercantil ſe rendeo Parnambuco em cinco dias, tendo-ſe conquiſtado pelos Holandezes com tanto ſangue em dez annos, e conſervando-ſe vinte e quatro. Menos eſperava o diſcurſo, que ſe conquiſtaſſe Angola com taõ deſigual poder enviado a taõ differente fim; e conquiſtou-ſe com tudo aquella taõ importante parte de Africa contra todo o diſcurſo, e

antes de toda a esperança. E porque se saiba mais distinctamente quam grandes significaçoens se contém debaixo destes nomes taõ pequenos Parnambuco, e Angola; o que se recuperou em Angola, foraõ duas Cidades, dous Reinos, sete Fortalezas, trez Conquistas, a vassallagem de muitos Reys, e o riquissimo commercio de Africa, e America. Em Parnambuco recuperaraõ se trez Cidades, oito Villas, quatorze Fortalezas, quatro Capitanias, trezentas legoas de costa. Desafogou-se o Brasil, franquearaõ-se seus portos, e mares, libertaraõ-se seus commercios, seguráraõ-se thesouros. Ambas estas emprezas se vencèraõ, e todas estas terras se conquistáraõ em menos de nove dias, sendo necessario muitos mezes só para se andarem. Quem nestes dous successos naõ reconhecer a força do braço de Deos, duvidarse pode se o conhece. Assim assiste a Portugal dentro, e fóra, ao perto, e ao longe, aquelle Supremo Senhor, que está em toda a parte, e que em todas as do mundo o plantou, e quer conservar: bemdita seja para sempre sua Omnipotencia, e bondade.

104 Tambem esperava o discurso de Castella, que os animos dos Portuguezes com a continuaçaõ da guerra, e experiencia de suas molestias se enfastiassem, e suspirassem pela antiga, e amada paz, cujo nome he taõ doce, e natural, e mais á vista de seu contrario: que as contribuiçoens forçosas para o subsidio dos soldados, e a licença, e oppressaõ dos mesmos soldados fossem carga intoleravel aos povos: que os povos depois de apagados aquelles primeiros fervores, que traz comsigo o desejo, e alvoroço da novidade, com o tempo, e seus accidentes, se fossem entibiando até se esfriarem de todo: que os pays se cansassem de dar os filhos, e que a guerra detestada das mãys (como lhe chamou o Lyrico) fosse tambem detestada, e aborrecida das Portuguezas, que entre as outras mãys o costumaõ ser mais que todas no amor, e na saudade. Mas tambem aqui mentio a esperança, e se enganou o discurso; porque os animos se achaõ hoje mais

alentados, os fervores mais vivos, os coraçoens mais reſolutos, o amor ao Rey, á patria, á liberdade, mais forte, mais firme, e mais conſtante e mayor que todos os outros affectos da fazenda, dos filhos, da vida. Lembraõ-ſe os pays, que davaõ os filhos para as guerras de Flandres, de Italia de Catalunha, e navegaçaõ das Indias de Caſtella, onde os perdiaõ para ſempre; e querem antes dallos para as fronteiras de Portugal, onde os vem, os aſſiſtem, e os tem comſigo; onde recebem a gloria de ouvir celebrar as acçoens de ſeu valor, e feitos galhardos, e vem eſtampados ſeus nomes, e extendida por todo o mundo ſua fama, honrando-ſe (como he razaõ) de ſerem pays de taes filhos: e que ſe morrem na guerra, tem Rey que lhes pague as vidas com larga remuneraçaõ de mercês, e augmento de ſuas caſas, ſendo taõ generoſas as mãys, (nas quaes eſte affecto he ſuperior a toda a natureza) que com igual alegria os choraõ, e ſepultaõ mortos glorioſamente na guerra, do que os parem, e criaõ para ella.

105 Os povos naõ ſe canſaõ com os ſubſidios, e contribuiçoens, porque ſabem quanto mayores, e mais pezadas ſaõ as que ſe pagaõ em Caſtella para os conquiſtar, do que elles em Portugal para ſe defenderem. Vem o fructo de ſeus trabalhos, e ſuores, e que concorrem com elle para o eſtabelecimento, e honra de ſua patria, e naõ para a cobiça de Miniſtros, e exactores extranhos.

106 Tem na memoria que tambem antigamente pagavaõ, e que entaõ era tributo do cativeiro, o que hoje he preço da liberdade: ſobre tudo vem a ſeu Rey da ſua naçaõ, e da ſua lingua, e que o tem comſigo, e junto a ſi para o requerimento da juſtiça, para o premio do ſerviço, para o remedio da oppreſſaõ, para o alivio da queixa; Rey que os vê, e ſe deixa ver; que os ouve, e lhes reſponde; que os entende, e o entendem; que os conhece, e lhes ſabe o nome, ſem a dura, e inſupportavel penſaõ de o irem buſcar a Madrid, naõ para o verem, e lhe fallarem, mas para o verem por fé; conhecem a gran-

grandeza desta estimavel felicidade, e que lograõ aquelle estado ditoso, de que se lem bravaõ, e fallavaõ seus Avós com tanta saudade, e porque suspiravaõ seus pays com tantas ancias: e todo o preço para a conservaçaõ de tanto bem lhes parece barato, todo o trabalho leve, toda a difficuldade suave, todo o perigo obrigaçaõ: pelo contrario todo o pensamento, que naõ seja desta perpetuidade, horror, toda a conveniencia, ruina, toda a promessa, traiçaõ, e toda a mudança, impossivel.

107 Isto he o que só tem Castella, e o que só póde esperar dos animos dos Portuguezes. Finalmente esperava o discurso, que Portugal, como Reino menor, e dividido em todas as partes do mundo, com obrigaçaõ de alimentar aquelles membros taõ distantes com sua propria substancia, havendo de sustentar as guerras, e opposiçaõ de seus inimigos em todos elles, natural, e necessariamente se havia de atenuar, e enfraquecer: que a gente, sendo toda da mesma naçaõ, se havia lentamente de diminuir; que o dinheiro e cabedaes, naõ tendo minas, nem Potosîs, se havia de esgotar: e que naõ era possivel aturar por muitos annos as despezas excessivas de huma guerra interior, taõ continua, taõ viva, e taõ multiplicada em tantas Provincias, cercado della por todas as partes, contra os combates de huma potencia taõ desigual, e superior, como era a do mayor Monarcha do mundo: que quando o valor dos Portuguezes se atrevesse sobre suas forças, seria como o de Eleázaro contra a grandeza, e corpulencia do Elefante, que ainda cahindo, seria sobre elle, e ficaria opprimido e sepultado debaixo de seu proprio triunfo, sem mais diligencia, nem acçaõ, que o mesmo peso, e grandeza de taõ immenso contrario. *D. Ambr. de Offic. lib. 1. c. 10.*

108 Verdadeiramente este discurso, humana, ou gentilicamente considerado, e naõ entrando na conta desta Arithmetica o poder, e assistencia de Deos, tinha muy forçosa consequencia, e antes da experiencia muy difficultosa soluçaõ: e por tal a julgaraõ ainda aquelles Politicos, que sem odio, nem amor esperavaõ, e prognosticavaõ

ticavaõ o fim ; e mediaõ a desproporçaõ de taõ desigual empreza. Mas Deos, (a quem naõ queremos roubar a gloria) e a mesma experiencia natural, e o concurso ordinario de suas causas, tem mostrado, que sò era sofistico, e apparente, e em realidade falso aquelle discurso.

109 Porque as Conquistas, (que era o primeiro reparo) membros taõ remotos, e taõ vastos deste corpo politico de Portugal; ainda que do Reino, como do coraçaõ, recebem os espiritos de que se animaõ he tanta a copia de alimento, e taõ abundante, que elles mesmos com suas riquezas lhe subministraõ, que naõ só tem sufficiente materia para formar os espiritos, que com os membros mais distantes reparre, mas lhe sobeja com que se sustentar a si, e a todo o corpo; e a verdade desta experiencia se tem provado com mais sensiveis effeitos depois da paz universal das mesmas Conquistas, as quaes com igual liberalidade, e interesse remettem hoje ao Reino toda aquella substancia, que o calor da guerra propria lhe consumia: com que se acha Portugal mais rico, e abundante que nunca das utilissimas drogas de seus commercios. E ou seja esta a causa natural, ou outra mais occulta, e superior, o certo he, que as rendas, e cabedaes do Reino, assim proprios, como particulares, com o tempo, e continuaçaõ da guerra naõ tem padecido a quebra, e diminuiçaõ, que o discurso lhe prognosticava; antes se prova com evidente, e milagroza demonstraçaõ da experiencia, que a substancia do Reino está hoje mais grossa, mais florente, e opulenta, que no principio da guerra: pois crescendo mais os empenhos sempre, e despezas della, ao mesmo passo parece, que ou crescem, ou se manifestaõ novos thesouros, com que se sustentaraõ até agora, e se sustentaõ todos os annos, sempre mais, e mayores exercitos, taõ notaveis por seu nome, e grandeza, como bizarros por seu luzimento.

110 Nenhum anno se poz em campo exercito taõ grande, que no seguinte se naõ puzesse outro mayor. nenhum anno, taõ bizarro, e taõ luzido, que no seguinte

te

te se naõ excedesse na bizarria, e nas gallas. O anno passado, que foy o ultimo, quando a Primavera se acabou nos campos, se renovou outra vez no nosso exercito. tanta era a variedade das cores, com que os Terços se matizavaõ, e distinguiaõ, para que pela divisa se conhecessem os soldados, e ostentassem a competencia de seu valor. o menor gasto nos vestidos he o que se veste, mais se gasta em cobrir os vestidos, que em cobrir os corpos. A vulgaridade do ouro, e prata só se estima pelo invento, e pelo artifice, e naõ pelo preço. a pompa, riqueza, e galhardia dos Cabos mostra bem, que vaõ ás batalhas como a festas, e que se vestem mais para triunfar, que para vencer. Naõ me atrevèra a fallar com tanta largueza, se naõ pudéra allegar por testimunhas os mesmos, que podiaõ ser partes. Diga agora o algarismo de seu discurso, se póde haver falta no necessario, onde sobeja, e se dispende tanto com o superfluo? Mais temo eu a Portugal os perigos da opulencia, que os damnos da necessidade. O mesmo, que se vê na policîa bellica das campanhas, se admira na pacifica das Cidades: com a guerra, que tudo quebranta, e diminûe, cresceo, e se augmentou tudo em Portugal. nunca tanto se gastou no primor, e preço das gallas, nunca tanto no aceyo, e ornamento das casas, nunca tanto na abundancia, e regalo das mesas, nunca tantos criados, tantos cavallos, tanto apparato, tanta familia, nunca taõ grandes sallarios, nunca taõ grandes dotes, nunca taõ grandes soldos, nunca taõ grandes mercês, nunca tantas fábricas, nunca tantos, e taõ magnificos edificios, nunca tantas, taõ Reaes, e taõ sumptuosas festas. Passo em silencio os immensos gastos do serviço, e magestade do culto Divino, porque só o silencio os póde explicar, naõ encarecer. Que Templo, que Capella, que Altar, que Santuario, que neste mesmo tempo se naõ renovasse desfazendo-se, e arruinando-se (com lastima) obras antigas, e de grande arte, e preço, só para se lavrarem outras de novo mais ricas, mais preciosas, e de mais polído artificio? Tudo isto do que

sobe-

sobeja da guerra. Mas por isso sobeja. As usuras de Deos saõ cento por hum, e estas saõ as minas do nosso Reino, estes os Potosís de Portugal: destes commercios lhe vem as riquezas, com que póde pagar, e premiar seus exercitos, e com que os premios, e as pagas sejaõ verdadeiras, e naõ falsificadas, sem injuria dos soldados, sem adulterio dos metaes, e sem hypocrisia da moeda.

111 Bem sabem os doutos, que o nome Grego hypocrisia se deriva do fingimento do melhor metal, e parece que foy posto em nossos tempos mais para declarar o vicio da moeda, que a mentira da virtude. Quem pudéra nunca imaginar, que chegasse a tal estado huma Monarquia, que he a senhora da prata, e de quem a recebe o resto do mundo? Cuidou Castella, que a Portugal havia de faltar o dinheiro, e vê em si o que cuidou de nós; e assim como o seu discurso errou as contas ao dinheiro, tambem as errou á gente: com verdade se podia dizer de Portugal, o que dos Romanos disse o seu Poeta:

Per damna, per cædes ab ipso
Ducit opes, animumque ferro.

112. Ou tenha Portugal a qualidade da Hydra; ou a natureza das plantas, por cada cabeça que corta a guerra em huma campanha; apparecem na seguinte duas; e por cada ramo, que faltou no Outono, brotaõ dous na Primavera. Assim se foraõ dobrando, e crescendo sempre os nossos presidios, assim os nossos exercitos: exercito no Minho, exercito em Traz os Montes, exercito, e dous exercitos na Beira, exercito, e florentissimo exercito; e sempre mais numeroso e florente em Alem-Tejo. Assim se converte, e se multiplica em nova substancia tudo o que come a guerra. E se Castella quer conhecer as causas naturaes desta Filosofia, sem serem os Portuguezes dentes de Cadmo, saiba que a sua reputaçaõ foy o primeiro principio deste argumento. Todos os Portuguezes, que povoavaõ suas Indias, que mareavaõ suas Frotas que lavravaõ seus campos, que frequentavaõ seus portos, que trafegavaõ seus commercios, que inteiravaõ seus presi-
dios

dios,que militavaõ em ſeus exercitos,ficaõ hoje dentro em Portugal, e o habitaõ, e o enchem, e o multiplicaõ, e aſſim ſe vem hoje mais povoados ſeus lugares, mais frequentadas ſuas eſtradas, mais lavrados ſeus campos, e até as ſerras, brenhas, lagos, e terras, onde nunca entrou ferro, nem arado, abertas, e cultivadas. As Conquiſtas com a paz naõ levaõ, nem haõ de miſter ſoccorros, antes dellas o recebe o Reino com muitos, e valentes ſoldados, e experimentados Capitães, que ou vem requerer o premio de ſeus antigos ſerviços, ou ſervir, e merecer de novo, e juſtificar com os olhos do Rey, e do Reino, as certidoens mais ſeguras de ſeu valor. Foy ley; (e ley prudentiſſima no principio da guerra) que naõ ſe aliſtaſſem nella ſenaõ mancebos livres. á ſombra deſta immunidade muitos filhos por induſtria dos pays ſe acolhiaõ na menoridade ao Sagrado do Matrimonio, com que as familias ſe multiplicáraõ infinitamente, e os meſmos, que entaõ ſe retirávaõ da guerra, tem hoje muitos filhos, com que a ſuſtentaõ, e os ſuſtentaõ com ella.

113 Deſta maneira ſe acha Portugal cada vez mais fornecido de muitos, e valentes ſoldados, naſcidos, e creados entre o meſmo eſtrondo das armas, em que o pelejar, e o morrer naõ he accidente, ſenaõ natureza, todos dentro em ſi, e nas meſmas Provincias, e climas, onde nada lhes he extranho, e naõ trazidos por força de Sicilia, de Napoles, de Milaõ, e de Alemanha, comprados, e conduzidos com immenſas deſpezas, e perigos, ſendo muitos os que ſe aliſtaõ, e pagaõ, e poucos os que chegaõ, huns para ſe paſſarem logo, como paſſaõ a Portugal, outros para pelejarem ſem amor, e com valor vendido, como quem defende o alheyo, e conquiſta o que naõ ha de ſer ſeu.

114 Os Portuguezes pelo contrario com grande ventagem de coraçaõ pelejaõ pelo Rey, pela patria, pela honra, pela vida, pela liberdade, e cada hum por ſua propria caſa, e fazenda, ſendo a mayor commodidade da guerra, e multiplicaçaõ da gente, a meſma eſtreiteza

I do

do Reino, (que o discurso mal avaliava) por beneficio da qual os exercitos, e Provincias se pódem dar as mãos, humas a outras, pelejando os mesmos soldados quasi no mesmo tempo em diversos lugares, e multiplicando-se por este modo hum soldado em muitos soldados, e apparecendo em toda a parte (como alma de Dido) aos Castelhanos com novo horror, e assombro. Desta maneira naõ teme o valor Portuguez, que lhe succeda, como a Eleázaro com o Elefante, ficando opprimido com a sua propria victoria; mas está certo que lhe ha de succeder como a David com o Gigante, logrando vivo a gloria de seu triunfo.

CAPITULO VIII.

Continúa a mesma materia.

115 DEsenganado por estas evidencias o poder, a industria, o discurso, e esperança Hespanhola, bem pudéra eu esperar do juizo mais politico de nossos competidores, e seus Conselheiros, acabassem de desistir de taõ infructuosa profecia. Mas deixados á parte os argumentos da razaõ, e experiencia, subamos hum ponto mais alto; e se atégora me ouvíraõ, como homem a racionaes, ouçaõ-me agora como Christaõ a Catholicos.

116 Naõ duvído, nem alguem póde duvidar da fé, Religiaõ, e piedade Hespanhola, que se o seu Catholico Principe, e seus mayores Conselhos se acabassem de persuadir, que Deos tinha decretada a conservaçaõ, e perpetuidade de Portugal, obedeceriaõ logo com humilde sujeiçaõ, e adorariaõ com summa reverencia os Divinos decretos, abateriaõ a Deos, ainda que tremolassem victoriosas, suas Catholicas bandeiras, tocariaõ a recolher seus Capitães, e exercitos, e confessariaõ na mais levantada fortuna a desigualdade de sua mayor potencia contra os acenos da Divina.

Isto

117 Isto he o que eu agora lhes quero persuadir, e demonstrar, e hum dos fins principaes, porque escrevo esta historia: para que pelo conhecimentos de nossos futuros possaõ emendar o engano de suas esperanças presentes. Sempre saõ falsas, e enganosas as esperanças humanas, mas nunca mais certamente falsas, que quando se oppoem, e encontraõ com as promessas Divinas. Veja, e saiba Castella o que Deos tem promettido a Portugal, e logo advertirá a vaidade do que suas esperanças lhe promettem. Oh quantas guerras, oh quanto sangue, oh quantos thesouros baldados poderiaõ poupar os Reys, se no meyo de seus Conselhos podessem pór hum espelho, em que se vissem os futuros? Tal he este livro, ó Hespanha, que tambem a ti dedico, e offereço: aqui verás os futuros de Portugal, e tudo o que pódes esperar delle em sua conquista.

118 Levantou Deos no mundo a Jeremias por seu Ministro, e a commissaõ, e officio, que lhe deu, foy esta: (*Ecce constitui te hodie super gentes, e super regna, ut evellas, & destruas, & dissipes, & ædifices, & plantes:*) Hoje te ponho, e constituo sobre as gentes, e sobre os Reinos, para que arranques, destrûas, e dissipes a huns, plantes, e edifiques a outros. Naõ quer dizer Deos, que Jeremias ha de arruinar, ou edificar Reinos com a espada, mas que os ha de arruinar, ou edificar com as suas profecias, profetizando a huns sua exaltaçaõ, e a outros sua destruiçaõ, e ruina. Se as profecias resolutamente dizem, que os Reinos se haõ de perder, ou arruinar, apparelhem-se sem remedio para sua ruina: e se dizem que se haõ de estabelecer, e exaltar, crêaõ sem duvida sua conservaçaõ, e augmento. *Ecce constitui te super gentes, & super regna.* Estaõ os Profetas, e as profecias sobre as gentes, e sobre os Reinos, ou como astros benignos, que influem, e promettem suas felicidades; ou como comêtas tristes, e funestos, que influem, e ameaçaõ suas ruinas. Levantem pois os Reys, e os Reinos os olhos, olhem para estes sinaes do Ceo, e

Jer. 1. 10.

se os virem estrellas, esperem; se os virem cometas, temaõ. Mas porque muitos Reys esperaõ donde deviaõ temer, por isso erraõ, e se despenhaõ, e se perdem, e perecem muitos. Se Acab Rey de Israel temèra, como devia temer, a profecia de Michéas, desistira da Conquista de Ramoth Galaad, em que taõ teimosamente insistia: mas porque quiz antes esperar, como naõ devera, nas promessas, e lisonjas vãas de seus aduladores, em hum dia perdeo a batalha, a Conquista, a Coroa, a vida. Naõ podem as armas dar a victoria a Acab, quando nas profecias está segura Ramoth.

3. Reg. c. 22. per tot.

119 Clamava a profecia de Jeremias ao Rey, e Principes de Jerusalem, que se accommodassem com Nabucodonosor, contra o qual naõ podiaõ prevalecer; mas porque ElRey Sedecias fiado na potencia de suas armas quiz antes experimentar a fortuna da guerra, que vir a honestos partidos com os Assyrios, prevaleceraõ estes em fim como o Profeta tinha promettido; e o Rey conheceo tarde a temeridade de seu conselho. Que differente foy o de Cyro, prudente, e famoso Rey de Babylonia! Entendeo este mesmo excellente Principe pela mesma profecia de Jeremias, e pelas de outros Profetas, que o cativeiro, e sujeiçaõ dos Israelitas, que elle tinha debaixo de seu Imperio, naõ queria Deos, que durasse mais de sessenta annos; e tanto que estes se acabáraõ, (sendo Gentio Idolatra) sem partido, sem interesse, sem obrigaçaõ, nem reconhecimento os restituîo todos livres á sua patria.

Jer. c. 21 & 22. per tot. & c. 34.

1. Esdr. c. 1. per tot.

Jer. 29. 10.

120 Contentou-se o Gentio com o que Deos se contentava, e naõ quiz perpetuar a servidaõ, quando Deos tinha limitado annos ao castigo: creo as profecias sem serem suas, ou de seus Oraculos, senaõ dos mesmos Israelitas, porque tendo-as experimentado verdadeiras na sentença do cativeiro, fora cobiça, e naõ razaõ tellas por falsas na promessa da liberdade. Oh que caso taõ parecido ao nosso caso! Oh que acçaõ taõ digna de se santificar, e fazer Christãa passando-a de hum Rey Gentio a hum Rey

Catholico! Quiz Deos por seus altos juizos, que Portugal perdesse a soberania de seus antigos Reys, e que sua Coroa, ajuntandose ás outras de Hespanha, estivesse sujeita a Rey extranho; mas esta sujeiçaõ, e este castigo naõ quiz o mesmo Deos, que fosse perpetuo, senaõ por tempo determinado, e limitado, e que este termo, e limite fosse o espaço só de sessenta annos. Assim o diziaõ as profecias, e assim o provou com admiravel consonancia o cumprimento dellas: só faltou para total similhança do caso de Babylonia, e para immortal gloria de Cyro de Hespanha, que a acçaõ fosse voluntaria, e naõ violenta; sua, e naõ dos Portuguezes. Mas vamos ás profecias do cativeiro, e ao termo dos sessenta annos delle.

121 Saõ Frey Gil, Religioso Portuguez da Ordem de S. Domingos, (de cujo espirito profetico se dará noticia em seu lugar) diz assim: *Lusitania sanguine orbata Regio diu ingemiscet; sed propitius tibi Deus, insperatè ab insperato redimeris.* Portugal por orfandade do sangue de seus Reys, gemerá por muito tempo; mas Deos lhe será propicio, e naõ esperadamente será remido por hum naõ esperado. Gemeo Portugal muito tempo, porque gemeo por espaço de sessenta annos debaixo da sujeiçaõ de Castella; e foy occasiaõ desta sujeiçaõ, e destes gemidos, ficar o Reino orfaõ de seus Reys, porque os dous ultimos D. Sebastiaõ, e D. Henrique faltáraõ sem deixar successaõ; mas foy lhe Deos propicio, porque dispoz com taõ notaveis successos a execuçaõ de sua liberdade; e foy remido naõ esperadamente, porque muitos naõ esperavaõ, antes desesperavaõ desta redempçaõ: e remido por hum naõ esperado, porque o redemptor, pelo qual geralmente se esperava, era outro, e naõ El-Rey D. Joaõ o IV.

Gregorio de Almeida na *Restauraçaõ de Portugal*, e o Author no Sermaõ do primeiro de Janeiro.

122 No juramento authentico de ElRey D. Affonso Henriques, em que se conta o miraculoso apparecimento de Christo quando por sua propria pessoa quiz fundar o Reino de Portugal, saõ bem notorias aquellas palavras, mandadas annunciar ao Rey pelo mesmo Senhor, com o

recado de que lhe queria apparecer: *Domine, bono animo esto: Vinces, vinces, & non vinceris: d lectus es Domino, posuit enim super te, & super semen tuum post te oculos misericordiæ suæ usque in decimamsextam generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respiciet, & videbit.* Senhor, estay de bom animo: Vencereis, vencereis, e naõ sereis vencido: sois amado de Deos, porque poz sobre vós, e sobre vossa descendencia os olhos de sua misericordia até a decimasexta geraçaõ, na qual se attenuará a mesma descendencia; mas nella attenuada tornará a pôr seus olhos. Até aqui a Divina promessa, cujo cumprimento he taõ manifesto, que quasi naõ necessita de explicaçaõ. A decimasexta geraçaõ de ElRey D. Affonso Henriques (contando as geraçoens, como se devem contar de Rey a Rey, e de Coroa a Coroa) foy o Cardeal Rey D. Henrique, como se vê pelo Cathalogo seguinte:

I. ElRey Dom Sancho I.
II. ElRey Dom Affonso II.
III. ElRey Dom Sancho II.
IV. ElRey Dom Affonso III.
V. ElRey Dom Diniz.
VI. ElRey Dom Affonso IV.
VII. ElRey Dom Pedro I.
VIII. ElRey Dom Fernando.
IX. ElRey Dom Joaõ I.
X. ElRey Dom Duarte.
XI. ElRey Dom Affonso V.
XII. ElRey Dom Joaõ II.
XIII. ElRey Dom Manoel.
XIV. ElRey Dom Joaõ III.
XV. ElRey Dom Sebastiaõ.
XVI. ElRey Dom Henrique.

123 Neste ultimo Rey se attenuou a descendencia, porque ainda que naõ quebrou de todo, ficou por hum fio,

e fio

e fio taõ delgado, e attenuado, como era a unica Casa de Bragança descendente do Infante D. Duarte, irmaõ menor de D. Henrique: mas neste fio, unico, e taõ delgado, se veyo a verificar, que depois da descendencia de ElRey D. Affonso Henriques attenuada no decimosexto Rey, tornaria Deos a pôr seus olhos nella; porque nella se restituío a Coroa, que Christo entaõ lhe dava, sendo restituida (como foy) ao Duque D. Joaõ o II. de Bragança, Rey D. Joaõ o IV. de Portugal, e decimosetimo dos Reys Portuguezes descendentes do primeiro Affonso. Por outros modos tambem verdadeiros se faz esta mesma conta; mas este temos por mais natural, mais facil, e mais conforme á mente da profecia, e ás circumstancias, em que naquella occasiaõ se fallava.

124 S. Bernardo em huma carta escrita a ElRey D. Affonso Henriques, com quem tinha particular, e intima amizade, e correspondencia, a respeito das cousas presentes, e futuras do Reino, profetizou com admiravel clareza o termo dos sessenta annos do castigo, e a continuaçaõ, e succeslaõ de Reys Portuguezes antes; e depois della: a carta he a que se segue conservada em muitos Archivos deste Reino, e divulgada fóra delle muitos annos, antes da nossa restauraçaõ: *Dou as graças a V. Senhoria pela mercê, e esmola que nos fez do sitio, e terras de Alcobaça, para os Frades fazerem Mosteiro, em que sirvaõ a Deos, o qual em recompensaçaõ desta, que no Ceo lhe pagará, me disse lhe certificasse eu da sua parte, que a seu Reino de Portugal nunca faltariaõ Reys Portuguezes, salvo se pela graveza de culpas por algum tempo o castigar: naõ será porém taõ comprido o prazo deste castigo, que chegue a termos de sessenta annos. De Claraval 13. de Março de 1136. Bernardo.*

Fr. Francisco de Foyos no seu Sermaõ impresso da introducçaõ do Lauspe-renne de Alcobaça.

125 A condicional do castigo cumprio-se por nossos peccados, que sem duvida deviaõ ser muito grandes; mas tambem se cumprio muito pontualmente, que o castigo naõ chegaria a termo de sessenta annos, porque ElRey D. Filippe o II. foy jurado Rey de Portugal nas Cortes

de

de Thómar em 26 de Abril do anno de 1581. ElRey D. Joaõ o IV. nas Cortes de Lisboa em 13 de Dezembro de 640, que fazem 59 annos, e cinco mezes menos alguns dias, ou sessenta annos naõ completos, como S. Bernardo tinha profetizado. Outra carta temos do mesmo Santo escrita ao mesmo Rey, em que dá outro final manifesto, (e tambem ja cumprido) do tempo, em que havia de faltar a Coroa, que adiante poremos.

126 Finalmente muitas pessoas (de cujo espirito, a respeito dos successos futuros de Portugal, trataremos larga, e particularmente no Capitulo sessenta deste livro,) naõ só predisséraõ a sujeiçaõ do Reino a Castella, e sua liberdade, mas que o fim de huma, e principio de outra havia de ser finaladamente no anno de quarenta, e que naquelle anno seria levantado novo Rey de Portugal, e que este se chamaria D. Joaõ, com todas as outras circumstancias taõ miudas, e particulares, como se verá no mesmo lugar.

Vide D. Joaõ de Castro, e o memorial, que deu ao Papa Innocencio X. Pantaleaõ Rodrigues Pacheco Bispo nomeado de Elvas.

127 De maneira que por todas estas profecias consta claramente, que ao Reino de Portugal haviaõ de faltar Reys Portuguezes, e que esta falta havia de succeder no decimosexto Rey descendente de ElRey D. Affonso Henriques, e que havia o Reino de gemer debaixo da sujeiçaõ extranha, e que esta sujeiçaõ havia de ser a Castella, e que naõ havia de durar mais que sessenta annos naõ completos, e que o termo destes sessenta annos havia de ser no anno de quarenta, e que neste seria levantado pelos Portuguezes Rey novo, e que se havia de chamar D. Joaõ: as profecias o disseraõ, e os olhos o viraõ.

128 Pois se Deos naõ quiz que a sujeiçaõ de Portugal a Castella fosse perpetua, porque haõ de querer, e porfiar os homens, em que o seja? Se Deos limitou esta sujeiçaõ ao termo de sessenta annos, porque se naõ haõ de conformar os homens com seus soberanos Decretos? E porque se naõ haõ de contentar, com o que Deos se contentou? Porque se naõ verá no Catholico Cyro de Hespanha hum acto de tanta justiça, e generosidade, e de tan-

tanto rendimento, e obediencia a Deos; como se vio no Cyro de Babylonia? Se Deos lhe deu o usufruto de Portugal por praso sómente de sessenta annos, e estes saõ acabados, porque se ha de querer chamar ao dominio, e prescrever contra o Ceo? Se lhe parece cousa dura arrancar de sua Coroa huma joya taõ preciosa, como o Reino de Portugal, reparem seus prudentes, e Catholicos Conselhos, que o naõ era menos naquelle tempo, nem menos conhecido, e celebrado no mundo o Reino de Judéa, e que Cyro Rey ambicioso, e arrogante, e gentio, nem duvidou de o dimittir de seu Imperio. Quanto mais, que por este acto de consciencia, Religiaõ, e Christandade, e por este Reino, que Castella restituir, ou consentir a Deos, (pois elle tem ja restituido) lhe póde Deos dar outros mayores, e mais dilatados, com que enriqueça, e sublime sua Coroa, e amplifique o Imperio de sua Monarquia, como succedeo ao mesmo Cyro. Por aquelle acto de generosidade, e desinteresse foy Cyro taõ amado de Deos, que lhe chamava o meu Rey, o meu ungido, o meu Christo, o meu Cyro; e pelo merecimento deste obsequio, e rendimento á vontade Divina, lhe deu Deos em hum dia o Imperio dos Assyrios, que era a primeira Monarquia, e universal do mundo, como o mesmo Cyro reconhece havello recebido de sua maõ. Taõ liberal he Deos com os Principes, que naõ regateaõ Reinos, nem Estados com elle: e por hum Reino de taõ poucas legoas de terra, qual era o de Judéa; (igual com pouca differença ao de Portugal) dá em premio, e recompensa a Monarquia de todo o mundo. Taes saõ os interesses, (quando houvéra algum mayor, que o de obedecer a Deos) que Hespanha podia esperar do desinteresse deste acto; podendo de outra maneira, (para que naõ callemos esta verdade) temer justissimamente que á resoluçaõ, e porfia contraria succedaõ effeitos tambem contrarios. Se por hum acto de justiça, desinteresse, e obediencia dá Deos huma Monarquia, por hum acto de injustiça, ambiçaõ, e desobediencia tambem poderá tirar outra. E já a ordem

das couſas naturaes as teve menos diſpoſtas a huma grande ruina.

129 Quero pôr aqui as palavras do Texto Sagrado; em que Cyro faz deſiſtencia do Reino de Judéa, e deixou aquelle povo em ſua liberdade, por ſerem muy dignas de toda a ponderaçaõ, imitaçaõ, e memoria. Dizem aſſim no primeiro livro de Eſdras cap. 1. e ſaõ o exordio de ſua hiſtoria. *In anno primo Cyri Regis Perſarum, ut compleretur verbum Domini ex ore Jeremiæ, ſuſcitavit Dominus ſpiritum Regis Perſarum, & traduxit vocem in omni Regno ſuo; etiam per ſcripturam, dicens: Hæc dicit Cyrus Rex Perſarum: Omnia Regna terræ dedit mihi Dominus Deus Cœli, & ipſe præcepit mihi ut ædificarem ei domum in Jeruſalem, quæ eſt in Judæa. Quis eſt in vobis de univerſo populo ejus? Sit Deus illius cum ipſo: aſcendat in Jeruſalem.* 1. Eſdr. 1.

130 Laſtima he, que ſimilhante eſcritura naõ foſſe de Rey Catholico; e mayor laſtima ſerá ainda, que poſto algum Rey Catholico na meſma occaſiaõ, naõ queira immortalizar ſeu nome, e religiaõ com outro Decreto ſimilhante. No anno primeiro de Cyro, Rey dos Perſas, (quem aſſim começou a reinar, naõ podia deixar de ter taõ felices progreſſos) para ſe dar cumprimento á palavra Divina declarada nas profecias de Jeremias, levantou Deos o eſpirito de Cyro, Rey dos Perſas, (que ſó podia fazer huma acçaõ tamanha, e taõ Real hum Rey de eſpirito, e eſpiritos muy levantados por Deos) e mandou apregoar em todos ſeus Reinos, por eſcrito firmado de ſua maõ, eſte Decreto: Cyro Rey dos Perſas diz: O Rey do Ceo me deu, e fez Senhor de todos os Reinos do mundo; e elle me mandou, que lhe edificaſſe caſa em Jeruſalem, Cabeça de Judéa: pelo que toda a peſſoa, que houver em meus Eſtados, pertencente áquelle povo, e Reino, o meſmo Deos ſeja com elle, e ſe póde tornar livremente para Jeruſalem, &c. Lêaõ eſte Decreto os Reys, e Monarchas do mundo, aquelles principalmente, que ſendo Reys, e poſſuindo os Reinos, como dizem em ſuas pro-

visoens, por graça de Deos, com taõ pouco respeito ao mesmo Deos, e à mesma graça armaõ seus exercitos contra os alheyos. Se Deos deu tantos Reinos a Cyro, porque naõ dará Cyro hum Reino a Deos, ainda quando fosse seu indubitavelmente? Mas o que eu só quero ponderar, e peço por reverencia do mesmo Deos aos Reys Catholicos, a seus Conselhos, e a seus Letrados, ponderem, ao que Cyro Rey naõ Catholico, chama preceito de Deos neste seu Edicto. Naõ teve Cyro outro preceito, ou mandado particular de Deos (como notaõ todos os Expositores) mais que as profecias, em que estava annunciado, que no fim de setenta annos havia de ser o Reino, e povo Hebreo libertado do cativeiro de Babylonia, e restituido á sua patria, Coroa, e liberdade; e a estas profecias chama o Rey sem fé, preceito de Deos; a este genero de preceito assim escrito, posto que naõ intimado com outra authoridade, ou solemnidade, julgou que tinha obrigaçaõ de obedecer, e obedeceo com effeito, e observou em materia taõ grave, e de tanto pezo, e interesse de sua Coroa, como era dimittir de si hum povo, e hum Reino taõ notavel, de que elle ja era o terceiro possuidor, porque o primeiro foy Nabucodonosôr, o segundo, Balthazar, e o terceiro, Cyro.

131 Naõ sey que possa haver mais claro espelho do nosso caso: se Hespanha se quizer ver, e compor a elle, lêa as profecias que neste livro vaõ escritas, e ja cumpridas; veja quam ligitimamente está restituido por ellas, confórme o Decreto, ou preceito Divino, o Rey, e Reino de Portugal; e naõ me crea a mim, senaõ a seus proprios Doutores, e ao que mais duramente tem impugnado em nossos dias esta parte, e defendido a contraria: siga-se a sua doutrina, e naõ a minha advertencia.

132 D. Joaõ de Palafox e Mendoça Bispo de la Puebla de los Angeles, do Conselho Supremo de Aragaõ, na sua Historia Real Sagrada, escrita, como se vé em tantos lugares, mais para contradizer o novo Reino de Portugal, *Palaf. Histor. Real Sagrada.*

 tugal,

tugal, que para hiftoriar o de Saúl, impugnando a eleiçaõ de ElRey D. Joaõ o IV. cujo nome fe diffimula, e ponderando augufta, e doutamente os finaes, com que fe havia de juftificar para fer legitima, e de Deos, com mayor elegancia, que decencia, porque o affecto lhe fez corromper a pureza de feu eftylo, diz affim no livro 2. pag. 88. Hazia·fe una mudança tan grande en Ifrael, como acabarfe el gobierno de los Juezes, que havia durado quinientos años, y començar el de los Reys: efcogiafe para Principe un hombre, que ayér era fubdito, y labrador; el que antes era compañero, havian de venerarlo por Rey: pues para cofa tan grande, de tan rara, y de tales, y tan graves dependencias vayanfe a fus cafas los Ifraelitas, duerman, y pienfen fobre ello: buelva otra vez Samuel a la Oracion, diga·le el Señor a que hora vendrá el dia figuiente, el deftinado al Imperio, fucceda la profecia, buel vafe otra vez a decir que aquel es el hombre, llevele a fu cafa, conofcale, y reconofcale, ungale, y ungido juftifique fu vocacion con algunas profecias, y feñales de lo que le ha de fucceder defpues de ungido, con que el Profeta quede con quietud, y fociego, de que aquello le mandó el Señor; y el elegido juftifique la jurifdicion, que fe tenga por Principe legitimo, y llamado de Dios al gobierno.

133 Trez coufas requere Palafox, ou trez circumftancias em huma, para que a vocaçaõ do Rey fe juftifique fer de Deos, e para que os Miniftros, que o ungiraõ (como Samuel, e Saúl) fiquem com quietaçaõ, e focego de fer aquelle o que Deos mandou ungir; e para que o mefmo Rey ungido, e eleito juftifique fua jurifdicçaõ, e fe tenha por Principe legitimo, e chamado por Deos ao governo. E quaes faõ eftas trez coufas, ou circumftancias? As mefmas que intervieraõ, e fuccedèraõ na eleiçaõ, e uncçaõ de Saúl. Primeira, haver profecia de fer Saúl o deftinado por Deos ao Imperio. Segunda, que a profecia naõ feja fó huma, fenaõ algumas. Terceira, que effas profecias fuccedaõ, affim como eftavaõ predictas, e profetizadas.

Verda-

134 Verdadeiramente eſtas palavras do Biſpo Palafóx, *Cum eſſet Pontifex anni illius*, me parecem dictadas por algum eſpirito, e intento ſuperior, para que ſendo ditas como as de Caiphás com taõ diverſo, e contrario intento, foſſem verificadas no meſmo Principe, e no meſmo Reino que elle queria impugnar, e deſtuir, e ſua meſma accuſaçaõ ſeja hum teſtimunho publico, e mais qualificado da juſtiça, e juſtificaçaõ de noſſa cauſa.

135 Se Palafóx pede profecias, damos a Palafóx profecias, e naõ profecias daquelle dia, como as de Samuel, ſenaõ de cento, de trezentos, e de quinhentos annos antes, que ſaõ as mais qualificadas, e livres de ſuſpeita, e que ſó pódem ſer dictadas, e inſpiradas por aquella Sabedoria eterna, a quem os futuros ſaõ preſentes: e taes ſaõ as que pouco antes allegámos, porque as ultimas havia cem annos, que eſtavaõ eſcritas, as de S. Fr. Gil trezentos annos, e as de S. Bernardo, e de El-Rey D. Affonſo Henriques, mais de quinhentos, e todas publicas, authenticas, e juſtificadas com o teſtimunho univerſal do mundo, que as tinha viſto, e lido. Se Palafóx pede que a profecia naõ ſeja ſó huma, ſenaõ algumas, como as de Samuel foraõ trez; naõ ſò damos a Palafóx trez profecias, ſenaõ trinta profecias, e trez vezes trinta, as quaes ſe poderáõ ver no Capitulo 6. deſſe Anteprimeiro livro, porque tantas ſaõ (ſe bem ſe diſtinguirem, e contarem) as couſas diverſas, e profetizadas, que alli ſe referem, todas, naõ ſó futuras, mas de futuros livres, e contingentes, que nenhuns hum entendimento humano, diabolico, ou Angelico podia tantos annos prever, nem conhecer ſem revelaçaõ de Deos; que ſaõ as condiçoens que propriamente ſe requerem para a verdadeira, rigoroſa, e provada profecia, como he ſentença commum dos Theologos, e ſe provará larga, e demonſtrativamente em ſeu lugar.

136 Finalmente ſe Palafóx pede, que as meſmas profecias ſejaõ provadas, e confirmadas com o ſucceſſo aſſim antes, como depois de o Rey ſer eleito, e ungido:

no

no allegado Capitulo 60 se veráõ as mesmas profecias declaradas, e ajustadas com o successo; algumas dellas cumpridas antes da restituiçaõ, e Coroaçaõ de ElRey D. Joaõ o IV, outras no mesmo caso, e circumstancias de sua restituiçaõ; e as demais desde aquelle tempo até o anno de seiscentos sessenta e trez; além de muitas outras, que estaõ ainda por cumprir, que se leráõ no discurso desta historia, com cujo effeito, de que se naõ deve duvidar (como tambem provaremos) se irá cada dia confirmando mais, e mais a mesma verdade, bastando, e sobejando a decima parte das profecias ja cumpridas, para se justificar superabundantemente, confórme a doutrina de Palafóx com grande quietaçaõ, e socego dos animos, que a vocaçaõ daquelle Rey foy de Deos mandada, e ordenada por elle, e que a sua jurisdicçaõ he verdadeira, e ligitima, como de Principe notoriamente chamado, e destinado pelo mesmo Deos ao Imperio. Tal foy a eleiçaõ de Saul; tal a de ElRey D. Affonso Henriques, Fundador do Reino de Portugal; e tal a de ElRey D. Joaõ seu Restaurador.

137 Naõ deixarey tambem de lembrar aqui, que naõ saõ taõ novas, e desconhecidas em Castella as profecias, ou esperanças de Portugal, que naõ façaõ mençaõ dellas seus Authores, applicando-as á primeira parte deste mesmo caso nosso, e naõ duvidando, que delle fallavaõ, e delle se haviaõ de entender. D. Joaõ de Orosco, y Covarruvias, Arcediago de Cuellar na Igreja de Segovia, no seu Tratado de la verdadera, y falsa profecia, livro 1. cap. 14. diz assim: *Desta manera tuvo yo noticia de algunas profecias Portuguezas, que eran tenidas como de S. Isidoro, y tengo notado en una, en que a mi parecer se dixo mucho ha el haver de juntarse aquel Reino de Portugal con el nuestro, con harta particularidad.* Até aqui no corpo do livro; e commentando á margem o seu mesmo Texto poem as trovas seguintes:

Vejo, vejo, do Rey vejo
(Vejo, o estoi soñando?)

Se-

Semente de Rey Hernando
Hazer un forte despejo,
Y seguir con gran desejo,
Y dexar acà su viña,
Y decir, Esta casa es minha;
En que aora acá me vejo.

138 A traducçaõ naõ he muito limada; mas a explicaçaõ he muito propria, muito accommodada, e muito bem deduzida; porque sendo o intento, e o assumpto, ou thema daquella profecia predizer os successos futuros de Portugal depois de sua restauraçaõ, como se tem visto, foy principio muito conveniente á ordem dos mesmos successos começar pela sujeiçaõ do mesmo Reino a Castella, e pela entrada dos Reys Castelhanos em Portugal. E se o verdadeiro Profeta, e primeiro Author desta profecia he Santo Isidoro, e naõ outro, tanto melhor; porque temos mais qualificado Author, e mais authorizado Profeta. Mas vejamos de caminho que he o que diz Santo Isidoro, e como avalia esta acçaõ do Rey, semente de ElRey Fernando, que foy seu neto Filippe II. O nome que dà a esta acçaõ Santo Isidoro he chamarlhe *despejo*, que em tom Castelhano quer dizer *desverguença*; e chama-lhe despejo forte, porque foy despejo armado de poder, e de exercitos, e naõ (como devera ser) de justiça: ou lhe chama tambem forte, porque ás cousas feitas sem razaõ chamamos forte cousa; como se dissera: Forte cousa he, e despejo grande, que estando em Portugal a Senhora Dona Catharina, neta legitima de ElRey D. Manoel, e filha herdeira do Infante D. Duarte, e devendo preceder a todos os pertensores da Coroa assim pelo direito commum da represẽntaçaõ, como pelas leys particulares do Reino, que naõ admittem á successaõ Principe Extrangeiro; hum Rey, que era descendente de Fernando, por antonomasia chamado o Rey Catholico, se viesse por força introduzir na casa alheya, sem mais razaõ, nem justiça que meterse nella, e di-

e dizer: Eſta caſa he minha, em que agora cá me vejo: Baſta Rey Catholico, e deſcendente de Catholico, que porque vos vedes mettido na caſa alheya, por iſto haveis de dizer: Eſta caſa he minha? Naõ debalde o Santo Arcebiſpo ſe eſpanta tanto de huma tal acçaõ, que depois de a eſtar vendo com eſpirito profetico, ainda duvída ſe era viſaõ, ou ſonho: *Vejo, vejo, do Rey vejo, vejo, ou eſtou ſonhando*? Mas o effeito moſtrou, que naõ era ſonho, ſenaõ viſaõ verdadeira, poſto que viſaõ de hum caſo taõ difficultoſo de crer. E pois o metterem-ſe os Caſtelhanos em Portugal foy deſpejo, razaõ foy tambem que os fizeſſem deſpejar. Mas naõ he eſte o meu intento, nem eſta illaçaõ a que eu quero inferir.

139 Diz o Doutor Oroſco, e Covarruvias, que neſta profecia eſtá profetizado, *Con harta particularidad, haver de juntarſe aquel Reino de Portugal con el nueſtro.* Bem dito: mas ſe eſte meſmo Author, e eſte meſmo Texto, e eſte meſmo Santo Iſidoro diz que o Reino ſe ha de reſtituir outra vez, e com muito mayor particularidade no anno de quarenta, e que o ſeu Rey ſe ha de chamar D. Joaõ: ſe iſto, digo, eſtà bem profetizado, e profetizado no meſmo livro e no meſmo tempo, e allegado o meſmo Doutor; porque naõ haõ de crer os Oroſcos, e Covarruvias Caſtelhanos neſta ſegunda parte da meſma profecia, aſſim como créraõ na primeira?

140 De maneira que quando as profecias de Portugal profetizaõ, que Portugal ſe ha de ajuntar a Caſtella, ſaõ profecias; e quando profetizaõ, que Portugal ſe ha de tornar a ſeparar de Caſtella, e ſe ha de reſtituir á ſua liberdade, naõ ſaõ profecias! Naõ o havia de julgar o meſmo Oroſco, e o meſmo Covarruvias, nem o julgou aſſim o meſmo Santo Iſidoro. Forte deſpejo foy aquelle, mas ainda eſta conſequencia he mais forte. Ora, ſenhores, acabemos de crer a Deos, que nem elle pode mentir, nem nós o podemos enganar. Sey eu, e ſabe Portugal, e Caſtella tambem o ſabe, quanto cuidado lá davaõ, antes deſte tempo, e quanto temor ſe tinha de noſſas profe-

cias,

cias, e naõ entendo agora como depois dellas cumpridas, e qualificadas com taõ maravilhosos effeitos se lhe tem perdido a reverencia. Em seu lugar, como tenho promettido, se verá taõ demonstrada a sua verdade, que nenhum odio, nem interesse possa negar, que saõ de Deos, e que em consequencia será indigno de todo o juizo porfiar ainda contra ellas, depois de taõ conhecidas. Conhecia Herodes a verdade das profecias, inquirio por ellas o tempo, e o lugar do nascimento do Rey profetizado, e logo armou contra elle a crueldade de seus exercitos. Até aqui podia chegar a loucura, e a cegueira de hum mal aconselhado Principe: crer a verdade das profecias, e esperar prevalecer contra ellas por força de armas; mas que effeito tiveraõ, oú que façanhas obráraõ os exercitos de Herodes? Contra o Rey, e contra o Reino, que pertendia estorvar, nenhuma cousa. Só se afogou Belem em sangue e nanou em lagrimas: só se ouviraõ em Ramá, e no Ceo as queixas, e lamentaçoens de Rachel. Este he o fim sem outro fruto de taõ desesperadas resoluçoens: Sangue innocente derramado, lagrimas, queixas, lamentações, clamores, e naõ dos outros, senaõ dos proprios vassallos. Vassallos eraõ do mesmo Herodes todos os que morréraõ em Belem: cobrio de lucto o Reino proprio, e naõ pode atalhar com tantos rios de sangue os progressos do que procurava impedir, porque estava destinado por Deos ao dominio de seu verdadeiro Senhor, e firmado com sua palavra.

141 Considere Castella contra quem peleja, e conhecerá quam impossivel he a empreza, a que aspira; acabe de entender, que naõ peleja contra Portugal, senaõ contra a firmeza da palavra, e promessas Divinas. Talar as nossas campanhas, vencer em batalha os nossos exercitos, sitiar as nossas Cidades, bater, minar, escalar, e arruinar as nossas muralhas, bem póde ser; mas fazer brecha na firmeza da palavra Divina he impossivel: naõ ha muro taõ gastado da antiguidade, e taõ fraco em Portugal, em cujas pedras naõ esteja escrito com letras de bronze:

Verbum Domini manet in æternum. Reparem os famosos Capitães de Castella, e considerem seus prudentissimos, e experimentados Conselheiros, apartando os olhos por hum pouco de Portugal, se se achaõ seus exercitos com forças, e poder bastante para conquistar Europa, para sujeitar todas as quatro partes do mundo, e ainda para escalar, como filhos do Sol, o Ceo, e tirar delle a Jupiter: pois saibaõ, que mais facil será conquistar Europa, o mundo, e o mesmo Ceo Empyreo, do que vencer, e sujeitar Portugal defendido, e armado (como está) com as promessas Divinas: *Cœlum, & terra transibunt, verba autem mea non præteribunt.* Pelejem primeiro contra a firmeza da palavra de Deos, bataõ, abalem, derrubem, desfaçaõ este Castello, e depois delle rendido, entaõ poderáõ conquistar Portugal. Perguntem a ElRey Joseph, e a ElRey Acab com as forças de dous taõ poderosos Reinos unidos, porque naõ conquistáraõ a Ramoth? Perguntem a Benedad, Rey de Siria, e aos trinta e dous Reys, que o acompanhavaõ, porque huma, e outra vez naõ conquistáraõ Samaría, sendo tanto o numero de seus soldados, que com hum punhado de terra, que cada hum lançasse sobre ella (como elles diziaõ) a podiaõ sepultar? Perguntem ao soberbissimo Senacherib, vencedor de tantas naçoens, com todo o estrondo de tantos mil carros de guerra, a taõ innumeraveis exercitos de pé, e de cavallo, porque naõ chegou a metter huma seta dentro dos muros de Jerusalem? Porque Ramoth estava defen-
3. Reg. 11. dida com huma profecia de Michéas: Samarîa com huma profecia de Elíseu: Jerusalem com huma profecia de Isaías.

142 Mas deixados exemplos das Escrituras, e profecias Canonicas, ouçaõ tambem as nossas, que sendo de inferior authoridade, tambem foraõ dictadas, como depois se verá, pelo mesmo espirito. Porque poderáõ romper os Portuguezes os claustros impenetraveis do Oceano, e conquistáraõ nas outras tres partes do mundo, sendo hum Reino taõ pequeno, tantas, taõ notaveis, e taõ

pode-

poderofas naçoens, fenaõ porque eftava efcrito?

143 Porque eftando fujeitos a Caftella, e debaixo de feus prefidios, facudiraõ taõ feliz, e animofamente o jugo, e em hum dia reftauráraõ fua liberdade, em Portugal, na Africa, na Afia, e na America, fenaõ porque eftava efcrito? Porque hontem na memoravel batalha do Cano com partido taõ defigual rompèraõ hum taõ luzido, e poderofo exercito, formado mais de Capitães, que de foldados, e efcaláraõ com tanta fatalidade aquellas montanhas, ou muralhas da natureza, a que o feu General chamou Caftellos de Milaõ, fenaõ porque eftava efcrito? Pois fe a confervaçaõ, a liberdade, e perpetuidade, as victorias, e outros mayores triunfos de Portugal eftaõ tambem efcritos com as mefmas letras, e dictados pelo mefmo efpirito; que efperança, ou defefperaçaõ he pertender conquiftar a Portugal? O' acabe de entender Caftella, quem defende Portugal, e contra quem peleja. Com muy defigual inimigo fe toma, quem quer guerrear contra Deos.

144 Naõ he, nem póde fer noffa intençaõ diminuir as forças de Hefpanha, nem efcurecer a grandeza de fua potencia, taõ conhecida do mundo todo, e taõ temida, e reverenciada de feus inimigos, e invejada de feus émulos. Mas he força, que ella, e nós confeffemos, que faõ mayores os poderes de Deos, e que affiftida delles a defigualdade de Portugal póde refiftir, e prevalecer contra Hefpanha, como lhe tem refiftido, e prevalecido em tantos annos. Dizem as fabulas com fignificaçaõ naõ fabulofa, mas verdadeira, que quando Páris houve de ferir mortalmente o impenetravel corpo de Achilles, unío o Deos Apollo a maõ de Páris com a fua, e ambas juntas difpararaõ a fetta fatal. Comparado o braço de Páris com o de Achilles, maõ por maõ, e braço por braço, mais forte he o de Achilles; mas comparado o de Achilles com o de Páris, acompanhado de Apollo, mais forte he o de Páris. Naõ foy fó a efpáda de Gedeaõ, a que com taõ poucos foldados venceo os exercitos dos Madianitas,

 mas

mas a espada de Gedeaõ maneada pelo seu braço, e pelo de Deos juntamente: *Gladius Domini, & Gedeonis.* Contra a espada de Gedeaõ naturalmente parece que haviaõ de prevalecer os exercitos Madianitas; mas contra a espada de Gedeaõ, e de Deos, nenhum poder humano póde prevalecer. Naõ peleja Castella só contra os exercitos de Portugal, mas contra o Senhor dos exercitos. No dia memoravel da restituiçaõ de Portugal (ou fosse milagre, ou mysterio) he certo que a Imagem de Christo crucificado despregou publicamente o braço ás portas daquelle Santo Portuguez, que tem por graça propria sua recuperar o perdido. Contra o braço extendido de Deos, que força ha, que possa prevalecer nem ainda resistir? Este he aquelle braço Omnipotente, que tira os poderosos do throno, e levanta a elle os humildes, ou os humilhados, como fez naquelle dia. Grande gloria he de Portugal ter em seu favor o braço de Deos; mas naõ foy menos honra, e authoridade de Castella, que fosse necessario o braço de Deos a Portugal para se libertar da sua sujeiçaõ.

145 Menos que o braço, e menos que toda a maõ de Deos bastou para livrar o povo de Israel do poder do grande Rey Faraó: o dedo de Deos he este, lhe disseraõ os seus Sabios: *Digitus Dei est hic*; e verdadeiramente foy grande dureza de entendimento imaginar Faraó que podiaõ prevalecer seus exercitos contra hum dedo da maõ de Deos, quanto mais contra toda a maõ. Assim lho remoqueou Moyses, quando escreveo aquella historia: *Induravit Dominus cor Pharaonis Regis Egypti, & persecutus est filios Israel, at illi egressi erant in manu excelsa.* Notem muitos estas ultimas palavras os Reys, e seus Conselheiros: *At illi egressi erant in manu excelsa.* Se a maõ do Altissimo he a que assistio aos libertados quando elles sahiraõ do cativeiro, em vaõ se cança Faraó em tirar carruagens, cavallarias, e exercitos contra elles, senaõ he que o juizo Divino os leva ao mar vermelho, e os chama lá alguma occulta fatalidade. Bem se

vio

vio neste caso taõ horrendo; quam gravemente se offende Deos de que ninguem presuma cativar a quem elle liberta.

146 Desengano, senhores meus, fallemos, e ouçamos como Catholicos. O que Deos faz, só Deos o póde desfazer; o que elle levanta, só elle o póde derrubar. Bem sabe Castella, (sinal he que o sabe bem, pois chega ao confessar) e no mesmo anno, em que Portugal se havia de levantar, o estampáraõ assim seus escritos. Bem sabe Castella (digo) que Portugal com singularidade unica entre todos os Reinos do mundo foy Reino dado, feito, e levantado por Deos naquelles mesmos campos, e naquella mesma Provincia, onde todos os annos trabalhaõ, e batalhaõ os homens pelo derrubar, pelo desfazer, e pelo tirar a quem foy dado.

147 Se Deos o deu, como o pódem os homens tirar? Se Deos o fez, como o pódem os homens desfazer? Se Deos o levantou, como o pódem os homens derrubar? E se Deos prometteo que na decimasexta geraçaõ attenuada poria os olhos nella para o restituir, como ha quem tanto á vista dos olhos de Deos queira triunfar sobre suas promessas, e irritar seus Decretos? Até a superstiçaõ dos Gentios conheceo a consequencia desta verdade, e que os Reinos fundados por hum Deos (ainda quando houvesse muitos Deoses) só o mesmo Deos os podia arruinar. Esta foy a Theologia, com que os dous Principes dos Poetas no incendio, e destruiçaõ de Troya introduziraõ ao Deos Neptuno batendo com o Tridente os muros, que elle mesmo tinha fundado. Homer. Virgil.

148 Naquella noite, em que Christo por sua propria pessoa fundou o Reino de Portugal, apparecendo, e fallando ao seu primeiro Rey, disse: *Ego ædificator, & dissipator Regnorum, atque Imperiorum sum: volo enim in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteras nationes.* Eu sou o fundador, e destruidor dos Reinos, e dos Imperios: e quero em ti, e em teus descendentes fundar hum Imperio para mim, Juramento de ElRey D. Affonso Henriques.

pelo

pelo qual o meu nome ſeja levado ás naçoens extrangeiras. Se Deos he o Monarcha ſupremo, e univerſal, que funda, e desfaz os Reinos, e os Imperios, e com taõ eſpecial ſolemnidade fundou por ſua propria peſſoa nos Reys Portuguezes o de Portugal; quem haverá, (que naõ ſeja o meſmo Deos) que o poſſa desfazer, e diſſipar? Ponderem-ſe muito aquellas trez clauſulas, *in te mihi ſtabilire.* Se Deos o fundou em nòs, *in te*, quem o poderá arrancar de nós? Se Déos o quiz para ſi, *mihi*, como o poderá ſer de outrem? E ſe Deos prometteo de o eſtabelecer, *ſtabilire*, como o podem os homens arruinar? Acabem de conhecer, os que ſe prezaõ de conhecer a Deos, que ſaõ homens; e tenhaõ-ſe por homens, por racionaes, e por Conſelheiros, os que ſeguirem os dictames deſte conhecimento. Na prodigioſa batalha das linhas de Elvas, quando o Duque General primeiro Miniſtro de Heſpanha ſe vio taõ inopinadamente de Conquiſtador, conquiſtado, as trincheiras entradas, os eſquadroens rotos, os fortes rendidos, o exercito desbaratado, as palavras, com que ſe retirou, como taõ prudente, e taõ Catholico Capitaõ, foraõ: *Contra Diós nõ valen manos.* Se eſte dictame taõ ſaõ, taõ verdadeiro, e taõ evidente ſe ſeguira deſde aquelle dia, quanto ſangue, que ao depois ſe derramou, eſtivera guardado nas veas, ou ſe tivera de huma, e outra parte empregado em ſerviço daquelle grande Senhor, contra o qual naõ valem mãos, nem validos? Contra a evidencia, e fé deſta razaõ, que naõ tem repoſta, coſtuma atraveſſar o Demonio aquella torpeza do Inferno, a que os homens com nome eſpecioſo, e ſignificaçaõ verdadeira infernal, chamáraõ reputaçaõ: dizem que naõ convem á reputaçaõ do grande Monarcha das Heſpanhas deſiſtir da empreza de Portugal, naõ pelo que elle he, mas pelo que dirá o mundo: como ſe naõ eſtiveramos no meſmo mundo, em que hontem o meſmo Monarcha cedeo ás Provincias unidas dos Paizes baixos, todos aquelles Eſtados, de que com taõ differentes direitos era herdeiro, e legitimo

Se-

Senhor. Mas para o nosso caso naõ saõ necessarios exemplos, nem tem lugar, porque he diverso de todos, e de superior Jerarchia. E quando concedessemos aos politicos, que para vaidade fantastica da opiniaõ, se devaõ arrastar tantos respeitos solidos, e verdadeiros como elles falsamente ensinaõ, em nenhum caso da paz, e reciproca desistencia das armas, esteve mais segura, e mais honrada a reputaçaõ de Hespanha, e de seu grande Monarcha, que no da guerra presente: pelo mesmo fundamento, e unico, em que se funda todo este discurso, em ceder, obedecer a Deos, e naõ resistir á sua vontade conhecida, nunca se perde, nem póde perder reputaçaõ; antes se ganha a mayor, e mais qualificada de todas; porque se a reputaçaõ consiste no juizo dos homens, nenhum juizo haverá no mundo Catholico, politico, nem ainda gentilico, que naõ estime, e venere huma tal acçaõ pela mais Christãa, mais justa, mais prudente, mais generosa, mais heroica de quantas honráraõ a memoria dos mayores Principes.

149 Quando Moysés foy notificar da parte de Deos a ElRey Faraó, que désse liberdade ao povo de Israel, que havia tantos annos tinha debaixo de seu dominio, o que respondeo foy: *Nescio Dominum*, *&* *Israel non dimittam.* Naõ conheço esse Deos, e naõ hey de dimittir a Israel. Naõ disse que naõ queria obedecer a Deos, senaõ que o naõ conhecia: porque o Principe, que conhece a Deos, ainda que seja taõ barbaro, e arrogante como Faraó, e em materia de tanto pezo, e interesse, como dimittir de si o dominio de huma naçaõ inteira, e taõ populosa, naõ póde duvidar de obedecer, e se sujeitar á sua vontade. e porque Faraó o naõ fez assim, ainda que Gentio, e sem conhecimento de Deos, a reputaçaõ que grangeou com aquella teimosa resoluçaõ, he a que hoje tem no mundo e terá em quanto durarem os livros sagrados, de barbaro, de nescio, de obstinado, de impio Rey, e de inimigo, e destruidor, (como foy por isso mesmo) de seu Imperio.

150 Resistir a huma razaõ taõ evidente; como a que diz: (Assim o quer Deos) he taõ indigna, e taõ afrontosa resistencia, que nenhuma razaõ de Estado a póde justificar, ainda que se perdesse o mesmo Estado.

2. Reg. c. 2. vers. 8. & 9.

151 Depois da morte de ElRey Saul a Tribu de Judá seguio as partes de David, e as outras onze Tribus obedecéraõ, e juráraõ por seu Rey a Isboseth, filho herdeiro do Rey defunto: seguiraõ-se bravas guerras entre hum, e outro partido, duráraõ sete annos, e o fim notavel em que vieraõ a parar foy, que as onze Tribus deixáraõ a Isboseth, e voluntariamente se entregáraõ, e se sujeitáraõ todos a David; e a mayor circumstancia do caso he, que sendo ao parecer taõ indignas as condiçoens da paz, ella se ajustou em hum dia sem o mediador Abner, sem haver em todos as doze Tribus hum só homem, que fallasse huma palavra em contrario, nem ainda o mesmo Isboseth, que ficára privado do Reino de seu pay, passando todo a David, que hontem era seu vassallo. Mas que razoens taõ fortes, e de tanta efficacia foraõ as que representou Abner para persuadir, e concluir taõ breve, e subitamente hum negocio tamanho, em que os interesses, a honra, e a reputaçaõ de todos estava taõ empenhada, e muito mais a do mesmo Rey? A razaõ foy huma só, e he esta que estou allegando: *Quoniam locutus est Dominus.* Propoz Abner ás Tribus, que a vontade de Deos era que David fosse Rey, como o tinha declarado o Profeta Samuel; e contra esta proposta naõ houve Rey, nem Conselheiros, nem vassallo, que repugnasse, ou respondesse; porque entendéraõ que o interesse de obedecer a esta razaõ, era o mayor de todos os interesses, e que debaixo della naõ só ficava salva a honra, e a reputaçaõ, mas honrada a mesma honra. Assim como o vassallo nunca póde perder a honra, e reputaçaõ, senaõ ganhalla em obedecer ao Rey, assim o Rey nunca a póde perder em obedecer a Deos, senaõ ganhalla, seguralla, e accrescentalla muito.

Ibidem c. 3. per tot.

Ibidem v. 18.

152 E se buscarmos a raiz desta verdadeira razaõ, achalla-

achallahemos ſem muito cavar no ſupremo dominio de Deos, que como Senhor abſoluto dos Reinos, e dos Imperios os póde dar, e tirar inteiros quando lhe parecer; e tambem dividillos, e partillos quando he ſervido. David, como acabamos de ver, começou com parte do Reino de Iſrael, e depois inteirou lhe Deos o Imperio, e reinou ſobre toda a Judéa. Seu filho Salamaõ logrou o meſmo Imperio inteiro pacificamente. Seu neto Roboaõ entrou no Imperio tambem inteiro, mas em ſeu Reinado lho dividîo Deos, e deu parte delle a Geroboaõ.

153 O meſmo ſuccedeo ao Imperio de Heſpanha nos ultimos trez Reys della. Filippe II. começou a reinar com parte, e depois com a uniáõ, e ſujeiçaõ de Portugal inteirou·lhe Deos o Imperio de toda Heſpanha. Seu filho Filippe III. logrou o meſmo Imperio inteiro pacificamente. Seu neto Filippe IV. entrou no Imperio tambem inteiro, mas em ſeu Reinado lho dividío Deos, e deu a Portugal a parte que lhe pertencia.

154 Antes do Reino de Iſrael ſe dividir entre Roboaõ, e Geroboaõ, tomou o Profeta Ahias a ſua capa cortada em doze partes, e deſtas doze deu dez a Geroboaõ, em ſinal de que Deos o queria fazer Rey de dez Tribus de Iſrael. *3. Reg. c. 11. v. 30. & 31.*

155 Note·ſe aqui, e note·ſe muito, que os Profetas ſaõ os que dividem os Reinos, e os que os repartem: elles os dividem primeiro profetizando, e depois Deos executando: e ſe o Profeta Ahias póde partir a ſua capa, e dar parte della a ElRey Geroboaõ, e parte a ElRey Roboaõ; porque naõ poderá Deos partir tambem a ſua, e da purpura inteira, que tinha dado, ou empreſtado a hum Rey cortar hum retalho para veſtir, e coroar outro?

156 Ah! Se os Reys, e Monarcas conſideraſſem, que as purpuras que veſtem, lhas empreſta Deos da ſua guardaroupa, para que repreſentem o papel de Reys, em quanto elle for ſervido! E ſe o Roboaõ de Iſrael ſe contenta com que lhe tirem dez partes do Reino, e lhe deixem huma: (aſſim o diz expreſſamente o Texto Sagrado: *Por- Ibid. v. 32.*

rò una Tribus remanebit ei; porque o Tribu de Benjamin, que ficou a Roboaõ juntamente com o de Judà, por sua pouquidade naõ fazia numero era outro Algarve, em respeito de Portugal.) E se o Roboaõ de Israel (como dizia) se contenta com que lhe tirem dez Tribus, e lhe deixem huma só parte; porque se naõ contentará o Roboaõ de Hespanha, quando lhe tire o mesmo dono hum Reino, se lhe deixa dez? Oh como se póde temer que chame Deos ingratidaõ ao que os homens chamaõ reputaçaõ! A mayor reputaçaõ de hum Principe que conhece a Deos, e reconhece seu supremo dominio, he dizer como
1. Reg. 18, Eli, ainda quando se visse despojado de tudo: *Dominus est, quod bonum est, in oculis suis faciat.*

157 E se esta razaõ ainda em termos taõ apertados he sempre verdadeira; quanto mais no caso presente, em que a grandeza de Hespanha, e sua potencia he o mayor seguro de sua reputaçaõ? Pedir paz quem se naõ póde defender da guerra, poderà ser menor credito; mas dar a paz, naõ porque a ha mister, senaõ porque a quer dar, quem póde fazer, e apartar a guerra, sempre he generosidade, honra, reputaçaõ, e gloria. O grande poder he muito confiado. Poder pôr em campo doze legiões de
Matth. c. 26 Anjos, e mandar embainhar a espada a Pedro, foy a ma-
v. 52. & 53. yor gloria do poder supremo. Naõ póde dar mais a fortuna a hum Principe, que poder o que quer: nem pòde exceder hum Principe essa mesma fortuna mais, que naõ querendo o que pòde; e naõ poder querer o que Deos naõ quer, ainda he hum ponto mais alto sobre a grandeza. Mas se em toda a idade tem decencia, e decoro a gentileza desta resoluçaõ, nos mayores annos ainda he incomparavelmente mayor.

Genes. c. 13 158 Pelejáraõ os pastores de Abraham com os de
v. 7. & 8. Loth, os do tio com os do sobrinho: Abraham que foy o que apartou a demanda, naõ quiz pelejar sobre a terra, quando os annos o chamavaõ mais para o Ceo. Oh poderosissimo Monarcha Filippe IV. o Grande! Day licença, para que tenhaõ entrada a vossos ouvidos os eccos destas

ulti-

ultimas clauſulas, naõ de meu diſcurſo; ſenaõ de meu deſejo; as vozes de que elles ſe formaõ, ſabe, o que conhece os coraçoens, que naõ ſe eſcrevem com outro fim mais que o de o agradar, e de que todos os Principes Catholicos o agradem; que ſe naõ derrame ſangue Chriſtaõ, e ſobre Chriſtaõ Heſpanhol, pois he aquelle de que mais puramente ſe alimenta a Santa Madre Igreja, e de que a cabeça della recebe os eſpiritos, com que vivifica, e anîma ſeus mais diſtantes membros.

159 Ouvi Senhor a voz de hum Extrangeiro, deſintereſſado vaſſallo, que foy ja voſſo por ſujeiçaõ, e hoje he tambem voſſo (poſto que naõ vaſſallo) por affecto. Ouvi a voz de hum homem, que nem das felicidades de Portugal eſpera, nem das voſſas teme; porque vive fora da juriſdicçaõ da fortuna, por eſtado muito abaixo da ſua roda; e por coraçaõ muito acima della. Com todo eſte deſintereſſe me atrevo Senhor a vos dizer de longe o que póde ſer naõ tenhaes ouvido de mais perto.

160 A mayor façanha de Carlos voſſo Avô, com que coroou todas as ſuas, foy ſaber morrer. Mereceſtes na vida o titulo de Grande, mayor ſereis no fim della, ſe ao de grande accreſcentares o de juſto. Naõ ſe póde pagar a Deos o que he de Deos, ſem dar a Ceſar o que he de Ceſar: e ſeria grande deſgraça perder o Reino eterno por hum temporal ja perdido. *Luc.20.25.*

161 Naõ duvido, Senhor, que tereis Conſelheiros de grandes letras, que ſegurem, e juſtifiquem as cauſas de taõ dilatada, e cruel guerra: mas ponhaõ os Reys diante dos olhos as letras, e as balanças de Balthazar, e examinem ſe elles, ou ſeus mayores ſe governáraõ pelos pareceres dos Letrados, ou os Letrados pelos intereſſes dos Reys. Os Textos ſaõ da juſtiça, as interpretaçoens podem ſer da liſonja: com hum Texto ſanto mal interpretado quiz o Demonio deſpenhar a Chriſto, e depois deſte Texto, e deſta interpretaçaõ lhe offereceo o Reino que lhe naõ podia dar. Grande ſinal he de predeſtinaçaõ de hum Principe que faça Deos por elle as reſtituiçoens, *Daniel c.5. v. 5. & 27.* *Matth.4.6.* *Ibidem v.8. & 9.*

que nem ſeus predeceſſores fizeraõ ; nem elle havia de fazer. Felicidade he levar ja abatida das contas, que ſe haõ de dar a Deos, huma partida taõ groſſa, como o Reino de Portugal, e ſuas Conquiſtas: baſta haverſe de dar a meſma conta de Ormuz, de Ceilaõ, de Malaca, do Braſil, perdidos pela deſattençaõ dos Miniſtros, ou pela intençaõ (que ſerá peyor) dos politicos. O tratado de huma boa, e juſta paz podia ſer huma Bulla de Compoſiçaõ geral, com que ſe levaſſem purgados todos eſtes encargos: naõ queiraes levar ſobre vós, e deixar ſobre voſſos filhos por cima de tanto ſangue derramado, o que ainda ſe póde derramar.

162 Lembro-vos, Senhor, o ſigno debaixo de que naſceſtes; e ſeja eſte o ultimo ſuſpiro do meu affecto: naſceſtes no dia, em que morreo o Rey dos Reys, e Monarcha Supremo do mundo para dar exemplo de morrer a Principes: ponde os olhos neſte ſoberano exemplar, firmay o titulo de Rey com o de Catholico, pois ſempre prezaſtes mais o de Catholico, que o de Rey; ſeja parte do ſacrificio a repartiçaõ das veſtiduras, e leve embora a tunica aquelle a quem coube em ſorte; e faça-ſe tudo diante de voſſos olhos, antes que os fecheis. Se vos parece amargoſo eſte trago, goſtay o fel, e naõ o paſſeis da boca: com eſta obra taõ conſummada podeis entregar a alma ſegura nas mãos do Padre, que he Rey, e Senhor; o que ſó importa: com huma inclinaçaõ da cabeça podeis deixar pacificado o mundo: deixar a paz por herança a voſſa Eſpoſa. Eſta ſerá a mayor prenda do voſſo amor, eſte o trofeo mayor de voſſas victorias.

Joan. 19. v. 23. & 24.

Matth. 37. 34.

CAPI-

CAPITULO IX.

Verdade deſta hiſtoria: declara-ſe o modo, com que ſe pode conhecer, e ſaber os futuros.

163 A Primeira qualidade da hiſtoria (quando naõ ſeja a ſua eſſencia) he a verdade; e porque eſta parecerá muito difficultoſa, e por ventura impoſſivel na Hiſtoria do Futuro, ſerá razaõ, que antes que vamos mais por diante, ſoceguemos o eſcrupulo, ou receyo (quando naõ ſeja o rizo, e o deſprezo) dos que aſſim o podem imaginar. E pois pedimos aos Leitores o aſſento da fé, juſto he que lhe moſtremos primeiro os motivos da credulidade, naõ duvidando da pia affeiçaõ de todos, pois a materia he tanto para crer, e taõ ſua.

164 Confeſſo, que entramos em hum cháos profundiſſimo, e eſcuriſſimo, de que ſe póde dizer com toda a razaõ: *Tenebræ erant ſuper faciem abyſſi.* Mas neſte Geneſ. 1. 2.
meſmo abiſmo de trevas ſe o eſpirito do Senhor (como eſperamos) nos naõ faltar com a ſua aſſiſtencia, como alli naõ faltou: *Spiritus Domini ferebatur ſuper aquas,* Ibidem v. 2.
dirá Deos (que ſó elle póde dizer) e farſe-ha o que ſó elle póde fazer: *Fiat lux, & facta eſt lux.* As mayores tre- Ibidem v. 3.
vas, que ſe viraõ no mundo, ou com que o mundo ſe naõ vio, foraõ aquellas do Egypto, das quaes diz o Texto ſagrado: *Factæ ſunt tenebræ horribiles in univerſa* Exod. 10. 22.
terra Ægypti, nemo vidit fratrem ſuum, nec movit ſe de loco, in quo erat. Trevas, que faziaõ horror, trevas, com que nada ſe via, e trevas, com que ſe naõ podia dar paſſo: taes ſaõ as trevas, e tal a eſcuridade do futuro. Com tudo o Apoſtolo Saõ Pedro nos enſinou a entrar neſtas trevas ſem medo, e a dar paſſo, e muitos paſſos nellas, e a ver claramente, e com mayor certeza tudo o que ellas encobrem: *Habemus firmiorem Propheticum* 2. Petr. 1. 19.
ſermonem, cui bene facitis attendentes, quaſi lucernæ lucenti in caliginoſo loco, donec diès eluceſcat. Temos (diz

(diz o Principe dos Apostolos) as profecias; e palavras certissimas dos Profetas, as quaes devemos observar, e attender, usando dellas, como de candêa luzente em lugar escuro, e caliginoso, até que amanheça o dia. Lugar escuro, e caliginoso he o futuro, a candea que allumea saõ as profecias, o Sol que ha de amanhecer, he o cumprimento dellas: e em quanto este Sol, que será muito formoso, e alegre, naõ apparece, naõ coroa os nossos montes: o que só agora podemos, e devemos fazer he levar a candea das profecias diante; e com a sua luz (ainda que luz pequena) entraremos no lugar caliginoso, e escurissimo dos futuros, e veremos o que nelles se passa.

165 Por isso os Profetas na Sagrada Escritura se chamaõ por antonomasia *Videntes*. porque com o lume da profecia entravaõ nos lugares escurissimos, e secretissimos dos futuros, e viaõ nelles claramente aquellas cousas, para que todos os outros homens saõ cegos; e ninguem as póde ver, senaõ allumiado da mesma luz. Eu conheço, e confesso que a naõ tenho; nem basta estudo, ou diligencia alguma para a alcançar, porque só Deos a póde dar, e a dá quando e a quem he servido. *Non enim voluntate humana allata est aliquando prophetia. sed Spiritu Sancto inspirati locuti sunt Sancti Dei homines*, diz S. Pedro. mas ainda que a candêa esteja na maõ de outrem, tambem se pódem aproveitar da sua luz os que se chegarem a ella, e a forem seguindo. nesta propriedade falla a Escritura quando diz da profecia de Aggeo. *Factum est verbum Domini in manu Aggæi Prophetæ.* E da profecia de Malachias: *Onus verbi Domini ad Israel in manu Malachiæ* E geralmente das profecias de todos os Profetas. *Sicut locutus es de manu puerorum tuorum Prophetarum* De maneira, que poz Deos a profecia como candêa na maõ dos Profetas, para que allumiados, e guiados da mesma luz, os que naõ somos Profetas possamos entrar com elles no lugar escuro, e caliginoso dos futuros, e ver, e conhecer com a luz naõ nossa, o que elles viraõ, e conhecéraõ com a sua.

2. Petr. 1. 21.

Aggæi. 1. 1.

Malach. 1. 1.

Baruch. 2. 20.

Este

166 Este he o modo com que havendo a nossa historia de caminhar por passos taõ escuros, e difficultosos, saberá com tudo onde ha de pôr os pés, e os porá muy seguros seguindo sempre os rayos deste farol Divino, e dizendo humildes a Deos com David *. *Lucerna pedibus meis verbum tuum, & lumen semitis meis.* Seraõ pois as primeiras fontes desta nossa historia, e os primeiros, e principaes Escritores, a quem nella seguiremos, todos, ou quasi todos os Profetas Canonicos desde Isaías até Michéas; porque, excepto o Profeta Jonas, cujo assumpto foy hum só, e particularmente determinado á historia dos Ninívitas, todos os outros mais, ou menos concorréraõ para a fábrica deste novo edificio. Assim como os que escrevem Annaes, ou Historias passadas, e antiquissimas, recorrem aos Authores mais antigos, e estes saõ os que tem mayor credito, e authoridade nas cousas daquelles tempos; assim nós que escrevemos do futuro, devemos recorrer, e buscar a verdade, e noticias da nossa historia nos Authores dos tempos futuros, que saõ sómente os Profetas, pois só elles os conhecèraõ. E porque entre os outros livros Sagrados tambem Canonicos, ha alguns, que totalmente saõ Profeticos, como os Psalmos, os Cantares, e o Apocalypse; e todos os outros, assim do Velho, como do Novo Testamento, contém ou muitas, ou algumas cousas profeticas, ainda que sejaõ meramente historicos, como o Genesis, Josué, Josias, Reys, Paralipómenon, Esdras, e Machabêos; ou meramente doutrinaes, como Proverbios, Sabedoria, Ecclesiastês, Ecclesiastico, e as Epistolas dos Apostolos; ou justamente doutrinaes, e historicos, como o Levítico, Números, Deuteronómio, Job, e os Euangelhos *, de todos estes nos ajudaremos tambem, quando servirem, ou pódem servir (que naõ será pouco) ao conhecimento, e intelligencia dos tempos futuros *, assim que podemos dizer em huma palavra, que a primeira, e principal fonte, e os primeiros, e principaes fundamentos de toda esta nossa historia, he a Escritura Sagrada. Com que vem a ser hum

Psal. 118. v. 105.

A Lapid. in proœm. in Proph. min.

só livro; e hum só Author o que nella principalmente seguiremos: o livro, a Escritura; o Author, Deos.

167 Sobre estes fundamentos da primeira, e summa verdade, entrará o discurso como architecto de toda esta grande fabrica, dispondo, ordenando, ajustando, combinando, inferindo, e accrescentando tudo aquillo, que por consequencia, e razaõ natural se segue, e infere dos mesmos principios; no qual modo de fabrica se naõ perde a primeira verdade dos fundamentos, mas vay crescendo, dilatando-se, e fructificando, naõ em diversos, senaõ no mesmo corpo, como a arvore em suas raizes.

168 Deste modo crescem, e se augmentaõ todas as sciencias, naõ só as naturaes, senaõ as Divinas, e por isso se chamaõ, e saõ sciencias. Assim como a Filosofia de principios naturaes, evidentemente conhecidos, tira conclusoens certas, evidentes, e scientificas; assim a Theologia de principios sobrenaturaes, naõ evidentes, mas certissimamente conhecidos, tira conclusoens Theologicas tambem scientificas, e ainda mais certas, posto que naõ evidentes. Nem este modo de discorrer sobre as profecias, e revelaçoens Profeticas, para vir em conhecimento dos mysterios, segredos, successos, e tempos futuros, que nellas naõ estejaõ immediatamente expressados; he alheyo da reverencia, que se deve aos Oraculos Divinos, nem atrevimento do entendimento, e discurso humano, ou cousa nova, e desusada na Igreja, e escola de Christo; antes estudo muito licito, muito louvavel, e muito recõmendado do mesmo Mestre Divino, e seus successores.

169 Temos desta materia hum excellente Texto do Apostolo Saõ Pedro, (primeira, e infallivel regra da Igreja) o qual fallando das mesmas porfecias, e Profetas, diz assim no primeiro Capitulo de sua primeira Epistola: *De qua salute exquisierunt, atque scrutati sunt Prophetæ;*
1. Petr. 1. 10. *qui de futura in vobis gratia prophetaverunt, scrutantes in quod, vel quale tempus significaret in eis Spiritus Christi, prænuntians eas, quæ in Christo sunt, passiones,*

nes; & posteriores glorias. Quer dizer S. Pedro; que os Profetas antigos depois de lhes serem revelados com lume sobrenatural, e elles conhecerem, e profetizarem mysterios futuros, (como os da Paixaõ, e glorias de Christo) sobre os mesmos mysterios, e sobre as mesmas suas profecias inquiriaõ, e especulavaõ de novo com o lume natural do discurso muitas circumstancias, que lhes naõ foraõ expressamente reveladas, como as do tempo, e estado do mundo, em que os mesmos mysterios se haviaõ de obrar, e as suas mesmas profecias haviaõ de succeder. Desta maneira, no sentido em que o digo, vinhaõ a inferir, e alcançar pelo estudo, e especulaçaõ natural, e propria, o que Deos lhes naõ tinha manifestado pela revelaçaõ sobrenatural, e Divina. Isto he o que literal, e genuinamente significaõ aquellas palavras: *Exquisierunt, & scrutati sunt Exquisitio, & scrutatio* (diz Lorino) *propriè indicant curam, & studium, & industriam naturalem meditationis, vel lectionis, vel disputationis.* Lorin. hîc.

170 De sorte que ajuntando o lume natural do discurso ao lume sobrenatural da profecia, com o cuidado, estudo, e industria propria, lendo, disputando, e meditando, vinhaõ a extender, e adiantar muito as mesmas profecias conhecendo dellas, e por ellas muitas cousas que nellas immediatamente naõ estavaõ reveladas: bem assim, como o Sol, ou candêa (que era a nossa comparaçaõ) naõ só allumia com a luz que está no lume, ou fogo que nella se sustenta, senaõ tambem, e muito mais com a luz que della se vay produzindo, multiplicando, e diffundindo por todas as partes visinhas, e ainda distantes, confórme a sua menor, ou mayor esfera; assim o lume natural do discurso se vay propagando, diffundindo, e extendendo a muitas cousas, tempos, successos, e circumstancias, que nellas estavaõ occultas, e pela conferencia, e consequencia do mesmo discurso se vaõ entendendo, e descobrindo de novo: isso quer dizer. *In quod vel quale tempus.* A palavra em que tempo, significa a determinaçaõ do tempo certo, em que as cousas haõ de

ſucceder ; e a palavra no qual tempo, ſignifica as qualidades, e circumſtancias do meſmo tempo ; iſto he, o eſtado dos Reinos, das Reſpublicas, das naçoens, e os acontecimentos particulares da paz, da guerra, do cativeiro, da liberdade, e outros ſimilhantes que no meſmo tempo, ou mais viſinho, ou mais diſtante, ſe haõ de ver,
Lorin. hîc. e ſucceder no mundo : *Deprehendebant Prophetæ inſtinctu ſpiritus Meſſiæ ejuſdem Meſſiæ adventum, & gratiæ dona, quæ allaturus erat. Nec tamen (ſaltem omnes) definitè ſcribunt quo tempore veniret, & quali; quàm brevi, an belli; aut pacis, captivitatis, aut libertatis ; quo ſtatu Reipublicæ Hebræorum explicabant, quæ Meſſias primum paſſurus, cum poſtea gloriam conſecuturus, & collaturus etiam eſſet ; at ignorabant circumſtantiam temporis, & ratiocinando, ac conjecturando diſquirebant.* Atéqui Lorino.

171 O meſmo diz Salmeiraõ, ambos doutiſſimos Expoſitores deſte lugar, e ambos trazem em confirmaçaõ o exemplo da Virgem Maria noſſa Senhora, da qual diz
Luc. 2. 19. o Evangelho : *Maria autem conſervabat omnia verba hæc, conferens in corde ſuo.* Conferia a Senhora, com ſer allumiada ſobre todas as creaturas, as palavras, que os paſtores referiaõ ter ouvido aos Anjos, as que ouvio a Simeaõ, a Anna a Profetiza, e ao meſmo Chriſto Menino, quando o achou entre os Doutores ; e dellas por diſcurſo natural inferia, e deſcobria outros myſterios occultos, e profundiſſimos, que nas meſmas palavras naõ eſtavaõ expreſſamente declaradas. Iſto meſmo he o que ſe diz no Capitulo 15 dos Actos dos Apoſtolos, faziaõ os mais doutos Chriſtãos da primitiva Igreja, e o que Chriſto mandou a todos que fizeſſem, dizendo por S.
Joan. 5. 39. Joaõ no Capitulo 5 : *Scrutamini ſcripturas.* E iſto o que
1. Petr. 1. 12. nós fazemos, e devemos fazer, pois de nós, e para nós fallaõ os Profetas, como diz o meſmo Texto de Saõ Pe-
Verſ. Syriac. apud. A Lapid. hîc. §. quibus. dro nas palavras citadas : *Qui de futura in vobis prophetaverunt* : e mais abaixo : *quibus revelatum eſt, qui non ſibimetipſis, vobis autem miniſtrabant.* Onde a Verſaõ
Syriaca

Syriaca tem: *Nostra vobis vaticinabantur.*

172 E pois os Profetas profetizavaõ para nós, e as cousas nossas, razaõ he, que nós como nossas as entendamos: mas porque as profecias por sua natural escuridade naõ saõ faceis de entender; e assim como se ha mister necessariamente a sua luz para conhecer os futuros, he tambem necessaria outra segunda, e nova luz para as entender a ellas: esta segunda luz seraõ aquelles, a quem Christo chamou luz do mundo: *Vos estis lux mundi*; e por outras palavras candêa accesa: *Neque enim accendunt lucernam, & ponunt eam sub modio.* Que saõ em primeiro lugar os Apostolos Sagrados; e em segundo os Padres Doutores da Igreja, e Expositores das Escrituras Divinas, os quaes seguiremos, e allegaremos em tudo o que dissermos. Com estas duas luzes, ou candêas, huma dos Doutores Sagrados, com que allumiaremos as profecias, e outra as mesmas profecias, com que allumiaremos, e descobriremos os futuros, poderemos entrar neste labyrintho com todo o apparato, e prevençaõ de instrumentos, com que se entrava seguramente no de Creta. Era aquelle labyrintho por huma parte muito escuro, e por outra muy intricado; e para vencer, e facilitar estas duas difficuldades se inventou entrar nelle, naõ só com tochas, mas tambem com fio; as tochas para ver o escuro dos caminhos, e o fio para entrar, e sahir pelo intricado delles: por este modo entraremos tambem nós pelo escuro, e intricado labyrintho dos futuros. As profecias, e os Doutores nos serviráõ de tochas; o entendimento, e o discurso de fio: isto he quanto ás profecias e Profetas Canonicos.

Matth. 5. 14. Vers. 15.

173 E porque o Espirito Santo depois de fechado o numero dos livros, e os Escritores Sagrados (o qual se cerrou no Apocalypse de Saõ Joaõ) naõ deixou de illustrar, e ornar sua Esposa a Igreja com o lume, e dom da profecia; e depois daquelles seus primitivos annos houve sempre novos Profetas, allumiados com o mesmo Espirito, que por palavra, e escrito predisseraõ muitas cousas

 futu-

futuras assim dos seus, como dos seguintes tempos; tambem estes daraõ materia à nossa historia. Naõ meteremos porém nesta conta senaõ aquellas profecias sómente, que ou pela santidade de seus Authores, approvados, e canonizados pela Igreja, ou por outros fundamentos solidos da razaõ, experiencia, e opiniaõ do mundo, tenhaõ, na fórma possivel, merecido no juizo dos prudentes o nome, e veneraçaõ de profecias, ou predicçoens verdadeiras.

174 A este fim empregarey grande parte deste presente livro na qualificaçaõ do espirito profetico, que tiveraõ todos os Authores do futuro, que na historia se haõ de allegar, por ser este naõ só o principal, mas o unico fundamento de toda a sua verdade, e sem o qual vãa, e naõ merecidamente lhe devemos prometter o credito, que de todos os que a lerem esperamos.

175 Por esta causa se naõ acharáõ por ventura neste nosso discurso menos algumas que em nome de profecias andaõ entre o vulgo, sem certeza de Author, e muito menos do espirito com que foraõ escritas; e naõ só provaremos quanto for necessario o espirito da profecia destes Authores, mas diremos o tempo em que escreveraõ as obras profeticas, que delles extaõ; a inteireza, ou corrupçaõ, com que se tem conservado, com huma breve relaçaõ tambem das mesmas pessoas (quando naõ forem geralmente muy conhecidas.) pelo muito que importaõ todas estas noticias naõ só para a fé, e credito, senaõ ainda, e muito mais para a intelligencia, e combinaçaõ das mesmas profecias, que grandemente depende do tempo, e de outras similhantes circumstancias.

176 Procurámos quanto nos foy possivel que fosse muy exacta esta diligencia; e naõ só fallaremos nos Authores, e Profetas modernos, e naõ Canonicos, senaõ igualmente nos antigos, e sagrados pelas mesmas causas. Tambem excitaremos a este fim, e resolveremos varias questoens muito importantes ao conhecimento das profecias, pela ordem, que a necessidade, ou occasiaõ, o for

pedin-

pedindo, e esta será a propria materia de todo este livro, a que por isso chamamos Anteprimeyro, e he, como alicerse de todo o edificio; e posto que todo este taõ largo Prologomeno em rigor, naõ seja Historia do Futuro; senaõ preparaçaõ, ou apparato para ella, á imitaçaõ de Baronio, e de outros Authores, que com menos necessidade o fizeraõ em suas historias.

177 Esperamos que a materia por sua grande variedade, e diligente erudiçaõ de cousas curiosas, e pela mayor parte atégora naõ tratadas, naõ será injucunda aos que a lerem, e que possa sem enfado entreter a expectaçaõ, e desejo da mesma Historia, em quanto naõ sahe a luz, que será, como em Deos esperamos, muito brevemente.

178 De tudo o que fica dito, ou promettido se colhe facilmente quanta será a verdade desta historia, porque as cousas que expressa, e immediatamente se predizem nas profecias Canonicas, de cuja intelligencia por sua clareza se naõ póde duvidar, ou por estarem explicadas por Escritores tambem Canonicos, por Concilios, por tradiçoens, ou pelo consenso commum dos Padres, he certo, que tem toda aquella certeza infallivel, e de fé, que as outras verdades sagradas, que se contém nas Escrituras. As outras cousas, que destas verdades assim profetizadas, e conhecidas por natural consequencia se deduzirem, ainda que intervenha no discurso algum meyo, ou proposiçaõ scientifica, saõ verdades segundas, que participaõ a mesma certeza tambem infallivel, qual he a das conclusoens Theologicas, que naõ sendo totalmente fé, nem sómente sciencia, por esta parte tem evidencia; e por ambas tal certeza, que naõ he sujeita a erro, ou falsidade, nem perigo de poderem naõ ser.

179 As profecias naõ Canonicas podem ser taõ evidentemente provadas por seus effeitos, como veremos, que tenhaõ toda a certeza moral, que he a que depois da fé, e da sciencia tem no juizo humano o mayor assento, e a mesma participaráõ na fórma que pouco antes disse-

dissemos; todas as outras conclusoens; que por natural, e evidente consequencia dellas se deduzirem, pois saõ filhas, e herdeiras da mesma verdade de que tiveraõ seu nascimento.

180 Restaõ sómente aquellas profecias, que ou por naõ averiguadas com taõ evidente certeza (posto que sempre estabelecidas com bons, e racionaes fundamentos) ou por sua interpretaçaõ naõ ser taõ manifesta, ou recebida, que naõ desfaça moralmente toda a razaõ de duvida, fica dentro dos limites da probabilidade opinativa, e nestas assim o que immediatamente predizem, como as consequencias que dellas por formal illaçaõ se deduzirem, teraõ sómente certeza provavel naquelle sentido, em que dissemos provavelmente certas aquellas cousas, de que ha fundamentos provaveis para o serem.

181 Estes quatro generos de verdade saõ os de que repartidamente se comporá toda a Historia do Futuro, merecendo segundo todas suas partes o nome de historia verdadeira; posto que naõ em todas com igual gráo de certeza. Nas do primeiro genero verdadeira com certeza de fé. Nas do segundo verdadeira com certeza Theologica. Nas do terceiro verdadeira com certeza moral. Nas do quarto verdadeira com certeza provavel pelo modo ja explicado; sendo a excellencia singular desta historia, que toda ella, ou provavel, ou moral, ou Theologica, ou canonicamente, será fundada na primeira, e summa verdade, que he o mesmo Deos.

182 Daqui inferimos sem injuria, nem aggravo de quantas historias até hoje estaõ escritas no mundo, que esta Historia do Futuro he mais certa, e mais verdadeira, que todas ellas, (exceptas sómente as historias sagradas) e ainda esta excepçaõ se naõ deve entender em todo, senaõ em parte; da Historia do Futuro igualará na verdade, e na certeza, ou por melhor dizer, se naõ distinguirá della, por ir toda (como vay) naõ só fundada nos mesmos Textos, e Sentenças da Escritura Divina, mas formada, e como tecida delles. E digo

183 E digo que ſem injuria, nem aggravo de todas as outras hiſtorias humanas, porque como bem teráõ advertido os mais lidos, e verſados aſſim nas antigas, como nas modernas, todas ellas eſtaõ cheyas naõ ſó de couſas incertas, e improvaveis, mas alheyas, e encontradas com a verdade, e conhecidamente ſuppoſtas, e falſas, ou por culpa, ou ſem culpa dos meſmos Hiſtoriadores.

184 Que Hiſtoriador ha, ou póde haver, por mais diligente inveſtigador que ſeja dos ſucceſſos preſentes, ou paſſados, que naõ eſcreva por informaçoens? E que informações ha de homens, que naõ vaõ involtas em muitos erros, ou da ignorancia, ou da malicia? Que Hiſtoriador ha de taõ limpo coraçaõ, e taõ inteiro amador da verdade, que o naõ incline ſó o reſpeito, a liſonja, a vingança, o odio, o amor ou da ſua, ou da alheya naçaõ, ou do ſeu eſtranho Principe? Todas as pennas naſcéraõ em carne, e ſangue, e todos na tinta de eſcrever miſturaõ as cores do ſeu affecto.

185 Prova Tacito a verdade da ſua hiſtoria com ter longe as cauſas do odio, e amor; mas dahi ſe convence contra elle, que tambem tinha longe as informaçoens da verdade. O certo he que ſó tinha perto a ambiçaõ de ſeu proprio juizo, com que formava os proceſſos para as ſentenças, e ſobre os proceſſos naõ as ſentenças. Por iſſo Tertulliano lhe chamou com razaõ, *Mendaciorum loquacìſſimum.* Naõ aponto erros em particular das hiſtorias mais viſinhas a noſſos tempos por reverencia delles, e porque fora materia infinita: das dos Gregos, e Romanos diſſe S. Jeronymo por occaſiaõ do milagre da ſerpente: *Cedant huic veritati, tam Græco, quàm Romano ſtylo mendaciis, ficta miracula.* E Cicero, que he mais, no livro primeiro das leys *. *Apud Herodotum, hiſtoriæ partem, & Theopompum ſunt innumerabiles fabulæ.* Eſtes foraõ os pays da hiſtoria humana, e deſta he filha ligitima a ſua verdade, ſobre a qual batalhaõ tantas vezes os meſmos hiſtoriadores, mas nunca com conhecida victoria.

Quem

186 Quem quizer ver claramente a falsidade das historias humanas, lêa a mesma historia por differentes Escritores, e verá como se encontraõ, se contradizem, e se implicaõ no mesmo successo, sendo infallivel, que hum só póde dizer a verdade, e certo, que nenhum a diz. Mas isto mesmo se conhece ainda com mayor evidencia daquellas historias, de que temos verdadeira relaçaõ nas Escrituras Sagradas, como saõ as de Noé, do diluvio, da divisaõ das primeiras gentes: as dos Assyrios, Persas, Médos, Romanos, Egypcios, Gregos, e principalmente a dos Hebreos, com os quaes cotejado como em pedra de toque, o que escrevèraõ os Berosos, os Heródotos, os Diodóros, os Drogos, os Curcios, os Livios, e todos os outros Historiadores daquellas naçoens, e tempos, apenas se acha cousa que naõ seja contradicçaõ da verdade; e desta mesma experiencia, e razoens della se qualifica claramente ser a nossa Historia do Futuro mais verdadareira, que todas as do passado, porque ellas em grande parte foraõ tiradas da fonte da mentira, que he a ignorancia, e malicia humana; e a nossa tirada do lume da profecia, e accrescentada pelo lume da razaõ, que saõ as duas fontes da verdade humana, e Divina.

CAPITULO X.

Reposta a huma objecçaõ: mostra-se, que o melhor Commentador das profecias he o tempo.

187 ASsentamos com o Apostolo Saõ Pedro no Capitulo antecedente, que com a candêa da profecia se podia entrar pela escuridade dos futuros, e descobrir, e conhecer o que nelles está encuberto, e enterrado. Mas sobre esta resoluçaõ se póde dizer, e arguir contra nós, que esta mesma candêa, e luz das profecias ha muitos centos de annos, que está accesa, e naõ *sub modio*, senaõ *supra candelabrum*; e que ninguem com tudo se atreveo atégora a entrar com ella por estes abys-

abyſmos; e eſcuridades do futuro; como nós promettemos fazer: empreza, e ouſadia que mais merece nome de temeridade, que de confiança: aos quaes (que ſempre ſeraõ mais de hum) reſponderemos facilmente com o ſeu meſmo argumento. Os futuros quanto mais vaõ correndo, tanto mais ſe vaõ chegando para nós, e nós para elles, e como ha tantos centos de annos, que eſtaõ eſcritas eſtas profecias, tambem ha outros centos de annos, que os futuros ſe vaõ chegando para ellas, e ellas para os futuros: e por iſſo nós nos atrevemos a fazer hoje o que os antigos naõ fizeraõ, ainda que tiveſſem acceza a meſma candêa; porque a candêa de mais perto allumia melhor. Para ver com huma candéa, naõ baſta ſò que a candêa eſteja acceza, he neceſſario que a diſtancia ſeja proporcionada: *Ut luceat omnibus, qui in domo ſunt*, diſſe Chriſto. Com huma candêa na maõ pode-ſe ver o que ha em huma caſa, mas naõ ſe pòde ver o que ha em huma Cidade. O grande Precurſor de Chriſto: *Erat lucerna lucens, & ardens*; e ainda que todos os outros Profetas annunciáraõ a Chriſto, o Baptiſta o moſtrou melhor, porque era candêa de mais perto: os outros diziaõ, ha de vir; e elle diſſe; eſte he. Matth. 5. 15. Joan. 5. 35.

188 As viſoens, e revelaçoens de Deos vem-ſe melhor ao perto, que ao longe. de longe vio Moyſés a viſaõ da Carça, e que diſſe? *Vadam, & videbo viſionem hanc magnam.* Irey, e verey eſta grande viſaõ. Eſtava vendo a viſaõ, e diſſe que a iria ver, porque vay muita differença de ver as viſoens de Deos ao longe, ou vellas ao perto. Ao longe vio ſó Moyſés a Carça, e o fogo; ao perto entendeo o que aquellas figuras ſignificavaõ. A meſma luz, e a meſma candêa ao longe ve-ſe, e ao perto allumia. Exod. 3. 3.

189 Eſta he a differença, que naõ nòs, ſenaõ os noſſos tempos fazem aos antigos: nos antigos reconhecemos a ventagem da ſabedoria, nos noſſos a fortuna da viſinhança. Se eſtamos mais perto dos futuros com igual luz, (ainda que naõ ſeja com igual viſta) porque os naõ veremos

remos melhor? Assim o confessou Santo Agostinho com ter os olhos de Aguia; o qual achando-se ás escuras em muitos lugares das profecias, reservou a verdadeira intelligencia dellas para os vindouros.

190 Hum Pigmeo sobre hum Gigante póde ver mais que elle. Pigmeos nos conhecemos em comparaçaõ daquelles Gigantes, que olháraõ antes de nós para as mesmas Escrituras: elles sem nós viraõ muito mais, do que nós podemos ver sem elles; mas nós como vivemos depois delles, e sobre elles por beneficio do tempo, vemos hoje o que elles viraõ, e hum pouco mais. O ultimo degráo da escada naõ he mayor que os outros, antes póde ser menor; mas basta ser o ultimo, e estar em cima dos mais, para que delle se possa alcançar o que de outros se naõ alcança.

191 Entre a multidaõ dos que acompanhavaõ, e rodeavaõ a Christo, o mais pequeno de todos era Zacheo, que por si mesmo, e com os pés no chaõ naõ podia alcançar a ver o que os outros viaõ; mas subido em cima da arvore, vio melhor, e mais claramente que todos. Muy bem medimos a nossa estatura, e conhecemos quam pequena, quam desigual, quam inferior he, comparada com aquelles cedros do Libano, e com aquellas torres altissimas, que tanto ornato, grandeza, e magestade accrescentáraõ ao edificio da Igreja; mas subidos por merecimento seu, e fortuna do tempo a tanta altura, naõ he muito que alcancemos, e descubramos hum pouco mais do que elles descubriraõ, e alcançáraõ.

Luc. 19. 4.

192 Cousa maravilhosa he, e que apenas se póde entender, como os cavadores da vinha, que vieraõ na ultima hora, podéraõ ser aventajados aos demais. Mas estes saõ os privilegios da ultima hora: *Hi novissimi una hora fecerunt.* Fizeraõ na ultima hora o que os outros naõ fizeraõ todo o dia; porque elles com outros acabáraõ a obra, que os outros sem elles naõ podéraõ, nem podiaõ acabar: *Sic erunt novissimi primi.* Este he o modo com que os ultimos podem vir a ser os primeiros: *Non ergo*

Matth. 20. 12.

Ibid. 16.

ergo un decima hora in vineam Domini ad operandum conductis nobis invidendum est: disse Lipomâno na prefaçaõ de seus Commentarios, applicando a parabola de Christo ao estudo da Sagrada Escritura. *Lipoman. præfation. comment.*

193 Os que estudamos, e trabalhamos na intelligencia da Sagrada Escritura, mais ou menos todos cavamos; e póde succeder que os que vem na ultima hora, por felicidade da mesma hora acabem, e descubraõ com poucas enxadadas o que muitos em muito tempo, e com muito trabalho cavando muito mais, naõ descobriraõ.

194 Aquelle thesouro escondido, de que fallou Christo no Capitulo 13 de Saõ Mattheos, diz Ruperto, Tertulliano, S. Joaõ Chrysostomo, que he a Escritura Sagrada: e Saõ Jeronymo com mais escrita propriedade o entende particularmente das escrituras profeticas. Quantas vezes os que trabalhaõ no descubrimento de algum thesouro, cavaõ por muitos dias, mezes, e annos, sem acharem o que buscaõ? E depois de estes cansados, e desesperados, succede vir hum mais venturoso, que descendo sem trabalho ao profundo da mesma cova, e cavando alguma cousa de novo, descobre a poucas enxadadas o thesouro, e logra o fruto dos trabalhos, e suores dos primeiros? *A Lapid. hic §. ad literam.*

195 Assim aconteceo no thesouro das profecias, cavàraõ huns, e cavàraõ outros, e cansàraõ todos, e no cabo descobre o thesouro, quasi sem trabalho, aquelle ultimo, para quem estava guardada tamanha ventura, a qual sempre he do ultimo.

196 Eis aqui como póde acontecer, que descubraõ o thesouro os que cavaõ menos; *Sæpe abjectus quispiam, & vilis invenit, quod magnus, et sapiens vir præterit*: disse verdadeira, e judiciosamente Saõ Chrysostomo. O ultimo dos Apostolos foy Saõ Paulo, e confessando-se por minimo de todos, confessa ter recebido a graça de descobrir aos mesmos Anjos do Ceo os thesouros, que lhe estàvaõ escondidos: *Mihi omnium Sanctorum* (diz elle na Epistola aos Ephesеos) *minimo data est gratia hæc, in* *Ephes. 3. 8*

gentibus evangelizare investigabiles divitias Christi, &
Vers. 9. *illuminare omnes, quæ sit dispensatio sacramenti abscon-*
Vers. 10. *diti á sæculis in Deo, qui omnia creavit, ut innotescat Principatibus, & potestatibus in cœlestibus per Ecclesiam,*
Vers. 11. *multiformis sapientia Dei, secundùm prædefinitionem sæculorum.* Nas quaes palavras se devem ponderar muito quatro cousas: Que he o que se descobrio; quem o descobrio, a quem se descobrio, e quando se descobrio. O que se descobrio he hum segredo escondido a todos os seculos passados. *Sacramenti absconditi à sæculis in Deo;* porque costuma Deos ter algumas cousas encubertas, e escondidas por muitos seculos, conforme a ordem, e disposiçaõ de sua providencia. Quem o descobrio, foy o ultimo de todos os Apostolos, e Discipulos de Christo, que ja o naõ alcançou, nem vio, nem ouvio neste mundo como os demais, e se confessa por minimo de todos: *Mihi omnium Sanctorum minimo*, porque bem pòde o ultimo, e o minimo alcançar, e descobrir os segredos, que os primeiros, e mayores naõ alcançáraõ. A quem se descobrio foy, naõ menos, que aos Espiritos Angelicos das mais superiores Jerarchias do Ceo. *Ut innotescat Principatibus, & Potestatibus in Cœlestibus*. porque naõ bastaõ as forças da sabedoria, e entendimento creado, ainda que seja de hum Anjo, e de muitos Anjos, para conhecer, e penetrar os segredos altissimos de Deos, em quanto elle quer, que estejaõ encubertos, e escondidos. Finalmente, quando se descobrio, foy no seculo, que Deos tinha predefinido, e determinado: *Secundùm prædefinitionem sæculorum.* Porque quando chega o tempo determinado, e predefinido por Deos, para que seus segredos se conheçaõ, e descubraõ no mundo, só entaõ, e de nenhum modo antes, se podem manifestar, e entender.

197 Assim que bem póde hum homem menor que todos descobrir, e alcançar o que os grandes, e eminentissimos naõ descobriraõ, porque esta ventura naõ he privilegio dos entendimentos, senaõ prerogativa dos tempos.

Desde

198 Désde que Tubál começou a povoar Hespanha, que foy no anno da creaçaõ do mundo 1800 até o de Christo 1428, em que se passáraõ mais de 3600 annos, era o termo da navegaçaõ do mar Oceano junto sómente á costa de Africa, o Cabo chamado de Naõ, sendo os mares, que depois delle se seguiraõ, taõ temerosos aos navegantes, que era proverbio entre elles, (como escreve o nosso Joaõ de Barros) Quem passar o Cabo de Naõ, ou tornará, ou naõ: apparecia ao longe deste o Cabo chamado Bojador, pelo muito que se metia dentro no mar, cuja passagem tanto por fama, e horror commum, como pelo desengano de muitas experiencias se reputava entre todos por empreza taõ arriscada, e impossivel á industria, e poder humano, como se póde ver no quarto Capitulo da primeira Década: mas quem ler o Capitulo seguinte, verá tambem como hum homem Portuguez naõ de muito nome, chamado Pullianes, foy o primeiro, que dispondo-se ousadamente ao rompimento de huma tamanha aventura, venceo felizmente o Cabo em huma barca, quebrou aquelle antiquissimo encantamento, e mostrou com estranho desengano a Hespanha, ao mundo, e ao mesmo Oceano, que tambem o naõ navegado era navegavel; o qual feito ponderando o nosso grande Historiador com seu costumado juizo, diz breve, e sentenciosamente: A este seu proposito se ajuntou a boa fortuna, ou por melhor dizer a hora, em que Deos tinha limitado o curso de tanto receyo, como todos tinhaõ, de passar aquelle Cabo Bojador.

199 E verdadeiramente he assim em quanto naõ chega a hora determinada por Deos, nem os Annibáes de Carthago, nem os Scipioens, e Julios de Roma, nem os Bacchos, Lusos, Gedioens, e Hercules de Hespanha se atrevem a imaginar, que póde o Bojador ser vencido, e paraõ suas emprezas, e ainda seus pensamentos no Cabo de Naõ: mas quando chega a hora precisa do limite, que Deos tem posto ás cousas humanas, basta Pullianes em huma barca para vencer todas essas difficuldades, para atalhar

lhar todos esses receyos, para pizar todos esses impossiveis, e para navegar segura, e venturosamente os mares nunca de antes navegados. Alli, aonde chega o presente, e começa o futuro, era atégora o Cabo de Naõ; naõ havia Historiador que dalli passasse hum ponto com a narraçaõ dos successos da sua historia; naõ havia Chronologico que dalli adiantasse hum momento a conta de seus annos, e dias. Naõ havia pensamento que, ainda com a imaginaçaõ (que a tudo se atreve,) desse hum passo seguro mais adiante naquelle taõ desusado caminho; o que confusamente se representava adiante, e ao longe deste Cabo, era a carranca medonha, e temerosissimo Bojador do futuro, cuberto todo de nevoas, de sombras, de nuvens espessas, de escuridade, de cegueira, de medos, de horrores, de impossiveis. Mas se agora virmos desfeitas estas nevoas, desvanecido este escuro, facilitada esta passagem, dobrado este Cabo, sondado este fundo, e navegavel, e navegada a immensidade de mares, que depois delle se seguem, e isto por hum Piloto de taõ pouco nome, e em huma taõ pequena barquinha como a do nosso limitado talento, demos os louvores a Deos, e ás disposiçoens de sua Providencia, e entendamos, que se passou o Cabo, porque chegou a hora.

200 He admiravel a este proposito hum lugar do Profeta Daniel, com que demonstrativa, e indubitavelmente se persuade, e convence esta verdade nos proprios termos da intelligencia das profecias, em que fallamos. No Capitulo 12. de Daniel, depois de hum Anjo lhe ter declarado grandes mysterios dos tempos futuros, mandou-lhe que fechasse, sellasse o livro em que estavaõ escritas; e lhe disse estas notaveis palavras: *Tu autem Daniel claude sermones, & signa librum usque ad tempus statutum; plurimi pertransibunt & multiplex erit scientia.* Tu Daniel fecharás, e sellarás o livro em que escreveres estas cousas, que tenho dito, para que estejaõ fechadas, e selladas até o tempo determinado por Deos; entre tanto passaráõ muitos por ellas, e haverá sobre a

Daniel 12. 4. 1.

intelli-

intelligencia de ſeus myſterios grande variedade de ſciencias, e opinioens. Eſte he o ſentido literal, e verdadeiro deſtas palavras do Anjo, como ſe póde ver em todos os Commentadores de Daniel, poſto que ellas ſaõ taõ claras, e expreſſas, que naõ neceſſitaõ de Commentador: de maneira, que nas eſcrituras dos Profetas ha couſas de tal modo fechadas, e ſelladas, que ninguem as póde entender, nem declarar até que chegue o tempo determinado pela Providencia Divina, o qual he o que ſó tem poder para romper os ſigillos, e abrir, e fazer patentes as eſcrituras fechadas, e declarar os myſterios futuros, que nellas eſtavaõ occultos, e encerrados: e em quanto eſte tempo naõ chega, por mais doutos, ſabios, e Santos, que ſejaõ os Expoſitores daquellas profecias, diraõ couſas muito diſcretas, muito doutas, muito ſantas, e muito varias, mas o certo, e verdadeiro ſentido dellas ſempre ficará occulto, e eſcondido, porque paſſaráõ todos por elle ſem entenderem, nem penetrarem; iſto quer dizer: *Plurimi pertranſibunt, & multiplex erit ſcientia.* Onde ſe deve advertir, e notar, que muitos homens, ainda que ſejaõ de grandes letras, cuidaõ que paſſaõ os livros, e paſſaõ por elles: *Plurimi pertranſibunt.* Por quantos lugares paſſáraõ os Origenes, os Clementes, os Tertullianos, que depois entendèraõ os Agoſtinhos, os Baſilios, os Hieronymos? Por quantos paſſáraõ os Hugos, os Ricardos, os Rupertos, os Theodoretos, que depois entendèraõ os Montanos, os Sanches, os Cornelios, os Ribeiras? E por quantos paſſaráõ tambem eſtes, que depois entenderáõ melhor os que lhe forem ſuccedendo? Naõ porque os ultimos ſejaõ mais doutos, ou de mais aguda viſta; mas porque lém, e eſtudaõ á luz da candêa, ajudados, e enſinados do tempo, que he o mais certo interprete das profecias, e para o qual reſervou Deos a abertura dos ſeus ſigillos: *Signa librum uſque ad tempus conſtitutum.*

201 No Apocalypſe, (cujas profecias ſaõ proprias deſte tempo) em que a Igreja de Chriſto ſe vay continu-

ando, mais claramente, que em nenhum outro lugar das Escrituras, temos relatado este segredo da Providencia Divina, com que dispoz, e tem decretado, que as profecias se vaõ descubrindo, e entendendo ordenada, e successivamente aos mesmos passos, ou mais vagarosos, ou mais apressados com que se vaõ seguindo, e variando os tempos: entre as cousas muito mysteriosas, que vio S. Joaõ, ou a mais mysteriosa de todas, foy hum livro fechado, e sellado com sete sellos, o qual era o seu mesmo Apocalypse; foraõ-se rompendo estes sellos, e abrindo-se o livro, mas naõ todo juntamente, senaõ por passos, e espaços; hum sello primeiro, e outros depois, e com grande apparato de ceremonias, e effeitos admiraveis no Ceo, e na terra; e o mysterio destas pauzas, e intervallos era, porque se haviaõ de ir descobrindo as profecias, que estavaõ escritas no livro, e assim se haviaõ de ir entendendo, naõ juntamente, senaõ em differentes tempos, e naõ apartadas de seus effeitos, senaõ igualmente com elles. De maneira que nas profecias estaõ encubertos os tempos, e os effeitos; e nos tempos, e nos effeitos estaráõ descubertas as profecias; e por isso naquelle mysterioso livro assim como eraõ diversas as profecias, e diversos os effeitos, e succesos da Igreja, e do mundo, que nellas estavaõ profetizados; assim tambem eraõ diversos os sellos, com que estavaõ fechados, e diversos os tempos, em que se haviaõ de abrir, e manifestar, sendo o mesmo tempo e os mesmos succesos os que as abrissem, e manifestassem, ou depois de chegarem, ou quando ja forem chegando. Bem assim como antes de se acabar de todo a noite, pelos resplandores da Aurora se conhece a vizinhança do Sol, antes que elle se veja descuberto nos Orizontes.

202 E se quizermos especular a razaõ desta providencia, acharemos, que naõ he outra, senaõ a Magestade da Sabedoria, e Omnipotencia Divina, sempre admiravel em todas suas obras. He este mundo hum theatro, os homens as figuras, que nelle representaõ, e a historia ver-

dadeira

dadeira de seus successos huma Comedia de Deos, traçada, e disposta maravilhosamente pelas ideas de sua providencia: e assim como o primor, e subtileza da Arte Comica consiste principalmente naquella suspensaõ de entendimento, e doce enleyo dos sentidos, com que o enredo os vay levando após si pendentes sempre de hum successo para outro successo, encobrindo-se de industria o fim da historia, sem que se possa entender onde irá parar, senaõ quando ja vay chegando, e se descobre subitamente entre a expectaçaõ, e o applauso; assim Deos, Soberano Author, e Governador do mundo, e perfeitissimo exemplar de toda a natureza, e arte, para manifestaçaõ de sua gloria, e admiraçaõ de sua Sabedoria, de tal maneira nos encobre as cousas futuras, ainda quando as manda escrever primeiro pelos Profetas, que nos naõ deixa comprehender, nem alcançar os segredos de seus intentos, senaõ quando ja tem chegado, ou vem chegando os fins delles, para nos ter sempre suspensos na expectaçaõ, e pendentes de sua providencia: e he esta regra (com pouca excepçaõ de casos) taõ commua em Deos, e seus decretos, que ainda quando as profecias saõ muito claras, costuma atravessar entre ellas, e os nossos olhos, humas certas nuvens, com que sua mesma clareza se nos faz escura: eu o naõ crera, se o naõ vira escrito para mayor admiraçaõ em hum dos mayores Profetas, que assim o confessa, naõ de outrem, senaõ de si: *In anno primo Darii filii Assueri de semine Medorum, qui imperavit super Regnum Chaldæorum. Anno uno Regni ejus, ego Daniel intellexi in libris numerum annorum, de quo factus est sermo Domini ad Hieremiam Prophetam, ut complerentur desolationis Hierusalem septuaginta anni.* No anno primeiro de Darîo filho de Assuero descendente dos Médos, que teve o Imperio dos Caldêos: Eu Daniel, diz elle, entendi nos livros o numero de setenta annos, que Deos tinha revelado ao Profeta Jeremias havia de durar a assolaçaõ de Jerusalem, e cativeiro dos Judeos em Babylonia. Agora entre o caso,

Daniel 9. vers. 1.

Jerem. 25. 11. e a admiraçaõ. Eſta profecia de Jeremias, que Daniel affirma que entendeo no primeiro anno do Imperio de Darîo, he do Capitulo 25. daquelle Profeta, e diz aſſim: *Et erit univerſa terra hæc in ſolitudinem, & in ſtuporem, & ſervient omnes gentes iſtæ Regi Babylonis ſeptuaginta annis.* Toda eſta terra (diz Jeremias eſtando em Jeruſalem) ſerá aſſolada com paſmo, e aſſombro do mundo, e todas as gentes, que a habitaõ, ſerviráõ ao Rey de Babylonia por eſpaço de ſetenta annos. Eſtes ſetenta annos, como conſta da exacta Chronologia, que ſe póde ver largamente provada em Pererio, e nos Commentadores da profecia de Daniel, ſe acabáraõ de cumprir no primeiro anno do Imperio de Darîo: pois ſe o termo de ſetenta annos eſtava profetizado com palavras taõ claras, e expreſſas, como ſaõ aquellas de Jeremias: *Et ſervient omnes gentes iſtæ Regi Babylonis ſeptuaginta annis*; como diz Daniel, que naõ entendeo o numero deſtes ſetenta annos, ſenaõ no primeiro anno de Darîo, que foy o ultimo dos meſmos ſetenta? Podia haver conta mais clara? Podia haver palavras mais expreſſas? Naõ; mas como he regra ordinaria da Providencia Divina, que as profecias ſe naõ entendaõ ſenaõ quando ja tem chegado, ou vay chegando o fim dellas, por iſſo ſendo a profecia taõ clara, e o numero dos ſetenta annos taõ expreſſo, naõ quiz Deos, que o meſmo Daniel, ſendo Daniel, o entendeſſe ſenaõ no ultimo anno.

A Lapid. in Dan. 5. §. Nota.

203 O tempo foy, o que interpretou a profecia, e naõ Daniel, ſendo Daniel hum taõ grande Profeta: e eſta parece a energia daquella ſua palavra: *Ego Daniel intellexi*: Eu Daniel, ſendo Daniel, naõ entendi a profecia taõ clara de Jeremias, ſenaõ no ultimo anno dos ſetenta, em que ella ſe cumpria; mas aſſim havia de ſer, porque aſſim o profetizou, e o repete o meſmo Jeremias em dous lugares, onde fallando de ſuas profecias diz, que ſe naõ entenderaõ ſenaõ nos ultimos tempos do cumprimento dellas. No Capitulo 23. *Non revertetur furor Domini uſque dum faciat, & uſque dum compleat cogitationem*

Jerem. 23. 20.

tationem cordis ſui, in noviſſimis diebus intelligetis conſilium ejus. E no Capitulo 30 quaſi pelas meſmas palavras: *Non avertet iram indignationis Dominus, donec faciat, & compleat cogitationem cordis ſui: in noviſſimo dierum intelligetis ea.* Jerem. 30. 24.

204 E que faz Deos, ou póde fazer para que humas palavras taõ expreſſas, e huma profecia taõ clara poſſa parecer eſcura? Atraveſſa huma nuvem (como diziamos) entre a profecia, e os olhos, e com eſte véo, ou ſobre os olhos, ou ſobre a profecia, o claro, por clariſſimo que ſeja, fica eſcuro. Quando queremos encarecer huma couſa de muito clara, dizemos que he clara como a agua, porque naõ ha couſa mais clara; e com tudo eſſa meſma agua (como diſcretamente advertio David) com huma nuvem diante he eſcura: *Tenebroſa aqua in nubibus atris.* Pſal. 17. 12. Em havendo nuvem em meyo, até a agua he eſcura, e taes ſaõ as profecias, por claras, e clariſſimas que ſejaõ. Por iſſo pedia o meſmo David a Deos, que lhe tiraſſe o Pſal. 118. 18. véo dos olhos, para que podeſſe conhecer as maravilhas de ſeus myſterios: *Revela oculos meos, & conſiderabo mirabilia de lege tua.* Oh quantas profecias muito claras ſe naõ entendem, ou ſe naõ querem entender, porque as queremos ver por entre nuvens, e com véo ſobre os olhos! Peço, e proteſto a todos os que lerem eſta hiſtoria, ou que tirem primeiro o véo de ſobre os olhos, ou que a naõ lêaõ.

205 Como ſe haõ de entender as revelaçoens com os entendimentos, e olhos vendados? Naõ baſta ſó que Deos tenha revelado os futuros, he neceſſario que revele tambem os olhos: *Revela oculos meos.* Se os olhos eſtaõ cubertos, e eſcurecidos com o véo do affecto, ou com a nuvem da paixaõ; ſe os cega o amor, ou o odio, a inveja, ou a liſonja, a vingança, ou o intereſſe, a eſperança, ou o temor, como ſe póde entender a verdade da profecia, por muito clara que nella eſteja, quando o primeiro intento he negalla, ou quando menos eſcurecella? As nuvens, que Deos poem ſobre a profecia, o

 tem-

tempo as gasta; e as desfaz; mas os véos, que os homens lançaõ sobre os proprios olhos, só elles os pódem tirar, porque elles saõ os que querem ser cegos. Que profecias mais claras, que as da vinda de Christo ao mundo? E muito mais claras ainda depois de manifestas, e provadas com os mesmos effeitos. E com tudo estas saõ as que mais obstinadamente nega a cegueira Judaica, porque tem os olhos cubertos com aquelle antigo véo de Moysés, como lhes lançou em rosto o grande Paulo Judeo, e semente de Abraham, como elles do Tribu de Benjamin: *Usque in hodiernam diem cum legitur Moyses, velamen positum est super cor eorum; cùm autem conversus fuerit ad Dominum, auferetur velamen.* Tirem o véo de sobre os olhos; e veraõ a luz das profecias: ainda que a profecia seja candêa acceza, como se ha de ver com olhos cubertos? Tire-se o impedimento á luz, e logo se verá a candêa, e mais o que ella allumia: a mulher que buscava a dragma perdida, naõ só accendeo a candêa, mas varreo a casa: *Accendit lucernam, & everrit domum:* a candéa está acceza, e muito clara, mas a casa naõ está varrida; varra-se, e limpe-se a casa, tirem-se os estorvos, e impedimentos á luz, e logo veraõ os olhos o que ha nella, e se achará o que se busca; mas nem se busca, nem se quer achar.

2. ad Corinth. 3. 15

Luc. 15, 8.

206 De maneira que resumindo toda a resposta da objecçaõ, digo, que descobrimos hoje mais, porque olhamos de mais alto; e que distinguimos melhor, porque vemos de mais perto; e que trabalhamos menos, porque achamos os impedimentos tirados. Olhamos de mais alto, porque vimos sobre os passados; vemos de mais perto, porque estamos mais chegados aos futuros; e achamos os impedimentos tirados, porque todos os que cavàraõ neste thesouro, e varrèraõ esta casa, foraõ tirando impedimentos á vista, e tudo isto por beneficio do tempo, ou para o dizer melhor, por providencia do Senhor dos tempos.

CAPITULO XI.

Declara-se qual seja a novidade desta historia, e que as cousas novas, por novas, naõ desmerecem o credito de sua verdade.

207 QUando no principio deste livro promettemos cousas novas aos curiosos, bem advertimos, que mettiamos as armas nas mãos aos Criticos; mas saõ estas armas ja taõ velhas, e ferrugentas, que naõ ha muito que temer seus golpes, ainda que a novidade da nossa historia fora qual se suppoem, e naõ he; com tanto que naõ tenha, como por graça de Deos naõ tem, cousa alguma, que encontre a fé, ou doutrina da Igreja; o reparo da novidade naõ he crime de que ella tema ser accusada, e pelo qual, quando o seja, ponha em risco o credito da sua verdade, se por si mesma lhe for devida.

208 Pensáõ he muito antiga das cousas boas, e grandes, serem accusadas de novas. A primeira instituiçaõ da vida Monastica, sendo o estado mais santo da Igreja Catholica, que accusaçoens naõ padeceo antigamente (e padece ainda hoje) dos Hereges pela novidade de habito, e modo de vida? Digaõ'no as Apologias de S. Joaõ Chrysostomo, Saõ Gregorio, Saõ Bernardo, Santo Thomás, Saõ Boaventura, para que naõ fallemos nos Waldenses, nos Platins, nos Soares, nos Baronios, nos Bellarminos. A mesma Ley de Christo, chamada por sua novidade Evangelica, em quantos livros, e Tribunaes de gentes, e Judeos foy terminada pela gloria deste titulo; accusaçaõ foy de que a defendeo Tertulliano, Lactancio, Arnobio, Prudencio, e todos os outros Padres que antes, e depois destes escrevèraõ contra Gentes; mas o mayor exemplo de todos neste caso he o daquella Divina obra de Saõ Jeronymo na versaõ da sagrada Biblia, que hoje adoramos por Canonica, taõ estranhada quando nova,

naõ

naõ por Gentios; ou Hereges, nem só por quaesquer Catholicos, senaõ pela mayor luz da Igreja Santo Agostinho. Quero por aqui as palavras deste grande, e santissimo Doutor, escritas naõ a outrem, senaõ ao mesmo São Jeronymo: *De vertendis autem in Latinam linguam sanctis libris laborare te nollem, nam aut obscura sunt, aut manifesta? Si enim obscura sunt, te quoque in eis falli potuisse non immeritò creditur; si autem manifesta, superfluum est te voluisse explanare, quod illis latere non potuit.* Quanto á versaõ das Escrituras Sagradas na lingua Latina, obra he, diz o Santo, em que eu naõ quizera que vós empregasseis o vosso trabalho, porque ou ellas saõ escuras, ou manifestas? Se escuras, com razaõ se cré, que tambem vos podeis enganar na sua interpretaçaõ, como os outros Escritores; e se manifestas, superflua diligencia he quereres vós explicar o que os outros naõ podem deixar de ter entendido. Atéqui zelosa, elegante, e engenhosamente Santo Agostinho; ao qual respondeo São Jeronymo com igual engenho, zelo, e elegancia, e verdadeiramente com victoria por estas palavras: *Porrò quod dicis non debuisse me interpretari post veteres, & novo uteris syllogismo, tuo tibi sermone respondeo. Omnes veteres tractores, qui nos in Domino præterierunt, & qui Scripturas sanctas interpretantur, sunt aut obscura, aut manifesta? Si obscura, quomodo tu post eos ausus es dicere, quod illi explanare non potuerunt? Si manifesta, superfluum est te voluisse dicere, quod illis latere non potuit, respondeat mihi prudentia tua, quare tu post tantos, ac tales Scriptores, & Interpretes in explanatione Psalmorum diversa senseris? Si enim obscuri sunt Psalmi, te quoque in eis falli potuisse credendum est. Si manifesti, illos in eis falli potuisse non creditur, ac per hoc utraque superflua erit intrepretatio tua, & hac lege post priores nullus loqui audebit, & quicunque aliàs occupabit alios, de eo scribendi non habebit licentiam.* Quanto ao que me dizeis (diz Saõ Jeronymo a S. Agostinho) que eu me naõ devia cansar em interpretar

August. Epist. ad Hieron.

Hieron. in Epist. ad Aug.

tar as Escrituras depois dos antigos Interpretes dellas, e para isso usais daquelle novo syllogismo, respondo com as mesmas vossas palavras: Todos os Expositores dos livros Sagrados, que nos precedèraõ no Senhor, ou interpretáraõ o que era escuro, ou o que era manifesto? Se o que era escuro, como vos atreveis tambem a declarar o que elles naõ puderaõ? Se o que era manifesto, superfluo trabalho he cansarvos em querer fazer entender o que elles naõ podiaõ deixar de ter entendido. Respondame logo vossa prudencia, com que razaõ depois de tantos, e taes Interpretes vos atrevestes na exposiçaõ dos Psalmos a sentir diversamente do que elles sentiraõ; porque se os Psalmos saõ escuros, tambem se deve entender, que vós vos podieis enganar na sua intelligencia; e se saõ claros, e manifestos, superflua he, e naõ necessaria a vossa interpretaçaõ: e segundo esta ley ninguem poderá fallar depois dos primeiros, e tanto que hum se adiantar á exposiçaõ de algum livro sagrado, logo nenhum outro terá licença para escrever sobre elle.

209 Isto dizia Santo Agostinho a S. Jeronymo sobre a novidade de sua versaõ, a qual hoje he de fé: e isto S. Jeronymo a Santo Agostinho sobre a novidade da sua exposiçaõ dos Psalmos, que hoje he antiquissima, e muy venerada, e depois della se escrevèraõ infinitas outras mais novas, e ainda os Psalmos naõ estaõ bastantemente interpretados. Assim que os reparos da novidade saõ pensaõ (como dizia) das cousas boas, e grandes; e naõ sómente os inimigos, e impugnadores da verdade, senaõ entre os mayores zeladores, e defensores della.

210 Mas destes mesmos exemplos se convence claramente, quam frivolas saõ, e pouco efficazes as accusaçoens do que se estranha por novo. Naõ he o tempo, senaõ a razaõ, a que dá o credito, e authoridade aos Escritores: nem se deve perguntar o quando, senaõ o como se escrevèraõ. A antiguidade das obras he hum accidente extrinseco, que nem tira, nem accrescenta validade, e só porque poem os Authores della mais longe dos olhos da

inve-

inveja, lhes grangea a triste fortuna de serem mais venerados, ou melhor conhecidos depois da morte, que vivos. As trevas foraõ mais antigas, que o Sol, e os animaes, que o homem. O Testamento Velho naõ he mais perfeito que o Novo, por ser mais antigo, nem o Novo perde a perfeiçaõ, e excellencia, que tem sobre o Velho, por ser mais novo. Que cousa ha hoje taõ antiga, que naõ
Eccles. 1, 10 fosse nova em algum tempo? Diz Salamaõ, que naõ ha cousa nova debaixo do Sol; e ainda he mais universalmente certo, que naõ ha cousa debaixo do Sol, que naõ fosse nova. A mais nova entre todas as do mundo foy o mesmo mundo: se a nossa Religiaõ he nova, argumentava Arnobio contra os Gentios, tempo virá em que seja velha; e se a vossa superstiçaõ he velha, tempo houve em que tambem foy nova. Dizeis que a Religiaõ Christãa he nova, porque ainda naõ tem quatrocentos annos, e ha menos de dous mil, que os Deoses, que vós adoraveis, ainda naõ tinhaõ cento. Com a mesma energia
Arnobius. disse o Imperador Claudio ao Senado. *Patres Conscripti, quæ mane vetustissima creduntur, fuere nova. Plebei Magistratus post Patricios, Latini post plebeos, cæterarum Italiæ gentium post Latinos: inveterasse hoc quoque, & quod hodie exemplis tuemur, inter exempla erit.* E verdadeiramente he assim: quantas cousas saõ hoje exemplos, que começáraõ sem exemplo? Todas as opinioens, ou verdades, que se escrevéraõ, tiveraõ principio, e aquelle que as começou sem Author, foy o primeiro que lhes deu a authoridade.

211 Acodia Saõ Jeronymo á queixa da sua nova ver-
Hieron. præfat. Pentateuch. ad Desiderium saõ, e diz assim contra Rufino. *Periculosum opus certé, & obtrectatorum latratibus patens, qui me asserunt in septuaginta Interpretum sugillatione, nova pro veteribus cudere, ita ingenium quasi vinum probantes.* Discretamente: porque antepor o velho ao novo só pelos annos, escolha parece mais de cella vinaria, que do trono, ou cadeira de Salamaõ: e notem os Leitores, que saõ estas palavras de huma das Apologias, que Saõ Jeronymo escreveo

ſcreveo em defenſa daquella nova verſaõ da Sagrada Eſcritura, que hoje ſe chama Vulgata, e he de fé Catholica: para que ſe veja quaes ſaõ os juizos dos homens, e quam impugnadas coſtumaõ ſer as obras, de que Deos ſe quer ſervir. Naõ tinha eſta de Saõ Jeronymo outro reparo mais que a gloria de ſer ſua, e nova; mas ſobre eſta lhe arguia Rufino, e outros homens doutos taes calumnias, que a queriaõ fazer naõ menos que heretica, como ſe ſó os Antigos foſſem Catholicos, e a verdade ſem cãas naõ foſſe verdade. Huns o faziaõ por zelo, outros por inveja, muitos por malicia, todos por ignorancia.

212 E verdadeiramente que ſe bem apontamos os fundamentos deſtes impugnadores da novidade, e as razoens daquella dura ley, com que forçoſamente querem que ſigamos em tudo os Antigos, e adoremos as ſuas pizadas, ou he porque tem para ſi que ja ſe naõ podem dizer couſas novas; ou que naõ ha capacidade nos modernos para as poderem deſcubrir, e dizer; ſe o primeiro, grande injuria fazem á verdade, e ás ſciencias; ſe o ſegundo, grande affronta aos homens, e á noſſa idade: mas naõ me ouçaõ a mim, ouçaõ aos meſmos Antigos; e começando pelos Gentios allumiados ſó pelo lume da razaõ. Seneca na Epiſtola 64 eſcreve, ou enſina a Lucillo deſta maneira: *Multum adhuc reſtat operis, multumque reſtabit; nec ullo nato poſt mille ſæcula, præcludetur occaſio aliqua adhuc adjiciendi. Multum egerunt, qui ante nos fuerunt, ſed non perierunt.* E na Epiſtola 79 *At qui præceſſerunt, non proripuiſſe mihi videntur quæ dici poterant, ſed aperuiſse; ſed multum intereſt, utrùm ad conſumptam materiam, an ſubactam accedas: creſcit indies, & inventis inventa non obſtant.* E Marco Tullio formando hum perfeito Orador no livro de Oratore: *Nec verò Ariſtotelem in Philoſophicis deterruit ab ſcribendo amplitudo Platonis, nec ipſe Ariſtoteles admirabili quadam ſcientia, & copia exterorum ſtudia reſtrinxit.* Até aqui eſtes dous Gentios, em

Sen. Epiſt. 64.

Cic. de Oratore.

que era ainda mayor a soberba, e presumpçaõ, que a sciencia; e se estes sendo ambos eminentissimos nas suas artes naõ duvidáraõ confessar, que havia ainda muito mais que andar, que inventar, que descubrir, e saber nellas; porque havemos nós de esperar, e affrontar tanto a nossa idade, e os homens della, que cuidemos, que ja naõ podem adiantar as sciencias, nem dizer, e accrescentar sobre ellas cousa de novo?

213 Seneca floreceo nos tempos de Nero, que vem a ser por boas contas, dezaseis seculos antes deste nosso; e se elle conheceo, que os que nascessem dalli a mil seculos, ainda teriaõ muito que dizer na mesma Filosofia moral, em que elle tanto, e taõ subtilmente disse; que muito he que se atreva a dizer alguma cousa nova a nossa idade, se ainda lhe restaõ por sua confissaõ novecentos, e oitenta e quatro seculos, (se tantos durar o mundo) para dizer, e inventar muito de novo sobre o mesmo Seneca? Se depois do Divino Plataõ (como pondera Tullio) naõ acovardáraõ os seus escritos a Aristóteles para que naõ escrevesse, nem a admiravel sabedoria, e copia do mesmo Aristóteles pôde apagar os fogosos espiritos de tantos Filosofos, que depois delle, e sobre elle escrevèraõ, sendo por commua approvaçaõ do mundo hum dos mayores engenhos, que produzio a Grecia, e a mesma natureza; porque havemos de querer abbreviar as mãos do Author della, e cuidarmos, que ja naõ podem fallar de novo os homens presentes, e sô lhes damos licença para decorarem, e repetirem o que disseraõ os passados? Se assim fora, debalde nos deu Deos o entendimento, pois nos bastava a memoria. Porque, como bem disse o mesmo Seneca, saber sô o que os Antigos souberaõ, naõ he saber, he lembrarse; *Aliud est meminisse, aliud scire; meminisse, est rem commissam memoriæ custodire; at scire, est & sua facere quemque, nec ab exemplis pendere, & toties ad magistratus recurrere.* Estes taes haviaõ de ter a testa virada para as costas, como dizem os Italianos dos Ale-

mães, que todos se occupaõ na erudiçaõ do passado; sem descubrir; nem inventar cousa nova. muito alcançáraõ os Antigos, e se lhes deve o primeiro louvor, mas ainda nos deixaraõ seus grandes talentos, em que exercitar os nossos.

214 E se isto he assim nas sciencias humanas, que será naquelle pego immenso, e profundissimo das Divinas? Mas ouçamos tambem aos Antigos dellas. David que veyo ao mundo 3000. annos depois de sua creaçaõ, dizia confiadamente que soubera, e entendéra mais que todos os velhos. *Super senes intellexi*: e estes velhos eraõ aquelles Varoens veneraveis da primeira antiguidade, Seth, Enoch, Matusalem, Noé, Abrahaõ, Isaac, Jacob, Joseph, Moysés, Josué, Melchisedéch, Samuel, e tantos outros de igual sabedoria, e nome. Desde a creaçaõ do mundo até á reparaçaõ delle, em que se contáraõ quatro mil annos, sempre os homens se foraõ excedendo na Sabedoria Divina, ainda que fossem diminuindo na idade: naõ he consideraçaõ minha, senaõ doutrina de S. Gregorio Papa: Per *incrementa temporum crevit scientia spiritualium* Patrum; *plus namque Moyses, quàm Abraham, plus* Prophet*æ, quàm Moyses, plus Apostoli, quàm* Prophet*æ in Omnipotentis scientia eruditi sunt.* Ao passo que hiaõ procedendo os tempos, (diz S. Gregorio) hia juntamente crescendo a sabedoria dos antigos Padres, conhecendo sempre mais de Deos os segundos, que os primeiros. Moysés soube mais das cousas Divinas que Abraham; os Profetas mais que Moysés; os Apostolos mais que os Profetas; e o mesmo que tinha succedido naquella primeira, e antiga Igreja, se experimenta depois na segunda nova, e mais perfeita em que hoje estamos, de que ella tinha sido figura, porque passados os tempos de Christo, e de sua vida, em que a Sabedoria Eterna viveo humanada no mundo entre os homens; (que foy hum parenthesis excessivo, e infinito de luz, com a qual nenhum outro estado da Igreja se póde comparar) nos seculos, que depois foraõ succedendo, dos

Psal. 118. *vers.* 100.

Gregor. l. 2. *in Ezechiel Hom.* 16.

Padres, e Doutores Sagrados, sempre foraõ tambem crescendo com novos, e mayores resplandores as sciencias Divinas, accrescentando, illustrando, e escrevendo muitas cousas de novo, os que vinhaõ depois, sobre o que tinhaõ sabido, e ensinado os mais antigos.

Lactant. Firm. lib. 2. divinar. instit. cap. 8.

215 Lactancio Firmiano, Padre dos primeiro seculos da Igreja, a quem tinhaõ precedido os Dionysios Areopagitas, os Hierotheos, os Ignacios, os Polycarpos, os Ireneos, os Justinos, os Origenes, os Tertullianos, os Clementes Alexandrinos, no livro segundo *Divinarum Institutionum*, diz assim: *Nec qui nos illis temporibus antecesserunt, sapientia quoque antecesserunt, quæ si hominibus æqualiter datur, occupari ab antecedentibus non potest.* S. Jeronymo, que floreceo muito depois do mesmo Lactancio, e a quem precedèraõ os Hippolytos, os Cyprianos, os Taumaturgos, os Arnobios, os Athanasios, os Basilios, os Theofilos, os Cyrillos, os Epifanios, augmentou, e adiantou tanto o estudo das Divinas letras, que mereceo na eminencia dellas por consenso, e pregaõ universal da Igreja o renome de Doutor Maximo: na Apologia assima citada contra Rufino escreve o Santo Doutor com a modestia, com que costumaõ fallar os homens mayores, estas palavras: *Quid igitur damnamus Veteres? Minimè. Sed post priorum studia in domo Domini, quod possumus, laboramus.* E convertendo-se no fim contra os vituperadores dos inventos novos, extranha muito que sendo o appetite, ou gula humana taõ ambiciosa de novos, e exquisitos sabores, só nas sciencias que saõ o sabor dos entendimentos, se contentaraõ os homens com a vulgaridade, ou velhice dos manjares usados: *Non cùm nova semper expectant voluptates, & gulæ earum vicina maria non sufficiant, cur in solo studio Scripturarum veteri sapore contenti sunt?*

Hieron. in præfat. Pentateuch. ad Desiderium

216 S. Gregorio Magno, que veyo ao mundo para lhe dar melhor cabeça do que seu juizo, e errados juizos merecem, depois dos outros dous Gregorios Nazianzeno, e Ni-

e Niceno, e do mesmo Jeronymo depois dos Climacos, dos Procopios, dos Boecios, dos Cassianos, dos Theodoretos, depois dos Eucherios, dos Pascasios, dos Maximos, dos Paulinos, dos Cassiodoros, depois dos Ezichios, dos Chrysologos, dos Lezens, dos Anastruens, dos Fulgencios, e o que he mais que tudo, depois de hum Chrysostomo, de hum Ambrosio, e de hum Agostinho, penetrou taõ altamente o espirito interior da Theologia Mystica, e Ascetica, que por applauso commum do Concilio oitavo Toletano foy preferido a todos os Doutores na doutrina Ethica, e Moral, com aquelle famoso Elogio: *In Ethicis assertionibus præ cunctis meritò præferendus.* Mas nem por isso depois de tantos, e taõ esclarecidos lumes da Igreja deixáraõ de espalhar nella, em todos os seculos seguintes, novos rayos de novas luzes os tres Illustrissimos Hespanhoes, Isidoro, Eugenio, e Ildefonso, os Sofronios, os Eligios, os Bedas, os Damascenos, os Anselmos, os Theofilatos, os Euthymios, os Rupertos, hum Bernardo, nome singular, e muitos outros, entre os quaes Ricardo Victorino defendendo modestamente alguma novidade, que se acharia em seus livros, diz assim no Prologo de hum delles: *Non est magnum, vel mirum, si in uno aliquo aliquid addere possumus, hæc propter illos dicta sunt, qui nihil acceptant, nisi quod ab antiquissimis Patribus acceperunt: sed sicut Deus produxit novos fructus ad recreationem hominis exteriores, non credunt scientias impertiri ad innovandos sensus hominis interioris.* Naõ se tenha por cousa grande, (diz Ricardo) nem merecedora de admiraçaõ, que em alguma materia das que escrevemos, possamos accrescentar alguma cousa de novo: e digo isto por aquelles que nada admittem, nem lhes he aceito, senaõ o que primeiro foy recebido pelos antiquissimos Padres; mas se Deos para sustento, e gosto dos corpos produz incessavelmente todos os annos tantos frutos novos; porque naõ cuidaraõ, que tambem as sciencias podem produzir cousas novas para alimento, e recreaçaõ das almas?

Richar. Victor. tract. de tabernaculo in prolog.

Naõ

217 Naõ se podia explicar com mais clara comparaçaõ, nem provarse com mais efficaz argumento, e desde aquelle tempo, que foy pelos annos de mil e trezentos a esta parte, se tem confirmado pela grandeza, e liberalidade de Deos em todos os seculos, com mais repetidos exemplos que nos passados, porque naõ só allumiou a Divina Providencia pouco depois o mundo todo com aquellas duas tochas clarissimas, e santissimas de Theologia Santo Thomás, e S. Boaventura, mas antes, e depois delles para augmento, ou competencia de suas mesmas luzes as cercou de taõ luminosas, e resplandecentes estrellas, que em outra idade podiaõ ter nome de primeiros Planetas, como foraõ hum Alberto Magno, hum Alexandre de Ales, e o famosissimo, e subtilissimo Scoto, naõ só luz, senaõ fonte de luzes, as quaes depois deste doutissimo seculo se multiplicáraõ em tanto numero, que se póde com razaõ dizer do mundo o que
Gen. 15. 5. Deos disse a Abrahaõ do Firmamento: *Numera stellas, si potes.* E porque he materia impossivel, e numero sem conto, fiquem em silencio (por mais que taõ grande brado deraõ nas escolas) os Vasques, os Soares, os Molinas, os Valenças, os Bellarminos, os Canisios, os Toledos, os Lugos, os Caietanos, os Soutos, os Medinas, os Victorias, em cujos felicissimos, e immensos escritos se vem taõ adiantadas as letras Divinas, que mais parecem novas, que renovadas. Digaõ agora os reprovadores das que elles chamaõ novidades, se se póde ainda sobre os Antigos dizer alguma cousa de novo.

218 He por ventura o saber, e dizer, patrimonio só
Gen. 27. 37. da antiguidade, e morgado como o de Isaac, que dada a bençaõ a Jacob naõ fica outra para Esaú? Saõ os Antigos
3. Reg. c. 17. per tot. como os cantaros da Sarephtana (comparaçaõ de que usa Ruperto) que depois de cheyos elles parou a fonte milagrosa, e naõ correo mais o oleo? Houve neste grande Oceano de sciencias alguma náo Victoria, que désse volta a todo o mar? Ou algum Gama, que passado o Cabo de Boa Esperança a tirasse a todos os outros de novos descubrimentos?

cubrimentos? E se depois deste famoso circulo do universo ainda ficáraõ mares, e terras incognitas, que promettem novas emprezas, e novos Argonautas; que será na esféra da Sabedoria, e da verdade, cuja immensa, e infinita circumferencia só a póde abraçar o que he immenso, e comprehender o que he infinito? Se depois dos antiquissimos tiveraõ que descubrir os menos antigos, e depois dos que ja naõ eraõ os primeiros, tiveraõ que inventar mais que os segundos; porque naõ quereráõ os adoradores, ou aduladores da antiguidade, que ainda depois de tanto dito, haja mais que dizer, e depois de tanto escrito, mais que escrever, e depois de tanto estudado, e sabido, mais que estudar, e saber? Como temo, que os que condemnaõ as cousas novas, saõ aquelles que naõ podem dizer senaõ as muito velhas, e póde ser, que muito remendadas. O avarento chama prodigo ao liberal; o covarde temerario ao valente; o distrahido hypocrita ao modesto; e cada hum condemna o que naõ tem, por naõ confessar o que lhe falta. O grande Padre Soares que tanto tinha em si, do que os Antigos souberaõ, dizia que daria de alviçaras o que sabia, se lhe dessem o que ignorava; isto he o que ficou aos vindouros para poderem saber, e dizer de novo, mas querer precisamente que nos atemos em tudo aos passados, he querer atar os vivos aos mortos, crueldade que só se lê de Mesencio.

219 Fechemos este discurso, ou adocemos a dureza deste rigor com o Melifluo Bernardo, o qual como sempre fallou pela boca da Escritura, assegura firmemente aos vindouros, que poderáõ ter mayores noticias das cousas, do que tiveraõ, e alcançáraõ os Antigos; e o prova, e refere em dous Textos, ou dous exemplos; hum de David, que affirmou que soubera mais que os passados; outro de Daniel, que prometteo saberiaõ mais os futuros: *David quoque super Doctores suos & seniores, donum sibi intelligentiæ audacter præsumit, dicens: Super omnes docentes me intellexi. Sed & Propheta Daniel, Pertransibunt, ait, plurimi, & multiplex erit scientia,* D. Bern. de contemp. & Epist. ad Hugonem. de S. Victore.

am:

ampliorem scilicet rerum notitiam promittens & ipse posteris. Atéqui S. Bernardo escrevendo a Hugo de S. Victor, que tambem lhe tinha escrito lastimado da mesma chaga. Todos os grandes engenhos tiveraõ sempre esta queixa, e todos se armàraõ destas apologias, porque todos disseraõ cousas novas, e nenhum careceo de quem lhas impugnasse: naõ ha cousa boa sem contradicçaõ, nem grande sem inveja:

Petrarc. triumph. de la Fama. c. 3.

Si come crebbe l' Arti,
Crebbe l invidia, e col sapere
Insieme ne i cori infiati suoi
Veneni ha sparsi.

220 Mas antes de Petrarcha o tinha dito em Roma o nosso discreto Hespanhol:

Martial. l. 5 epigr. ad Regulum

Esse quid hoc dicam, vivis quod fama negatur?
Et sua quod rarus tempora Lector amat?
Hi sunt invidiæ nimirum, Regule, mores,
Præferat antiquos semper ut illa novis.
Sic veterem ingrati Pompej quærimus umbram;
Et laudant catuli Julia templa senes.
Ennius est lectus, salvo tibi Rama Marone:
Et sua riserunt sæcula Mæonidem.

Matth. 16. 14. 221 Os que mais queriaõ louvar a Christo diziaõ; que era hum dos Profetas antigos, sendo elle a luz de *Marc. 6. 16.* todos os Profetas: e Herodes se persuadia, que naõ po- *Joan. 1. 27.* dia ser senaõ o Baptista resuscitado, sendo aquelle a quem o Baptista naõ era digno de desatar a correa do sapato. Todas as couzas novas, que se disserem nesta historia, saõ aquellas, que Deos tem promettido, que ha *Apoc. 21.* de fazer quando disse: *Ecce nova facio omnia.* Se acaso houver quem as impugne, e contradiga, he porque nem Deos póde fazer cousa de novo sem contradicçaõ dos mesmos para quem as faz. A cousa mais nova que Deos *Jerem. 31. 22.* fez no mundo, foy aquella de que disse o Profeta: *Creavit Dominus novum super terram: fœmina circumdabit virum.* E esta novidade foy o alvo das mayores contra- *Luc. 2. 34.* dicçoens, como tambem predisse outro Profeta: *Signum cui contradicetur.*

Mas

222 Mas para que naõ pareça, que defendo as cousas novas, por naõ ser necessario este escudo á minha historia, respondendo á objecçaõ da novidade della, digo que em toda essa novidade, com ser taõ grande, nenhuma cousa direy de novo: propriedade he dos futuros serem sempre novos todos, por isso os ultimos, e mais distantes se chamaõ novissimos; mas ainda que esta historia seja toda de cousas taõ novas, nem por isso ella será nova. He huma historia nova sem nenhuma novidade, e huma perpetua novidade sem nenhuma cousa de novo; como isto possa ser, explicarey por alguns exemplos.

223 Quando os Romanos a primeira vez batèraõ os muros de Carthago com o Aríete, ou Carneiro militar, ficàraõ os Carthaginezes assombrados com a novidade daquella machina; e naõ era novidade, senaõ esquecimento; porque os primeiros inventores daquelle bravo instrumento tinhaõ sido os mesmos Carthaginezes, mas como havia muitos annos, que gozavaõ da altissima paz; esquecia-se Carthago do que inventára Carthago, e sendo cousa antiga, e sua, a tinha por novidade. Quero dizello com palavras do grande Tertulliano, cuja foy esta advertencia *. *Arietem nemini umquam adhuc libratum, illa dicitur Carthago studijs asperrima belli, prima omnium armasse in oscillum penduli impetus. Cum autem ultimarent tempora patriæ, & aries jam Romanus in muros quondam suos auderet, stupuere illico Carthaginenses, ut novum extraneum ingenium. Tantum ævi longinqua valet mutare vetustas.* De maneira que Aríete, de que Carthago tinha sido a primeira inventora, parecia instrumento novo aos mesmos Carthaginezes, naõ por novo, senaõ por esquecido, naõ por novo, senaõ por muito antigo. Tertul. l. de pallio c. 1.

224 Muitas novidades se veraõ nesta nossa historia; naõ novas por novas, senaõ novas por antiquissimas. As Pyramides, e Obeliscos que assombràraõ com taõ nova, e desusada grandeza o foro Romano, (com boa venia

dos Padres Conscriptos) depois de serem velhice no Egypto, foraõ novidade em Roma. Seraõ novas neste nosso livro cousas, que foraõ primeiro, que as que hoje se tem por antigas. A nova opiniaõ dos Ceos flúidos tambem recebida em nossos dias, primeiro foy que a antiga de Aristóteles, que com taõ continuado applauso do mundo os fez solidos, e incorruptiveis ·. nas sciencias nascem poucas verdades, as mais dellas resuscitaõ; se no mundo, como pouco ha dizia Salamaõ, naõ ha cousa nova, como se vem cada dia tantas novidades no mundo? Saõ novidades de cousas naõ novas, e taes seraõ as desta historia. Quando Adaõ sahio flammante das mãos de Deos, abrio os olhos, e vio tanta cousa nova, e todas eraõ mais antigas que elle ·. nem eraõ ellas as novás; elle era o novo ·. a novidade da nossa historia ha de ser mais dos Leitores, que della. Para aquelle cego de seu nascimento, a quem Christo abrio os olhos, ainda que naõ eraõ novas as quantidades, porque as apalpava, foraõ novas as cores, porque as naõ via; ja havia cores, e luz, mas naõ havia olhos. Ao terceiro dia da creaçaõ produzio a terra todas as arvores carregadas dos seus frutos ·. senaõ fora assim, naõ tivera occasiaõ o preceito, nem tentaçaõ o peccado. Todos os fructos nasceraõ igualmente naquelle dia, as peras, os figos, as uvas, e tambem as fructas novas; mas estas tiveraõ este nome, porque chegáraõ mais tarde á nossa terra.

225 Por ventura aquella ametade do mundo, a que chamavaõ quarta parte, naõ foy creada juntamente com Asia, com Africa, e com Europa? E com tudo porque a America esteve tanto tempo occulta, he chamado mundo novo; novo para nós que somos os sabios; mas para aquelles barbaros, velho, e muito antigo. Assim que recolhendo todos estes exemplos, humas cousas faz novas o esquecimento, porque se naõ lembraõ; outras a escuridade, porque se naõ vem; outras a ignorancia, porque se naõ sabem; outras a distancia, porque se naõ alcançaõ; outras a negligencia, porque se naõ buscaõ; e de todas

estas

eſtas novidades ſem novidade haverá muito neſta noſſa hiſtoria. Lembraremos nella muitas couſas eſquecidas, allumiaremos muitas eſcuras, deſcubriremos muitas occultas, poremos á viſta muitas diſtantes, e procuraremos ſaber muitas ignoradas.

226 E por naõ deixarmos ſem juizo a controverſia diſputada entre as couſas novas, e as velhas; certamente entre humas, e outras naõ ſe póde dar regra certa. O tempo humas couſas melhora, e outras corrompe: ouro velho, vinho velho, amigo velho: caſa nova, navio novo, veſtido novo: a velhice no ouro he preço, no vinho madureza, no amigo conſtancia, no veſtido pobreza, no navio, e na caſa perigo; abſolutamente nas couſas, que ſe conſomem com o tempo, melhores ſaõ as novas. Mais defendida eſtá Roma com os muros de Urbano, que com os de Beliſario; huns ſe conſervaõ pelo que foraõ, outros pelo que ſaõ; em huns ſe admira a antiguidade, em outros ſe logra a fortaleza. A verdade, e as ſciencias, em que naõ tem juriſdicçaõ o tempo, impropriamente ſe chamaõ novas, ou velhas, porque ſempre ſaõ, ſempre foraõ, e ſempre haõ de ſer as meſmas; poſto que nem ſempre ſe conhecem igualmente. De Deos, que por eſſencia he Sabedoria, e Verdade, diſſe Tertulliano judicioſamente, que nem he velho, nem novo, mas verdadeiro: *Germana Deitas nec de novitate, nec de vetuſtate, ſed de ſua veritate cenſetur.* E como a verdade da noſſa hiſtoria toda (como vimos) tenha o ſeu principio em Deos, pedimos aos que a lerem, que aſſim no certo, como no provavel, nem ſe attenda ſe he velho, nem ſe repare ſe he novo, mas ſó ſe conſidere ſe he, ou póde ſer verdadeiro: *Nec de novitate, nec de vetuſtate, ſed de ſua veritate cenſeatur.*

227 E quanto ao louvor, que renunciamos facilmente, ainda que o mereceramos, digo com indifferença o que enſinou Chriſto: *Scriba doctus profert de theſauro ſuo nova, & vetera.* Os Doutores quando eſcrevem, tiraõ do ſeu theſouro as couſas novas, e mais as velhas: Matth. 13. 52.

 ſaber

ſaber as velhas, e inventar as novas, iſto parece que he ſer douto. Mas notou Santo Agoſtinho, que naõ diſſe Chriſto as velhas, e as novas, ſenaõ as novas, e as velhas, dando o primeiro lugar ás novas, porque as avaliou a Summa Juſtiça pelo merecimento, e naõ pelo tempo: *Non dixit, vetera, & nova; quod utique dixiſſet, niſi maluiſſet meritorum ordinem ſervare, quàm temporum.* As couſas velhas ſaõ do tempo, as novas do merecimento; porque as velhas ſaõ alheyas, as novas noſſas. Todos dizem que os Antigos merecem mayor louvor; e he aſſim; mas eſte louvor, ſe bem ſe conſidera, naõ he elogio da antiguidade, ſenaõ da novidade. Merecem mayor louvor os Antigos, porque foraõ os primeiros inventores das couſas; logo da novidade he o louvor, pois o merecéraõ, quando as deſcobriraõ de novo. Se fora outro o Author deſta hiſtoria, folgára eu que ſe pudèra dizer delle com Vicencio Lizinenſe: *Per te poſteritas gratulatur intellectum, quod ante vetuſtas non intellectũ venerabatur.*

D. Aug. quæſt. 16. in Matth.

CAPITULO XII.

Da-ſe a razaõ porque em algumas partes deſta hiſtoria ſe naõ allegáraõ Padres, e ſeguiraõ expoſiçoens de Eſcritores modernos.

228 AInda que o noſſo intento he ſeguir em quanto nos for poſſivel as pizadas dos antigos Padres, como Padres, e lumes da Igreja depois dos Apoſtolos, (os quaes naõ entraõ neſta controverſia, porque em tudo o que eſcrevéraõ foraõ allumiados pelo Eſpirito Santo, e ſeguillos como havemos de ſeguir em tudo, naõ he ſó obſequio, e piedade, ſenaõ obrigaçaõ, e reſpeito) e poſto que o noſſo deſejo fora levar ſempre diante dos olhos eſta ſegunda tocha para allumiar, e penetrar com ſua luz, como diziamos, o eſcuro das profecias; com tudo porque naõ he, nem ſerá poſſivel ſeguir em algumas

gumas cousas das que dizemos, ou dissermos, este nosso intento, e desejo, pede a razaõ, e ordem da mesma escritura, que antes de passar mais a diante desfaçamos este reparo, para que os menos doutos, ou mais escrupulosos naõ topem nelle, e levem desde logo entendidas as causas do que fizermos, e os fundamentos, licença, ou authoridade com que o fazemos. Verse-ha em algumas partes desta historia, que ou naõ allegamos Padres antigos, ou nos desviamos da explicaçaõ que deraõ a alguns lugares da Escritura; o que naõ fazemos senaõ com grandes razoens, sem offensa da reverencia que lhes devemos, nem da verdade que seguimos; antes para mayor segurança, e fundamento della, a qual he o nosso intento, e obrigaçaõ buscar, e descobrir a donde quer que se ache, antepondo este respeito a qualquer outro, pois á verdade se deve o mayor de todos.

229 As razoens, que nos movem, e obrigaõ, saõ trez. A primeira, porque os Doutores antigos naõ disseraõ tudo. Segunda, porque naõ acertáraõ em tudo. Terçeira, porque naõ concordáraõ em tudo; e com qualquer destes casos nos póde ser, naõ só licito, e conveniente, senaõ ainda necessario seguir o que se julgar por mais verdadeiro; porque nas cousas, que naõ disseraõ, he forçoso fallar sem elles; nas cousas, em que naõ acertàraõ, he obrigaçaõ apartar delles; e nas cousas, em que naõ concordaraõ, he livre seguir a qualquer delles; e tambem será livre, e licito deixar a todos, se assim parecer, como logo explicaremos.

Prova-se a primeira razaõ.

230 PRimeiramente he certo que os Padres antigos naõ disseraõ tudo, e se prova claramente com a experiencia, e liçaõ de seus proprios livros, nos quaes se naõ acha memoria de muitas cousas grandes, e doutas, achadas, e accrescentadas depois, naõ só nas outras sciencias Divinas, mas na intelligencia das mes-

mas

nas Escrituras Sagradas, e particularmente nas dos Profetas, que nos tempos mais chegados a nós se descobriraõ, disputáraõ, e entendèraõ, como se lêm nos Escritores modernos; e posto que para os versados na liçaõ de huns, e outros bastava esta supposiçaõ sómente apontada, porey aqui para os demais as palavras de dous grandes Doutores, Castro, e Canisio, ambos do seculo antecedente a este nosso, e ambos diligentissimos investigadores da antiguidade, e doutissimos na erudiçaõ da Escritura, Concilios, e Padres, os quaes expressamente affirmaõ que muitas cousas se sabem, e entendem hoje, que foraõ ignoradas dos Padres antigos, como falla Castro (incognitas a elles, como mais certamente diz Canisio. As palavras deste segundo no livro primeiro de *Beata*
Canis. l. 1. de B. Virg. cap. 7. *Virgine cap.* 7. saõ as seguintes: *Demum habuerint Patres suorum temporum rationem, quibus multa vel prorsus incognita erant, vel obscura, neque satis evoluta, quæ posteris diligentius excutienda, & clariùs illustranda, explicandaque, non sine certo Dei consilio relinquebantur.* E Castro no livro primeiro *adversus hæreses*, Capitulo segundo, depois de provar o mesmo com o lugar do Capitulo sexto dos Cantares, que abaixo citaremos, conclue assim: *Quo fit, ut multa nunc sciamus, quæ à primis Patribus aut dubitata, aut prorsus ignorata fuerunt.* A qual differença se naõ conheceo só com a comprida experiencia dos nossos tempos, senaõ ja nos mesmos Padres se conhecia, como muitos delles escrevéraõ, e particularmente entre os da primeira idade Tertulliano, e entre os da ultima Ricardo Victorino, cujas palavras de ambos referiremos neste mesmo Capitulo.

231 A razaõ de muitas cousas, que hoje se sabem, serem incognitas aos Padres antigos, se póde considerar, ou da parte de Deos, ou da parte das mesmas cousas. Da parte das mesmas cousas nos naõ devemos admirar que lhes fossem incognitas, por serem muitas dellas difficultosas, escuras, e muy reconditas nas Escrituras Sagradas, e enigmas dos Profetas, as quaes se naõ podiaõ entender;

tender, e penetrar só com a agudeza dos entendimentos, por sublimes, e sublimissimos que fossem, em quanto naõ estavaõ assistidos de outras noticias, e circumstancias, que só se descobrem com o tempo, e adquirem com larga experiencia.

232 Excellente exemplo he nesta materia o das sciencias, e artes, ainda naturaes, as quaes em seus principios, e rudimentos foraõ imperfeitas, e com os annos, experiencia, e exercicio se vem hoje sublimadas a taõ eminente perfeiçaõ, como a Nautica, a Bellica, a Musica, a Architectura, a Geografia, a Hidrografia, e todas as outras Mathematicas, e muito em particular a Chronologia, de que neste mesmo Capitulo fallaremos; e assim como estas mesmas sciencias, e artes crescèraõ, e se apuráraõ muito com o soccorro, e apparelho de exquisitos instrumentos, que nellas se inventáraõ, como foy na Nautica o Astrolabio, a Agulha, e o admiravel segredo da pedra de cevar: e na Bellica o terribilissimo, e subtilissimo invento da polvora, que deu alma, e ser a tantos, e taõ notaveis instrumentos de guerra; assim tambem poderaõ crescer, e augmentarse muito as sciencias Divinas, e chegar á perfeiçaõ, e eminencia, em que hoje se vem, com os instrumentos proprios dellas, que he a multidaõ de livros espalhados, e facilitados por todo o mundo pelo beneficio da impressaõ, com que a doutrina, e sciencia particular dos homens insignes se faz commua a todos em taõ distantes lugares, naõ sendo menor a commodidade dos Mestres, que saõ instrumentos vivos das sciencias, no concurso de tantas, e taõ diversas Universidades, Theatros, e Officinas publicas de toda a sabedoria; commodidade de que no tempo dos Padres se carecia, sendo necessario ao Doutor Maximo S. Jeronymo (como elle mesmo escreve) copiar com immenso trabalho os livros por sua propria maõ, e peregrinar à Grecia, á Palestina, ao Egypto, e ás Gallias para recolher os escritos de Santo Hilario, ouvir a S. Gregorio Nazianzeno, a Didimo, e aos Mestres mais peritos na lingua

Hebraica,

Hebraica; inconvenientes que só podia vencer, e contrastar hum taõ alentado espirito, e zelo de servir à Igreja, como do grande Jeronymo, digno tanto de immortal louvor pela eminencia de sua sabedoria, como pelos gloriosos trabalhos, e suores, com que a adquirio, e conquistou.

Hieron. Epist. 22. 40. 6.

233 Da parte dos mesmos Padres se deve igualmente considerar, que deixáraõ de especular, e dizer muitas cousas de grande importancia, que depois se souberaõ, e escrevéraõ, porque se accommodáraõ á necessidade dos tempos, em que viviaõ. Todo o intento dos Padres antigos era provar a verdade da Incarnaçaõ do Filho de Deos, e o mysterio de sua Cruz, a qual na cegueira dos Judeos (como diz S. Paulo) se reputava por escandalo, e na ignorancia dos gentios por estulticia; e como esta era a guerra, e a conquista daquelles tempos, todas as armas da Sagrada Escritura se forjavaõ, e acostavaõ contra esta resistencia, e por isso os primeiros Padres, e seus successores, nenhuma cousa buscavaõ nos livros sagrados, naõ só Profeticos, senaõ ainda nos Historicos, mais que os mysterios de Christo. He bom testimunho desta verdade, o que diz Ruperto a Tristerico Arcebispo Coloniense no prologo dos seus Commentarios sobre os Profetas menores: *Scito me, Pater mi, sicut in cæteris scripturis, ita & in volumine duodecim Prophetarum operam dedisse, ad quærendum Christum.* E como isto he o que só buscavaõ para escrever, isto he o que só achavaõ, ou o que só escreviaõ seguindo os sentidos allegoricos, e mysticos, e deixando, ou insistindo menos nos literaes, como se vé ordinariamente em todas as exposiçoens dos Padres, que todas se empregaõ na allegoria, tocando muitas vezes sò leve, e superficialmente a letra, e tal vez naõ sem alguma impropriedade, e violencia. Assim o notáraõ entre os mesmos Padres alguns mais modernos que os antigos, e outros menos antigos que os antiquissimos.

1. ad Corinth. 1. 23.

Rupert. in prolog. Cómentar. super Prophet minor.

234 Dos primeiros he Ricardo de S. Victor, contemporaneo de S. Bernardo, no prologo sobre o Profeta Ezechiel,

chiel, onde confessa, que se aparta de S. Gregorio, por se naõ chegar ao sentido literal do Texto. Dos segundos he o mesmo S. Gregorio, Padre do sexto seculo depois de Christo, no proemio sobre o livro dos Reys, onde diz, que lhe foy necessario em algumas partes naõ seguir os Padres mais antigos, por naõ faltar ao fio, consequencia, e verdadeira interpretaçaõ da historia: as palavras de S. Gregorio naõ refiro aqui, porque teraõ seu lugar mais abaixo: as de Ricardo depois de referir como os antigos Padres occupavaõ seu estudo principal na allegoria, saõ estas: *Hinc contigisse arbitror, ut literæ expositionem in obscurioribus quibusdam locis antiqui Patres tacitè præterirent, vel paulo negligentius tractarent, qui si pleniùs insisterent, multo perfectiùs procul dubio, quàm aliqui ex modernis, id potuissent.* Quer dizer: que os Padres antigos por applicarem toda a sua industria, e engenho no sentido allegorico das Escrituras, ou passáraõ totalmente em silencio, ou tratáraõ menos diligentemente algunslugares mais escuros dellas, sendo certo, segundo eraõ dotados de altissimos engenhos, e enriquecidos de muita sciencia, e erudiçaõ, que se insistissem no sentido genuino, e literal do Texto, o poderiaõ conseguir mais perfeitamente, que qualquer dos modernos. De maneira, que segundo a verdade desta advertencia vem a ser a differença entre os Padres antigos, e os Commentadores modernos das Escrituras, a mesma que houve naquelles dous homens do Evangelho, ambos ricos, e venturosos. Hum que achou o thesouro, e deu quanto tinha por comprar o campo em que elle estava. Outro que buscando só margaritas, e achando huma preciosissima, empregou tambem nella quanto tinha. Os Padres antigos, que buscavaõ só nas Escrituras a Christo; e nesta preciosissima margarita empregavaõ todo o cabedal do seu estudo; os modernos, que se naõ determinaõ no thesouro das Escrituras a hum só genero de riquezas; achaõ, além da mesma margarita, muitas outras pedras tambem preciosas, e tiraõ daquelle thesouro (como dizia

Ricard. á S. Victor. in prolog. sup. Ezechiel.

Matth. 13. 44. & 46.

zia Christo) *nova*, *& vetera*; riquezas novas, e velhas; as velhas, que saõ as noticias das verdades ja passadas; as novas, que saõ o conhecimento das outras futuras.

235 Finalmente se deve considerar este silencio das cousas, que naõ disseraõ os Padres, da parte de Deos, o qual com particular providencia naõ quiz que elles por entaõ as soubessem, e escrevessem, para que a Igreja nossa Mãy se parecesse com seu Esposo, e conforme os annos, e idade fosse tambem crescendo em luz, e sabedoria. Assim o notou, além de muitos outros Theologos, o mesmo Canisio, continuando o lugar assima citado: *Quæ posteris diligentiùs excutienda, & clariùs illustranda explicandaque, non sine certo Dei consilio relinquebantur, non verò homini tantùm, sed etiam Ecclesiæ Christi tempus auget sapientiam, & Spiritus Sanctus aliam, atque aliam doctrinæ lucem patefacit.* No Capitulo seis dos Cantares, onde o Esposo he Christo, e a Esposa a Igreja, estaõ profetizados os progressos, que ella havia de ter, e se comparaõ com extremada propriedade á luz da Aurora: *Quæ est ista, quæ progreditur, quasi Aurora consurgens?* Porque assim como a Aurora nasce das trevas da noite, e começa na primeira luz, e nella vay sempre crescendo de menor para mayor claridade, assim a Igreja nascida nas trevas da ignorancia, e infidelidade começou em menos luz de sabedoria, e vay sempre crescendo, e augmentando-se mais, e mais de resplandor em resplandor, de claridade em claridade, que saõ os termos de que usa S. Paulo na segunda Epistola aos Corinthios: *Nos verò omnes revelata facie gloriam* 2. ad Corinth. 3. 18.
Domini speculantes, in eandem imaginem transformamur à claritate in claritatem. Fallava o Apostolo do véo da infidelidade com que os Judeos tem cubertos os olhos para naõ ver a Christo, e diz que nós os Christãos, que somos os membros de que se compoem a Igreja, tirado pela fé aquelle véo, com os olhos abertos, e desempedidos por meyo da propria especulaçaõ, e estudo vamos cres-

cendo de claridade em claridade, naõ ja passando das trevas á luz senaõ de huma luz para outra, sempre mayor, e mais clara transformando-se por este modo a Igreja na imagem do seu mesmo Esposo Christo. Porque assim como Christo, posto que sua Sabedoria foy sempre igual, e a mesma (em quanto Deos infinita, e em quanto homem consummadissima) com tudo nos actos exteriores, e manifestaçaõ della ao mundo, a naõ mostrou toda junta, senaõ que a foy dispensando por partes; crescendo sempre nella ao passo, que hia crescendo nos annos, como diz o Evangelista Saõ Lucas [1]. *Proficiebat sapientia, & ætate.* Assim a Igreja, que he o corpo mystico do mesmo Christo, transformando se na sua imagem, e retratando-se nelle, e por elle, vay sempre crescendo mais, e mais na luz, e na sabedoria, á medida que cresce nos annos, e na idade [2]. *Crescere igitur oportet, & multum, vehementerque proficiat, tam singulorum, quàm omnium, tam unius hominis, quàm totius Ecclesiæ ætatum, ac sæculorum gradibus intelligentia, scientia, sapientia* [3]. disse doutamente Vicencio Lorinense.

Luc. 2. 52

Vicent. Lorin.

236 De sorte que vay crescendo a intelligencia, a sciencia, e a sabedoria pelos mesmos gráos do tempo, com que vaõ passando os annos, os seculos, e a idade; e isto naõ só na Igreja universal, e em commum, senaõ nos homens, e Doutores particulares, que saõ os membros, de que o seu corpo, e os rayos, de que a sua luz se compoem. Donde se deve reparar, e advertir (cousa que devèra ja estar muy notada, e advertida) que os Doutores antigos, e mais velhos, propria, e rigorosamente fallando, naõ saõ os passados, senaõ os presentes; nem aquelles, que vulgarmente saõ chamados os antigos, senaõ os que hoje, e nos tempos mais chegados a nós se chamaõ modernos; porque assim como nos annos de Christo houve infancia, puericia, e adolescencia, e depois idade perfeita; assim nos annos, e duraçaõ da Igreja ha a mesma distincçaõ, e successaõ de idades, com que o

corpo mystico della vay crescendo, e augmentando se sempre mais até chegar a encher a perfeiçaõ, ou medida da mesma idade de Christo, como expressamente disse
Ad Ephes. 4. vers. 11. 12. & 13. Saõ Paulo fallando dos mesmos Doutores: *Alios autem Pastores, & Doctores, ad consummationem Sanctorum in opus ministerii, in ædificationem corporis Christi: donec occurramus omnes in unitatem fidei, & agnitionis filij Dei, in virum perfectum, in mensuram ætatis plenitudinis Christi.* Donde se segue, que os Doutores da infancia, da puericia, e da adolescencia da Igreja foraõ os modernos, e da sciencia moderna; e os Doutores da idade mayor, e mais provecta da Igreja, saõ os mais velhos, e mais antigos, e da sciencia mais antiga, porque a Igreja naõ se compoem das paredes mortas, senaõ dos membros vivos; nem foy crescendo dos nossos annos para os primeiros, senaõ dos primeiros para os nossos: e seria naõ só contra a ordem da natureza, senaõ contra a decencia da mesma idade, que naõ fosse mais sabia a Igreja nos mayores annos, do que o tinha sido nos menores.

237 Dizem contra isto os hereges (como notou Banhes) que a Igreja naõ está hoje mais allumiada, senaõ cada vez menos; e do mesmo Sol tiraõ o argumento desta sua cegueira. Dizem que Christo he o Sol da Igreja,
Joan. 1. 9. e aquella primeira verdadeira luz, *Quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*, e que quanto mais se vaõ apartando os nossos tempos do tempo, em que Christo viveo entre os homens, tanto os rayos da sua luz saõ mais tenues, mais escassos, e menos intensos: bem assim como a luz do Sol material, e qualquer outra allumia, e aquenta mais aos que lhe ficaõ mais visinhos, e menos aos que estaõ mais remotos, e mais distantes. Mas a apparencia desta razaõ he taõ falsa como todas as de seus Authores; porque ainda que Christo corporalmente se apartou dos homens, espiritualmente, e por particular, e invisivel assistencia sempre ficou com elles, e os assistirá (dentro porem da sua Igreja) até o fim do

mundo,

mundo, como prometteo a todos os verdadeiros Discipulos de sua doutrina, quando lhes disse: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.* Tambem deixou em seu lugar por segundo Mestre de sua escola ao Espirito Santo, igualmente Deos, como elle, o qual com a mesma, e naõ differente luz, naõ só allumia a Igreja com os mesmos resplandores da verdade, mas segundo a disposiçaõ de sua providencia, os vay descobrindo mayores a seu tempo, ensinando, e declarando aquellas occultas, e altissimas verdades, que por menos capacidade dos Discipulos deixou Christo de lhas dizer, quando por si mesmo os ensinava: dizendo-lhes porém, (para que o Judeo naõ duvide da assistencia do Espirito Santo á Igreja, e cabeça della) que o Espirito lhes ensinaria: *Adhuc multa habeo vobis dicere: sed non potestis portare modò. Cùm autem venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatem.* Joan. 16. 12. & 13.

238 E porque a perfidia heretica se nos naõ queira acolher por pés, (como imprudentemente fazem ainda em lugares igualmente claros de outras Escrituras) fugindo para os tempos antigos, em que elles confessaõ, que a Igreja esteve verdadeiramente allumiada, ouçaõ ao antiquissimo Tertulliano: *Regula quidem fidei una omnino est, sola, immobilis, & irreformabilis: hac lege fidei manente, cætera jam disciplinæ, & conversationis admittunt novitatem correctionis, operante scilicet, & proficiente usque in finem gratiâ Dei. Quale est enim, ut Diabolo semper operante, & adjiciente quotidie ad iniquitatis ingenia opus Dei aut cessaverit, aut proficere destiterit, cum propterea Paraclitum miserit Dominus, ut quoniam humana mediocritas omnia semel capere non poterat, paulatim dirigeretur, & ordinaretur, & ad perfectum produceretur disciplina ab illo Vicario Domini Spiritu Sancto. Quæ est ergo Paracliti administratio, nisi hæc, quòd disciplina dirigitur, quòd Scripturæ revelantur, quòd intellectus reformatur, quòd ad meliora perficitur?* Naõ me detenho em romancear as palavras, Tertul. l. de velam. Virgin. in princip.

porque ſaõ em ſumma tudo o que atégora temos dito; ſó peço ſe pondere aquella nova, e bem achada razaõ de Tertulliano: *Quale eſt enim ut Diabolo ſemper operante, & adjiciente quotidie ad iniquitatis ingenia, &c.* Se o Demonio ſempre obra, e naõ deſiſte de accreſcentar cada dia novos erros, e novos enganos, com que impugnar, e novas trevas, com que diminuir, e eſcurecer a luz da verdade, e reſplandor da Igreja, como havia o Eſpirito Santo de ceſſar em accreſcentar ſempre nella novas luzes contra eſtas trevas, novas verdades contra eſtes erros, nova claridade contra eſtes enganos, e novas victorias contra eſte inimigo, e ſeus ſequazes? Em ſua meſma cegueira tem o herege a prova da mayor luz da Igreja; por iſſo diſſe Saõ Paulo: *Oportet hæreſes eſſe*; e eſte he o bem que tira de taõ grande mal aquella ſapientiſſima Providencia, que como doutamente diſſe Santo Agoſtinho, teve por mayor gloria de ſua grandeza fazer dos males bens, que naõ permittir os males.

D.Paul. ad Cor. cap. 11. verſ. 19.

239 Aſſim que os que quizerem reconhecer os augmentos da ſabedoria, em que ſempre mais vay creſcendo a Igreja com os annos, naõ devem tomar a ſimilhança do Sol, e da luz, ſenaõ a da fonte, e do rio, a que o meſmo Chriſto comparou ſua doutrina, quando diſſe: *Si quis ſitit, veniat ad me, & bibat. Qui credit in me, ſicut dicit Scripura, flumina de ventre ejus fluent aquæ vivæ. Hoc autem dixit de Spiritu, quem accepturi erant credentes in eum.* A luz, que ſahe do Sol, quanto mais diſtante, mais ſe vay enfraquecendo, e diminuindo: mas o rio, que naſce da fonte, quanto mais caminha, e mais ſe aparta de ſeu principio, tanto mais ſe engroſſa, porque vay recebendo novas correntes, e novas aguas, com que ſe faz mais largo, mais profundo, mais caudaloſo. Tal he a ſabedoria da Igreja, entrando ſempre nella as puriſſimas correntes da doutrina de tantos Doutores Catholicos, e ſapientiſſimos, que cada dia a augmentaõ com novos, e taõ excellentes eſcritos em huma, e outra Theologia, de que o noſſo ſeculo tem ſido mais fecundo, e

Joan. 7. 37. 38. 39.

abundan-

abundante, que todos até hoje. A ſabedoria da Igreja no allumiar he luz, e no correr he rio, rio daquella meſma fonte, e luz daquelle meſmo Sol, que he Chriſto, conſervando juntamente as luzes a claridade das aguas, e as aguas os reſplandores das luzes naquella milagroſa Metamorphoſis, que ſe conta no Capitulo 10. de Eſther. *Parvus fons, qui crevit in fluvium, & in lucem, ſolemque converſus eſt, & in aquas plurimas redundavit.* Chriſto Sol com propriedade de fonte, a Igreja luz com propriedade de rio, e por iſſo ſempre mais allumiada, ſempre mais veſtida de reſplandores. Eſther. c. 10 verſ. 6.

240 E como por eſta providencia particular de Deos, e pela difficuldade, e eſcuridade de muitos lugares da Eſcritura, e pela applicação dos Padres, a confirmação de outras verdades, e a reſiſtencia de outras batalhas proprias daquelles tempos deixarão, de eſcrever algumas couſas, com que a Igreja depois ſe foy allumiando, e illuſtrando; não he muito que neſtas, que elles não diſſerão, fallemos, e hajamos de fallar ſem elles: nem iſto ſe nos deve imputar a menos veneração dos meſmos Padres doutiſſimos, e ſantiſſimos; porque não querer deſcobrir, nem ſaber o que elles não diſſerão, antes he vicio da ocioſidade, que virtude da reverencia, como bem conclue o meſmo Ricardo Victorino acima allegado; *Sed nec illud tacitè prætereo, quod quidem ob reverentiam Patrum nollent ab ipſis omiſſa attentare, nec videatur aliquid ultra maiores præſumere, ſed inertiæ ſuæ hujuſmodi velamen habentes otio torpent, e aliorum induſtriam in veritatis inveſtigatione, & inventione, derident, ſubſannant, & exſufflant, ſed qui habitat in Cælis, irridebit eos, & Dominus ſubſannabit eos.* Leyão, e temão eſta ſentença os que culpão, os que não querem ſer culpados nella, e advirtão, que tambem he hum dos Padres o que iſto diſſe. Ricard. à S. Vict. ſupr. relatus.

SEGUN-

SEGUNDA RAZAM.

Discorre-se sobre as cousas, que no tempo dos Padres houve para alguns lugares dos Profetas naõ poderem ser entendidos inteiramente.

241 EM segundo lugar diziamos que os Padres naõ acertaraõ em tudo: e posto que pudessamos provar a verdade deste fundamento com a demonstraçaõ das cousas, em que naõ acertáraõ, lembrados porém da reverencia, que os filhos devem aos pays, e da bençaõ, que merecèraõ aquelles dous honrados filhos,
Genes. 9. 23 Sem, e Japheth, quando voltáraõ as costas, e apartáraõ os olhos do que em seu pay Noé podia ser menos decente; nós tambem lançaremos a capa sobre esta materia, deixando taõ indigno assumpto a Lutero, e Calvino, Beza, e Wikleph, e outros legitimos herdeiros do impio, e irreverente Cam.

242 Naõ negamos com tudo, que houve muitos Authores Catholicos, e pios, em cujos livros se podem ver por junto estes exemplos, os quaes elles escreveraõ naõ por menos reverencia, que tivessem aos antigos Padres por sua sabedoria, e santidade, e igualmente merecedores da eterna veneraçaõ, mas por zelo da verdade, necessidade de doutrina, e cautela dos mesmos doutos, que lessem as suas obras. Bem assim como os que pintaõ cartas de marear sinalaõ no vastissimo, e profundissimo Oceano os baixos (poucos, e rarissimos, se se compararem com a immensidade de suas aguas) para mayor vigilancia, e segurança dos que as navegaõ. Escreveraõ neste genero doutissimamente Sixto Senense em todo o quinto, e sexto livro de sua Biblioteca Santa; Ferdinando Vilocilo Bispo de Luca nas advertencias Theologicas sobre cinco Padres da Igreja, Affonso de Castro *adversus hæreses*, Antonio Possevino no Apparato Sacro, o Cardeal Cesar Baronio em muitos lugares de seus Annaes, Mel-

Melchior Cano *de Locis Theologicis*, e outros. Este ultimo no livro sétimo Capitulo 3. diz assim: *Authores Canonici ut superni Cœlestes Divini stabilem, perpetuamque conscientiam servant; relinqui verò Scriptores sancti, inferiores, & humani sunt, deficiuntque interdum, ac monstrum quandoque pariunt propter convenientem ordinem, institutumque naturæ.* Melch. Cano de locis Theologic, l. 7. cap. 3.

243 Mas entre estes exemplos naturaes da fragilidade humana podemos ler em prova delles outros dos mesmos Padres, em que confessando com alta humildade, e modestia que podiaõ errar como os homens, nos ensinaõ no conhecimento, que tinhaõ de si, e nós devemos ter de nós, quam verdadeiramente eraõ Santos, e por isso mesmo sapientissimos. Porey aqui as palavras de dous mayores Doutores; hum de Theologia Escolastica, outro da Positiva, Santo Agostinho, e S. Jeronymo: Santo Agostinho na Epistola 111. escrevendo a Tertulliano desta maneira: *Neque enim quorumlibet disputationes quanvis Catholicorum, & laudatorum hominum, velut Scripturas Canonicas laudare debemus, ut nobis non liceat (salva honorificentia, quæ illis debetur) aliquid in eorum scriptis improbare, ac respuere (si fortè inveneri mus, quod aliter senserint quàm veritas habet) Divino adjutorio, vel ab aliis intellecta, vel á nobis; talis ego sum in scriptis aliorum, tales volo esse intellectores meorum.* As sciencias, e regulaçoens dos Authores posto que sejaõ Catholicos, muy louvados, e estimados por sua sciencia, e doutrina, naõ as devemos ler como Escrituras Canonicas de tal sorte, que nos naõ seja licito (salva a reverencia de suas pessoas) reprovar, e naõ seguir algumas cousas das que disseraõ, quando acharmos por outra via a verdade, ou melhor entendida por outros, ou tambem por nós. Este he o modo (diz Santo Agostinho) com que eu leyo os Escritos dos outros, e com que quero que sejaõ lidos os meus. O mesmo sentia Saõ Jeronymo assim dos Escritos alheyos, como dos proprios, cujas palavras na Epistola a Theophilo contra os erros D. Aug. Epist. 3. ad Fortunatũ.

Hieron. Epist. ad Theoph. contra errores D. Joan. Hierosl.

de S. Joaõ Hierosolymitano saõ estas: *Scis me aliter habere Apostolos, aliter aliquos tractores; illos semper vera dicere; istos in quibusdam ut homines aberrare.* Só os Apostolos, como allumiados por Deos, disseraõ a verdade em tudo; os outros homens, como homens erraõ, e podem errar, diz o Doutor Maximo: e se o fundamento dos erros humanos, he o effeito natural de serem os homens homens bem se segue que nenhum homem se póde livrar desta pensaõ da humanidade por douto, e sapientissimo, que seja. Exemplo seja o prodigioso livro das Retractaçoens de Santo Agostinho, mais digno de veneraçaõ por aquella obra, que por todas as outras suas; o qual proseguindo a mesma sentença de S. Jeronymo no livro segundo *de Baptismo* contra os Donatistas Capitulo 5. diz assim com admiravel piedade, e juizo: *Homines sumus, unde aliquid aliter sapere, quàm si res habet, humana tentatio est: nimes autem amando sententiam suam, vel invidendo melioribus usque ad præscindendæ communionis, & condendi schismatis, vel hæresis sacrilegium pervenire, diabolica præsumptio est; in nullo autem aliter sapere quam se res habet, Angelica perfectio est.* De maneira que, seguindo Santo Agostinho, errar em alguma cousa, he fraqueza de homens; acertar em tudo, he perfeiçaõ de Anjo; e querer defender seu parecer até romper a charidade, e uniaõ da Igreja, he presumpçaõ de demonios: e como os Santos Padres fossem obedientissimos filhos da Igreja Catholica, a cujo supremo juizo sujeitáraõ sempre todos os seus Escritos, se em alguma cousa desacertáraõ, como dissemos, ou suppomos, he argumento só de que foraõ homens, e naõ eraõ Anjos.

Hieron. l. 2. de Baptism. contra Donatistas. c. 5.

244 Mas para que se veja a occasiaõ, ou occasioens, que tiveraõ para naõ acertar com a verdadeira intelligencia de algumas Escrituras principalmente as dos Profetas, que he o fim para que isto suppomos, direy agora o que da ponderaçaõ das mesmas Escrituras profeticas, e das exposiçoens dos Padres sobre ellas, e das opinioens,

que

que eraõ commuas, e recebidas entre os doutos, quando elles efcrevéraõ, tenho colhido. E ponho aqui (tanto de melhor vontade) efta minha advertencia, em que naõ acabey de cahir de todo fenaõ depois de muitos annos de eftudo, e liçaõ dos mefmos Padres, quanto della fe póde colher facilmente, e fem menos louvor de fua grandeza, e fabedoria, quam impoffivel coufa lhes era acertarem naquelle tempo em aquellas fuppofiçoens com o verdadeiro entendimento de alguns lugares dos Profetas, que elles interpretáraõ em alheyo, e differente fentido.

245 A primeira occafiaõ, que os Padres tiveraõ para naõ poderem entender em feu tempo o fentido literal, e hiftorico daquelles Textos Profeticos, era a falta que entaõ havia no mundo da verdadeira, e exacta Cofmografia, e a errada opiniaõ, ou de que o Globo da terra naõ era perfeitamente esferico, ou de que as partes oppoftas ás que naquelle tempo fe conheciaõ, eraõ naõ fó defertas, fenaõ ainda inhabitaveis. Efte fentimento, que foy de muitos Filofofos antigos, fe tinha entre os Padres por verdade muito certa, e averiguada; negando geralmente a opiniaõ, ou fama de haver os que entaõ ja fe chamavaõ Antipodas: pofto que os principios, porque os Padres os negavaõ, naõ eraõ entre todos as mefmas razoens Filofoficas, em que alguns fe fundavaõ, que entaõ (antes da experiencia) tinhaõ nome de razoens, e hoje depois dellas nos parecem ridiculas.

246 Defcreve Lactancio Firmiano, que era hum dos Padres, e muito douto daquelle tempo, e zombando elegantiffimamente dos que tinhaõ a opiniaõ contraria difcorre affim: *Quid illi, qui effe contrarios veftigiis noftris Antipodas putant? Num aliquid loquuntur? Aut eft quifquam tam ineptus, qui credat effe homines, quorum veftigia fint fuperiora quàm capita? Aut ibi quæ apud nos jacent inverfa pendere? Fruges, & arbores deorfum verfas crefcere? Pluvias, & nives, & grandinem furfum verfus cadere in terram? Et miratur aliquis hortos pen-*

Lactant. Firm. lib. 3. divin. inftit. cap. 23.

pensiles inter septem mira narrari, cùm Philosophi & agros, & urbes, & maria, & montes pensiles faciant? Hujus quoque erroris aperienda nobis origo est.... Quæ igitur illos Antipodas ratio produxit? Videbant syderum cursus in Occasum meantium, Solem, atque Lunam in eandem partem semper occidere, atque oriri semper ab eadem. Cùm autem non perspicerent quæ machinatio eorum cursus temperaret; nec quomodo ab Occasu ad Orientem remearent, Cœlum autem ipsum in omnes partes putarent esse devexum; quod sic videri propter immensam latitudinem necesse est; existimârunt rotundum esse mundum sicut pilam: & ex motu syderum opinati sunt Cœlum volvi. Sic astra, Solemque, cum occiderint, volubilitate ipsa mundi ad ortum referri; itaque æreos orbes fabricati sunt quasi ad figuram mundi eosque Cœlorum portentosis quibusdam simulacris, quæ astra esse dicerent. Hanc igitur Cœli rotunditatem illud sequebatur; ut terra in medio sinu ejus esset conclusa; quod si ita esset, etiam ipsam terram globo similem; neque enim fieri posset ut non esset rotundum, quod rotundo conclusum teneretur. Si autem rotunda etiam terra esset, necesse esset, ut in omnes Cœli partes eandem faciem gerat, id est, montes erigat, campos tendat, maria consternat; etiam sequebatur ut nulla sit pars terræ, quæ non ab hominibus, cæterisque animalibus incolatur: sic pendulos istos Antipodas Cœli rotunditas adinvenit, quod si quæras ab his, qui hæc portenta defendunt, quomodo ergo non cadunt omnia in inferiorem Cœli partem? Respondent hanc rerum esse naturam, ut pondera in medium ferantur, & ad medium connexa sint omnia, sicut radios videmus in rota; quæ autem levia sunt ut nebula, fumus, ignis, ita à medio deferantur ut Cœlum petant. Quid dicam de his? Nescio; qui cum semel aberraverint, constanter in stultitia perseverant & vana vanis defenduut, nisi quod eos interdum puto, aut joci causa philosophari, aut prudentes, & scios mendacia defendenda suscipere, quasi ut ingenia sua in malis rebus exerceant, vel ostentent.

247 Atè aqui Lactancio, naõ se rindo meros dos que naquelle tempo tinhaõ esta opiniaõ, do que nós hoje nos podemos rir delle; por isso naõ duvidey de copiar esta pagina de latim, que para os que bem o entendem, sey de certo naõ será larga por sua materia, e elegancia; e muito menos para os que o naõ entendem, porque o passaraõ mais brevemente. O mesmo peço eu que façaõ os que naõ tem necessidade de ver a tradiçaõ della, que agora se segue, para que naõ fiquem com o sentimento de quam mal se póde trasladar á nossa lingua a elegancia da latina. Que direy daquelles, (diz Lactancio) os quaes tiveraõ para si, que ha no mundo outros homens, que andaõ com os pés virados para nós, a que chamaõ Antipodas? Por ventura dizem estes alguma cousa que tenha fundamento, ou pòde haver homem de taõ pouco juizo, que se lhe meta na cabeça que ha homens, que andem com a cabeça para baixo, e que todas as cousas, que aqui estaõ em pé, e direitas, la estejaõ penduradas? Que as arvores cresçaõ para a parte inferior? Que a chuva caya para cima? E que os que haõ de colher os fructos, hajaõ de descer aos ramos, e naõ subir? E espantamo nos, que os hortos pensiles se contem entre as sete maravilhas do mundo, quando ha Filosofos, que fazem campos pensiles, mares pensiles, e Cidades pensiles, em que as torres, e os telhados estaõ pendurados para baixo? Mas será bem, que digamos a origem, donde teve principio este erro, e que razaõ moveo, ou levou estes homens a huma cousa taõ irracional como haver Antipodas. Viaõ que o Sol, a Lua, e Estrellas sahiaõ sempre do Oriente, e entravaõ pelo Occaso; viaõ, ou cuidavaõ que viaõ que este Ceo, que nos cobre, tem figura de huma abobada, (sendo que esta representaçaõ naõ a faz a figura do Ceo; senaõ o termo, e fraqueza de nossa vista) e naõ entendendo o modo, porque esta machina se governa, vieraõ a imaginar que o mundo era rodondo como huma bola, e assim fingiaõ, que havia no Ceo varios orbes de materia solida como bronze, em que estavaõ esculpidas essas

ima-

imagens ; e corpos portentosos, a que chamamos Estrellas, e Planetas.

248 Desta rodondeza, ou rotundidade do Ceo, inferiaõ, e assentavaõ, que tambem a terra era rodonda; e accommodando'se naturalmente á figura do corpo exterior, e mayor, dentro do qual estava metida, e torneada desta maneira, e feita rodonda a terra, tiravaõ por segunda consequencia que tambem havia de estar povoada de homens, e de animaes em todas as partes, como está nesta em que vivemos; assim que a imaginada rotundidade do Ceo foy a inventora destes Antipodas pendurados: e se perguntarmos aos defensores deste portento como póde ser que os homens, que fingem com os pés para cima, se lhes naõ despeguem da terra, e como naõ cahem por esses ares abaixo; respondem que he o pezo natural da terra; que de todas as partes inclina para o centro, assim como os rayos de huma roda todos vaõ parar ao eixo, e que assim como do mesmo eixo sahem os rayos para a roda, assim as cousas pezadas vaõ buscar o meyo, as cousas leves, como o fogo, os fumos, as nevoas, sobem direitas para as diversas partes do Ceo, de que a terra está cercada. O que se haja de dizer de taes homens, e de taes entendimentos, naõ o sey; só digo, que depois de terem cahido no primeiro erro, perseveraõ constantemente na sua ignorancia, defendendo humas cousas vãas com outras taõ vãas como ellas; sendo que algumas vezes cuido, que naõ dizem, nem escrevem isto de sizo, senaõ por jogo, e zombaria, e que sabendo muito bem, que tudo o que dizem saõ fabulas, e mentiras, as defendem com tudo para ostentar habilidade, e ingenho, empregando taõ bons entendimentos em taõ más cousas.

249 Este he o discurso de Lactancio no terceiro *Divinarum Institutionum*, Capitulo 23; e foy bem, que o deixasse taõ miudamente escrito, para que soubessemos o que naquelle tempo se sabia do mundo; e para que saiba o mesmo mundo quanto deve aos Portuguezes, primeiros descobridores de seus Antipodas. Santo Agostinho tambem

bem teve a mesma opiniaõ de Lactancio, posto que lhe naõ contentáraõ os seus fundamentos, os quaes impugna no livro das suas Cathegorias ', mas no livro 16 *de Civitate Dei*, resolve, que se naõ deve crer que ha Antipodas; com palavras de tanta segurança, como as seguintes: *Quòd verò & Antipodas esse fabulantur, id est, homines à contraria parte terræ, ubi Sol oritur, quando occidit nobis, adversa pedibus nostris calcare vestigia, nulla ratione credendum est; nec hoc ulla historiæ cognitione didicisse se affirmant; sed quasi ratiocinando conjectant.* E quanto a fabula dos que fingem, que ha Antipodas, (diz Santo Agostinho) isto he, homens da outra parte do mundo, onde o Sol lhes nasce a elles, quando se poem a nós, e que pizaõ a terra com os pés voltados para os nossos, como nós para os seus, he cousa que de nenhum modo se ha de crer, nem seus Authores o provaõ com alguma historia, que tal affirme, e só o conjecturaõ por discursos. Naõ dissera isto o sapientissimo Doutor, se ja naquelle tempo estiveraõ escritas as historias dos Portuguezes; mas este he o mayor louvor da nossa naçaõ (como disse hum Orador della) que chegáraõ os Portuguezes com a espada, onde Santo Agostinho naõ chegou com o entendimento.

D. Aug. lib. 16. de Civitat. Dei.

250 A razaõ de Santo Agostinho, com que negou os Antipodas, ainda encarece mais este louvor nosso, porque o argumento, em que se funda, he este. Todos os homens, que se propagáraõ, e extendéraõ pelo mundo, saõ descendentes de Adam, como consta da Escritura, logo segue-se que naõ ha, nem póde haver Antipodas, porque se os houvera, haviaõ de ter passado á outra parte do mundo por cima da immensidade do mar Oceano', e he grande absurdo dizer que os homens pudessem fazer tal navegaçaõ. Esta he a razaõ de Santo Agostinho, e este o famoso elogio, que sem saber de quem fallava, disse o famoso, e illustrissimo Africano, dos Portuguezes, conquistadores depois de sua patria: *Nimisque absurdum est*, saõ palavras suas no mesmo lugar) *ut dicatur ali-*

D. Aug. ubi supr.

quos

quos homines ex hac in illam partem, Oceani immensitate trajecta, navigare, ac pervenire potuisse, ut etiam illic ex uno illo primo homine genus institueretur humanum.

251 Esta mesma opiniaõ foy commua entre os outros Padres da Igreja, e assim a lemos expressa, ainda antes de Lactancio, em S. Justino, e antes de Santo Agostinho em Santo Hilario, em S. Joaõ Chrysostomo, S. Basilio, e Santo Ambrosio, e muitos annos, e seculos depois em Procopio, Theofilato, Euthymio, e outros, huns fundando-se nas razoens ja referidas, e todos naquella taõ celebrada dos Filosofos Historiadores, e Poetas, que naõ só faziaõ inhabitavel a Zona torrida, mas suppunhaõ taõ grande incendio nella pela visinhança do Sol, que de nenhum modo se podia passar: *Media verò terrarum* (diz Plinio) *quà Solis orbita est, exusta flammis, & cremata, cominus vapore torretur. Circa duæ tantùm inter exustam, & rigentes temperantur: eæque ipsæ inter se non perviæ propter incendium sideris.* Este incendio da Zona torrida, ainda em tempos taõ chegados aos nossos, era hum dos mais forçosos argumentos, com que os reprovadores da empreza do Infante Dom Henrique a impugnavaõ, e tinhaõ por impossivel aquelle descobrimento, como referem as nossas historias. A estas razoens, propriamente Filosoficas, e a este discurso accrescentavaõ os Padres outras Theologicas, e alguns Textos da Escritura Sagrada, que antes da experiencia parecia affirmarem, ou definirem claramente, que debaixo da terra naõ havia outra cousa mais que a agua. Assim o argumentava Procopio sobre o primeiro Capitulo do Genesis, dizendo: *Quòd autem universa terra in aquis subsistat, nec ulla sit pars ejus, quæ infra nos sita sit, aquis vacua, & denudata hominibus, notum reor, nam sic docet Scriptura: Qui expandit terram super aquas: & iterum: quia ipse super maria fundavit eam.* O primeiro lugar he do Psalmo 135, e o segundo do Psalmo 23. E verdadeiramente que as palavras de hum, e ou-

Plin. lib. 2. c. 68.

Procop. in Genes. relatus à Xisto Senens. lib. 5. annot. 13

e outro ſaõ taõ claras, que ſe a viſta dos olhos naõ tivera enſinado o contrario, parece ſe deviaõ entender aſſim; e que Deos, que tudo póde, para moſtrar ſua Omnipotencia tinha fundado a terra ſobre a agua.

252 Aſſim o cuidou Tales Mileſio hum dos ſete Sabios de Grecia com muitos outros Filoſofos, os quaes referiaõ os tremores da terra á inconſtancia deſte fundamento de ſua natureza taõ pouco ſolido; mas depois que a experiencia nos moſtrou, que debaixo, ou da parte oppoſta a eſta terra ha outros habitadores, que ſaõ os Antipodas, a emenda deſte engano nos enſinou tambem a entender aquelles Textos de David, cujo verdadeiro ſentido he eſte. Quando Deos creou o mundo no principio, eſtava o elemento da terra cuberto com o elemento da agua, e a agua ſobre a terra, confórme o lugar que ſe devia á ſua dignidade, e nobreza, como elemento que he mais nobre; mas como por eſta cauſa ficaſſe a terra vazia, e inhabitavel, como notou o Texto: *Terra autem erat inanis, & vacua*; o que fez a Providencia Divina foy apartar a agua de cima da terra, e darlhe outro lugar, que he o que hoje tem o mar para que ficaſſe a terra ſuperior a elle, e podeſſe produzir, e ſer habitada: *Et dixit Deus: Congregentur aquæ in locum unum, & appareat arida.* E porque a terra por eſte modo ficou ſuperior á agua, por iſſo diz David, que a terra eſtá ſobre ella, iſto he, ſuperior a ella, e naõ inferior, e debaixo, como de antes eſtava, e por ſua natureza devia eſtar. Repito o Texto todo, para que da conſequencia delle ſe veja melhor a verdade, e clareza deſta expoſiçaõ: *Domini eſt terra, & plenitudo ejus, orbis terrarum, & univerſi, qui habitant in eo; quia ipſe ſuper maria fundavit eum, & ſuper flumina præparavit eum.* Deos he Senhor da terra, e de todos ſeus habitadores; e porque he Senhor da terra? Porque a fundou: e he Senhor de ſeus habitadores, porque fazendo que foſſe ſuperior ao mar, e aos rios, a fez habitavel, e eſſa he a energia da palavra, *Præparavit*, porque fazendo a terra ſuperior

Ariſtor. de Cœlo c. 13. & apud. Sen. lib. 3. quæſt. natural. c. 13.

Genel. 1. 2.

Ibid. y. 9.

Pſal. 23. v. 2. & 3.

á agua, a preparou, e accommodou a que se pudesse ha-
Lorin. hic. bitar: *Ratio, cur Dominus terræ, omniumque in ea rerum sit Deus* (diz Lorino) *quoniam terram ipse fecit, & supereminere aquis fecit, ut habitari posset.* E naõ he muito, que Lorino entendesse melhor este Texto da terra, e do mar, que Procopio; porque Procopio naõ sabia que havia mar, e terra habitada dos Antipodas, e Lorino sim; mas vamos a outros lugares mais impossiveis de entender, antes do conhecimento dos Antipodas.

Referem se varios lugares dos Profetas, que os Expositores modernos entendem dos Antipodas, e Conquistas de Portugal.

253 COmeçando pelo mesmo David, aquelle verso do Psalmo 67. *Regna terræ cantate*
Psal. 67. *Deo, psallite Domino: psallite Deo, quia scendit su-*
vers. 33. *per Cælum Cæli ad Orientem; ecce dabit voci suæ vocem virtutis*, diz Genebrardo, Viegas, Mendonça, e outros Authores, que falla da conversaõ dos Reinos, e terras do Oriente convertidas á fè por meyo da prégaçaõ dos Portuguezes; e descubertas por elles. Donde notou advertidamente Viegas, que no mesmo Psalmo tinha
Ibid. 3. 5. dito David: *Cantate Deo Psalmum, dicite nomini ejus, iter facite ei, qui ascendit super Occasum, Dominus nomen illi*: para mostrar, que a fé, e conhecimento de Deos primeiro havia de vir ás terras mais Occidentaes, que saõ as que habitamos, e depois havia de passar ás do Oriente, que saõ aquellas que descubrimos, conquistámos, e allumiámos com a luz do Evangelho; e esta he a virtude que Deos deo ás vozes da sua voz, (isto he, ás vozes dos seus Prégadores:) *Ecce dabit voci suæ vocem virtutis.*

Psal. 64. 254 Todo o Psalmo 64 explica Basilio Ponce da no-
vers. 9. va conversaõ das Indias assim Orientaes, como Occidentaes, e saõ taõ proprios desta explicaçaõ muitos lugares delle, que ainda os que naõ tiveraõ tal pensamen-

to;

to, naõ pudéraõ deixar de dizer o meſmo. Lorino commentando o verſo 9. *Turbabuntur gentes, & timebunt qui habitant terminos à ſignis tuis: exitus matutini, & veſpere delectabis*, entende pelos habitadores dos termos da terra as gentes Orientaes, e Occidentaes, e aſſim explica as palavras: *Exitus matutini, & veſpere, pro hominibus; qui habitant ubi exit dies, & ubi exit nox, hoc eſt; pro Orientalibus, & Occidentalibus.* Lorin. hîc.

255 De maneira que os homens, de quem aqui falla David, ſaõ aquelles, que eſtaõ nos dous ultimos fins, e extremos da terra, onde naſce o dia, e onde naſce a noite. Huns nos fins do Oriente, que ſaõ os das Indias Orientaes; e outros no fim do Occidente, que ſaõ os das Indias Occidentaes. Eſta terra, huma, e outra, diz o Profeta, que viſitaria Deos, e que a regaria como regou com a agua do Baptiſmo: *Viſitaſti terram, & inebriaſti eam.* Pſal. 64. 10. E accreſcenta com grande energia, que multiplicaria o Senhor o enriquecella: *Multiplicaſti locupletare eam*, porque tendo-lhe ja dado as mayores riquezas temporaes, que ſaõ as minas do ouro, e prata, os diamantes, os rubins, as perolas, e outros tantos theſouros ſobre eſtes, lhe havia de dar tambem as riquezas eſpirituaes, e a graça, com que ficaſſe cada huma della naõ ſó rica, mas multiplicadamente rica: *Multiplicaſti &c.* E porque para iſto era neceſſario, que o braviſſimo, e indomito Oceano ſe ſujeitaſſe aos homens, e ſe deixaſſe arar de ſeus lenhos, o que até aquelle tempo naõ conſentia, tambem dizia David, que fazia Deos eſta mudança em ſuas ondas: *Qui conturbas profundum maris, ſonum fluctuum ejus*; Ibid. v. 8. ou como lè Saõ Jeronymo, e Theodoſio: *Componens, ſedans, mulcens ſonitum, cavitatem, latitudinem, & profunditatem maris.*

256 Finalmente porque naõ duvidaſſemos, que mares eraõ eſtes, declara o Profeta, que naõ haviaõ de ſer aquelles, que lávaõ as terras, e prayas viſinhas a nós; ſenaõ os mares de muito longe, e de terras, e gentes muito remotas: *Spes omnium finium terræ, & in mari longè*, Ibid. v. 6.

longè. ou como tem o Hebreo: *Maris remotorum*: e naõ carece de myſterio, e grande myſterio, o proemio, com que David introduzio tudo, o que atéqui temos dito,
Ibid. v. 5. que foy com eſtas palavras: *Sanctum eſt Templum tuum, mirabile in æquitate.* Como ſe diſſera, antes de ſe prègar o Evangelho a eſtas terras, ou a eſtes mundos do Oriente, e do Occidente: Parece que vós Senhor, e voſſa Igreja naõ guardaveis igualdade com os homens, pois havendo tantos annos, e tantos ſeculos, que allumiaſte a huns com a luz da fé, permittiſtes atégora por voſſos occultos juizos, que os outros eſtiveſſem ás eſcuras. (Argumento que puzeraõ os Japoens a S. Franciſco Xavier.) Porém depois que a fé, e o Evangelho, e o conhecimento, e culto do verdadeiro Deos tem paſſado os mares, chegado ás mais remotas naçoens do Oriente, agora ſim que podemos dizer que a voſſa Igreja he admiravel na igualdade, porque trata igualmente a todos: *Sanctum eſt Templum tuum, mirabile in æquitate.*

257 Salamaõ, que ſuccedeo a David naõ ſó na Coroa, mas tambem no eſpirito de profecia, em muitos lugares dos ſeus Canticos deixou tambem profetizadas eſtas maravilhas da noſſa idade: neſte ſentido explicaõ alguns modernos aquellas palavras do Capitulo quarto:
Cantic. c. 4. verſ. 16. *Surge Aquilo, & veni Auſter, & perfla hortum meum, & fluent aromata illius.* Como ſe diceſſe Chriſto fallando do ſeu jardim, que he a Igreja: que ſahiſſe delle o Norte, e vieſſe o Sul; iſto he, que ſahiſſem da Igreja as Oraçoens do Norte, como ſe ſahiraõ neſtes tempos por meyo da hereſia, e que entraſſem na meſma Igreja as Oraçoens do Sul, (que ſaõ as do novo mundo) como entráraõ por meyo da Fé. Ao qual ſentido, que he muito proprio, e verdadeiro, podemos applicar as palavras de Honorio: *Siquidem inauditam hæreſim per malignos homines diabolus mentibus fidelium infudit, qua totum ortum Eccleſiæ, quaſi quadam ſecta vitiavit: ſed Rex gloriæ Chriſtus ſuis auxilium præbuit, dum univerſam hæreſim per ſapientes deſtruxit, & de horto ſuo flagello anathe-*

matis

matis expulit, *expulso autem Aquilone*, *Auster hortum intravit*. Segue-se logo no Texto: *& fluent aromata illius*. As quaes palavras entendidas assim como soaõ, que outra cousa dizem, senaõ os interesses temporaes, que trazem as náos da India por estes espirituaes, que levaõ, quando vem carregadas dos aromas, e especies aromaticas daquellas partes?

258 Assim o tinha dito o mesmo Salamaõ no verso antecedente com admiravel propriedade, e energia. Falla das Missoens que fazem áquellas partes os Prégadores da Fé, e diz: *Emissiones tuæ paradisus malorum punicorum cum pomorum fructibus*. As vossas Missoens saõ hum paraiso, de que se naõ colhem frutos de arvores, senaõ frutos de frutos: *cum pomorum fructibus*. Porque pelo fruto espiritual, que vaõ fazer os Missionarios, vem de lá os frutos temporaes, com que Portugal se enriquece; e se vaõ faltando os segundos frutos, he porque tambem vaõ faltando os primeiros de que elles nascem; mas que frutos saõ estes? Disse-o o mesmo Salamaõ: *Cypri cum nardo, nardus, & crocus, fistula, & cinnamomum cum universis lignis Libani, myrrha, & aloe cum omnibus primis unguentis*: A Canella, a Canafistula, o Sandalo, o Beijoim, as Aquilas, os Calambucos, e todo o outro genero de especies odoriferas, e aromaticas, que saõ as mesmas, que vem da India.

Ibid. c. 4. vers. 13.

259 No Capitulo setimo diz assim o mesmo Salamaõ, ou a Esposa, que he a Igreja fallando com seu Esposo Christo: *Mandragoræ dederunt odorem. In portis nostris omnia poma: nova, & vetera servavi tibi*. As mandragoras saõ os Prégadores da Fé, como diz Saõ Gregorio: *Quid per mandragoram, herbam scilicet medicinalem, & odoriferam, nisi virtus perfectorum intelligitur? Qui dum imperfectorum infirmitatibus medentur in fide, quam prædicant in portis nostris, Ecclesiæ veré medici esse comprobantur*. Com o cheiro destas mandragoras, e com a doutrina destes Prégadores, que ajuntou para seu Esposo os fructos novos aos velhos: assim o interpretaraõ os Se-

Cantic. c. 7. vers. 13.

D. Greg. &c apud P. A Lapid. hic §. Audi.

tenta:

Cantic.c.7. vers. 13. tenta ⁖ *Nova, & vetera servavi tibi*, porque aos Christãos antigos, que eraõ os da Europa, ajuntou a Igreja estes novos, que saõ os da nova gente, que se descubrio no Oriente, e no Occidente, que saõ as portas de que falla a Esposa ⁖ *in portis nostris.* Huma porta por onde o Sol sahe ao nosso emisferio, que he a do Oriente, e outra porta por onde entra aos Antipodas, que he a do Occidente. Assim entendem este lugar alguns Authores, que refere Cornelio, resumindo todo o sentido delle nestas palavras ⁖ *Nonnulli per nova opinantur hic notari novi Orbis inventionem, et conversionem ad Christum ⁖ novus enim hic orbis continet Peruanos, Mexicanos, Brasilios, et Chilenses; est dimidium totius Orbis, ut patet ex globo Cosmographico, jam per Riligiosos S. Dominici, S. Francisci, et Societatis JESU totus pene subjacet Ecclesiæ. Sic in India Orientali, hoc sæculo, et præcedenti per eamdem propagatur fides ad Japones, ubi plurimi pro fide certant usque ad martyria lentorum ignium apud Chinenses, Molucenses, et Ceilanos.* De maneira que os frutos novos, que a Igreja por meyo do cheiro destas mandragoras medicinaes, e odoriferas ajuntou aos velhos, e antigos, saõ os de Perú, e México, do Brasil, e Chile, e os do Japaõ, e China, das Molucas, e Ceilaõ; huns nas portas do Oriente, outros nas do Occidente ⁖ *Mandragoræ dederunt odorem suum.* Parece que estavaõ esquecidos, mas naõ estavaõ senaõ guardados para este tempo, *servavi.*

A Lapid. hic §. Denique.

260 Em quasi todo o Capitulo oitavo repete Salamaõ a mesma conversaõ das Indias, e particularmente naquellas palavras: *Soror nostra parva, & ubera non habet: quid faciemus Sorori nostræ in die quando alloquenda est? Si murus est, ædificemus super eum propugnacula argentea: si ostium est, compingamus illud tabulis cedrinis.* Atégora foy escurissimo este lugar, mas saõ admiraveis os mysterios, e mais admiraveis ainda as propriedades delle. Ludovico Legionense nos Commentarios sobre este livro, entende por esta Irmãa mais moça da Esposa a Igreja da Genti-

Cantic.c.8. v. 8. & 9.

Gentilidade novamente convertida á Fé: *Sub persona hujus sororis natu minoris, & parum forma præstantis, cujus desolatione sponsa solicitari dicitur, multi significantur populi, atque gentes longè à nostro orbe remotæ, ad Christum adducendæ nova quadam Evangelii tradendi ratione; hoc est, significatur Hispanorum navigationibus reperti orbis, ejusque incolarum ad Christi fidem nuper facta conversio.* Legionensis hîc.

261 Ainda que a Igreja toda seja huma, como a destas novas Gentilidades veyo ao conhecimento de Christo tanto depois, que naõ foraõ menos que mil e quinhentos annos; por isso lhe chama Salamaõ Irmãa menor, e pequena: *Soror nostra parva est*, naõ pela grandeza das terras, e numero das gentes, em que he mayor, ou quando menos igual a toda a Igreja antiga; mas pela menoridade do tempo, e da idade, em que se converteo: e diz com muita propriedade, que naõ tem peitos: *Et ubera non habet*; porque todos estes annos esteve falta do leite da verdadeira doutrina. E porque haverse de esposar com Christo esta nova Igreja, era hum negocio cheyo de tantas difficuldades assim pela distancia de taõ remotas terras, e navegaçaõ de taõ desconhecidos mares, como principalmente pela resistencia de suas naçoens, humas barbaras, outras politicas, e todas féras, armadas, e bellicosas, e taõ superiores no numero, e multidaõ aos que lhes haviaõ de levar, e introduzir a Fé. Estas difficuldades representa a Igreja antiga a seu Esposo Christo com aquellas palavras: *Quid faciemus Sorori nostræ in die quando alloquenda est?* Que faremos, Senhor, quando chegar o tempo, em que se ha de desposar comvosco esta minha Irmãa menor? Ao que responde Christo com o antiquissimo conselho de sua Providencia, dizendo: *Si murus est, ædificemus super eum propugnacula argentea; si ostium, compingamus illud tabulis cedrinis.* Quem naõ admirará nesta resposta os altissimos conselhos da Sabedoria, e Providencia Divina? Dispoz Deos desde a creaçaõ do mundo, que estas terras assim por fóra, como por dentro fossem

sem enriquecidas de cousas preciosissimas, para que o interesse dos homens facilitasse as difficuldades, que sem elle criaõ impossiveis de vencer: como se dissera o Senhor: Ainda que a conquista da Fé tem muros, que difficultem sua entrada nessas terras, tambem tem portas por onde poderá entrar; esses muros facilitallos-hemos com prata, essas portas abrillas-hemos com cedros: *Si murus est, ædificemus propugnacula argentea; si ostium, compingamus illud tabulis cedrinis.* Pela prata se entendem as minas, e pelos cedros odoriferos as plantas preciosas; e as minas que essas terras tem em suas entranhas, e as plantas odoriferas, e preciosas, que nellas nascem, seraõ os meyos, e incentivos, que obrigaráõ o interesse humano, a que se disponha a vencer todas essas difficuldades, e abrir, e franquear essas portas: e assim foy, porque a prata, o ouro, os rubins, os diamantes, as esmeraldas, que aquellas terras criaõ, e escondem em suas entranhas; as Aquilas, os Calambucos, o páo Brasil, o Violete, o Evano, a Canela, o Cravo, e a Pimenta, que nellas nascem; foraõ os incentivos do interesse taõ poderoso com os homens, que grandemente facilitáraõ os perigos, e os trabalhos da navegaçaõ, e conquista de humas, e outras Indias. Sendo certo, que se Deos com summa Providencia naõ enriquecèra de todos estes thesouros aquellas terras, naõ bastaria só o zelo, e amor da Religiaõ para introduzir nellas a Fé.

262 O Profeta Isaías como Profeta singularmente escolhido para historiar as maravilhas da Ley Evangelica, foy o que mais fallou de nós, e dellas; no Capitulo 49 diz assim: *Ecce isti de longé venient: & ecce illi ab Aquilone, et mari, & isti de terra Australi. Laudate Cœli, e exulta terra, jubilate montes laudem: quia consolatus est Dominus populum suum, et pauperum suorum miserebitur.* O qual lugar entende Cornelio ALapide, e Arias Montano da conversáõ da China, e o provaõ do original Hebreo, o qual lê, *de terra Senim*, como verte S. Jeronymo, Simaco, Aquila, Theodocion o

Isai. c. 49. vers. 12.

vers. 13.

Apud ALapid. hic ad versum. 12. §. Et mari.

Siro, o Arabio; e todos, e he o mesmo, que *de terra Sinorum*, por ser este o modo de fallar da lingua Hebrea; na qual os Galileos se chamaõ *Galilim*, e os Judeos, *Jehudim*, e os Assyrios, *Assurim*; e assim tambem os Chinas, ou Sinas, *Senim*. E se replicarmos a este sentido, que a China naõ he terra Austral, senaõ Oriental; e que se naõ póde verificar della o termo *de terra Australi*, respondem os mesmos Authores, que alludio o Espirito Santo, que governava a penna de S. Jeronymo, á navegaçaõ dos Portuguezes, os quaes quando vaõ para o Oriente, fazem a sua viagem direita ao Austro, navegando ao Cabo da Boa Esperança: *Sinæ enim* (dizem elles) *qui proprie hic significantur, licet sint ad Orientem, dici tamen possunt ad Austrum: quia Lusitani in Sinas navigaturi, initio longo flexu navigant ad Austrum, scilicet ex Lusitania usque ad Promontorium Bonæ Spei, quod ultimum est in Continente, & directè oppositum Austro.*

ALapid.hîc & §. Verũ dices. usque ad §. Agite ergo & præcipue §. Dices.

263 De maneira que como os Portuguezes eraõ os que haviaõ de levar a Fé á China, navegando ao Austro, ou Sul, por isso o Espirito Santo chamou Austral á China, naõ pelo sitio, senaõ pelo rumo da navegaçaõ. Da mesma conversaõ dos Chinas faz outra vez mençaõ Isaías no Capitulo 11. vers. 14. o qual explica larga, e eruditamente Malvenda seguindo a Forerio, ambos Varoens muy doutos da familia Dominicana.

Isai.cap.11 vers. 14. Apud ALap hîc v.16. §. Nota.

264 O mesmo Profeta Isaías no Capitulo 60: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant, & quasi columbæ ad fenestras suas? Me enim Insulæ expectant, & naves maris in principio, ut adducam filios tuos de longè; argentum eorum, & aurum eorum cum eis, nomini Domini Dei tui, & Sancto Israel, quia glorificavit te. Et ædificabunt filii peregrinorum muros tuos, & Reges eorum ministrabunt tibi.* Nestas palavras está profetizada admiravelmente a conversaõ das Indias Occidentaes; assim as explicaõ o mesmo Cornelio, Bozio, Aldrovando, e outros com bem notaveis propriedades. Chama o Profeta ás Indias Occi-

Isai cap.60 v.8.9.&10.

ALapid.hîc & Bozius Ulysses Aldrovand. ibi relati.

dentaes, Ilhas: *Me enim Insulæ expectant.* Porque todas aquellas vastissimas terras, em quanto se tem descuberto, estaõ rodeadas de mar, e bastava para se chamarem assim a immensidade de mares, que as dividem do mundo antigo; alèm de que estas terras no principio eraõ chamadas com o nome de Antilhas, como se le na historia de seu descobrimento: as nuvens que voaõ a estas terras para as fertilizar. *Qui sunt isti, qui ut nubes volant*, saõ os Prégadores do Evangelho, levados do vento pelo mar, como nuvens; e chamaõ-se tambem pombas. *Et sicut columbæ ad fenestras suas.* Porque levaõ estas nuvens a agua do Baptismo sobre que desceo o Espirito Santo, em figura de Pomba, que saõ os dous termos, que desde o principio do mundo andáraõ sempre juntos na significaçaõ do Baptismo. No primeiro Capitulo do Genesis: *Spiritus Domini ferebatur super aquas*, e no terceiro de S. Joaõ: *Nisi quis renatus fuerit ex aqua, et Spiritu Sancto.* Mas o mesmo Bozio, e Aldrovando ainda advertiraõ no nome; e similhança de Pomba, outra propriedade mais aguda, tirada do descobrimento das mesmas Indias, de cujas terras, e navegaçaõ foy o primeiro descobridor Christovaõ Columbo, e dizem que a isto alludio o Profeta, chamando Columbas, ou Columbos a todos os que seguem a mesma derrota, e navegaçaõ das Indias. *Nomine Columbæ alludit ad Christophorum Columbum, qui nobis iter ad illas oras primus aperuit.* Bem assim, ou muito melhor, e com mais verdade do que disseraõ os Gentios, que os Argonautas, quando foraõ conquistar o vello de ouro a Colchos, leváraõ por guia huma Pomba.

Genes. cap. 1. vers. 3.
Joan. c. 3. vers. 3.
Apud A Lapid. hic. §. Quocirca.

Et qui movisti duo littora cum rudis Argus,
Dux erat ignoto missa Columba maris.

Prosper. l. 2. Elegia 26

265 Os Potosís, e outras minas de prata, e ouro; que juntamente com as almas para a Igreja haviaõ de conquistar estes Argonautas, tambem as naõ esqueceo o Profeta: *Et adducam filios tuos de longe, argentum eorum, et aurum eorum cum eis.* Muito ouro, muita prata, e muitos filhos para a Igreja, e tudo de muito longe: e

porque

porque naõ ficassem em silencio as Frotas das Indias: *Et naves maris in principio*; ou como lé Forerio do Hebreo: *Et naves maris cum primaria, seu prætoria*: que fazìaõ esta navegaçaõ muitas náos naõ divididas, senaõ em frota, com sua Capitania. Forerius hîc.

266 Finalmente que homens peregrinos edificariaõ os muros da Igreja naquellas terras: *Et ædificabunt filii peregrinorum muros tuos.* E que os Ministros de tudo isto seriaõ os mesmos Reys, como fazem com tanta piedade os Reys Catholicos: *Et Reges eorum ministrabunt tibi.*

267 He tambem illustre lugar em Isaias, aquelle do Capitulo 41. *Egeni, et pauperes quærunt aquas, et non sunt: lingua eorum siti aruit. Ego Dominus exaudiam eos, non derelinquam eos. Aperiam in supinis collibus flumina, et in medio camporum fontes: ponam desertum in stagna aquarum, & terram inviam in rivos aquarum. Dabo in solitudinem cedrum, & spinam, et myrtum, et lignum olivæ: ponam in deserto abietem, ulmum et buxum simul: ut videant, et sciant: et recogitent, et intelligant pariter, quia manus Domini fecit hoc.* Quantos pobres, e miseraveis estaõ morrendo á sede por falta de agua? Isto he, vivendo na gentilidade sem agua do Baptismo; mas eu (diz Deos) que tambem sou Senhor destes, os ouvirey, e naõ me esquecerey delles: *Ego Dominus exaudiam eos*: nesses seus montes, e desertos secos, e estereis abrirey fontes, e rios muy copiosos, e por mais que essas terras sejaõ sem caminho, eu abrirey caminho por onde a ellas cheguem as aguas, de que tanto necessitaõ: *Et terram inviam in rivos aquarum*; e donde atégora se naõ colheo fruto, eu farey, que se colha muito copioso, e de todo o genero: *Dabo in solitudinem cedrum, et spinam, et myrtum, &c.* Para que entenda, e conheça o mundo quam poderoso sou, e que esta obra he de minha maõ: *Ut videant, et sciant quia manus Domini fecit hoc.* Saõ Cyrillo, Saõ Jeronymo, Procopio, e Theodoreto entendem este Texto da con-

Isai. c. 41. vers. 17. & vers. 18. vers. 19. vers. 20. Omnes apud ALapid. hîc §. Dabo.

 versaõ

versão das gentilidades, que Deos havia de converter por meyo da prégação do Evangelho, mas não nos dissera ó, que gentes estas fossem, ou houvessem de ser, porque as não conheciaõ; porém os Doutores modernos nos dizem quaes ellas saõ. O Padre Cornelio depois do Reverendissimo Claudio Aquaviva Geral da sua Religiaõ,

P. Corn. ad c. 41. Isai. v. 19 § Dabo. in fine.

diz assim: *Hoc etiam hodie in Japone, Brasilia, China, alijsque Indiarum Provincijs impleri magna lætitia conspicimus*. que se cumpriO, e está cumprindo esta profecia no Japaõ, no Brasil, na China.

268 Atequi andamos com Isaías pelas terras firmes; vamos agora as Ilhas, que saõ as primeiras por onde os nossos descobrimentos começáraõ. No Capitulo 58. falla Isaías das obras grandes, que fará o homem misericordioso; e como a mayor obra, e a mayor misericordia de todas he tirar almas do Inferno como se tiraõ as dos Gentios, quando por meyo da luz da Fé se lhes mostra o caminho da salvaçaõ; diz humas palavras o Profeta, que bem ponderadas, de nenhum outro homem se podem entender á letra senaõ do nosso Infante Santo D. Henrique, primeiro Author dos descobrimentos Portuguezes, cujo principal intento naquella empreza, como dizem todas as nossas historias, foy o puro, e piedoso zelo da dilataçaõ da Fé, e conversão da Gentilidade. As palavras

Isai. cap. 58 vers. 12.

de Isaías saõ estas: *Et ædificabuntur in te deserta sæculorum, fundamenta generationis, et generationis suscitabis, et vocaberis ædificator sepium avertens semitas inquietem.* Em vós se povoaráõ os desertos dos seculos, vós lançareis os fundamentos de huma, e outra geraçaõ, vós sereis chamado edificador das cercas, e fareis que os que sempre andaõ, tenhaõ assento.

269 Taes foraõ em tudo as obras do Infante D. Henrique, continuadas depois pelos Reys de Portugal, que leváraõ adiante o que elle começou: primeiramente nelle, e por elle se povoáraõ os desertos dos seculos, por que muitas Ilhas, que desde o principio do mundo por tantos seculos estiveraõ desertas, e incognitas, e despo-

yoadas,

voadas, como era a Ilha da Madeira, as Terceiras, ou dos Aſſores, elle as deſcobrio, povoou, e edificou, e de Ilhas deſertas que antigamente eraõ, eſtaõ hoje taõ povoadas, e populoſas, e taõ ennobrecidas de famoſas Cidades, e ſumptuoſos edificios. *Ædificabuntur in te deſerta ſæculorum*, e aſſim como neſtas Ilhas ermas, e deſertas lançou eſte glorioſo Principe os primeiros fundamentos da geraçaõ humana, fazendo que foſſem povoadas de homens; aſſim em outras Ilhas, que eſtavaõ povoadas de barbaros, como eraõ as Canarias, e de Cabo Verde, lançou tambem os fundamentos da geraçaõ Divina, fazendo por meyo da prégaçaõ, e luz do Evangelho, que eſſes barbaros Gentios conheceſſem a Deos, e foſſem gerados em Chriſto. *Fundamenta generationis, et generationis ſuſcitabis.* O meyo que para eſta ſegunda, e mais importante geraçaõ tomáraõ os Religioſiſſimos Principes de Portugal, foy mandarem Religioſos por todas as Conquiſtas, de grande virtude, e letras, fundando, e edificando Conventos de diverſas Ordens; e por iſſo diz o Profeta, que ſeria chamado o primeiro Author deſta obra, Edificador de cercas, que ſaõ, como aqui notaõ alguns Expoſitores, as cercas e clauſtros das Religioens. *Et vocaberis ædificator ſepium.* Finalmente naõ cala o Profeta o fruto, que deſta ſanta induſtria ſe ſeguio em todas eſtas gentilidades de barbaros, e foy, que andando de antes vagamente pelas brenhas, como animaes ſilveſtres, ſe aquietaſſem, e tomaſſem aſſento, e viveſſem como homens, que iſſo quer dizer, *Avertens ſemitas inquietem.* Neſte ſentido taõ proprio, e literal explica Bocio eſte Texto de Iſaías; mas antes que eſcreva as ſuas palavras, quero pôr aqui as do noſſo Joaõ de Barros, referindo o que deſta empreza do Infante ſentiaõ, e murmuravaõ os que lhe parecia inutil, e infrutuoſa.

ALapid. hîc §. Multo magis & §. Tales ædificatores.

270 „ Os Reys paſſados deſte Reino (diziaõ elles) „ ſempre dos Reinos alheyos para o ſeu trouxeraõ gente „ a eſte a fazer novas povoaçoens, e elle quer levar os „ natu-

Barros Decad. 1. lib. 1. c. 4. fol. 9.

„ naturaes Portuguezes a povoar terras ermas por tan-
„ tos perigos do mar, de fome, e sedes, como vemos,
„ que passaõ os que lá vaõ: certo, que outro exemplo lhe
„ deu seu Padre poucos dias ha, dando os maninhos de
„ Lavre, junto a Coruche, a Lamberto de Orches Ale-
„ maõ, que os rompesse, e povoasse, com obrigaçaõ de
„ trazer a elle moradores Extrangeiros de Alemanha, e
„ naõ mandou seus vassallos passar além mar, romper ter-
„ ras, que Deos deu por pasto dos brutos; e bem se vio
„ quanto mais naturaes saõ para elles, que para nós, pois
„ em taõ poucos dias huma Coelha multiplicou tanto,
„ que os lançou fóra da primeira Ilha, quasi como ad-
„ moestaçaõ de Deos, que ha por bem ser aquella terra
„ pastada de alimarias, e naõ habitada por nós; e quan-
„ do quer que nestas terras de Guiné se achasse tanta gen-
„ te, como o Infante diz, naõ sabemos que gente he,
„ nem o modo de sua peleja; e quando fosse taõ barbara,
„ como sabemos que he a das Canarias, a qual anda de
„ penedo em penedo ás pedradas como cabras contra
„ quem as quer offender; nós que proveito podemos ter
„ de terra taõ estéril, e aspera, e cativar gente taõ nes-
„ quinha? Certo nós naõ sabemos outro, se naõ virem
„ elles encarentar mantimentos da terra, e comerem nos-
„ sos trabalhos, e por cobrarmos hum comedor destes,
„ perdemos os amigos, e parentes.

271 Isto he o que filosofavaõ, e diziaõ os prudentes, e politicos daquelle tempo, que sempre saõ os instrumentos mais apparelhados, que o mundo, e o demonio tem para impedir as obras de Deos: mas estas terras ermas foraõ as que pelo zelo, e constancia daquelle Principe, se vem hoje taõ povoadas, cultivadas, e ricas; e estes barbaros, que como animaes andavaõ saltando de penedo em penedo, os que hoje vivem com tanto assento, humanidade, ordem, e politica Christãa, e naõ só elles senaõ infinitos outros. As palavras promettidas de Bocio livro segundo no Capitulo 7, saõ as que se seguem: *Idem perfectum videmus Insulis, quas Terceras vocant, Hispaniæ*

Bosius tom. 2. signo 88. apud ALapid. hîc §. Ulterius.

paniæ in Oceano adjacentibus Occidentem versus; similiter in Canarijs, quas nomine Promontorij viridis appellant Sancti Laurentij, Ascensionis, & in alijs, quæ Africæ littora respiciunt: amplius cunctisque quas Oceanus alunt latissimis etiam Regionibus Indiarum, sive Orientem, sive Occidentem Solem, vel Austrum, Boreamve spectantibus idem contingit. Neque finis ullus hucusque apparet, oppida innumera, & Civitates pulcherrimæ passim conduntur, in quibus constituuntur cœtus hominum, excitantur fundamenta generationis, & generationis eorum, qui bestiarum modo prius incertis sedibus vagabantur, & in stabulis ipsis habitabant. Atéqui este Author doutissimo, o qual no mesmo livro segundo, Capitulo 3, explica muitos outros lugares de Isaías, das Ilhas, que os Portuguezes conquistáraõ para Christo, e nomeadamente de Ceilaõ, Maldivas, Zocotorá, Japaõ, Javas, Molucas, e outras: chama a estas Ilhas o Profeta, Ilhas de longe, como no Capitulo 49: *Audite Insulæ, & attendite populi de longè*: e no Capitulo 66: *Ad Insulas longé, ad illos, qui non audierunt de me*: pelas quaes Ilhas entendiaõ todos antigamente Italia, e Hespanha, por estarem quasi cercadas huma do Mediterraneo, outra do Oceano; mas verdadeiramente nem saõ Ilhas, senaõ terra firme; nem se pódem chamar de longe, em comparaçaõ das que depois descobrímos, e com toda a propriedade saõ Ilhas, e Ilhas de muito longe. Isai. c. 49. vers. 1. Idem c. 66 vers. 19. D. Hier. hic ALap. §. Italiam.

272 Ponhamos fim a Isaías com hum celebradissimo Texto do Capitulo 18, o qual foy sempre julgado por hum dos mais difficultosos, e escuros de todos os Profetas, e he este: *Væ terræ cymbalo alarum, quæ est trans flumina Æthiopiæ, qui mittit in mare Legatos, & in vasis papyri super aquas. Ite Angeli veloces ad gentem convulsam, & dilaceratam; ad populum terribilem, post quem non est alius: ad gentem expectantem, & conculcatam, cujus diripuerunt flumina terram ejus.* Isai. cap. 18. vers. 1. Idem v. 2.

273 Trabalháraõ sempre muito os Interpretes antigos por acharem a verdadeira explicaçaõ, e applicaçaõ deste

deste Texto; mas nem atináraõ, nem podiaõ atinar com ella, porque naõ tiveraõ noticia nem da terra, nem das gentes, de que fallava o Profeta. Os Commentadores modernos acertáraõ em commum com o entendimento da profecia, dizendo que se entende da nova conversaõ à Fé daquellas terras, e gentes tambem novas, que ultimamente se conhecèraõ no mundo com o descobrimento dos Antipodas; e notáraõ alguns com agudeza, e propriedade, que isso quer dizer a energia da palavra: *Ad gentem conculcatam*. Gente pizada dos pés, porque os Antipodas, que ficáraõ debaixo de nòs, parece que os trazemos debaixo dos pés, e que os pizamos; mas chegando mais de perto á gente, e terra, ou Provincia, de que se entende a profecia, tambem os modernos naõ acertáraõ atégora com o sentido proprio, germano, e natural della, e este he o que nòs havemos de descobrir ou escrever aqui, pelo havermos recebido de pessoa douta, e versada nas Escrituras, que havendo visto as gentes, pizado as terras, e navegado as aguas, de que falla este Texto, acabou de o entender, e verdadeiramente o entendeo como veremos, e veraõ melhor os que tiverem lido as exposiçoens antigas, e modernas delle.

Legionensis, & Mõtan. in Abdiam in fine. Forerius hîc. Vatabl. & Bozius tom 2. de natu Ecclesiæ l. 20. signo 84.

274 Cornelio teve para si, que falla o Profeta da Ethiopia, e do Preste Joaõ; mas Ethiopia naõ está a èm de Ethiopia, como diz o Texto. Maluenda com outros, que cita, entende dos Chinas e Japoens, e a applica à navegaçaõ dos Portuguezes. Paraphraste Caldeo por estas palavras: *Chaldæus Interpres hæc verba Isaiæ in hunc modum reddidit: Væ terræ, ad quam veniunt cum navibus à terra longinqua, & vela sua extendunt, ut Aquila volans alis suis apposité in Indiam, quæ quondam remotarum gentium frequentibus navigationibus petebatur, & nunc ab extremo Occidente Lusitanorum victricibus classibus aditur; quæ etiam ipsas Sinarum oras prætervectæ Japoniorum Insulas tenent.* Mas esta exposiçaõ, e a de Mendonça, e Rebello (que entendem o Texto geralmente da India Oriental) tem contra si tudo o que logo

Cornelius hîc §. Verum nec. Maluenda hîc.

logo diremos. Joseph da Costa taõ versado nas Escrituras como na Geografia, e na historia natural das Indias Occidentaes, Ludovico Legionense, Thomás Bozio, Arias Montano, Frederico, Lumnio, Martim del Rio, e outros, dizem, (e bem) que fallou Isaías da America, e novo mundo; e se prova facil, e claramente. Porque esta terra, que descreve o Profeta, está além da Ethiopia: *Trans flumina Æthiopiæ*, e he terra, depois da qual naõ ha outra: *Ad populum, post quem non est alius.* Estes dous sinaes taõ manifestos só se podem verificar da America, que he a terra, que fica da outra banda da Ethiopia, e que naõ tem depois de si outra terra, senaõ o vastissimo mar do Sul. Mas porque Isaías nesta sua descripçaõ poem tantos sinaes particulares, e tantas differenças individuantes, que claramente estaõ mostrando, que naõ falla de toda a America, ou mundo novo em commum, senaõ de alguma Provincia particular delle; e os Authores allegados nos naõ dizem que Provincia esta seja, será necessario, que nós o digamos; e isto he o que agora hey de mostrar.

Omnes citantur á P. Del Rio adagio 723 Refert A. Lapid. §. Væ. in fine.

275 Digo primeiramente, que o Texto de Isaías se entende do Brasil, porque o Brasil he a terra, que direitamente está além, e da outra banda da Ethiopia, como diz o Profeta: *Quæ est trans flumina Æthiopiæ*; ou como verte, e commenta Vatablo: *Terra, quæ est sita ultra Æthiopiam*: (*quæ Æthiopia scatet fluminibus*) e o Hebreo ao pé da letra tem *detrans flumina Æthiopiæ.* A qual palavra, (*de trans*) como notou Maluenda, he Hebraismo, similhante ao da nossa lingua. Os Hebreos dizem, (*de trans*) e nós dizemos, *detràz*; e assim he na Geografia destas terras, que em respeito de Jerusalem, considerado o circulo que faz o globo terrestre, o Brasil fica immediatamente detraz de Ethiopia.

Apud A Lap. pid. hic.

276 Diz mais o Profeta que a gente desta terra he terrivel: *Ad populum terribilem*, e naõ póde haver gente mais terrivel entre todas as que tem figura humana, que aquella, (quaes saõ os Brasis) que naõ só mataõ

ſeus inimigos; mas depois de mortos os deſpedaçaõ; e os comem, e os aſſaõ, e os cozem a eſte fim, ſendo as proprias mulheres as que guizaõ, e convidaõ hoſpedes a ſe regalarem com eſtas inhumanas iguarias; e aſſim ſe vio muitas vezes naquellas guerras, que eſtando cercados os barbaros, ſubiaõ as mulheres ás trincheiras, ou paliçadas, de que fazem os ſeus muros, e moſtravaõ aos noſſos as panelas, em que os haviaõ de coſinhar. Fazem depois ſuas frautas dos meſmos oſſos humanos, que tangem, e trazem na boca, ſem nenhum horror; e he eſtylo, e nobreza entre elles naõ poderem tomar nome ſenaõ depois de quebrarem a cabeça a algum inimigo, ainda que ſeja a alguma caveira deſenterrada, com outras ceremonias crueis, e barbaras, e verdadeiramente terriveis: em lugar *de gentem conculcatam*, lè o Siro, *Gentem depilatam*: gente ſem pelo; e taes ſaõ tambem os Braſis, que pela mayor parte naõ tem barba, e no peito, e pelo corpo tem a pelle liza, e ſem cabello, com grande differença dos Européos.

A Lapid. hic §. Ad gentem.

277 Eſtes ſaõ os ſinaes communs, que nos aponta o Profeta, daquella terra, e gente; mas porque aſſinala miudamente outros mais particulares, e que naõ convem a toda a gente, e terra do Braſil, he outra vez neceſſario que nós tambem declaremos a Provincia, e gente, em que elles todos ſe verificaõ; e eſta gente, e eſta Provincia, moſtraremos agora que he a que com toda a propriedade chamamos Maranhaõ, que por ſer taõ pouco conhecida, e menos nomeada nos Eſcritores, naõ he muito que a falta de ſuas noticias lhe tiveſſe atégora eſcurecido, e divertido a honra deſte famoſo Oraculo do mais illuſtre Profeta, que taõ expreſſamente tinha fallado neſta gente.

278 Diz pois o Profeta, que ſaõ eſtes homens huma gente, a quem os rios lhe roubáraõ a ſua terra: *Cujus diripuerunt flumina terram ejus.* E he admiravel a propriedade deſta differença, porque em toda aquella terra, em que os rios ſaõ infinitos, e os mayores, e mais caudaloſos

dalosos do mundo, quasi todos os campos estaõ alagados, e cubertos de agua doce, naõ se vendo em muitas jornadas mais que bosques, palmares, e arvoredos altissimos, todos com as raizes, e troncos mettidos na agua; sendo rarissimos os lugares por espaço de cento, duzentas, e mais legoas, em que se possa tomar porto, navegando-se sempre por entre arvores especiosissimas de huma, e outra parte, por ruas, travessas, e praças de agua, que a natureza deixou descubertas, e desempedidas do arvoredo; e posto que estes alagadiços sejaõ ordinarios em toda aquella costa, ve-se este destroço, e roubo, que os rios fizeraõ á terra, muito mais particularmente naquelle vastissimo Archipelago do rio, chamado Orelhana, e agora das Amazonas, cujas terras estaõ todas senhoreadas, e afogadas das aguas, sendo muito contados, e muito estreitos os sitios mais altos, que ellas, e muito distantes huns dos outros, em que os Indios possaõ assentar suas povoaçoens, vivendo por esta causa naõ immediatamente sobre a terra, senaõ em casas levantadas sobre esteyos, a que chamaõ Juráos, para que nas mayores enchentes passem as aguas por baixo, bem assim como as mesmas arvores, que tendo as raizes, e troncos escondidos na agua, por cima della se conservaõ, e apparecem, differindo só as arvores das casas em que humas saõ de ramos verdes, outras de palmas secas.

279 Desta sorte vivem os Nhengaibas: Guaianás, Mamaianás, e outras antigamente populosas gentes, de quem se diz com propriedade, que andaõ mais com as mãos, que com os pés, porque apenas daõ passo, que naõ seja com o remo na maõ, restituindo-lhes os rios a terra, que lhes roubáraõ, nos frutos agrestes das arvores, de que se sustentaõ; cuja colheita he muito limpa, porque cahem todos na agua; e em muita quantidade de Tartarugas, e peixes Boys, que saõ os gados, que pastaõ naquelles campos, além de outro pescado menor, e alguma caça de aves, e montaria de porcos, que nos mesmos lugares sobre aguados entre os lodos, e raizes

das arvores, se seva nos frutos dellas; e nota o Profeta que naõ he rio, senaõ rios, os que isto fazem, porque ainda que o rio das Amazonas tenha fama de taõ enorme grandeza, toda esta se compoem do concurso de muitos outros rios, que todos desembocaõ nelle, ou juntamente com elle, communicando e confundindo em si as aguas, e como unindo, e conjurando as forças para este roubo, que fizeraõ áquella terra: *Cujus diripuerunt flumina terram ejus.*

280 Continúa Isaías a sua descripçaõ, e diz, que os habitadores desta Provincia saõ gente arrancada, e despedaçada; e só o Espirito Santo poderá recopilar em duas palavras a historia, e ultima fortuna daquella gente. Quando os Portuguezes conquistáraõ as terras de Parnambuco, desenganados os Indios (que eraõ muy valentes, e resistíraõ por muitos annos) que naõ podiaõ prevalecer contra as nossas armas, huns delles se sujeitáraõ, ficando em suas proprias terras; outros com mais generosa resoluçaõ, e determinados a naõ servir, se mettéraõ pelo Certaõ, onde ficáraõ muitos; outros cahindo para a parte do mar, vieraõ sair às terras do Maranhaõ, e alli como soldados taõ exercitados com o mais poderoso inimigo, fizeraõ facilmente a seus habitadores o que nós lhes tinhamos feito a elles.

281 Desta peregrinaçaõ, e desta guerra se seguiraõ naquella gente os dous effeitos, que sinala Isaías ficando huma, e outra gente arrancada, e despedaçada: os vencedores arrancados, porque os tinhaõ lançado de suas terras os Portuguezes; e tambem despedaçados, assim porque foraõ ficando a pedaços em varios sitios, como porque depois da victoria lhes foy necessario, para conservarem o violento dominio, dividirem-se em Colonias muy distantes huns dos outros. Os vencidos tambem ficáraõ arrancados, porque os Topinambás, (que assim se chamavaõ os Parnambucanos) os arrancáraõ de suas patrias; e tambem, e com muito mayor razaõ despedaçados, porque naõ podendo resistir, muitos delles fugiraõ

em

em magotes pelos matos, e pelos rios, tomando differentes caminhos, onde fizeraõ assento, naõ sem novos inimigos, que ainda mais os despedaçassem; assim que huns, e outros ficàraõ gente arrancada, e huns, e outros gente despedaçada: *Gentem concul catam, & dilaceratam.*

282 Conhecidos ja pela fortuna os descreve o Profeta, e muito particularmente pelo exercicio, e arte da navegaçõ, em que eraõ, e saõ os Maranhoens muy sinalados entre os Indios, por serem elles ou os primeiros inventores da sua nautica, como gente nascida, e mais creada na agua, que na terra; ou certamente porque com sua industria adiantàraõ muito a rudeza das embarcaçoens barbaras, de que os primeiros usavaõ; tanto assim, que a principal naçaõ daquella terra temendo o nome da mesma arte de navegar, e das mesmas embarcaçoens, em que lá navegavaõ, se chamaõ *Igaruanas*, porque as suas embarcaçoens, que saõ as canoas, se chamaõ na sua lingua *Igara*, e deste nome Igara derivàraõ a denominaçaõ *de Igaruanas*, como se dissessemos, os nauticos, os artifices, ou os senhores das náos. Diz pois Isaías, que esta gente, de que falla, he hum povo. *Qui mittit in mare Legatos, & in vasis papyri super aquas.* Que manda de huma parte para outra seus negociantes em vasos de cascas de arvores sobre as aguas.

283 As palavras do Profeta todas tem mysterio, e todas declaraõ muito a propriedade da gente de que falla. Diz que as manda o povo, com quem concorda o relativo *qui*; porque he gente que naõ tem Reys; mas o mesmo povo, e a mesma naçaõ, he a que elege aquelles, que lhes parece de melhor talento, assim para os negocios da paz, como para os da guerra; que tudo isso quer dizer a palavra *Legatos*, como se póde ver nos Authores da lingua Latina. Diz mais que vaõ sobre as aguas em vasos de cascas de arvores, porque esta era a materia, e fabrica de suas embarcaçoens. Depois que tiveraõ uso do ferro, cavaõ os troncos das arvores, e fazem de hum

só

só madeiro muito grandes canoas, de que o Author desta explicaçaõ vio alguma, que tinha dezasete palmos de boca, e cento de comprimento; mas antes de terem ferro despiaõ estes mesmos madeiros, cujos troncos saõ muito altos, e direitos, e tirando-lhes as cascas assim inteiras, dellas formavaõ as suas embarcaçoens: e naõ faz duvida dizer o Profeta que estas embarcaçoens hiaõ ao mar;. *Qui mittit in mare*; porque além de entrarem com ellas pelo mar Oceano, o mesmo Archipelago, que dizemos, de agua doce, se chama na sua lingua por sua grandeza *mar*, e daqui veyo o nome que os Portuguezes lhe puzeraõ de Graõ Pará, ou Maranhaõ, o que tudo quer dizer, *Mar grande*, porque Pará significa mar.

284 Do que temos dito atéqui ficará mais facil de entender aquelle grande enigma do Profeta, que está nas primeiras palavras deste Texto:. *Væ terræ cymbalo alarum*. O qual foy sempre o que mayor trabalho deu aos Interpretes, e os obrigou a dizerem cousas muy violentas, e improprias, como aquelles que fallavaõ a adivinhar, e naõ adivinhavaõ, nem podiaõ. Os setenta Interpretes em lugar de *Terræ cymbalo alarum*, lêraõ *terræ navium alis*; e huma, e outra cousa significaõ as palavras de Isaias; porque os nomes Hebreos, de que estas versoens foraõ tiradas, tem ambas as significaçoens, e querem dizer: Ay da terra que tem navios com azas; ou: Ay da terra, que tem sinos com azas: se saõ sinos, como saõ navios? E se saõ navios, como saõ sinos? Esta difficuldade foy atégora o torcedor de todos os entendimentos dos Expositores Sagrados, de mil e seiscentos annos a esta parte, mas como podia ser, que entendessem o enigma da terra, senaõ tinhaõ as noticias, nem a lingua della? Para intelligencia do verdadeiro entendimento deste Texto, ou enigma, se ha de suppor, que a palavra Latina *Cymbalum*, com que significamos os nossos sinos de metal, significa tambem qualquer instrumento, com que se faz som, e estrondo, e taes eraõ os cymbalos de que usavaõ antigamente os Gentios, que se cha-

Apud ALapid. hîc §. Tertio.

mavaõ

mavaõ por nomes particulares *Sistros Crotalos*, ou *Crepitaculos*, e por nome geral *Cymbalos*. Assim o explicou eruditamente Carpenteio, vertendo em verso este mesmo lugar de Isaías: Vide ALapid. hîc. §. Tertio.

Væ tibi, quæ reducem sistris crepitantibus Apim
Concelebras Crotalos, & inania cymbala pulsas.

285 Tambem se ha de suppor que os Maranhoens usavaõ de huns instrumentos a que chamavaõ *Maracás*, naõ de metal, porque o naõ tinhaõ, senaõ de cabaços, ou cocos grandes, dentro dos quaes metiaõ seixos, ou caroços de varias frutas duros, e accommodados a fazer muito estrondo, e ruido, servindo-se dos menores nas festas, e nos bailes, e dos mayores nas guerras. Estes *Maracás* eraõ propriamente os seus cymbalos, ou sinos, tanto assim, que depois que viraõ os sinos de que nós usamos, lhe chamaõ *Itamaracás*, que quer dizer, *Maracás*, ou sinos de metal.

286 Isto supposto, o Expositor, que mais foy rastejando o sentido verdadeiro que podia ter este enigma, foy Gabriel Palacio, o qual no Commentario literal deste lugar de Isaías diz assim: *Fortasse Indicus usus nominis cymbali antiquitùs inolevit apud Hebræos tempore Isaiæ.* Por ventura (diz elle) que no tempo de Isaías as embarcaçoens dos Indios se chamariaõ entre os Hebreos sinos; e porque naõ seria antes? Digo eu que se chamassem sinos, ou tomassem nome de sinos as embarcaçoens dos Indios, de que Isaías fallava, naõ porque este nome fosse usado entre os Hebreos, senaõ entre os mesmos Indios. Assim era, e assim he, e deste modo fica decifrado, e entendido o antiquissimo, e escurissimo lugar, e enigma de Isaías. Palacius hîc.

287 As mayores embarcaçoens dos Maranhoens chamaõ-se *Maracatim*, derivado o nome da palavra *Maraca*, que, como dissemos, significa entre elles *Sino*, e a razaõ de darem este nome ás suas mayores embarcaçoens era, porque quando hiaõ ás batalhas navaes, quaes eraõ ordinariamente as suas, punhaõ na proa hum destes Ma-

racâs

racás muito grandes atados aos gurupezes ; ou páos compridos, e bolindo de induſtria com elles, além do movimento natural das canoas, e dos remeiros, faziaõ hum eſtrondo barbaramente bellico, e horrivel; e porque a proa da canoa ſe chama Tim, tirada a metafora do nariz dos homens, ou do bico das aves, que tem o meſmo nome, e juntando a palavra Tim com a palavra Maracá, chamavaõ áquellas canoas, ou embarcaçoens mayores Maracatim; e eſte nome uſaõ ainda hoje, e com elle nomeaõ os noſſos navios. Nem mais, nem menos, que os Romanos ás ſuas galés de guerra deraõ os nomes de Roſtratas, pelas pontas de ferro agudas, que levavaõ nas proas, tirado tambem o nome, ou metafora dos bicos das aves, que chamaõ Roſtros. Aſſim que vem a dizer Iſaías que a terra de que falla, he terra, que uſa embarcaçoens, que tem nome de ſinos, e eſtas ſaõ pontualmente os Maracatins dos Maranhoens.

288 Mas naõ eſtá ainda explicada toda a difficuldade, ou propriedade do enigma; porque diz o Profeta, que eſtas embarcaçoens, ou eſtes ſinos, eraõ ſinos, e embarcaçoens com azas: *Cymbalo alarum: navium alis.* Os Expoſitores todos dizem, que eſtas azas eraõ as vellas das embarcaçoens, e que ſaõ as azas dos navios, conforme o Poeta: *Velorum pandimus alas.* A qual explicaçaõ podéra ſer bem admittida, ſenaõ tivera a propria, e verdadeira; ſendo certo, que o Profeta naõ havia de dar por ſinal, e diviſa daquellas embarcaçoens huma couſa taõ commua, e univerſal em todas.

289 Digo pois que falla o Texto de verdadeiras azas de aves. Como aquelles Gentios naõ tecem, nem tem pannos, he grande entre elles o uſo das pennas, pela formoſura das cores, com que a natureza veſtio os paſſaros, e particularmente o chamado Guarás, de que ha infinita quantidade, grandes, e todos vermelhos, ſem miſtura de outra cor; deſtas pennas ſe enfeitaõ quando ſe querem pôr bizarros, e principalmente quando vaõ á guerra, ornando com ellas todo o genero de armas, porque naõ

ſó

só levaõ empennadas as settas, senaõ tambem os arcos; e rodelas, e as partazanas de pào, e pedra, que chamaõ Fangapenas; e quando a guerra era naval, empavezavaõ-se as canoas com azas vermelhas dos Guarás, e as mesmas levavaõ penduradas dos gurupès, e Maracas das proas; e por isso o Profeta diz, que todas estas cousas via, e notava como taõ novas; chamou ás lanças sinos; e sinos com azas: *Navium alis*, *cymbalo alarum.*

290 E porque naõ faltasse a esta terra a demarcaçaõ; ou arrumaçaõ, como dizem os Geografos, da sua altura, onde a Vulgata lêo: *Gentem expectantem*, *expectantem*, a propriedade da letra Hebrea, como diz Forerio, Pagnino, Vatablo Sanches, e outros muitos taõ geralmente: *Gentem lineæ lineæ*, gente da linha de linha; porque os Maranhoens saõ aquelles, que alèm da Ethiopia ficaõ pontual, e perpendicularmente bem debaixo da linha Equinoccial, que he propriedade por todos os titulos admiravel; e assim como a palavra *lineæ* se repete; está tambem repetida no mesmo Texto a palavra *expectantem*; com que vem a concluir o Profeta o seu principal, e total intento que he exhortar os Prégadores Evangelicos a que vaõ ser Anjos da Guarda daquella triste gente, que tanto ha mister quem a encaminhe, como quem a defenda: *Ite Angeli veloces ad gentem expectantem*; *expectantem*: gente que está esperando, esperando; porque entre todas as gentes do Brasil os Maranhoens foraõ os ultimos, a que chegáraõ as novas do Evangelho, e o conhecimento do verdadeiro Deos, esperando por este bem, que tanto tardou a todos os Americanos, mais que todos elles. No Brasil se começou a prégar a Fé no anno de mil quinhentos e cincoenta, em que o descobrio Pedro Alvares Cabral; e no Maranhaõ no anno de mil seiscentos e quinze, em que o conquistou Alexandre de Moura; esperando mais que todos os outros Brasis sessenta e cinco annos. mas hoje estaõ ainda em peyor fortuna, padecendo aquelle *Væ* do Profeta. *Væ terræ cymbalo alarum*; porque o estado da esperança se lhe tem trocado

Vide ALapid. hîc §. Ad gentē.

no de desesperaçaõ, e esperaõ de se salvar os que de tantos damnos, e damnos saõ causa?

291 Muito largos temos sido na exposiçaõ deste Texto, mas foy assim necessario por sua difficuldade, e por naõ estar até hoje entendido: deixo muitos outros lugares do Profeta Isaías, o qual verdadeiramente se póde contar entre os Chronistas de Portugal, sengundo falla muitas vezes nas espirituaes Conquistas dos Portuguezes, e nas gentes, e naçoens, que por seus Prégadores se convertèraõ á Fé; que o primeiro, e principal intento que nelles tiveraõ nossos piedosissimos Reys, como se póde ver no que delRey Dom Manoel, delRey Dom Joaõ o II. do Infante Dom Henrique, delRey Dom Joaõ o III. e delRey Dom Sebastiaõ escrevem seus Historiadores.

292 O Profeta Abdias em hum só Capitulo que escreveo, tambem fallou das Conquistas de Portugal. *Et transmigratio Hierusalem, quæ in Bosphoro est, possidebit Civitates Austri.* A palavra Hebrea, *Sepharad*, de quem Saõ Jeronymo verteo *Bosphoro*, significa, *termo*, *limite*, *& fim.* Esta mesma palavra *Sepharad* he nome, com que os Hebreos chamaõ a Hespanha; porque em Hespanha está o Estreito, que divide a Europa de Africa, e Hespanha era o *termo*, *limite*, *& fim*, que os Antigos conheciaõ no mundo, como testimunhaõ de huma parte as columnas de Hercules, e de outra o Cabo de *Finis terræ*, que saõ as duas balizas, que tem no meyo a Portugal. Toda a explicaçaõ he commua, e certa entre todos os Authores mais peritos da lingua Hebraica, Vatablo, Pagnino, Brugense, Arias, Lizano, Isidoro, Clario, e os demais. Diz agora o Profeta Abdias, que a transmigraçaõ de Jerusalem, que passou a Hespanha, viria tempo, em que possuisse as Cidades do Austro.

Abdias v. 20.

D. Hier. hic apud ALapid. Et transmigratio.

ALapid. hic §. Porro *Hebræi*, & § *Porro* Sepharad.

293 Mas sobre a transmigraçaõ de Jerusalem; de que Abdias falla, ha duas opinioens entre os Authores. Arias Montano, Frey Luiz de Leon, Maluenda, e outros

Arias Montan.

tros tem para si, que falla da transmigraçaõ de Nabucódonosór, o qual tendo conquistado a Jerusalem, e passado seus habitadores para Babylonia, dalli mandou parte delles para Hespanha, por ser parte desta Provincia conquista sua, como refere Josepho, Estrabo, e outros graves Authores; e que veyo o mesmo Nabuco em pessoa a fazer esta guerra. Destes Hebreos, ou desterrados, ou trazidos por Nabuco, ficáraõ muitos em Hespanha, pela qual fortuna (como notou Santo Agostinho na morte dos Infantes de Belém) naõ tiveraõ parte na morte de Christo, e conserváraõ sua antiga nobreza, e delles, como escrevem muitas historias de Hespanha, foy fundaçaõ a insigne Cidade de Toledo, Maqueda, Escalona, e outras. Assim querem tambem, que de Nabuco traga seu appellido a illustre familia dos Ozorios. Desta transmigraçaõ pois (diz Montano, e os mais acima allegados) se ha de entender o Texto de Abdias; e como o Profeta propria, e literalmente fallava neste lugar do mesmo cativeiro de Babylonia, he consequencia muito ajustada, que da profecia do desterro passou para consolaçaõ dos mesmos desterrados a huma felicidade taõ extranha, que dellas havia de ter principio, qual he a que logo diremos.

Joseph. lib. 11. antiquit. c. 11.

D. Aug. Serm. 1. de Innocent.

Histor. del patrocinio de la Virgem.

294 Nicoláo de Lyra, Vatablo, Fevordencio, e outros entendem por esta transmigraçaõ de Jerusalem, a que fez Christo mandando daquella Cidade, e espalhando por todo o mundo seus Apostolos, entre os quaes coube Hespanha a Santiago, e elle por meyo de seus Discipulos a converteo toda á Fé, e desterrou della a Gentilidade: *Et trasmigratio in Hierusalem, quæ in Bosphoro est*, (diz Lyrano) *in Hebræo habetur Sepharad, id est in Hispania, ubi dicit Rabbi Salomon, quòd fuit impletum per Jacobum Apostolum, & ejus Discipulos, ubi fidem Christi primitus prædicantes, & colla gentium subjugantes, &c.* E cumprida em Santiago a transmigraçaõ de Jerusalem, que he a primeira parte da profecia, em seus Discipulos, que saõ os que em Hespanha rece-

Lyra hic.

bèraõ, e conservàraõ sempre a Fé que elle lhes tinha prégado, se cumprio a segunda parte della; sendo estes os que depois de tantos seculos vieraõ a dominar, e possuir as regioens do Austro; *Possidebunt Civitates Austri.* Assim o entendem tambem, seguindo esta segunda exposiçaõ, Cornelio, Joseph da Costa, Antonio Caraciolo, e outros: de maneira, que todos estes Authores concordaõ em que a profecia da conquista das Regioens do Austro se entende de Hespanha; e discordaõ só na intelligencia da transmigraçaõ de Jerusalem, entendendo huns, que he a de Nabuco pelos Judeos passados a Hespanha; e outros, que he a de Christo pelos Apostolos quando vieraõ prégar a ella: mas eu conciliando facilmente estas duas opinioens, e mostrando, que a profecia se entende mais particularmente de Portugal, digo, que fallou o Profeta de huma, e outra transmigraçaõ; porque de ambas as transmigraçoens foraõ os primeiros Ministros da Fé, que a plantàraõ em Portugal, donde ella depois taõ felizmente se transplantou às Regioens do Austro. O fundamento que tenho para assim o dizer, porey aqui com as palavras do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, o qual na primeira parte da Historia Ecclesiastica Bracharense, fallando do Apostolo Santiago, diz desta maneira:

Cost. lib. 1. histor. c. 15. A Lapid. hìc §. Mysticæ.

295 „ Entrou em Braga o Santo Apostolo, e para „ entrar com estrondo de trovaõ, (cujo filho o chamára „ Christo Nosso Senhor) se foy a huma sepultura cele- „ bre, onde jazia enterrado de seiscentos annos hum „ Santo Profeta, Judeo de naçaõ, e que alli viera dar „ com outros cativos, mandados de Babylonia por Na- „ bucodonosor, chamado Malachias o velho, ou Samuel „ o moço; e em presença de infinito povo chamando „ por elle o resuscitou em nome de JESU Christo, a „ quem vinha prégar, e publicar por verdadeiro Deos; „ baptizou-o pouco depois, e dando-lhe o nome de Pe- „ dro o escolheo, e tomou por primeiro, e principal de „ todos os seus Discipulos. Atéqui esta maravilhosa his-

Cunha histor. Brachar. part. 1. cap. 4. num. 2.

toria, tirada de Authores, e memorias muy antigas, e particularmente de huma carta de Hugo, Bispo do Porto, e dos fragmentos de Santo Athanasio, Bispo de Saragoça, o qual conheceo ao mesmo Pedro resuscitado, e escreveo o caso quasi pelas mesmas palavras, que por isso naõ traduzimos, e saõ as seguintes: *Ego novi Sanctum Petrum primum Bracharensem Episcopum, quem antiquum Prophetam suscitavit Sanctus Jacobus filius Zebedæi, Magister meus. Hic venerat cum duodecim Tribubus missis a Nabuchodonosor in Hispaniam Hierosolymis duce Nabuco Cerdan, vel Pyrrho Hispaniarum Præfecto.* Ibid. c. 15. Francisc. Bivar, in Chronicon Lucij Dextri ad ann. Christi 37. num. 2. commẽt.

296 De sorte que ambas as transmigraçoens de Jerusalem concorreram para a Fé de Portugal; a de Christo com o Apostolo Santiago, e a de Nabuco com o Profeta Malachias, depois chamado vulgarmente S. Pedro de Rates, que foy a pedra fundamental depois do Sagrado Apostolo da Igreja de Portugal. Os filhos desta Igreja, e herdeiros desta Fé foraõ os que dalli a tantos annos domináraõ com os estendartes della as Cidades, e Regioens do Austro, que saõ propriissimamente as que correm de huma, e outra parte do Oceano Austral á parte direita pela costa da America, ou Brasil, e á esquerda pela costa de Africa á Ethiopia, cuja Rainha Sabbá chamou Christo *Regina Austri*, e estas saõ as terras de que no commento deste Texto faz mençaõ Cornelio: *Americam, Brasilicum, Africam, Æthiopiam.* Assim se cumprio nos Portuguezes a profecia de Abdias: *Transmigratio, quæ est in Hispania, possidebit Civitates Austri.* E esperamos, que seja novo complemento della o dominio da terra incognita, geralmente chamada *Terra Austral.* Matth. c. 12. vers. 42. A Lapid. hîc §. Mystice.

297 O Cantico de Habacuc, que he a materia de todo o terceiro Capitulo, e ultimo deste Profeta, tem por assumpo o triunfo de Christo, com que por meyo da sua Cruz triunfou hum dia da morte, do demonio, e do peccado, e depois em varios tempos foy triunfando da idolatria, e da Gentilidade conforme a disposiçaõ da sua providencia. A parte maritima deste triunfo, que tambem

bem foy naval, pertence principalmente aos Portugue-
zes, por meyo de cuja navegaçaõ, e prégaçaõ ſujeitou
Chriſto á obediencia de ſeu Imperio tantas gentes de am-
bos os mundos. Iſto quer dizer o Profeta no verſo oita-
vo: *Aſcendes ſuper equos tuos: & quadrigæ tuæ ſalva-*
Habacuc c. *tio.* E no verſo 15. *Viam feciſti in maris equis tuis, in*
3. verſ. 8. verſ. 15. *luto aquarum multarum.* Que abrio Chriſto caminho pe-
lo mar á ſua cavallaria, para que pizaſſe as ondas, e que
a guerra que com eſta cavallaria havia de fazer, naõ era
para matar os homens, ſenaõ para os ſalvar, e ſalvando-
D. Aug. de os triunfar delles: *Equitatio tua ſalus; hoc eſt, Evan-*
Civitat. *geliſtæ tui portabunt te*, diz Santo Agoſtinho, e ver-
Dei l. 18. dadeiramente naõ ſe podia dizer couſa mais appropriada
cap. 32. aos Portuguezes. Os Portuguezes foraõ aquelles caval-
leiros, a quem Chriſto abrio o primeiro caminho pelo
mar: *Viam feciſti in mari equis tuis.* Os Portuguezes
aquelles cavalleiros, que pizáraõ as ondas do mar, como
os cavallos pizaõ o lodo da terra: *In luto aquarum mul-
tarum*: e as náos dos Portuguezes aquellas carroças,
que leváraõ pelo mar a Fé, e a ſalvaçaõ: *& quadrigæ
tuæ ſalvatio*: e a primeira empreza, e victoria deſta
cavallaria de Chriſto foy a ſujeiçaõ do meſmo mar bravo,
ſoberbo, furioſo, e indignado, que ou Chriſto lho ſu-
jeitou a elles, ou elles o ſujeitáraõ tambem a Chriſto;
para que os reconheceſſe, e adoraſſe: o meſmo Profeta
Habacuc o diſſe aſſim: *Numquid in mari indignatio tua?* Por ven-
c. 3. v. 8. tura, ó Senhor, ha de ſer eterna a voſſa indignaçaõ no
mar? E reſponde á eſta ſua pergunta, que o mar ſubmet-
verſ. 10. teria ſuas ondas: *Gurges aquarum tranſijt*: que os
abyſmos confeſſariaõ a potencia de Chriſto a vozes:
Ibidem. *Dedit abyſſus vocem ſuam*: e que as ſuas alturas, ou pro-
fundidades com as mãos levantadas o adorariaõ, e reco-
nheceriaõ por Senhor: *Altitudo manus ſuas levavit*; e
eſta foy a primeira victoria de Chriſto, e eſte da ſua Ca-
vallaria o primeiro triunfo.

298 Mas para que ſe veja o grande myſterio deſta
metafora de Cavallaria de Chriſto, de que uſou o Profe-
ta;

ta, (deixando á parte haver sido esta empreza dos primeiros descobrimentos, e Conquistas dos Portuguezes) por si mesma, e na opiniaõ do mundo tem Cavalleiros, que naõ só os mesmos Portuguezes, senaõ ainda os Extrangeiros faziaõ grande apreço de se armarem nella Cavalleiros, como lemos, que o fizeraõ alguns de Alemanha, e Dinamarca. (Faz muito ao caso advertir o que escreve o nosso insigne Historiador destas Conquistas, que quero pôr aqui por suas proprias palavras.) ,, Mas ain- ,, da foy acerca delle (falla do Infante D. Henrique) ou- ,, tra cousa muito mais efficaz, que era a obrigaçaõ do ,, cargo, e administraçaõ, que tinha de Governador da ,, Ordem da Cavallaria de Nosso Senhor JESU Christo, ,, que ElRey D. Diniz, seu tresavô, para esta guerra dos ,, Infieis ordenou, e novamente constituío: E mais abaixo no mesmo Capitulo, que he o segundo do livro primeiro, Decada primeira. ,, Assentou em mudar esta Con- ,, quista para outras partes mais remotas de Hespanha, ,, do que eraõ os Reinos de Fez, e Marrocos, com que ,, a dispeza deste caso fosse propria delle, e naõ taxada ,, por outrem, e os meritos de seu trabalho ficassem met- ,, tidos na Ordem, e Cavallaria de Christo, que elle go- ,, vernava, de cujo thesouro podia dispender. De sorte que dizer o Profeta, que Christo havia de abrir caminho no mar á sua Cavallaria, e que a empreza desta Cavallaria havia de ser a salvaçaõ das almas, naõ só tem a fermosura de metafora, senaõ a propriedade do caso, e a verdade da historia, e cumprimento da profecia, pois verdadeiramente esta admiravel empreza foy obra naõ de outro Principe, senaõ de hum, que era propriamente Administrador, e Governador da Ordem da Cavallaria de Christo, e feita naõ com outras dispezas, senaõ com as rendas, e thesouro da mesma Cavallaria, e serviços, e merecimentos proprios della.

João de Barros l. 1. Decad. 1. cap. 2.

299 E porque o mayor Ministro do Evangelho, que se embarcou nas carroças desta Cavallaria, para levar a salvaçaõ ás terras; e gentes que ella descobrio, e

conquistou, foy o grande Apostolo da India São Francisco Xavier, cujos primeiros trabalhos foraõ os da navegaçaõ da costa de Africa, e prégaçaõ da Fè em Moçambique; he cousa memoravel, e muito digna de se referir neste lugar, que tambem elle foy Cavalleiro da mesma Ordem. Na historia do Padre Marcello Mastrilli, a quem Saõ Francisco Xavier restituìo milagrosamente a vida, para que a fosse dar por Christo no Japaõ, onde padeceo glorioso martyrio, se conta huma visaõ em que o mesmo Santo Apostolo appareceo vestido com o manto branco da Ordem de Christo, e com a Cruz vermelha no peito, como insigne Cavalleiro desta Santa Cavallaria, e que tanto adiantou em nossas Conquistas a gloria de sua empreza: singular prerogativa por certo da Ordem dos Cavalleiros de Christo de Portugal, naõ havendo outra entre todas as da Christandade, que se possa gloriar de ter taõ illustre Cavalleiro, nem de que sobre os dotes da gloria se vestisse o seu manto, e a sua Cruz; mas todo este favor do Ceo merece huma Cavallaria, que tanto mar, tanto mundo, e tantas almas conquistou para o mesmo Ceo.

300 Para confirmaçaõ de tudo isto, e para que os Portuguezes conheçaõ quanto devem a Deos, pelos escolher para instrumentos de obras taõ admiraveis, e para que se naõ admirem quando lhe dissermos, que os tem escolhido para outras mayores, naõ póde haver melhor testimunho, que o proemio do mesmo Profeta, com que deo principio a este Cantico triunfal das victorias de Christo: *Domine* (começa elle) *audivì auditionem tuam, & timui. Domine opus tuum, in medio annorum vivifica illud. In medio annorum notum facies: cùm iratus fueris, misericordiæ recordaberis.* Quándo Deos revelou ao Profeta, e quando ouvío da sua boca o que havia de fazer nos tempos vindouros, diz, que ficou cheyo de temor, e assombro, (assi o interpretaraõ os Setenta, accrescentando por módo de glossa no mesmo Texto: *Considerravi opera tua, & expavi.* Porque naõ houve obra de Deos

Habacuc. cap. 1, v. 2.

Apud A Lapid. hic vers. 2.

Deos depois do principio, e creaçaõ do mundo; que mais assombrasse, e fizesse pasmar aos homens, que o descobrimento do mesmo mundo, que tantos mil annos tinha estado incognito, e ignorado, nem que mayor, nem mais justo temor deva causar aos que bem ponderarem esta obra, que a consideraçaõ dos occultos juizos de Deos, com que por tantos seculos permittio, que taõ grande parte do mundo, tantas gentes, e tantas almas vivessem nas trevas da infidelidade, sem lhe amanhecerem as luzes da Fè, taõ breve noite para os corpos, e taõ comprida noite para as almas. Mas no meyo destes compridissimos annos, diz o Profeta, que faria Deos, que se descobrisse, e conhecesse o que atè entaõ estava occulto: *In medio annorum notum facies*. E que tendo durado tantos seculos sua ira contra aquellas gentes idolatras, em fim se lembraria de sua misericordia. *Cùm iratus fueris, misericordiæ recordaberis*. E que entaõ tornaria o Senhor a vivificar, e resuscitar a sua obra. *Opus tuum, in medio annorum vivifica illud*. Os Setenta traduzindo juntamente, e explicando, lêraõ. *Cùm appropinquaverint anni cognoscêris*. Quando chegarem os annos determinados por vossa providencia, entaõ sereis conhecido; e este novo conhecimento, que Deos deu áquellas naçoens por meyo dos nossos Apostolos, e Prégadores da sua Fé, foy tornar a resuscitar a mesma obra, que tinha começado pelos primeiros Apostolos, que naquellas mesmas terras a prégaraõ, e com o tempo estava em algumas partes amortecida, e em outras totalmente morta; isto quer dizer. *Opus tuum vivifica illud*, ou como traslada Simaco. *Reviviscere fac ipsum*, e o mesmo Profeta mais abaixo se commenta a si mesmo, dizendo: *Suscitans suscitabis arcum tuum*. Vós, Senhor, tornareis a resuscitar o vosso arco, (que he a sua Cruz) por meyo de cuja prègaçaõ se resuscitaria tambem a Fe, e as victorias della naquellas naçoens.

Ib. n. 2.
Ib. n. 2.
Septuaginta. Vide Corn. hîc. §. Tertio.
Ubi supr.
vers. 9.

301 Assim o profetizou na India seu primeiro Apostolo Saõ Thomé, quando na Cidade de Meliapor entaõ famo-

Asia Portug. part. 3. c. 7. n. 1.

famosissima, levantando huma Cruz de pedra em lugar distante das prayas, naõ menos que doze legoas, lhes disse, e mandou esculpir no pé della, que quando o mar alli chegasse, chegariaõ tambem de partes remotissimas do Occidente outros homens da sua cor, que prégassem a mesma Cruz, a mesma Fé, e o mesmo Christo, que elle prégava. Cumprio-se pontualmente a profecia, porque o mar comendo pouco a pouco a terra, chegou ao lugar sinalado, e no mesmo tempo chegáraõ a elle os Portuguezes. Igual gloria (e naõ sey se mayor de Portugal) a da India, que ainda tivesse a Saõ Thomé por seu Apostolo, e Portugal por seu Profeta. Ainda Portugal naõ era de todo Christaõ, e ja os Apostolos plantavaõ as balizas da Fé em seu nome, e conheciaõ, e prégavaõ que elle era o que havia de fazer Christaõ ao mundo. Lembre-se outra vez Portugal destas obrigaçoens, e de quanto lhe merece Christo.

Sophon. c. 3. vers. 10 Vide ALapid. hic. §. Tertio.

302 O Profeta Sofonias no Capitulo terceiro tambem fallou muy particularmente neste glorioso assumpto: *Ultra flumina Æthiopiæ*, (diz elle, ou por elle Deos) *inde supplices mei, filij dispersorum meorum deferent munus mihi.* As quaes palavras entendem Arias, Vatablo, Castro, e Cornelio das naçoens, que estaõ álem do Tigres, e do Euphratres; isto he, dos Chinas, Japoens, e outras gentes da India menos remotas, que por meyo das pregaçoens dos Portuguezes se haviaõ de ajoelhar diante dos Altares de Christo, e lhe haviaõ de levar, e offerecer seus dons, em testimunho de o reconhecerem por seu verdadeiro Deos; mas contra esta explicaçaõ parece, que se oppoem as primeiras palavras do Texto, que verdadeiramente fallaõ das gentes, que estaõ álem do rio da Ethiopia; *Ultra flumina Æthiopiæ, inde supplices mei, &c.* Logo segundo o que acima deixamos dito, naõ se póde entender este Texto das gentes Orientaes. Por este argumento ha outros Authores, que o entendem do Brasil, e da America, e posto de hum, e outro modo, sempre o Oraculo, ou elogio deste Profeta nos

Vide ALapid. hic. §. Secund.

nos fica em casa: digo que de huma, e outra terra, e de huma, e outra gente se póde entender.

303 E a razaõ he; porque segundo Strabo, Héphoro, Heródoto, e outros, debaixo do mesmo nome de Ethiopia se comprehendiaõ antigamente duas Ethiopias, huma Oriental, que estava na Asia álem do Tigres, e Euphrates, donde era a mulher de Moyses, chamada por isso Ethiopissa; e outra Occidental na Africa, que saõ todas aquellas terras, que cerca o mar Oceano desde Guinè até o mar Roxo: as palavras de Heródoto saõ estas: *Hi Æthiopes, qui sunt ab ortu solis sub Pharnarzatre, censebantur cum Indis specie nihil admodum à cæteris differentes, sed sono vocis duntaxat, atque capillatura: nam Æthiopes, qui ab ortu solis sunt, permixtos crines; qui ex Africa, crespissimos inter homines habent.* De sorte que tambem havia Ethiopes na Asia, como saõ hoje os que se conservaõ com o mesmo nome na Africa, e só se distinguiaõ huns dos outros no som da vóz, e no cabello; porque os da Asia tinhaõ o cabello solto, e corredio, e os da Africa crespo, e retorcido: a qual distincçaõ naõ só he necessaria para o entendimento de muitos lugares das Escrituras, senaõ ainda dos Historiadores, e Poetas antigos, que de outro modo se naõ podem bem entender: nem faça duvida a esta distincçaõ a palavra *Chus*, de que usa indistintamente o original Hebreo donde nós lemos *Æthiopiæ*; porque ainda que Membrot filho de *Chus*, e neto de *Cham*, deu o nome de seu pay ás terras Orientaes, onde habitou, e povoou; os descendentes deste mesmo Membrot, e deste mesmo Chus, como diz Hephoro referido por Strabo, e os que depois passáraõ a Africa, e a povoáraõ, levàraõ comsigo o nome que tinhaõ herdado de seu pay, e de seu avô; e assim como huns, e outros na lingua Latina se chamaõ *Æthiopes*, e a sua terra Ethiopia, assim huns, e outros na lingua Hebrea se chamaõ *Chuteos*, e a sua terra *Chus*. Donde se segue, que quando na Escritura se acha este nome sem outra differença, (como neste lugar de Sophonias) se

Cornel. hic § Ultra flumina. circa medium & §. Tertio alijs.

póde entender de qualquer das Ethiopias; porem quando se ajuntem na historia, ou narraçaõ algumas differenças que o determinem, entaõ se ha de entender determinadamente, ou só da Ethiopia Oriental, ou só da Occidental, como nós fizemos no Texto de Isaias ultimamente referido.

Apocal. c. 16. v. 12. 304 No Capitulo 16. do Apocalypse diz Saõ Joaõ: *Et sextus Angelus effudit phialam suam in flumen illud magnum Euphraten: & siccavit aquam ejus, ut præpararetur via Regibus ab ortu solis.* Que o sexto Anjo derramou sua redoma sobre aquelle grande rio Euphrates, e que secou suas aguas, para apparelhar o caminho aos Reys do Oriente. O mayor impedimento de agua que tinhaõ os Reys do Oriente para passar a Jerusalem, era o rio Euphrates, por ser o mais profundo, e mais caudaloso de Asia; e este impedimento, diz Saõ Joaõ, que se lhe havia tirar de modo, que se pudesse passar o Euphrates a pè enxuto. Mas debaixo das figuras deste enigma se significava outra melhor Jerusalem, que he Roma, cabeça da Igreja, e outro melhor Euphrates, que he o mar Oceano, pelo qual se abrio caminho aos Reys do Oriente, para que pudessem vir á Igreja. Assim como o Profeta Jeremias chamou ao Euphrates mar, naõ he muito que Saõ Joaõ chamasse ao mar Euphrates, principalmente acompanhado daquelles dous epithetos de allusaõ, e grandeza: *Illud magnum Euphraten*; e este grande Euphrates he aquelle grande mar, pelo qual os Portuguezes (mayor façanha, e ventura, que a do outro Cyro) fizeraõ passagem a pe enxuto nas suas grandes nàos da India, para levarem nellas a Fé ao Oriente, e trazerem tantos Reys Orientaes á obediencia, e sujeiçaõ da Igreja. Naõ sou eu, nem Author Portuguez, (como quasi todos os que atégora tenho allegado) o que isto digo, senaõ o doutissimo Genebrardo, insigne professor Parisiense das letras sagradas, fallando em géral dos Hespanhoes, e em particular dos Portuguezes; a quem sò pertence a conversaõ dos Reys do Oriente, diz assim sobre este mesmo lugar do Apocalypse.

Genebr. in Chronolog.

O mes-

305 O meſmo Evangeliſta, e Profeta São João no Capitulo 10. diz, que vio deſcer do Ceo hum Anjo forte cujas inſignias deſcreve largamente, que nós póde ſer expliquemos em outro lugar; neſte baſta dizer, que tinha na maõ hum livro aberto: *Et habebat in manu ſua libellum apertum*, e que poz o pé eſquerdo ſobre a terra, e o direito ſobre o mar: *Et poſuit pedem ſuum dextrum ſuper mare, & ſiniſtrum ſuper terram.* Eſte Anjo forte, (diz Pedro Bulingero) he Chriſto; o livro, o Evangelho explicado; e os pés de ſeu corpo myſtico, que he a Igreja, os Prégadores Apoſtolicos, que levaõ pelo mundo ao meſmo Chriſto, e ſeu Evangelho, entre os quaes o pé eſquerdo, que eſtá ſobre a terra, ſaõ aquelles, que ſem ſahirem da terra firme, prégáraõ nella; o pé direito, que eſtá ſobre o mar, os que navegando ás Regioens apartadas, e remotas do noſſo emisferio, levaõ a ellas a Fé de Chriſto, e a luz de ſeu Evangelho; donde ſe ſegue que o pé direito, que Chriſto poz ſobre o mar para eſta glorioſa, e Evangelica empreza, ſaõ entre todas as naçoens do mundo, por excellencia os Portuguezes; naõ os nomeou por ſeu nome eſte Author, mas nomeou os por ſuas obras, e he o mais honrado nome, e de mayor eſtimaçaõ que lhe podia dar, explicando-ſe com as palavras ſeguintes: *Iſtud noſtra memoria factum videmus, quæ quidem Regna à nobis longè diſſita, & incognitæ Regiones teterrimo dæmonum cultui addictæ ſunt, opera Patrum Societatis nominis JESU ad Chriſti Religionem traducta ſunt. Sinenſes enim, qui populi ad veteres Indias expectant, & infideles ſunt, (relicto dæmonum cultu, ad octo millia primum) & in his Reges, & Principes, permultique proceres, & optimates ſub anno Domini* 1564. *Chriſti JESU fidem ſuſceperunt; deinde multæ Indorum Inſulæ, & Regiones Chriſtianam Catholicamque amplexerunt doctrinam, & integræ Civitates ſacro ſunt ablutæ baptiſmate.*

Apoc. cap. 10. verſ. 2. verſ. 2.

ALapid. hic §. Et vidi. Alcazar hic. ALapid. §. Aliam.

306 Em cumprimento deſta profecia (diz Bulingero allegando a Surio) vemos, que os Reinos, e Regioens

gioens muito apartadas de nós, que adoravaõ nos Idolos aos demonios, pela industria dos Padres da Companhia de JESU se tem passado à verdadeira Religiaõ, porque os Chinas, que pertencem às antigas Indias, e saõ infieis, e Gentios, deixando o culto da idolatria no anno de 1364. receberaõ a Fé de Christo em numero de oito mil, em que entráraõ os Principes, e Reys, e muitos grandes Senhores; e em outras muitas Ilhas, e terras de tal maneira os Indios abraçáraõ a dontrina Christãa, e Catholica, que as Cidades inteiras se baptizavaõ. Taõ facilmente triunfa Christo pela voz, e espada dos Portuguezes, com o pé direito no mar, e o livro na maõ direita.

307 No Capitulo seguinte se veráõ muitos lugares de varios Profetas explicados por Authores, que escreveraõ de cem annos a esta parte, depois que por meyo da navegaçaõ do mar Oceano se quebrou o fabuloso encantamento dos negados Antipodas, e se descobriraõ tantas terras, e gentes, naõ só incognitas aos antigos, mas nem ainda presumidas, ou imaginadas delles. Alli veremos as admiraveis propriedades, e miudissimas circumstancias, com que os mesmos Profetas falláraõ dos mares, das Ilhas, das navegaçoens, das terras, dos sitios, dos rios, das minas, das arvores, dos frutos, das gentes, dos costumes, da cegueira, e infelicidade em que viviaõ, e sobre tudo da Fé, e luz do Evangelho, com que por meyo dos Prégadores de Christo o haviaõ finalmente de conhecer, adorar, e servir, como hoje com tanta gloria da Igreja, conhecem, adoraõ, e servem. Agora só pergunto: Como era possivel, que aquelles antigos, e antiquissimos Authores explicassem neste sentido aos Profetas? Ou como podiaõ entender, nem perceber, que destas gentes, e destas terras, e destes mares fallavaõ os seus Oraculos, e profecias? Se criaõ taõ firme, e assentadamente, que naõ havia, nem podia haver Antipodas, como podiaõ explicar as profecias dos Antipodas? Se criaõ que a immensidade do mar

Ocea-

Oceano naõ era navegavel, e tinhaõ efte penfamento por abfurdo, como haviaõ de entender as profecias deftas navegaçoens, e deftes mares? Se criaõ que a Zona torrida era hum perpetuo incendio, e totalmente abrazada, e inhabitavel, como haviaõ de interpretar as profecias dos habitadores da Zona torrida? Como haviaõ de cuidar, nem lhes havia de vir ao penfamento que os Profetas fallavaõ dos Americanos, fe naõ fabiaõ que havia America? Como dos Brafis, fe naõ fabiaõ que havia Brafil? Como dos Peruanos, e Chiles, fe naõ fabiaõ que havia Perú, nem Chile? Como haviaõ de interpretar os Profetas das Ilhas defertas, ou povoadas do Oceano, fe naõ fabiaõ que havia no mundo taes Ilhas? Como dos Ethiopes Occidentaes, fe naõ fabiaõ que havia tal Ethiopia? Como dos Japoens, fe naõ fabiaõ que havia Japaõ? Como dos Chinas, fe naõ fabiaõ que havia China? Se os Profetas nas figuras enigmaticas dos feus Oraculos fe declaraõ pela natureza, propriedade, coftumes, exercicios, e hiftorias das gentes, e Reinos de que fallaõ, como haviaõ de vir em conhecimento deffas gentes, e deffes Reinos, os que naõ podiaõ faber fua natureza, fuas propriedades, feus exercicios, e feus coftumes, nem fuas hiftorias? Se declaraõ as terras pelos fitios, pelos rios, pelas arvores, pelos frutos, pelas minas, e feus metaes, como podiaõ conhecer nem atinar com as terras, os que naõ tinhaõ noticia de taes fitios, de taes rios, de taes minas, de taes arvores, nem de taes frutos? E fe ainda hoje depois de defcubertas, e conhecidas eftas terras, e eftas gentes, e fe terem efcritos tantos livros de fua hiftoria natural, e politica, ainda por falta de noticias mais particulares, e miudas, fe naõ acerta mais que em commum, e individualmente com algumas das terras, e gentes de que os Profetas falláraõ; que feria na confufaõ efcuriffima da antiguidade, em que nenhuma deftas coufas fe fabia, nem fe imaginava, antes as contrarias dellas fe tinhaõ por averiguadas, e certas?

Frey

308 Frey Joaõ de la Puente naquelle seu erudito livro da conveniencia das duas Monarchias Romana, e Hespanhola, trabalhando por explicar de Hespanha certo lugar de Isaías, diz assim dos Theologos, sendo elle Mestre em Theologia: *La falta de Geographia, y la de otras artes liberales, es la causa, porque los Theologos non atinen con el sentido de la Divina Escritura.* E isto, que se naõ póde dizer dos Theologos do nosso tempo sem grande nota de sua sciencia, e diligencia depois do mundo estar taõ descuberto, e conhecido; he obrigaçaõ, e força que o digamos, ou supponhamos dos Theologos antigos, por Doutissimos, e Sapientissimos que fossem, (como verdadeiramente eraõ) sem aggravo, nem menos decoro de sua erudiçaõ, e grande sabedoria, porque sabiaõ a Geografia do seu mundo, e naõ podiaõ saber, nem adivinhar a do nosso; só por nova revelaçaõ, e luz sobrenatural podiaõ conhecer os Authores daquelle tempo, o que nòs taõ facil, e naturalmente conhecemos hoje: mas essa revelaçaõ, e essa luz, posto que fossem Varoens Santissimos, e taõ favorecidos de Deos, naõ quiz o mesmo Deos que elles entaõ a tivessem, porque era disposiçaõ muy assentada da sua Providencia, que estas couzas se naõ soubessem, e estivessem occultas até aquelles tempos medidos, e taxados por elle, em que tinha decretado, que se soubessem, e descobrissem.

309 Diz o Apostolo Saõ Paulo, que accommodou Deos, e repartio os seculos conforme os decretos da sua palavra, para que couzas invisiveis se fizessem visiveis: *Fide intelligimus aptata esse sæcula verbo Dei, ut ex invisibilibus visibilia fiant*; por onde nao he muito que tanta parte do mundo, e as gentes que o habitavaõ, estivessem ignoradas, e invisiveis por tantos seculos, e que depois chegasse hum seculo, em que se descobrissem, e fossem visiveis; e assim como corrida esta cortina se descobriraõ, e manifestáraõ as terras, e gentes, de que tinhaõ fallado os Profetas, assim se entendèraõ, e descobriraõ tambem os segredos, e mysterios de suas profecias.

Epistol. ad *Heb.* cap. 11. *vers.* 3.

Des-

Destas terras ultramarinas encubertas, e incognitas fallava Isaías quando disse no Capitulo 24. *In doctrinis glorificate Dominum; in Insulis maris nomen Domini Dei Israel.* E logo accrescentou: *Secretum meum mihi, secretum meum mihi*: Este segredo he só para mim; este segredo he só para mim: e se na mesma profecia estavaõ profetizadas as cousas, e mais o segredo dellas, como podia ser, que contra a verdade infallivel da profecia soubessem os antigos deste segredo, antes de chegar o tempo, em que Deos tinha determinado de o revelar? O Cantico do Profeta Habacuc, que tambem trata destes novos descobrimentos, ou triunfos da Fé, e da conversão destas gentes, tem por titulo *Pro ignorantiis.* E se o conselho de Deos foy, que o entendimento, ou de todas, ou de muitas cousas, que alli cantou o Profeta, se ignorasse; que aggravo, ou discredito he, ou póde ser dos antigos Sabios, que para elles fossem occultas, incognitas, e ignoradas? Podem os homens occultar os seus segredos, e Deos naõ será Senhor de reservar os seus? Sendo logo certo que estes segredos da Providencia Divina se naõ podiaõ alcançar por sciencia humana, e que a mesma Providencia tinha decretado, que se naõ soubessem por revelaçaõ.

Isai. cap. 24. vers. 16.

Habacuc. cap. 1. v. 1.

FINIS LAUS DEO.

INDEX

Locorum Sacræ Scripturæ.

Ex libro Genesis.

Ex libro Exodi.

Ex libro Numerorum.

Ex libro Judicum.

Ex libro 1. Regum.

Ex libro 2. Regum.

Ex

Ex libro 3. Regum.

Cap. 11. *v.* 32. Porrò una tribus remanebit ei, p. 90.

Ex libro 1. Esdræ.

Cap. 1. In anno primo Cyri Regis Persarum, ut compleretur verbum Domini ex ore Jeremiæ, suscitavit Dominus spiritum Regis Persarum, & traduxit vocem in omni Regno suo, etiam per scripturam, dicens: Omnia regna terræ dedit mihi Dominus Deus Cœli, & ipse præcepit mihi ut ædificarem ei domum in Jerusalem, quæ est in Judæa. Quis est in vobis de universo populo ejus? Sit Deus illius cum ipso; ascendat in Jerusalem, p. 74.

Ex libro Esther.

Cap. 10. *v.* 6. Parvus fons, qui crevit in fluvium, & in lucem, solemque conversus est, & in aquas plurimas redundavit, p. 143.

Ex libro Psalmorum.

Psalm. 17. *v.* 12. Tenebrosa aqua in nubibus aeris, p. 115.
Psalm. 23. *v.* 1. & 2. Domini est terra, & plenitudo ejus, orbis terrarum, & universi, qui habitant in eo; quia ipse super maria fundavit eum, & super flumina præparavit eum, p. 153.
Psalm. 64 *v.* 6. Sanctum est templum tuum, mirabile in æquitate, p. 156.
Ibid. Spes omnium finium terræ, & in mari longe, p. 155.
Ibid. *v.* 8. Qui conturbas profundum maris, sonum fluctuum ejus, p. 155.
Ibid. *v.* 9. Turbabuntur gentes, & timebunt qui habitant terminos à signis tuis: exitus matutini, & vespere delectabis, p. 155.

Ibid.

Ex Proverbiis.

Ex libro Canticorum.

la argentea : si ostium est, compingamus illud tabulis cedrinis, p. 158.

Ex Isaia Propheta.

Cap. 7. *v.* 9. Si non credideritis; non permanebitis, p. 31.
Cap. 18. *v.* 1. Væ terræ cymbalo alarum, quæ est trans flumina Æthiopiæ, qui mittit in mare Legatos, & in vasis papyri super aquas. Ite Angeli veloces ad gentem convulsam, & dilaceratam; ad populum terribilem, post quem non est alius; ad gentem expectantem, & conculcatam, cujus diripuerunt flumina terram ejus, p. 167.
Cap. 24. *v.* 15. In doctrinis glorificate Dominum; in Insulis maris nomen Domini Dei Israel, p. 193.
Ibid. *v.* 16. Secretum meum mihi, secretum meum mihi, p. 193.
Cap. 28. *v.* 13. Expecta, reexpecta, modicum ibi, modicum ibi, p. 11.
v. 17. 18. 19. & 20. Egeni, & pauperes quærunt aquas, & non sunt: lingua eorum siti aruit. Ego Dominus exaudiam eos, non derelinquam eos. Aperiam in supinis collibus flumina, & in medio camporum fontes: ponam desertum in stagna aquarum, & terram inviam in rivos aquarum. Dabo in solitudinem cedrum, & spinam, & myrtum, & lignum olivæ: ponam in deserto abietem, ulmum, & buxum simul: ut videant, & sciant, & recogitent, & intelligant pariter, quia manus Domini fecit hoc, p. 163. & 10.
Cap. 49. *v.* 1. Audite Insulæ, & attendite populi de longe, p. 167.
Ibid. *v.* 12. & 13. Ecce isti de longe venient, & ecce illi ab Aquilone, & mari, & isti de terra Australi. Laudate Cœli, & exulta terra; jubilate montes laudem; quia consolatus est Dominus populum suum, & pauperum suorum miserebitur, p. 260.
Cap. 58. *v.* 12. Et ædificabuntur in te deserta sæculorum;
funda-

Ex Jeremia Propheta.

Ex Baruch Propheta.

Cap. 1. *v.* 3. Et legit Baruch verba libri hujus ad aures Jechoniæ filij Joachim Regis Juda, & ad aures universi populi venientis ad librum, p. 35.

Cap. 2. *v.* 20. Sicut locutus es de manu puerorum tuorum Prophetarum, p. 94.

Ex Daniele Propheta.

Cap. 2. *v.* 39. Et regnum tertium, aliud æreum, quod imperabit universæ terræ, p. 43.

Cap. 3. *v.* 98. Nabuchodonosor Rex omnibus populis, gentibus, & linguis, qui habitant in universa terra, p. 16.

Cap. 4. *v.* 19. Tu Rex magnificatus es, & magnitudo tua pervenit usque ad Cœlum, & potestas tua usque ad terminos universæ terræ, p. 16.

Cap. 5. *v.* 28. Divisum est regnum á te, & dabitur Medis, & Persis, p. 10.

Cap. 6. *v.* 25. Darîus Rex omnibus populis, & gentibus, & linguis, qui habitant in universa terra, vobis multiplicetur, p. 17.

Ibid. *v.* 13. Cum universum orbem meæ ditioni subjugassem, p. 17.

Cap. 9. *v.* 1. In anno primo Darîi filii Assueri de semine Medorum, qui imperavit super regnum Chaldæorum: Anno uno regni ejus, ego Daniel intellexi in libris numerum annorum, de quo factus est sermo Domini ad Hieremiam Prophetam, ut complerentur desolationis Hierusalem septuaginta anni, p. 113.

Cap. 12. *v.* 4. Tu autem Daniel claude sermones, & signa librum usque ad tempus statutum; plurimi pertransibunt, & multiplex erit scientia, p. 110.

Ex

Ex Malachia Propheta.

Ex libro 1. *Machabæorum.*

Ex D. Matthæo Evangelista.

Ex D. Luca Evangelista:

Ex D. Joanne Evangelista.

Ex Epistola B. Pauli ad Romanos.

Ex Epistola 1. *ad Corinthios.*

Moy-

Moyſes, velamen poſitum eſt ſuper cor eorum; cúm autem converſus fuerit ad Dominum, auferetur velamen, p. 116.

Cap. 11. *v.* 19. Oportet hæreſes eſſe, 142.

Ex Epiſtola 2. *ad Corinthios.*

Cap. 3. *v.* 18. Nos veró omnes, revelata facie, gloriam Domini ſpeculantes, in eamdem imaginem transformamur à claritate in claritatem, p. 138.

Ex Epiſtola B. Pauli Apoſtoli ad Epheſeos.

Cap. 3. *v.* 8. 9. 10. & 11. Mihi omnium Sanctorum minimo data eſt gratia hæc, in gentibus evangelizare inveſtigabiles divitias Chriſti, & illuminare omnes, quæ ſit diſpenſatio ſacramenti abſcondit á ſæculis in Deo, qui omnia creavit, ut innoteſcat principatibus, & poteſtatibus in cæleſtibus per Eccleſiam, multiformis ſapientia Dei, ſecundúm præfinitionem ſæculorum, p. 107.

Cap. 4. *v.* 11. 12. & 13. Alios autem Paſtores, & Doctores, ad conſummationem Sanctorum in opus miniſterii, in ædificationem corporis Chriſti: donec occurramus in unitatem fidei, & agnitionis Filii Dei, in virum perfectum, in menſuram ætatis plenitudinis Chriſti, p. 140.

Ex Epiſtola ad Hebræos.

Cap. 11. *v.* 3. Fide intelligimus aptata eſſe ſæcula verbo Dèi, ut ex inviſibilibus viſibilia fiant, p. 192.

Ex Epiſtola 1. *B. Petri Apoſtoli.*

Cap. 1. *v.* 10. De qua ſalute exquiſierunt, atque ſcrutati ſunt Prophetæ, qui de futura in vobis gratia prophetaverunt,

Ex Epiſtola 2. *B. Petri Apoſtoli.*

Ex libro Apocalypſis.

INDICE

INDICE

DAS

COUSAS MAIS DIGNAS de ponderaçaõ, que se achaõ neste livro.

A

August

E

F

mun-

G

H

Dom Henrique Infante de Portugal.

I

O dos

L

M

N

O

Prero-

P

R

S

T

V

F I M.